

UNIVERSIDADE PAULISTA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TELA FIRME, GRAVANDO!

A produção audiovisual do coletivo Tela Firme no fomento
dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da
Terra Firme, em Belém (PA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, para a obtenção do título de
Mestre em Comunicação.

LUCIANA GOUVÊA DA CUNHA

SÃO PAULO

2018

UNIVERSIDADE PAULISTA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TELA FIRME, GRAVANDO!

A produção audiovisual do coletivo Tela Firme no fomento
dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da
Terra Firme, em Belém (PA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, para a obtenção do título de
Mestre em Comunicação, sob a orientação do
Prof. Dr. Jorge Miklos.

LUCIANA GOUVÊA DA CUNHA

SÃO PAULO
2018

Cunha, Luciana Gouvêa da.

Tela Firme, gravando! : A produção audiovisual do coletivo Tela Firme no fomento dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da Terra Firme, em Belém (PA) / Luciana Gouvêa da Cunha. - 2018.

170 f. : il. color.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2018.

Área de concentração: Comunicação e Cultura Midiática.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Miklos.

1. Comunicação comunitária. 2. Comunicação popular.
3. Comunicação alternativa. 4. Vínculos. I. Miklos, Jorge (orientador).
II. Título.

LUCIANA GOUVÊA DA CUNHA

TELA FIRME, GRAVANDO!

A produção audiovisual do coletivo Tela Firme no fomento
dos vínculos culturais e comunicativos no bairro da
Terra Firme, em Belém (PA)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
graduação em Comunicação da Universidade
Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Mestre
em Comunicação, sob a orientação do Prof. Dr.
Jorge Miklos

BANCA EXAMINADORA

.....

Prof^a.Dr^a. Malena Segura Contrera

...../...../.....

Universidade Paulista UNIP

.....

Prof^a. Dr^a. Cláudia do Carmo Nonato Lima

...../...../.....

Fiam-Faam Centro Universitário

.....

Prof. Dr. Jorge Miklos

...../...../.....

Universidade Paulista Unip

Agradecimentos

Este é um trabalho de muitas mãos. Ao meu orientador, Jorge Miklos, pela atenção, pelas trocas intelectuais, pelos direcionamentos e ensinamentos ao longo destes dois anos. À minha professora Malena Contrera, pelos conhecimentos de cultura, imaginário, psicologia e astrologia, que já levo e vou levar para a vida: Indispensáveis e inesquecíveis. Ao meu pai, Guilherme Botelho e Débora Gouveia que me deram todos os suportes possíveis materiais e imateriais para que a pesquisa se tornasse realidade. Ao meu companheiro, namorado, marido e esposo, Marcello Gabbay, que me faz refletir todos os dias o quanto a Pós-Graduação no Brasil ainda é um espaço de privilégios, e com toda a certeza, meu amor, sem o teu amparo para as tarefas mais básicas, o estudo também não poderia ter sequer acontecido, e se acontecesse, não teria a mesma força e qualidade que apenas o tempo e a energia dispendidas dão.

Às minhas amigas do Tela Firme, Izabela Chaves, Ingrid Louzeiro, Vanessa Alves, Fraan Silva, e aos amigos Francisco Batista, Adriano Carneiro, Harrison Lopes, Maílson Souza e Thalisson Assis! Obrigada e parabéns a vocês pelo trabalho desenvolvido, nos mostrando que é possível pensar em outras formas e processos do comunicar, criando representações, redes, afetos, narrativas outras carregadas de sentidos políticos de oposição ao lugar imaginado que a mídia massiva e os governos do estado sempre impuseram ao bairro da Terra Firme! Por mais coletivos de comunicação em atuação no país reescrevendo e reinterpretando as histórias oficiais que nos fazem acreditar.

Às amigas Mariah Torres Aleixo, Flávia do Amaral Vieira, Twig Lopes, Carla Marques, Naiana Cruz, Doti Aquino, pelas infinitas horas de conversas, apoio e acolhimento nesta jornada: Entre risos e lágrimas, tudo vale a pena quando podemos contar com as irmãs de alma.

À professora Edivânia Alves, pelo brilhante trabalho no bairro da Terra Firme, que me inspira. À professora Raquel Paiva, pela amizade e contribuições inestimáveis a esta dissertação: Sem professoras e professores não há cidadania, nem luta e nem resistência! À professora Cláudia Nonato, por ter feito da liberdade de expressão dos jornalistas a sua grande causa. À irmã Dorothy Stang (presente!). Às minhas e meus guias, mentores e entidades espirituais que estão na natureza e me acompanham. Ao movimento feminista, LGBTQ+, de Direitos Humanos, à todos que militam e aos que ainda vão militar por um mundo onde a Justiça Social aconteça: Somos sementes. Ao meu estado, Pará, minha cidade Belém, mais minha e na minha memória como nunca antes: Porque agora eu entendo mais. Tapuias e tapuios que não sabem onde o tambor começa e o coração termina. Cabanas e cabanos: As guardiães e os guardiões das narrativas, dos saberes, das mandingas, das chaves, dos portais que jamais nos deixaram saber!

Como diria Raul Seixas, compositor, místico e anarquista, naquela música cantada por meninas de uniforme do colégio, tocada em um violão barato no já distante 2007. Elas olhavam as águas barrentas do rio, analisando o quão longe poderiam ir, percebendo crescerem as suas asas, desconhecendo fronteiras, furando os casulos: Toda a imaginação disponível ainda seria pouco – Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só e sonho que se sonha junto é realidade!

Ocupemos os espaços: É tudo nosso!

“Um sistema de desvínculo: Boi sozinho se lambe melhor...O próximo, o outro, não é seu irmão e nem o seu amante. O outro é um competidor, um inimigo, um obstáculo a ser vencido ou uma coisa a ser usada. O sistema, que não dá de comer, tampouco dá de amar: Condena muitos à fome de pão e muito mais à fome de abraços”, Eduardo Galeano, escritor uruguaio

“Olha o carro preto, ô menino, descendo a quebrada! Olha o carro preto, ô menina! Descendo a baixada... Toma cuidado com ele! Que dentro tem homem de farda! Toma cuidado com ele que dentro tem homem de farda! Ele aperta o gatilho, ele dá a sentença, te liga, mermão! Que o homem do carro preto, ele é candidato nessa eleição! O homem do carro preto, ele é candidato nessa eleição...”,
Cobra Venenosa Carimbó & Poesia

RESUMO

A dissertação se propõe a analisar as potencialidades da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa na formação de vínculos sociais, comunicativos, culturais e simbólicos a partir das ações do coletivo Tela Firme, no bairro da Terra Firme, em Belém (PA). Refletimos ainda como estas possibilidades de criação e manutenção dos elos comunicativos podem impactar os espaços vividos a partir de práticas comunicacionais que facilitem as relações sociais e afetivas estabelecidas no território em questão. Neste contexto, avaliamos, conforme a metodologia de pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo inspirado na cartografia social (ROLNIK, 1988), como o processo comunicacional e vinculativo que a ação do grupo fomenta pode criar, facilitar e estimular oportunidades de convívio, o surgimento de novas práticas de partilha do comum (SODRÉ, 2014), outras formas de representação midiática de lugar e da população que vive na periferia, e a emergência de espaços de expressão de subjetividades e de trocas tangíveis e simbólicas no bairro da Terra Firme. Para embasar o estudo, citamos com maior relevância as obras de Felix Guattari (1990; 1992), Guattari e Rolnik ([1986]2013), Manuel Castells (2013), Raquel Paiva (2003; 2007; 2008), Norval Baitello Jr. (1997; 2008; 2009; 2013; 2014) e Muniz Sodré (1988; 2014), entre outros, autoras e autores estes que estão sintonizados com nossa proposta intelectual.

Palavras-chave: Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa; Vínculos; Território; Encontros; Afetos; Tela Firme; Terra Firme

ABSTRACT

With this research we look to analyze the potentiality of Community, Popular and Alternative Communications in the searching of the built of social, communicative, cultural and symbolical bounds through the activities of the Tela Firme group, located in Terra Firme neighborhood, in Belém city (PA). We also analyze how the possibilities of creation and maintenance of communicative links may cause impact inside territories experienced through communication practices, which may easy the social and affective relations established in the mentioned territory. In this context, and according to the methodology of literary research and cartographic-inspired field work (ROLNIK, 1988), we analyze how the biding and communicational process promoted by the group actions may build, easy and encourage opportunities of conviviality, the insurgence of new practices of the share of common (SODRÉ, 2014), and other ways of mediatic representation of the territory and of the population who lives in suburb areas, and the emergency of spaces for the expression of the subjectivities and for effective and symbolic exchange practices in Terra Firme neighborhood. To support this study, we mention more relevantly works from Felix Guattari (1990; 1992), Guattari and Rolnik ([1986] 2013), Manuel Castells (2013), Raquel Paiva (2003; 2007; 2008), Norval Baitello Jr. (1997; 2008; 2009; 2013; 2014) and Muniz Sodré (1988; 2014), amongst other authors who are sintonized to our intellectual proposition.

Key-words: Community, Popular and Alternative Communications; Bounds; Territory; Meetings; Affections; Tela Firme; Terra Firme

Lista de Tabelas

Tabela 01 – Os tipos de vínculos que mapeamos durante esta pesquisa.

Lista de Figuras

Figura 01 – Mapa da cidade de Belém, com o bairro da Terra Firme grifado em cor marrom (NOVAES, 2011, p.60)

Figura 02 – Imagem antiga da periferia de Belém. Sem data. (NOVAES, 2011, p.56)

Figura 03 – Ilustração de aglomerados subnormais (territórios de favelas/invasões) mapeadas pelo IBGE (Censo 2010) na cidade de Belém

Figura 04 – Fotografia da Avenida Celso Malcher, no bairro da Terra Firme, realizada durante a pesquisa de campo. Belém, 2017.

Figura 05 e 06 – Fotografia do rio Tucunduba na Terra Firme realizada durante a pesquisa de campo e fotografia da Avenida Perimetral, idem. Belém, 2017

Figura 07 e 08 – Primeira edição do jornal “O Tucunduba”, de 1989 (Alves, 2010, p.117) e reprodução do Jornal “A voz da CCB”, de 1987 (Alves, 2010, p.50)

Figura 09, 10 e 11 – Respectivamente, a logomarca do coletivo Tela Firme (PA), do sarau Cooperifa (SP) e do projeto social Periferia Criativa (PE).

Figura 12, 13, 14 e 15 – Reproduções do vídeo “Terra Firme”: Passagem de Francisco Batista na laje; O repórter Thalisson Assis entrevistando o morador do bairro Gustavo, sonora com o seu Antônio Trindade, e meninos tomando banho no rio Tucunduba

Figura 16, 17, 18 e 19 – Cenas do minidocumentário “Poderia ter sido você”

Figura 20 e 21 – Memes que circulam em redes digitais. Eles problematizam o recorte socioeconômico dado pela mídia que varia de acordo com o poder aquisitivo do acusado.

Figura 22, 23, 24 e 25 – Alimentos estragando na escola Brigadeiro Fontenelle (PA), livros novos empilhados na escola Paulo Freire (RJ) e livros novos e mochilas encaixotadas na escola Fernão Dias (SP)

Figura 26, 27, 28 e 29 – *Fac-símiles* extraídos da reportagem “Ocupação Escola Brigadeiro Fontenelle”.

Figura 30 e 31 – Fotografias da Confraternização do grupo de capoeira Eu Sou Angoleiro, no barracão do Boi Marronzinho, na passagem Brasília, no bairro da Terra Firme

Figura 32, 33, 34 e 45 – Ação ambiental e aniversário de 1 ano da AME realizada no dia 17 de junho.

Figura 36 e 37 – Ação ambiental do Ponto de Memória da Terra Firme, no campus de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi, na Terra Firme.

Figura 38 e 39 – Mapeamento realizado na plataforma www.google.com.br/mymaps dos projetos culturais, educativos, sociais, e de comunicação do bairro da Terra Firme.

SUMÁRIO

Introdução – “A gente é de sair mesmo na rua e fazer as coisas!”	9
Capítulo 1: A arte dos encontros ou como nasce um coletivo? – A comunicação comunitária do coletivo Tela Firme como potência afetiva e experiência de ação no bairro da Terra Firme	21
1.1 – “Não mostramos nem 10% do bairro nos nossos vídeos”	25
1.2 – “Vamos fazer, vamos reunir, vamos criar um cenário, vamos comprar uma TV...vamos ficar loucos!”: Os encontros	36
1.3 – “Se a gente for ficar pensando nas dificuldades, a gente nunca ia sair da onde a gente tava.”: Os primeiros vídeos	41
1.4 – “Cara, esse <i>notebook</i> é meu!”: A criminalidade urbana	48
Capítulo 2: Poderia ter sido você: Os vínculos comunicativos no processo comunicacional a partir da produção audiovisual do Tela Firme	52
2.1 – “Foi um episódio que marcou: Belém naquele dia ficou uma coisa louca. Belém estava vazia, faculdade vazia, escolas, foi louco, foi algo de terror”	54
2.2 – “Você viveu aquilo ali: E daí traz essas memórias”: Vínculos, alguns conceitos possíveis	57
2.3 – “O que <i>nós</i> vamos fazer?”	65
2.4 – “O seu bairro é a sua casa, então você já sabe com quem você vai falar”	72
2.5 – Outros elos: Coletivo Papo Reto (RJ)	78
Capítulo 3: #Ocupatudo: Uma análise sobre a construção de redes de ação, vínculos e espaços resistência pelos coletivos presentes no bairro da Terra Firme 80	
3.1 – “Se não for a gente, quem vai fazer?”	83
3.2 – “Eu vi que era importante valorizar o feirante, a dona Maria que mora ali, conversar com o vizinho, ter o costume de sentar na frente de casa”: Os vínculos sociais	89
3.3 – “O seu Valmir, por exemplo, já mandou até foto para a gente, que ele colheu um carirú para fazer o feijão dele”: Os vínculos simbólicos	92
3.4 – “Era o nosso olhar em relação a nossa quebrada, a rua que a gente anda, e a onde a imprensa não anda e, às vezes, nem a polícia entra”: Os vínculos comunicativos culturais e hipnógenos	98
3.5– Ponto de memória da Terra Firme: O que podem os vínculos?	105
Conclusão – A morada das intensidades	114
Referências	119
Anexos	125

INTRODUÇÃO

“A gente é de sair mesmo na rua e fazer as coisas!”

Andávamos pelas ruas estreitas e escuras da Cidade Velha, bairro de Belém, capital do Pará (PA), em 20 de janeiro de 2017. A iluminação, precária, dava-se apenas nas portas dos bares e espaços culturais do bairro, funcionando em casarões que ainda não foram apodrecidos pelo tempo, destino este de grande parte das habitações vazias do conjunto arquitetônico da metrópole.

Enquanto entrávamos pela madrugada despreocupadamente em uma ousada ocupação das ruas e das calçadas – uma audácia, pois toda a política cultural da cidade é pensada para que isso não aconteça, sobretudo durante a noite –, 28 pessoas eram assassinadas nos bairros da Cabanagem, Bengui, Sacramento, Pedreira, Comércio e Entroncamento, todas com características de execução. O ataque foi uma vingança pela morte do policial militar Rafael da Silva Costa, de 29 anos.

Estranho é lembrar o silêncio daquela madrugada. Não fosse o ímpeto daqueles que se recusam a dormir, as ruas absolutamente vazias nos transmitiam calma – mas não era uma calma qualquer. A rua estava silenciosa como um sepulcro. Definitivamente, não era uma tranquilidade que a paz dá: é o instante em que o medo impera. Talvez a ausência de som daquela noite nem pudesse se chamar silêncio, mas o *antibarulho* que o medo provoca. Lembro de ter feito essa reflexão ainda naquela madrugada, antes mesmo de saber da tragédia ocorrida.

O episódio, de repercussão factual nas mídias comerciais da cidade, voltou à tona quando ocorreu uma nova chacina em 6 de junho de 2017, uma terça-feira, no bairro de periferia Condor. Cinco pessoas foram assassinadas em um bar e outras 14 ficaram feridas, entre elas duas crianças. Com o acontecimento, a cidade de Belém fechou o segundo semestre de 2017 com quatro chacinas e um número impreciso de mortos.

Em todas as entrevistas realizadas com os membros do coletivo Tela Firme, sendo eles interrogados ou de forma espontânea, o massacre ocorrido nas periferias belenenses e os atos de violência que a falta de políticas públicas e cassação dos direitos humanos produzem nesses territórios foram temáticas abordadas com frequência. Apesar de também discutir essa dura realidade em seus vídeos, o grupo se reuniu em março de 2014 com outra finalidade: construir formas positivas de representação sobre o bairro, elaborando e executando reportagens cujo foco seria a programação cultural e projetos

sociais do território e que teria como formato de mídia uma TV Comunitária no canal YouTube. Entre as primeiras pautas do grupo, está o carnaval promovido pelas escolas de samba locais, a variedade de produtos locais encontrados na feira, com sugestões de feirantes, crianças e moradores do bairro para melhorar a infraestrutura do espaço, entrevistas com candidatos ao governo do estado e a necessidade da construção de equipamentos de lazer para a juventude.

Ao longo de três anos de atividades, como documentamos nos capítulos, muitos planos ganharam corpo e outros foram aperfeiçoados, expandidos ou então abandonados, para se adaptar à realidade do grupo e do que estava dentro das condições de produção e de participação de seus integrantes. O problema que motivou essa pesquisa, isto é, a pergunta que elaboramos para nortear o estudo foi: “Como o coletivo de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa Tela Firme contribui para a consolidação de vínculos sociais, culturais e simbólicos a partir de suas ações comunicativas?”.

Eis os principais resultados, que serão comentados com maior profundidade nos Capítulos 1, 2 e 3 desta dissertação:

- Os vínculos comunicacionais e culturais potencializados pelas atividades de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa do Tela Firme têm como base a construção de outras formas de representação territorial e da população nas mídias. Ao construir um discurso que apresente as atividades culturais dos moradores, as opções de lazer, e discuta criminalidade e direitos humanos de maneira sensível, o coletivo, a partir de seus diversos processos comunicacionais, tem o potencial de contribuir para a existência de um elo simbólico entre os moradores do lugar e dá início a novas concepções culturais e comunicacionais no bairro que favorecem a partilha do comum, o fortalecimento e a visibilidade das redes de ação social ali presentes. O trabalho do coletivo tem como público-alvo prioritário os moradores do bairro e as juventudes das periferias brasileiras.
- Os encontros que se dão nos espaços públicos ou colaborativos do território (bairro da Terra Firme) são dispositivos fundamentais para a elaboração artística, intelectual e política da população. Não obstante, Romano (2004) avalia que a privatização e a acelerada comercialização dos lugares do tempo, e a retirada de ruas e praças, vêm acompanhadas da dissolução dos vínculos sociais.
- As pessoas se encontram no bairro e partilham de ideias em comum. Então, a praça e os espaços públicos representam o *locus* desses encontros. A partir dele,

criam-se ações, elos sociais, projetos em comum. Assim se estabelecem redes, grupos e coletivos que se organizam e amplificam os vínculos sociais.

- Os coletivos, grupos e associações independentes não possuem espaço físico próprio e nem CNPJ, mas isso não torna as suas ações inefetivas: muitas vezes, elas são viabilizadas pelas redes de solidariedade e cooperação, que não envolvem trocas monetárias, a exemplo de empréstimo de equipamentos e espaços para a realização de eventos, fornecimento de alimentação; estabelecimento de parcerias com moradores (de adultos a crianças) para mobilização e divulgação de ações sociais.
- Em um contexto comunicacional e midiático, os vínculos nos envolvem também nos âmbitos do sensível, que produzem ambiências (espaços reais ou imaginados) e representações, ampliando as possibilidades comunicacionais que vão além de uma “eficaz” troca de informação entre emissor-receptor. No caso do Tela Firme, os processos comunicacionais são orientados para a produção de convivência, fomento dos espaços de discussão e de práticas comunitárias, priorizando, desse modo, outros formatos de comunicação que não sejam centrados nas técnicas tradicionais de construção, processamento e difusão da notícia e da mera produção de materiais informativos.

O Tela Firme

O coletivo de comunicação popular Tela Firme, como se apresenta, começou inicialmente em 2014 como um grupo de produção audiovisual, que se propunha a ser uma TV Comunitária no bairro da Terra Firme, situado na periferia de Belém (PA), reunindo seis jovens com diferentes níveis de experiência em mídias – comunicadores, estudantes, *youtubers* e leigos. A ideia era lançar um novo olhar sobre o bairro, de moradores para moradores, pautando acontecimentos que não têm espaço na mídia comercial local.

Os vídeos do coletivo, em um primeiro momento, mostravam manifestações culturais, como carnaval e cortejos folclóricos, moradores ilustres, os projetos e as ações dos movimentos sociais e, após o lançamento da primeira produção, o grupo ganhou destaque nas mídias educativas e comerciais da cidade, a exemplo das TVs Nazaré, TV Cultura, TV Liberal e RBATV. As emissoras convidaram os integrantes do Tela Firme

para dar entrevistas – e assim tiveram espaço para explicar a sua proposta de divulgar os eventos positivos do bairro.

Os participantes receberam (e recebem até hoje) convites para ir até as escolas públicas do bairro, realizar rodas de conversa, oficinas de comunicação e exibir seus vídeos. Com a chacina ocorrida em 5 de novembro de 2014, o grupo passou a se inserir no debate sobre direitos humanos como coletivo¹, fazendo cobertura jornalística e cultural de protestos e ações sociais, fazendo articulações políticas para gerar dados sobre a criminalidade e construir uma rede colaborativa de promoção da cultura de paz e de ajuda às famílias das vítimas de crimes violentos em bairros de periferia, em especial a Terra Firme.

Para a gravação do vídeo “Poderia ter sido você” (postado em 6 de janeiro de 2015 no canal do YouTube), mais três novos membros foram agregados ao grupo. A produção audiovisual foi exibida em uma sessão da CPI das Milícias, ocorrida na Assembleia Legislativa do Estado (Alepa), e o coletivo ganhou desta instituição no mesmo ano (2014) a comenda Paulo Frota, concedida a defensores de direitos humanos no estado do Pará.

A frase dita por Harrison Lopes, diretor e cinegrafista do coletivo, “a gente é de sair mesmo na rua e fazer as coisas”, é muito representativa sobre como ocorre o processo de criação do grupo, que, no início, não tinha muitas referências imagéticas para basear as suas narrativas culturais e simbólicas da periferia em que vivem. A ideia de “Tela Firme, gravando!”² vem justamente desse toque intuitivo e sensível, de descobrir um modo de aprender o comunicar em diversos meios na prática, que o Tela Firme confere às suas produções e participações em rodas de conversa em escolas, centros culturais e religiosos, encontros de juventudes, faculdades, e para onde mais eles sejam convidados a ir.

O título que escolhemos para a nossa dissertação é um convite para que o leitor se transporte para o território onde o grupo vive e inventa novas formas de ser e estar no mundo. Reforçamos, contudo, que os trabalhos do grupo também têm uma força intelectual, racional e técnica necessária à articulação política que realizam, ao buscar outras maneiras midiáticas de apresentar o bairro, ao visibilizar, participar e abrir fóruns de discussão a respeito dos problemas e das potências da Terra Firme, ao se posicionar e

¹ Os integrantes Francisco Batista e Harrison Lopes já eram militantes da comunicação popular e de ações ligadas à cultura de paz antes do Tela Firme.

² Uma alusão ao segundo vídeo do grupo, intitulado “Tela Firme – Terra Firme #02” (11m42s) (ver referências audiovisuais).

se compreender como um coletivo de Comunicação Popular, reconhecendo as implicações de toda essa construção discursiva.

A seleção do coletivo como objeto de pesquisa ocorreu devido à sua grande repercussão na cidade de Belém na área da Comunicação Social e pelas suas atividades de apoio e parceria aos movimentos sociais de Belém, além da qualidade de suas produções em termos de abordagem, discurso e conteúdo. Outro aspecto que influenciou a seleção do grupo para a realização da dissertação que ele é independente. O Tela Firme não tem um subsídio corporativo ou institucional. Ele atua de maneira autônoma, e era uma vontade nossa observar como coletivos de comunicação autogestionados e que se pretendem horizontais funcionam, como colaboram para o estabelecimento dos vínculos comunicativos, quais são os seus ganhos e os seus desafios diante dos avanços do capitalismo, que consideramos aqui não somente um sistema econômico, mas também uma visão de mundo.

Esta dissertação se posiciona no campo da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa, por se debruçar sobre os fenômenos relativos a coletivos independentes de mediação comunicacional. Esse segmento de estudos observa as práticas comunicacionais desenvolvidas no cotidiano, muitas vezes em localidades específicas e sem toda a infraestrutura das mídias comerciais.

Acreditamos, portanto, que a pesquisa realizada, cujos resultados se encontram nesta dissertação, é relevante para o campo das Ciências da Comunicação, ao discorrer sobre um território localizado na Região Norte do Brasil que dialoga com as problemáticas de várias áreas periféricas do país, ao apresentar as suas forças de resistência emergentes, que realizam uma comunicação voltada para a conquista de direitos sociais e cidadãos. Podemos citar exemplos no Sudeste do Brasil, que atualmente passam por experiências semelhantes, como: o coletivo Papo Reto e o jornal *Voz da Comunidade e o Cidadão*, ambos no Complexo da Maré, na cidade do Rio de Janeiro; o projeto Mural – Agência de Jornalismo das Periferias, o coletivo Periferia em Movimento e o coletivo Desenrola e Não me Enrola (que recentemente inaugurou o Centro de Mídia e Comunicação Popular de M'Boi Mirim), situados em São Paulo, capital.

Não obstante, nossa pesquisa teve o propósito de investigar as potencialidades da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa na produção de vínculos sociais, comunicativos e culturais, a partir da experiência do coletivo Tela Firme. Entendemos como vinculação a definição proposta por Norval Baitello Jr. no livro *O animal que parou os relógios* (BAITELLO JR., 1997):

Vincular significa aqui ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território comum), a base primeira para comunicação. (BAITELLO JR., 1997, p. 87).

Para o enriquecimento deste trabalho, fizemos a coleta de dados qualitativos no bairro da Terra Firme, e essa busca por informações era prevista em nossa metodologia, que detalhamos aqui. Quais foram os instrumentais científicos que utilizamos para viabilizar essa pesquisa? Quais foram os autores em que estamos referenciados? Como resolvemos estruturar os capítulos deste trabalho? Vejamos a seguir:

Sobre a metodologia de pesquisa

Inicialmente, fizemos a pesquisa bibliográfica com o propósito de contextualizar e dar embasamento ao estudo. O levantamento bibliográfico nos auxiliou na reflexão a respeito dos fenômenos sociais e comunicacionais observados no decorrer do trabalho. Podemos definir também a revisão bibliográfica como um “estado da arte” ou “estado da questão”. A revisão bibliográfica é importante para a construção e a reconstrução dos objetos pesquisados, que já foram investigados e analisados em outras ocasiões, mas estão sujeitos ao lançamento de um novo olhar após essa modalidade de revisão (AMARAL FILHO, 2011).

Na segunda parte da pesquisa, foi realizado o trabalho de campo, entre os dias 7 e 27 de junho de 2017. A ideia foi realizar entrevistas semiestruturadas com os integrantes do coletivo Tela Firme e participar de eventos das redes de cooperação e de grupos que fomentam a cultura e a comunicação no bairro da Terra Firme. Ao todo, dez pessoas foram ouvidas – e, para tal, tivemos um roteiro organizado, com perguntas abertas: nove participantes do coletivo e também Micaela Valentim, fundadora do grupo de educação ambiental AME, totalizando quase 12 horas de gravações de áudio MP3.

Em 20 dias, nos reunimos na praça Olavo Bilac, que também é conhecida como praça da Celso Malcher ou da Matriz, nas universidades (UFPA E UEPA), e também na República de Emaús, local de trabalho de Francisco Batista, idealizador do coletivo, para onde fomos encerrar a entrevista após o nosso encontro por acaso – encontros espontâneos e que foram matérias-primas para nossas reflexões. Além disso, pude assistir à

apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Alexandre Soares³, sobre o coletivo Tela Firme, e, ainda, estar presente em uma participação de Harrison Lopes, cinegrafista do grupo, no cineclube do Sesc Boulevard⁴, em ações de educação ambiental da AME⁵ e do Ponto de Memória da Terra Firme⁶. E, finalmente, fui a uma confraternização do grupo de capoeira de angola “Sou Angoleiro” no barracão do Boi Marronzinho⁷, situado na passagem Brasília, bem próxima à praça da Matriz, a principal do bairro.

O nosso propósito principal foi vivenciar as experiências comunitárias ocorridas no bairro da Terra Firme e em outros pontos da cidade de Belém, acompanhando o acontecimento das atividades socioculturais, observando o cotidiano dos moradores do bairro e fazendo as entrevistas com as fontes centrais da pesquisa.

O objetivo era demonstrar, ao final da pesquisa, como o território está repleto dessas iniciativas de comunicação que estimulam a existência de vínculos sociais, comunicativos, culturais e simbólicos, dando um novo contorno ao território do bairro e à convivência de seus moradores. A nossa inspiração metodológica principal para a criação de um roteiro de perguntas, o planejamento das atividades e do olhar lançado para o que ocorreu de maneira prevista e também espontânea, foi a cartografia social apresentada por Rolnik (1989). Ela explica que, na Geografia, a cartografia é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Já a *cartografia social* pode ser definida como:

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornam-se obsoletos. Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é antes de tudo um antropófago. (ROLNIK, 1989).

Essa conceituação se faz bem contundente para a nossa pesquisa, muito embora no desenvolvimento do texto tenha se optado por uma linguagem mais direta, sem muitas

³Trabalho de conclusão de curso defendido em 19/6/2017, na Faculdade do Pará (FAP), intitulado “A era digital e o deslocamento de poder – Canal Tela Firme: A voz da periferia de Belém”.

⁴Evento realizado pela escola Aliança Francesa em 14/6/2017, com a exibição do filme “Amanhã” (2015).

⁵Ação ambiental e comemoração do aniversário de 1 ano da AME, na horta comunitária localizada na avenida Celso Malcher, em 17/6/2017.

⁶Evento de sensibilização ambiental realizado pelo Ponto de Memória da Terra Firme em 9/6/2017, no Museu Paraense Emílio Goeldi, na avenida Perimetral.

⁷Evento realizado em 18/6/2017.

menções às modalidades metodológicas aqui elencadas. Acreditamos que compreender essas formas de mapeamento focadas na sociabilidade humana e na interpretação da realidade dialoga com os novos movimentos sociais e seus modos de comunicação, uma vez que ambos se configuram de maneira maleável e se constroem à medida que as práticas emergem em um contexto social e comunitário.

E é por isso que não buscamos identificar modelos incontestáveis dos fenômenos observados, e sim encontrar ecos, concordâncias, pontos de tensão, de divergência e de diálogo entre os autores que selecionamos para explicar o pensamento científico e as realidades observadas durante a pesquisa de campo. Sobre o trabalho do cartógrafo e as afinidades que ele deve buscar ao participar de um dado espaço vivido, Rolnik (1989) destaca:

O problema, para o cartógrafo, não é o do falso-ou-verdadeiro, nem do teórico-ou-empírico, mas sim o do vitalizante-ou-destrutivo, ativo-ou-reativo. O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade. [...] O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. (ROLNIK, 1989).

Nesse contexto de colocar a sensibilidade em favor deste trabalho, preferimos pensar em nossa pesquisa como um exercício de reflexões sobre temas históricos e contemporâneos, como um percurso narrativo (embora embasado por uma metodologia científica), reflexões estas que ganharam maior consistência com a realização do trabalho de campo. Muniz Sodré (2014) também tem uma proposição metodológica muito contundente para os nossos estudos sobre a vinculação humana:

A análise da vinculação comporta tanto os aspectos visíveis do comum quanto as dimensões ocultas ou apagadas da simbolização metacomunicativa inerente ao laço coesivo. Diferentemente do nível relacional, avulta a dimensão originária do povo, não como demos, mas como *ethnos*, isto é, a consistência grupal da coesão por sangue, crenças e territórios. Instala-se aqui toda uma dimensão (estética? Estésica?) dos afetos produzidos pela corporalidade pela percepção humana, tradicionalmente relegadas a um segundo plano pela lógica e pela ciência. (SODRÉ, 2014, p. 303).

O pensamento proposto por Sodré dialoga, em alguma medida, com as camadas pensadas por Guattari (1990; 1992) e Guattari e Rolnik (2013) na definição das territorialidades. Na visão dos autores, os processos de vivência são contínuos e precisam ser *re-feitos, re-construídos, re-vividos*, repensados e revisitados diante dos desafios,

apagamentos e invisibilizações que os avanços tecnológicos e do capital impõem para a sociedade.

Realizamos essas entrevistas semiestruturadas com um roteiro preliminar de perguntas referentes a aspectos que ainda estavam imprecisos durante o levantamento bibliográfico, como os detalhes de produção audiovisual do grupo, a elaboração intelectual e criativa dos vídeos, o olhar dos membros do grupo sobre a violência no bairro, mas também a sua relação com outros coletivos que promovem a cultura de paz no território, tentando estabelecer conexões entre as atividades do grupo e a produção de vínculos na Terra Firme.

No mais, esse projeto de pesquisa foi submetido à avaliação do Comitê de Ética da Universidade Paulista (Unip), pois é uma pesquisa que envolve a participação de seres humanos e, após a sua defesa, será necessário realizar um relatório que comprove a sua realização dentro dos procedimentos éticos definidos pela instituição. Todas as entrevistas passaram por um processo de transcrição, durante todo o mês de agosto de 2017. As transcrições podem ser lidas no anexo desta dissertação. Os conteúdos foram editados por uma questão de espaço e de síntese, no entanto, sem prejudicar o sentido integral do que foi dito pelos entrevistados.

Houve outros ganhos com a pesquisa realizada, além de estarmos mapeando fenômenos que dialogam com outras regiões periféricas do Brasil, como o fato de que também promovemos a valorização do estado da arte local, tomando por referência estudos já realizados sobre o bairro da Terra Firme e a Comunicação Alternativa em Belém. Pretendemos divulgar ao máximo a pesquisa a estudantes de todos os níveis de conhecimento para que ela possa ser uma fonte bibliográfica para a realização, no futuro, de outros estudos sobre os bairros de periferia da cidade de Belém e as suas ações sociais de resistência.

Estado da arte

Os coletivos de comunicação independentes, de qualquer modalidade midiática, são raros em Belém. Em nossa pesquisa, com base em imagens apresentadas por ALVES (2010), identificamos dois jornais de bairro que circularam durante os anos 1980 na Terra Firme: *A voz da CCB* e *O Tucunduba*, este fundado em 1989 pelo Centro Comunitário Bom Jesus. Este último jornal também foi reeditado em 2012 pelo Ponto de Memória da

Terra Firme, migrou para a blogosfera em 2013 e, atualmente, está com a sua produção parada.

No bairro da Terra Firme, ainda em 2002, outro jornal de bairro esteve em circulação, *O Igarapé*, com número de edições desconhecido, empreendido em parceria com os moradores do bairro e o Projeto Socioeducacional Integrado (ALVES, 2010). No mesmo ano, foi fundada a rádio Cidadania FM, que, em sua inauguração, ostentava 33 programas produzidos por organizações civis e movimentos sociais em sua grade. A rádio possuía CNPJ, diretoria eleita coletivamente e sede.

Em 2003, porém, a Associação de Radiofusão Comunitária Cidadania FM recebeu uma visita de fiscais da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), acompanhados da Polícia Federal. Nessa operação, adentraram na sede da associação sem qualquer mandado de apreensão ou de prisão e levaram os equipamentos, fato este que ocasionou denúncia contra Osvaldo Mesquita e Marcos Moisés dos Santos, proprietário da rádio (SDDH, 2017). Com a prisão de seus fundadores e posteriormente o processo judicial, o projeto da rádio comunitária foi extinto alguns anos depois, por volta de 2006.

Na última década, as iniciativas de Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na cidade de Belém foram pontuais e protagonizadas pela formação educativa e cultural, e apesar da qualidade de conteúdo e de se colocarem como alternativa ao monopólio da mídia comercial, a repercussão em termos de abrangência na cidade ainda é muito pontual. Em sua entrevista, Harrison Lopes fez menção à ONG Centro de Estudos e Práticas de Comunicação Popular (Cepepo), situada no bairro do Guamá, o mais populoso de Belém, que faz divisa com a Terra Firme. A entidade oferecia atividades em parceria com a Associação de Moradores Unidos na Luta, por volta de 2005, mas não obtivemos informações a respeito de sua fundação e de seu fechamento. Ainda nessa época, o cinegrafista lembrou que egressos dos cursos de Comunicação do Cepepo formaram um dos primeiros coletivos nos moldes do Tela Firme, chamado Vamo que Vamo.

Atualmente, podemos mencionar como exemplo a ONG Universidade Popular (Unipop), que oferece formação em comunicação popular para jovens e lançou recentemente a agência de notícias Jovens Comunicadores da Amazônia⁸ e a Escola Papa Francisco⁹, que capacita jovens a atuar como técnicos de rádio e TV, porém a maior saída de emprego dos participantes ainda é para as mídias comerciais locais.

⁸ Disponível em: <<http://agenciajca.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

⁹ Disponível em: <<http://escolapapafrancisco.com.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Já em conjunto com o Tela Firme, nós temos a produção jornalística dos Outros 400¹⁰, grupo formado por jornalistas profissionais que, nas Eleições de 2016, chegaram a firmar parceria com a Agência Pública de Notícias para fazer uma versão local da seção “Truco”, de *fact-checking* de declarações dos candidatos às prefeituras e às câmaras das cidades brasileiras. Apesar de possuírem uma grande qualidade de conteúdo, o Outros 400 deu uma pausa nas suas ações no início de 2017.

Há também, em atividade, o grupo Idade Mídia – Comunicação para a cidadania¹¹, de rádio comunitária a partir de transmissões feitas pela *bike som* e na página do Facebook, e, ainda, a Rádio Exu¹² – comunicação comunitária de matriz africana, *podcast* e blog produzido por profissionais de comunicação, artes visuais e frequentadores do terreiro de candomblé Mametu Nangetu, que se propõe a valorizar a cultura africana, sobretudo as religiões provenientes desta matriz.

Os capítulos

Como resultado do trabalho acadêmico realizado, apresentamos o texto científico da seguinte forma: no Capítulo 1, analisamos o ato do encontro como dispositivo fundamental para a organização de ideias e movimentos de resistência, bem como como os espaços públicos podem ser facilitadores desses acontecimentos, a exemplo das ruas do bairro que, por sua geografia, privilegiam a manutenção das relações de vizinhança e construção de redes colaborativas e de solidariedade no território.

No Capítulo 2, apresentamos detalhes de como foi a construção do minidocumentário “Poderia ter sido você”, que consideramos a obra mais potente do coletivo, cujo processo é uma resposta às violências contra a população desse território, descrito no capítulo 1. Neste segundo capítulo, dialogamos com autores que analisam problemas estéticos, midiáticos, antropológicos e, ainda, entramos em contato com os membros do coletivo Tela Firme sobre o potencial do grupo em mobilizar e criar vínculos em seu bairro. Nessa parte da pesquisa, investigamos quais são os vínculos, as conceituações principais necessárias para a pesquisa em questão e como esses vínculos podem ser amplificados.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.outros400.com.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

¹¹ Disponível em: <<http://idademidia.org/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

¹² Disponível em: <www.radioexu.com>. Acesso em: 10 abr. 2017.

No Capítulo 3, analisamos como o coletivo Tela Firme contribui para a consolidação de vínculos sociais, comunicativos, culturais e simbólicos a partir de suas ações comunicativas e em interação com outros coletivos do bairro, formando redes e promovendo ações socioculturais e educativas no território, contribuindo, assim, com a nossa proposta de investigar a amplificação dos vínculos em contextos comunitários. Além disso, com base em nossas vivências presenciais com os membros do Tela Firme e nos registros realizados durante as entrevistas, mapeamos alguns desses grupos e coletivos que compõem as redes de ação na Terra Firme.

Um breve prelúdio

Como o coletivo Tela Firme foi formado? Quais são os dados socioeconômicos do bairro da Terra Firme? Como começou a ocupação do bairro e por que hoje ele é reconhecido como um polo de resistência na cidade de Belém? Qual é a história da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa da capital em questão? Como foram as primeiras produções do coletivo? Respondemos a essas e outras perguntas no primeiro capítulo.

CAPÍTULO 1

A arte dos encontros ou como nasce um coletivo? – A comunicação comunitária do coletivo Tela Firme como potência afetiva e experiência de ação no bairro da Terra Firme

“A semente se encontra com a terra e produz a árvore. O sêmen encontra o óvulo e produz o ser vivo. Tudo é encontro. O próprio homem que nasce de um encontro não cessa de se transformar através dos encontros que tem ao longo de sua existência”

Márcio Sales, filósofo

Dia 19 de junho de 2017, meio-dia em ponto, calor de 32 graus, umidade do ar, 80%. Esse foi o exato momento em que o ônibus Tapanã-UFPA enguiçou na avenida Perimetral, no bairro da Terra Firme, bem em frente a Universidade Federal Rural – a UFRA. Como não havia sombra para se proteger do sol, as mulheres que estavam no coletivo logo sacaram as suas sombrinhas, que ali em Belém, faça chuva ou uma “lua” (como é conhecido popularmente o sol mais forte do início da tarde), é item obrigatório de bem-estar. Todo mundo para fora. Também não hesitei em abrir a sombrinha para me refrescar, mas, ainda assim, o forte raio da luz do sol acertava o couro do sapato e assava os meus pés.

Após 20 minutos, cansado de esperar pelo próximo ônibus que continuaria a viagem (o veículo sequer saiu do terminal da universidade, pois também tinha ficado “no prego”), o motorista sugeriu aos passageiros que retornassem ao ônibus, que a viagem continuaria com o transporte sendo guinchado. Ele disse que nos levaria até “o Bosque”.

Era exatamente onde eu desceria, na esquina da avenida Rômulo Maiorana com o Jardim Botânico Rodrigues Alves, que conheço como “o Bosque” desde sempre. Voltamos aos nossos assentos e a viagem prosseguiu. De repente, o ônibus entra na avenida Almirante Barroso, na altura do Tribunal de Justiça do Estado, indo em direção à avenida Júlio César, alterando totalmente o caminho que eu havia, por equívoco, imaginado:

- Moço, tu não disseste que este ônibus passa no Bosque? – perguntei ao cobrador.
- Mas vai para o Bosque – afirmou, sério.
- Então qual caminho que ele vai fazer para chegar no Bosque, que ficou lá atrás?
- interpelei, agora seriíssima.

– Ele vai pegar a Júlio César... é que ele vai para o Shopping Bosque! – revelou, mencionando o empreendimento inaugurado em 2015.

E pelo que eu me lembrava, esse *shopping* novo era bem distante de onde queria descer realmente. Teria que pegar mais dois ônibus até chegar ao outro Bosque, onde precisava descer:

– Faz um negócio, por favor: para ali do outro lado da rua, que eu vou descer! – pedi, meio desanimada, meio impaciente, para o cobrador.

– Aproveita que o sinal está vermelho e desce aqui logo! Cuidado com as motos quando for descer! – determinou o motorista.

Não pensei duas vezes, pois estava com uma pressa de um tom a mais em relação ao tempo da cidade, onde o “dromo” não tem vez: desci do ônibus com um olho na moto e outro no relógio. Pensei: “Puxa vida, depois de uma entrevista longa para o projeto de pesquisa, debaixo da “lua”, sem almoçar, com o tempo contado para ir ao encontro de Maílson Souza, diretor de câmera e editor do Tela Firme, na praça da Celso Malcher, e agora teria que esperar mais dois transportes para chegar em casa”.

Quando desci do ônibus, encontro ele, totalmente ao acaso – com Francisco Batista, o criador do coletivo Tela Firme. Já tínhamos desmarcado a nossa entrevista na semana anterior, sem previsão de reagendamento. É que, em 6 de junho, Belém registrou a quarta chacina do ano de 2017, que deixou cinco mortos e nove feridos. Como Francisco é um ativo integrante da Comissão de Justiça e Paz, estava muito ocupado e com muitos compromissos em decorrência da tragédia. Era possível que a gente não conseguisse se encontrar.

– Tu sabias que dois ônibus “deram prego” para eu estar passando aqui por esta rua? – disse a ele, incrédula, mas nem tanto.

– Vem comigo no carro, o que tu queres saber? Tu sabias que hoje a noite vão apresentar um TCC sobre o Tela Firme na FAP? – ele disse, com o seu jeito agitado de sempre.

Essa história foi muito emblemática para a pesquisa, que foi construída com base em encontros presenciais, afetos e acasos – além de um extenso estudo científico iniciado ainda no final de 2015, ano em que me mudei para São Paulo. Estive em Belém entre os dias 7 e 26 de junho para realizar entrevistas com os integrantes do coletivo Tela Firme e participar de eventos das redes e de grupos que fomentam a cultura e a comunicação no bairro da Terra Firme. Ao todo, dez pessoas foram ouvidas com base em perguntas organizadas como entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas – nove

participantes do coletivo e mais Micaela Valentim, fundadora do grupo de educação ambiental AME –, totalizando quase 12 horas de gravações.

Em 20 dias, nós nos reunimos na praça Olavo Bilac, que também é conhecida como praça da Celso Malcher ou da Matriz, nas universidades (UFPA E UEPA) e também na República de Emaús, local de trabalho de Francisco, para onde fomos encerrar a entrevista após o nosso encontro ao acaso. Além disso, pude assistir à apresentação de TCC de Alexandre Soares¹³ sobre o coletivo Tela Firme e, ainda, a uma participação de Harrison Lopes, cinegrafista do grupo, no cineclube do Sesc Boulevard¹⁴. Também estive presente em ações de educação ambiental da AME¹⁵ e do Ponto de Memória da Terra Firme¹⁶ e, finalmente, fui a uma confraternização do grupo de capoeira de angola “Sou Angoleiro” no barracão do Boi Marronzinho¹⁷, situado na passagem Brasília, bem próxima à praça da Matriz, a principal do bairro.

O coletivo de comunicação popular Tela Firme, como se apresenta, começou inicialmente como um grupo de produção audiovisual que se propunha a ser uma TV Comunitária no bairro da Terra Firme, reunindo seis jovens com diferentes níveis de experiência em mídias – comunicadores, estudantes, *youtubers* e leigos. A ideia era lançar um novo olhar sobre o bairro, de moradores para moradores, pautando acontecimentos que não têm espaço na mídia comercial local.

Os vídeos do coletivo, em um primeiro momento, mostravam manifestações culturais, como carnaval e cortejos folclóricos, moradores ilustres, os projetos e as ações dos movimentos sociais, e após o lançamento da primeira produção, o grupo ganhou destaque nas mídias educativas e comerciais da cidade, a exemplo das TVs Nazaré, Cultura, Liberal e RBA. As emissoras convidaram os integrantes do Tela Firme para dar entrevistas e, assim, tiveram espaço para explicar a sua proposta de divulgar os eventos positivos do bairro e os feitos de seus agentes socioculturais.

Os participantes receberam (e recebem até hoje) convites para ir até as escolas públicas do bairro, realizar rodas de conversa, oficinas de comunicação e a exibição de seus vídeos. Com a chacina ocorrida em 5 de novembro de 2014, o grupo passou a se

¹³ Trabalho de conclusão de curso defendido em 19/6/2017, na Faculdade do Pará (FAP), intitulado “A era digital e o deslocamento de poder – Canal Tela Firme: A voz da periferia de Belém”.

¹⁴ Evento realizado pela escola Aliança Francesa em 14/6/2017, com a exibição do filme “Amanhã” (2015).

¹⁵ Ação ambiental e comemoração do aniversário de 1 ano da AME, na horta comunitária localizada na avenida Celso Malcher, em 17/6/2017.

¹⁶ Evento de sensibilização ambiental realizado pelo Ponto de Memória da Terra Firme em 9/6/2017, no Museu Paraense Emílio Goeldi, na avenida Perimetral.

¹⁷ Evento realizado em 18/6/2017.

inserir no debate sobre direitos humanos como coletivo, fazendo cobertura jornalística e cultural de protestos e ações sociais, fazendo articulações políticas para gerar dados sobre a criminalidade e construir uma rede colaborativa de promoção da cultura de paz e de ajuda às famílias das vítimas de crimes violentos em bairros de periferia, em especial a Terra Firme.

Com a gravação do vídeo “Poderia ter sido você” (postado em 6 de janeiro de 2015 no canal do YouTube), mais três novos membros foram agregados ao grupo. A produção audiovisual foi exibida em uma sessão da CPI das Milícias na Assembleia Legislativa do Estado (Alepa), e o coletivo ganhou desta instituição mesmo ano (2014) a comenda Paulo Frota, concedida aos defensores de direitos humanos no estado do Pará.

Após a grande repercussão do documentário – que foi filmado como se fosse uma história de ficção, porque o medo de se manifestar contra a chacina era muito grande –, o grupo passou a realizar coberturas audiovisuais mais pontuais, a exemplo da Marcha das Mulheres Negras e atos contra o presidente Michel Temer, considerado pela ampla maioria dos movimentos sociais e organizações civis independentes como “ilegítimo”, pela trama realizada para chegar ao cargo. E, além disso, o coletivo continua a ocupar os espaços de debates em universidades, escolas e centros culturais da capital paraense.

Neste primeiro capítulo, vamos investigar os sentidos de encontros (SALES, 2014), territórios (ROMANO, 2004, GUATTARI, 1990, 1992; GUATTARI E ROLNIK [1986] 2013; HARVEY, 2005) e comunidade (PAIVA 2003; 2007; CASTELLS, 2014), apresentando a história de formação do coletivo Tela Firme, as motivações pelas quais ele foi criado, contextualizando os acontecimentos com dados socioeconômicos e culturais do bairro em que o grupo atua: a Terra Firme (ALVES, 2010; NOVAES, 2011, SILVA, 2011; COLARES, 2014). A proposta deste capítulo é refletir sobre os encontros como dispositivo fundamental para a organização das ideias e dos movimentos de resistência e sobre como os espaços públicos podem ser facilitadores desses acontecimentos, a exemplo das ruas do bairro, que, por sua geografia, privilegia a manutenção das relações de vizinhança e a construção de redes colaborativas e de solidariedade.

1.1 – “Não mostramos nem 10% do bairro nos nossos vídeos”

Como bem observou o cinegrafista Harrison Lopes ao fazer a declaração acima, seria um árduo desafio se propor a registrar tudo o que o bairro da Terra Firme tem: com uma população de 61.439 habitantes (IBGE, 2010), ele está entre os dez mais populosos de Belém. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o bairro possui 15.464 domicílios. A maioria da população, 36.966 das pessoas entrevistadas pelo Censo 2010, se autodeclaravam da cor parda¹⁸. Embora o bairro acolha diversas realidades econômicas, a renda predominante nos domicílios vai de 1/8 de salário até dois salários mínimos, situação financeira esta de famílias moradoras de 14.638 unidades residenciais, cuja faixa salarial de maior incidência entre os responsáveis por cada núcleo familiar é de ½ a 1 salário mínimo (IBGE, 2010).

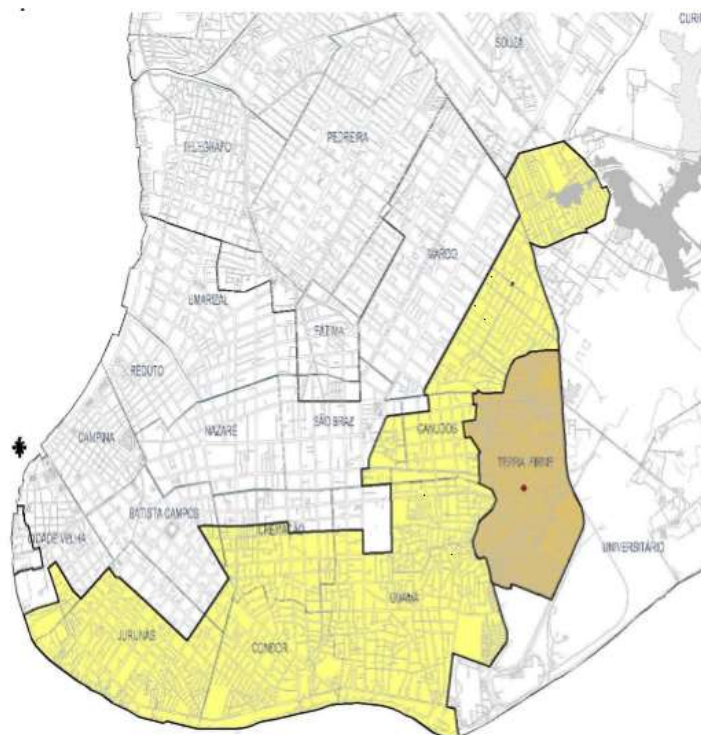
De acordo com o coletivo Tela Firme¹⁹, baseados no estudo Cartografia Social da Terra Firme (2013), realizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, o bairro possui cem templos evangélicos, sete igrejas católicas, aproximadamente 20 espaços de culto afro-religioso e um centro espírita. Há em seu território uma unidade básica de saúde, três unidades de Saúde da Família, sendo que uma delas estava totalmente abandonada e com avarias no prédio, no ano em que os dados foram coletados.

A Terra Firme tem três feiras ao ar livre e cem pontos de venda de açaí *in natura*, o que representa uma das principais atividades comerciais da localidade, perdendo apenas, em números, para a presença de tabernas. O bairro tem sete pontos de mototáxi e ali passam 12 linhas de ônibus. Há duas creches, uma pública e outra privada, 14 escolas particulares, duas universidades federais (Universidade Federal Rural da Amazônia e UFPA, cuja área também engloba os bairros do Guamá e Universitário) e é onde se encontra um dos maiores colégios eleitorais de Belém, situado na Escola de Aplicação, na avenida Perimetral, uma das principais vias do bairro.

¹⁸ De acordo com a definição do IBGE, pardos “são consideradas as pessoas que se declaram mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça”. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad99/metodologia99.shtm>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

¹⁹ Dados presentes no vídeo “Terra Firme” (ver *Referências audiovisuais*).

Figura 1 – Mapa da cidade de Belém, com o bairro da Terra Firme grifado em cor marrom



Fonte: Novaes (2011, p. 60).

A Terra Firme começa a ser ocupada gradativamente por volta dos anos 1940, por famílias de baixo poder aquisitivo, que foram pouco a pouco empurradas do centro da cidade de Belém para as áreas de alagados²⁰. Não obstante, o bairro é constituído de 83,7% de áreas alagáveis, e 34% da população ainda tem residência nessas faixas de terra instáveis.

A partir de 1960, é registrada no território uma explosão demográfica (NOVAES, 2011), decorrente do êxodo rural de microrregiões vizinhas, cujas cidades estavam entre as mais paupérrimas do estado. Além disso, podemos citar também o início da construção, em 1958, da rodovia Belém-Brasília e o projeto integracionista do regime militar como fatores que contribuíram para o adensamento populacional da região, que, por sua proximidade com o centro da cidade, dispensava o trabalhador de usar o transporte público e tornava possível o uso da bicicleta ou a caminhada para acessar as áreas centrais

²⁰ Os “alagados”, muito comuns em cidades como Belém, desenvolvida sobre terrenos instáveis, têm esse nome por sofrerem influência das chuvas e das marés, em função de sua proximidade com o rio Guamá, que rodeia a cidade. Por conta das chuvas abundantes, esses terrenos permanecem alagados vários meses do ano (SILVA, 2011).

da cidade. Mas não podemos perder de vista que o bairro é constituído, sobretudo, pela migração de pessoas das cidades do interior para Belém.²¹

Figura 2 – Imagem antiga da periferia de Belém (s/d)



Fonte: Novaes (2011, p. 56).

A região foi batizada de “Terra Firme” pelos seus primeiros moradores. Os registros científicos da história social do bairro, baseados essencialmente em relatos orais, dão conta de que na área havia pedaços de terra firme, mais sólidos, onde foram erguidos os primeiros barracos. Porém, a partir de 1960, essa porção de terra se tornou pequena e as habitações passaram a ser edificadas indiscriminadamente sobre os alagados (SILVA, 2011).

Historicamente, a Terra Firme é um bairro muito novo, tendo em vista que a capital paraense completou 400 anos de fundação em 12 de janeiro de 2016. Um fato muito curioso sobre a região é que, em 1996, o nome bairro foi alterado pela prefeitura para Montese, em referência aos soldados brasileiros que participaram da batalha de Montese, na Segunda Guerra Mundial. Mas esse nome determinado pelo poder público nunca “pegou” entre os moradores, como explica Peregrino:

Os moradores de Belém, principalmente os moradores do bairro, se recusam a usar o novo nome e reivindicam a permanência do nome Terra Firme. Muito justo, visto que foram eles que ocuparam as terras e têm sua história para

²¹ De acordo com Novaes (2011, p. 65 apud RODRIGUES, 1996, p. 244), o bairro da Terra Firme é onde ocorre a maior presença de não naturais em Belém, que são cerca de 30% da população, sendo 77,2% originados do interior do estado, com maior incidência de origem das cidades de Igarapé-Miri, Castanhal e Muaná.

contar. O nome Terra Firme diz respeito à história do bairro, à vivência de seus moradores, à memória afetiva deles com o lugar [...] Os ônibus da cidade ainda circulam com o nome Terra Firme, e nas buscas da internet localizamos o nome do bairro com sua forma popular entre parênteses: “Montese (Terra Firme)”. Quando os governantes vão entender que o nome de um lugar, dado pelo seu próprio povo, não cabe entre parênteses? Montese é um nome sem identificação direta com o lugar e seus habitantes, é, como já foi dito, um nome oficial concebido de forma autoritária pelo Estado. (PEREGRINO, 2014).

A controvérsia teve fim apenas em 2005, quando após muito debate com as lideranças comunitárias, a Câmara dos Vereadores aprovou o Projeto de Lei nº 8.383/2005, determinando que o nome do bairro fosse oficialmente Terra Firme (ALVES, 2010, p. 91). Isto é, a narrativa de fundação do bairro está imbricada com as lutas por habitação e a busca pela identificação com o espaço vivido, revelando o processo histórico de exclusão dessa população, que foi obrigada a se deslocar para as áreas de alagados²².

Uma memória que o cinegrafista do coletivo Tela Firme, Harrison Lopes, tem de quando era criança, durante a década de 1990, é a do mau cheiro que havia na sua rua, a passagem da Ligação.

A Terra Firme era toda entrecortada por pontes, não tinha nem asfalto nessa época. Era chão batido, era precário demais. Depois das pontes, instalaram os aterros, porém as ruas foram aterradas com lixo. Tenho até uma foto de quando eu tinha 4 anos, era um lixo a céu aberto, literalmente. Tinha cheiro de lixo, me lembro do fedor da caçamba e das moscas, era horrível... Hoje em dia, minha rua não é pavimentada, é só chão batido. Melhorou um pouco e tenho a esperança que melhore mais. A Terra Firme é dividida em duas partes, da São Domingo até a Celso Malcher, a maioria das ruas são asfaltadas e a parte de lá [entorno da bacia do Tucunduba] é parte mais precária em saneamento, em segurança, etc.²³ (LOPES, 2017).

Essa divisão socioeconômica presente no bairro é nítida – as ruas do entorno da avenida Celso Malcher tem uma infraestrutura melhorada, a exemplo de linhas de ônibus, serviços, comércios, ali se localizam a praça do bairro, a feira e a delegacia, os serviços públicos e as casas são maiores, muitas de alvenaria e com acabamento. Já as ruas próximas à avenida Perimetral têm um maior acúmulo de lixo, não há espaços de lazer

²²A história da luta por habitação no bairro da Terra Firme é discutida com mais propriedade no artigo da pesquisadora “Comunicação Popular, Comunitária e Movimentos sociais – Relações entre os conceitos a partir da historicidade do bairro da terra firme, em Belém (PA)”, publicado na revista Alterjor. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/alterjor/article/view/132518>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

²³ Para Alves (2010), o fato de o bairro ter sido formado sobre áreas alagáveis “sinaliza as dificuldades enfrentadas pelos moradores ao desbravá-lo: limpeza, ocupação, construção, e aterramento. Fica evidente que foram os primeiros a ‘dar uma nova cara’, ou seja, providenciar as melhorias mais imediatas para a instalação e permanência” (p. 64).

para as crianças (que brincam na rotatória da rua), as casas de alvenaria se misturam a outras de fabricação mais modestas, algumas de tijolo à mostra, sem acabamento ou no estilo palafita, de tábuas de madeira, ainda dentro de alagados. Há também uma pequena região portuária, muitos galpões de uso privado, onde se localiza a feira do Tucunduba, às margens do rio de mesmo nome, um ponto comercial fundamental para os ribeirinhos das ilhas que cercam a cidade.

A área do Tucunduba, no limite entre os bairros do Guamá e da Terra Firme, apresenta uma organização urbana que reflete um processo de segregação sócioespacial imposto pelas classes dominantes, que transformaram a cidade em mercadoria e por isso, no limite desses bairros populares, tem-se o aparecimento de uma grande área favelada em meio à pobreza, miséria e informalidade, onde seus habitantes sofrem grande discriminação e preconceito, sobretudo por seus altos índices de criminalidade. (COLARES, 2014, p. 108).

Neste contexto de acentuação da criminalidade em bairros periféricos, a cidade de Belém é considerada a 11ª mais violenta do mundo e a 2ª do Brasil, segundo o *ranking* anual da ONG mexicana Conselho Cidadão pela Seguridade Social Pública e Justiça Penal²⁴, sustentando o índice de 47, 41 homicídios a cada cem mil habitantes.

Além disso, a *Belle Époque* amazônica (1870-1910, data aproximada de seu início e fim) foi um marco em relação às políticas de direito à cidade, que se voltam para as elites que residem no centro da cidade, e de prefeitura em prefeitura, com poucas exceções desde então, as obras de infraestrutura da capital são pensadas para atender a uma classe privilegiada e restrita. Em todos esses anos, com poucas gestões municipais que fugiram ao modelo, ainda persiste o ideário higienista de remoção, que empurrou as populações de baixo poder aquisitivo para territórios precários, a exemplo das áreas de alagados. A região onde hoje é a Terra Firme começou a ser ocupada algumas décadas depois, ainda como um reflexo dos processos de segregação social e de manutenção do centro da cidade para uma pequena parcela dos moradores da capital. No Censo 2010 (o último realizado pelo IBGE), foi divulgado que a Região Metropolitana de Belém (RMB), que engloba seis municípios e uma população de quase 2,5 milhões de pessoas, tem a maior proporção de favelas do Brasil, com 66%. Para efeitos comparativos, uma das cidades da RMB,

²⁴ NATAL é a cidade mais violenta do Brasil, diz ranking mundial. **G1 RN**, Rio Grande do Norte, 7/4/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/natal-e-a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-ranking-mundial.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2017. Nota: A pesquisa abrange apenas cidades com mais de 300 mil habitantes.

Marituba, tem 77% de seus moradores vivendo nas chamadas “áreas de invasão”, conforme a classificação do órgão governamental.

A quantidade é 20% a mais que o número registrado na Rocinha, a maior favela do País. Somente em Belém, o percentual chega a 54,5%. Uma parcela desse total vive em palafitas, moradias que ficam sobre áreas alagadas, cuja água, em períodos de chuva, invadem essas residências, que não têm saneamento básico – ainda de acordo com o IBGE, somente 10% da população paraense tem acesso a saneamento básico, colocando a cidade como o 4º pior sistema do Brasil.

Figura 3 – Ilustração de aglomerados subnormais (territórios de favelas/invasões) mapeadas pelo IBGE (Censo 2010) na cidade de Belém



Fonte: Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/para-tem-a-capital-e-a-cidade-com-a-maior-proporcao-de-moradores/n1597418140326.html>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

Figura 4 – Fotografia da avenida Celso Malcher, no bairro da Terra Firme



Fonte: Imagem realizada durante a pesquisa de campo em Belém (10/6/2017).

Figuras 5 e 6 – Fotografia do rio Tucunduba, na Terra Firme, e da avenida Perimetral



Fonte: Imagens realizadas durante a pesquisa de campo em Belém (15/6/2017).

Em relação aos dados de criminalidade na Terra Firme, obtivemos com a Polícia Civil do Pará²⁵ os números referentes a 2016. Em um ano, foram registrados no bairro 1.727 roubos, 856 furtos e 26 homicídios. Os bairros que lideram o *ranking* da violência

²⁵ Dados obtidos com base na Lei federal nº 12.527/11 (Lei da Transparência).

em Belém no ano em que pesquisamos foram Jurunas (3.822 ocorrências), Guamá (3.373), Marco (3.227) e Pedreira (2.585), os dois primeiros também na periferia da cidade e os dois últimos, embora em áreas periféricas, são localidades que passaram por um intenso processo de gentrificação e de crescimento vertical nos últimos 20 anos. Ainda assim, o aspecto social da Terra Firme que mais se destaca na mídia local é a violência – é comum a cobertura jornalística da cidade, especialmente a policial, enfatizar as mazelas sociais e crimes cometidos na localidade.

Assim, com base nos dados, podemos concluir que em toda a cidade há focos de violência, mas a responsabilidade pela incidência da criminalidade, que atinge a cidade inteira, nas representações dessa produção midiática local é atribuída somente às populações das áreas de baixada, e não ao colapso das políticas públicas nas áreas de geração de renda, assistência social, cultura e educação no estado do Pará.

Portanto, observa-se que essa representação midiática sobre a Terra Firme reforça este tipo de divulgação negativa a respeito do território e das pessoas que vivem ali. Para construir outras narrativas discursivas e imagéticas a respeito da Terra Firme, o geógrafo Francisco Batista formou o coletivo Tela Firme no início de 2014, antes do carnaval, com um grupo de jovens moradores do bairro.

A nossa intenção era mostrar o nosso bairro, com o nosso olhar sobre o bairro, para que as pessoas daqui possam se ver. É um bairro que as pessoas ligam a TV no jornal policial para ver seus conhecidos. Então qual representatividade que tem nisso? A molecada, crianças, o que eles viam do bairro deles eram nos programa policialescos. (LOPES, 2017).

A respeito da representatividade da população dos bairros mais pobres na mídia local, Belém é a quarta cidade do Brasil que mais viola leis, normas, direitos da pessoa humana na mídia brasileira, de acordo com o terceiro volume da pesquisa “Programa de monitoramento de violações de direitos na mídia brasileira” (VARJÃO, 2016), apoiada pela organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) ANDI - Comunicação e Direitos, em parceria com o Coletivo Intervezes e o Ministério Público Federal. O estudo, lançado em maio de 2016, revela que, em apenas 30 dias, reportagens de rádio e TV promoveram 4.500 violações de direitos e cometeram 15.761 infrações a leis brasileiras e multilaterais. A análise de mídia coordenada por Suzana Varjão investigou 28 programas "policialescos" produzidos em dez capitais do país. No caso de Belém, são os programas Metendo Bronca, da RBATV, e o Patrulha da Cidade, programa policial da rádio Super Marajoara AM, que mais infringiram os direitos humanos.

Os dados da pesquisa mostram que, em apenas um mês, o programa Metendo Bronca cometeu 316 transgressões a leis e normas, e o Patrulha na Cidade, por sua vez, realizou 167 infrações, totalizando 483 violações. Já os abusos por narrativas, que são trechos analisados nos programas contendo diversas violações de direitos e infrações a leis e normas autorregulatórias, são os mais recorrentes. Nos programas policiais de Belém, foram identificados 118 abusos do programa Metendo Bronca e 75 no Patrulha da Cidade, o que totaliza 193 violações, 10% do total de violações nacionais [...]. A capital paraense perde apenas para São Paulo, Brasília e Recife, respectivamente. (SANTOS, 2016).

Os coletivos de comunicação independentes, de qualquer modalidade midiática, são raros em Belém. Em nossa pesquisa, com base em imagens apresentadas por ALVES (2010), identificamos dois jornais de bairro que circularam durante os anos 1980 na Terra Firme, *A voz da CCB* e *O Tucunduba*, fundado em 1989 pelo Centro Comunitário Bom Jesus. Este último foi reeditado em 2012 pelo Ponto de Memória da Terra Firme, migrou para a blogosfera em 2013 e, atualmente, está com a sua produção parada. Quando se resgata a história de grupos independentes, é preciso ter em mente que decretar o seu fim é algo precipitado – é mais coerente dizer que ele está “parado” ou “deu uma pausa” ou ao contrário, “está em atividade”.

A forma mais adequada de se pensar nessas reuniões de pessoas que se encontram para facilitar processos de ação social ou comunicacionais é como se ele fosse cíclico, em vez de linear – há um ciclo de realizações para aquele objetivo, mas por outra perspectiva, por conta de outras obrigações pessoais e profissionais, esses grupos podem ficar anos sem lançar nada até que as atividades sejam retomadas.

Estamos estudando grupos e coletivos que atuam por fora de instituições consagradas, que não possuem CNPJ e nem sede própria. Embora possam atuar em conjunto com ONGs, empresas ou organizações civis, possam eventualmente ter sede, são *status* transitórios, não permanentes, por conta das dificuldades que eles têm para manter uma infraestrutura e uma regularidade de mobilização de pessoas e de recursos.

Figuras 7 e 8 – Primeira edição do jornal *O Tucunduba*, de 1989, e reprodução do jornal *A voz da CCB*, de 1987



Fonte: Alves (2010; Figura 7: p. 117 e Figura 8: p. 50).

Com o Tela Firme, funciona desta forma: mesmo que não estejam produzindo material audiovisual ou estejam se reunindo com escolas ou movimentos sociais, o coletivo sempre se considera ativo, até mesmo porque os seus membros estão constantemente em contato, avaliando semanalmente participações em eventos de diversas temáticas, tendo ideias de como fazer “ressurgir” a produção audiovisual – uma das principais dificuldades atualmente é garantir a edição dos vídeos. Além disso, o grupo não gosta de dizer que alguém saiu do “coletivo”, eles preferem utilizar a palavra “afastado”, pois eles admitem que o afastamento de alguém possa ter um caráter temporário.

A gente não parou exatamente. A gente não está mais com aquela característica de TV Comunitária, agora é um coletivo de comunicação. A gente deixou isso, para ter mais uma incidência política significativa, articulando com outras redes, em uma defesa da vida, direitos humanos e juventude e fazendo coberturas pontuais, não somente no audiovisual, textos e fotografias, a nossa *fanpage* é movimentada nesse sentido. A nossa atuação tem outro caráter, ela é criativa agora. Você parou de reunir para pensar em um roteiro e na produção, mas a gente ocupa os espaços. (BATISTA, 2017).

Tendo em vista essas fases cíclicas, nas quais as produções audiovisuais são paralisadas e reativadas, esse parâmetro de regularidade e alcance não pode ser utilizado como régua para avaliar o sucesso, o fracasso ou a eficácia de iniciativas de Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa ou de projetos sociais de outras abordagens sociais. Essas produções, ações e projetos vão existir (ou resistir?) naquelas determinadas condições e naquele momento, pode ser desterritorializada (GUATTARI; ROLNIK, 2013), desinvestida de tempos em tempos e depois retornar quando essas condições novamente convergirem no sentido da retomada das atividades.

No bairro da Terra Firme, ainda em 2002, outro jornal de bairro esteve em circulação, *O Igarapé*, com número de edições desconhecido, empreendido em parceria com os moradores do bairro e o Projeto Sócio-Educacional Integrado (Prosei) (ALVES, 2010). No mesmo ano, foi fundada a rádio Cidadania FM, que, em sua inauguração, ostentava 33 programas produzidos por organizações civis e movimentos sociais em sua grade. A rádio possuía CNPJ, diretoria eleita coletivamente e sede.

Em 2003, porém, a Associação recebeu uma visita de fiscais da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), acompanhados da Polícia Federal. Nessa operação, adentraram na sede da associação sem qualquer mandado de apreensão ou de prisão e levaram os equipamentos, fato este que ocasionou denúncia contra Osvaldo Mesquita e Marcos Moisés dos Santos, proprietário da rádio (SDDH, 2017). Com a prisão de seus fundadores e, posteriormente, o processo judicial, o projeto da rádio comunitária foi extinto alguns anos depois, por volta de 2006. Harrison Lopes, do Tela Firme, atuava em um desses programas comunitários, que eram produzidos pela Cidadania FM em conjunto com uma ONG chamada Centros de Estudos e Práticas de Comunicação Popular (Cepepo).

Em 2006, começamos a ter um programa na rádio comunitária aqui no bairro, que era a radio Cidadania FM, voltado pra juventude, que não tinha antes. O programa durou um ano também, porque tinha muita perseguição da Polícia Federal, um companheiro nosso foi preso, foi terrível... não foi pra frente. (LOPES, 2017).

Na última década, as iniciativas de comunicação Popular, Comunitária e Alternativa na cidade de Belém foram pontuais e protagonizadas pela formação educativa e cultural e, apesar da qualidade de conteúdo e de se colocarem como alternativa ao monopólio da mídia comercial, a repercussão em termos de abrangência na cidade ainda é muito pontual. Em sua entrevista, Harrison Lopes fez menção à ONG Centro de Estudos

e Práticas de Comunicação Popular (Cepepo), situada no bairro do Guamá, o mais populoso de Belém, que faz divisa com a Terra Firme. A entidade oferecia atividades em parceria com a Associação de Moradores Unidos na Luta, por volta de 2005, mas não obtivemos informações a respeito de sua fundação e de seu fechamento. Ainda nessa época de referência, o cinegrafista lembrou que egressos dos cursos de comunicação do Cepepo formaram um dos primeiros coletivos nos moldes do Tela Firme, chamado Vamo que Vamo.

Atualmente, podemos mencionar como exemplo a ONG Universidade Popular – Unipop, que oferece formação em comunicação popular para jovens e lançou recentemente a agência de notícias Jovens Comunicadores da Amazônia e a Escola Papa Francisco, que capacita jovens a atuar como técnicos de rádio e TV, porém a maior saída de emprego dos participantes ainda é para as mídias comerciais locais.

Já em conjunto com o Tela Firme, nós temos a produção jornalística dos Outros 400, grupo formado por jornalistas profissionais que, nas eleições de 2016, chegaram a firmar parceria com a Agência Pública de Notícias para fazer uma versão local da seção “Truco”, de *fact-checking* de declarações dos candidatos às prefeituras e às câmaras das cidades brasileiras. Apesar de possuírem uma grande qualidade de conteúdo, o Outros 400 deu uma pausa no início de 2017 e, ao longo desse mesmo ano, publicou reportagens especiais de maneira pontual.

Há também em atividade o grupo Idade Mídia – Comunicação para a cidadania, de rádio comunitária a partir de transmissões feitas pela *bike som* e na página do Facebook, e, ainda, a Rádio Exu– Comunicação comunitária de matriz africana, *podcast* e blog produzido por profissionais de comunicação, artes visuais e frequentadores do terreiro de candomblé Mametu Nangetu, que se propõe a valorizar a cultura africana, sobretudo as religiões provenientes desta matriz.

Após traçar um histórico e um pequeno panorama da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa na cidade de Belém, retornamos ao coletivo Tela Firme, nosso objeto de pesquisa, em uma narrativa e reflexão a respeito de sua formação.

1.2 – “Vamos fazer, vamos reunir, vamos criar um cenário, vamos comprar uma TV... vamos ficar loucos!”: Os encontros

O geógrafo e missionário da Comissão de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil Francisco Batista Júnior foi enviado para Moçambique em 2010 e uma de suas principais atividades de comunicação no país era um programa de rádio, que

falava sobre a questão da lei da terra e do exercício da cidadania. A atração radiofônica informava os trabalhadores sobre como legalizar suas propriedades em um momento em que empresas e grandes grupos econômicos estavam invadindo a terra dos colonos moçambicanos.

Quando Francisco, morador da Terra Firme, voltou para o bairro no final do ano seguinte, ele quis atuar como multiplicador da sua experiência com a rádio comunitária no país africano.

Com este negócio de internet, YouTube, a gente podia fazer uma espécie de TV Comunitária, era para falar um pouco sobre o bairro. Eu voltei para o bairro em 2011, aí em 2012 participei de uma Paixão de Cristo do Jave, e eu comecei a me inserir com essa galera do Jave, e comecei a externalizar para o Maílson, que era do Jave, isso em 2013, ‘olha Maílson, tô afim de fazer isso-isso, temos a ideia do nome...’, ele falou: ‘Bacana’. A gente estava conversando na praça, sentado no banco, ele topou a ideia. O Tela começou em 2014. Em 2013, a gente estava conversando na praça e daí eu falei logo, ‘bora tirar do papel’, a ideia de fazer o primeiro programa, que foi o carnaval. O que que tem de bom nesse bairro que vá contra esse estigma? Porque fala em Terra firme começa a ‘encarnar’, ‘me rouba logo’, aí começamos a reunir uma turma. (BATISTA, 2016).

Maílson estava dirigindo a Paixão de Cristo, encenada pelo grupo Jave, de teatro independente, situado na avenida Perimetral e fundado por moradores da região, entre eles, Vanessa Alves, repórter e produtora do Tela Firme. Por conhecer o trabalho de Francisco como ativista social e de terem se encontrado várias vezes durante as festividades que as igrejas de São Domingos de Gusmão e de Santa Maria promoviam, Maílson o convidou para interpretar Jesus Cristo na encenação.

Com a amizade estabelecida, Francisco descobriu que Maílson tinha acabado de concluir o curso técnico de rádio e TV pela Fundação Papa Francisco e que já estava trabalhando profissionalmente com edição de vídeo. Para completar o grupo, o geógrafo convidou os estudantes Fraan Silva e Thalisson Assis, que eram *youtubers* e produziam vídeos caseiros comentando o dia a dia da escola que frequentavam com um toque de humor. Um pouco antes do carnaval de 2013, Francisco convocou uma reunião na praça Olavo Bilac, conforme relatou Maílson em entrevista realizada em 19 de setembro de 2017, nesse mesmo local.

Quando o Francisco me falava por telefone, por mensagem, ‘vamos fazer, vamos reunir, vamos criar um cenário, vamos comprar uma TV... vamos ficar loucos!’. No fundo, pensei que fosse mais algo que a gente ia criar uma certa expectativa e não ia para a frente. Mas ele sempre foi empenhado no Tela Firme. E aí ele ligava e perguntava e bolava e pensava, até que um dia ele me

chamou pra reunir. A gente reuniu bem aqui nessa calçada – exatamente aqui [ele apontou com o dedo o local]. Viemos eu, a Vanessa, ela veio me acompanhar como minha namorada, e veio o Thalisson e a Fran. Aí o Francisco viu e chamou eles para serem repórteres. E a gente sentou, pensou, tentamos criar um formato, um nome e, apesar de ter um nome que era Tela Firme, discutimos sobre isso – eu achei fantástico o nome, tudo a ver! Não teria outro nome talvez que fosse transformar o coletivo no que ele é hoje. Eu acho que o nome é muito responsável por toda essa dimensão que o Tela Firme acabou criando. (SOUZA, 2016).

Com o coletivo formado, o grupo definiu qual seria a temática do primeiro vídeo, que deveria ser cultural e positivo sobre o território e os moradores dele – o carnaval do bairro, e, na semana seguinte, marcaram de iniciar a produção na passagem da Ligação, sede da escola Rosas de Ouro da Terra Firme.

O Tela Firme não esperou um momento favorável para começar a sua ação comunicativa. Reunir todos os membros do grupo em um mesmo local ainda é uma tarefa complexa – uma parte dos integrantes do coletivo possui empregos formais, já tem filhos, atuam como articuladores políticos e sociais em outros projetos e, além disso, no início do trabalho com o audiovisual, não tinham os equipamentos ideais para garantir a qualidade dos vídeos. Embora todos participem ativamente na produção e captação de imagens, a maioria dos jovens que atuam no coletivo não sabem como fazer edição desses vídeos, ficando a cargo de Maílson e de Harrison editar o material coletado. De fato, se tivessem aguardado pelas condições ideais para pôr em prática os seus planos, o coletivo teria sido inviabilizado. Por outro lado, podemos considerar os encontros (SALES, 2014) um dispositivo importante para a geração de ações sociais, culturais, produção de sentidos e vínculos. De acordo com Sales,

No encontro, carregamos um pouco dos outros e também deixamos um pouco de nós mesmos. O outro é, portanto, a chave dos encontros. Mas esse outro não se reduz a uma pessoa. O outro pode ser um livro, uma paisagem, um lugar, enfim, o outro é uma força, ou melhor, um composto de forças capaz de afetar e ser afetado. No encontro dos corpos somos afetados e, a partir dessa afecção, temos a nossa própria potência aumentada ou diminuída. O aumento da potência gera alegria; a diminuição da potência produz tristeza. Estados afetivos dos corpos que traduzem o seu modo de ser. (SALES, 2014, p. 9).

Para o autor, baseado no pensamento de Baruch Spinoza, Gilles Deleuze e Roberto Machado, as afecções são o estado de um corpo quando sofre a ação de outro corpo. Logo, uma afecção é o efeito imediato de um encontro. A partir disso, as afecções produzem os afetos que aumentam ou diminuem a nossa potência de agir no mundo. Isto é, cada um

age em função da sua potência, dos encontros que tem ao longo da vida, das afecções que fazem manifestar a vontade de se impor na existência (SALES, 2014, p. 180).

Podemos considerar, então, que a oportunidade do encontro dos membros do coletivo Tela Firme na praça central do bairro deu materialidade às possibilidades que existiam no plano das ideias, neste caso, construir uma TV Comunitária na internet.

Baseados na estratégia de fomentar a monocultura espiritual e cultural, os espaços públicos de liberdade de encontro nas regiões periféricas das cidades brasileiras são recorrentemente desterritorializados (GUATTARI; ROLNIK, 2013), com o incentivo de grandes corporações capitalistas.

Para Guattari e Rolnik (2013), a noção de território é muito ampla e dividida em três movimentos – territorialidade, desterritorialização e reterritorialização. O território é de um determinado espaço que se articula aos outros existentes e aos fluxos cósmicos e simbólicos. Ele pode ser tanto um espaço vivido quanto um sistema no qual o sujeito se sente em “casa” – pode ser material ou imaterial, portanto. De acordo com o autor, ele é “o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 388).

Já a desterritorialização é a destruição ou dissolução desse território marcada pela estratificação material e mental dos indivíduos que o compõem. Em contraposição aos processos de desterritorialização, temos a reterritorialização, que é um processo de recomposição do território engajado em uma ação desterritorializante. Dessa forma, são comuns, na obra do autor, expressões como “reapropriação”, “ressingularização”, “reterritorialização”, pois se admite que as mudanças ocorrem em paralelo a outros processos já em andamento – que, no caso da Terra Firme, seria o crescimento desordenado –, porém necessário, tendo em vista as demandas por habitação não satisfeitas – os serviços públicos precários, a criminalidade e a representação negativa na mídia.

Isto é, se busca combater as estruturas fixas por uma concepção desconstrutivista e libertária do sujeito, estimulando investimentos na sociabilidade, na solidariedade e ao mesmo tempo no seu processo de singularização, fenômeno este que Guattari chama de *heterogênese* – ‘os indivíduos devem se tornar a um só tempo solidários e cada vez mais diferentes’. (GUATTARI, 1990, p. 55).

Não obstante, o sistema econômico e também de ideias e valores visa a matar os encontros, porque não admite que outros tipos de trocas vinculativas (simbólicas, não financeiras, afetivas, de amizade, etc.) ocorram fora de seus domínios. Os espaços de convivência mantidos por empresas privadas, a exemplo dos *shopping centers* e casas de cultura (teatros, casas de show, galerias, onde há um filtro com base no poder de consumo, mesmo que a programação seja gratuita), visam a assumir o controle, o protagonismo e a mediação (daquilo que deve ou não estar em debate) de espaços que outrora eram mantidos e geridos pelo Estado (portanto, voltados para o uso público independente do poder de consumo do indivíduo) e utilizados pela população como um todo. De acordo com Harvey (2005),

A sobrevivência do capitalismo se funda na vitalidade permanente dessa forma de circulação. Se, por exemplo, houver interrupção dessa forma de circulação pela impossibilidade da obtenção de lucro, então a reprodução da vida cotidiana que conhecemos se dissolverá aos caos [...] ele envolve a criação da infraestruturas sociais e físicas que sustentem a circulação do capital, de sistemas legal, financeiro, educacional e da administração pública, além de sistemas não ambientais, urbanos e de transportes, desenvolver instituições-chave para sustentar a circulação do capital. (HARVEY, 2005, P. 130).²⁶

Ainda sobre o assunto, Romano (2004) avalia que a privatização e a acelerada comercialização dos lugares do tempo, e a retirada de ruas e praças, vêm acompanhadas da dissolução dos vínculos sociais. A partir disso, estimula-se que os encontros ocorram a partir das plataformas midiáticas e interativas, mas o efeito colateral disso é a desconexão com o nosso entorno.

O espaço público se apresenta como algo perigoso, ocupado pelos outros, seja pela polícia, pelo exército, pelos sem-tetos e pelos delinquentes. Se obstaculiza assim a identidade social comum. Se mostra a desregração da identidade cultural e a sua substituição por uma cultura global com os seus não lugares e a sua solidão. As tradições se dissolvem em áreas de crescente mobilidade e de telecomunicações globais. (ROMANO, 2004, p. 55).

Resistindo a este cenário de isolamento e de proeminente desinvestimento do espaço público, na Terra Firme os encontros ainda se dão nesses locais de livre acesso, a partir da praça da Matriz, um dos poucos equipamentos de lazer e convivência da área, de uma ida à feira ou de uma conversa casual entre vizinhos de porta. A geografia do

²⁶ O fragmento foi utilizado também por NOVAES (2011, p. 48) para refletir a dominação avançada do capital dos espaços públicos presente na vida cotidiana das grandes capitais.

bairro, toda horizontalizada e que, por diversos motivos²⁷, convida os seus moradores ao encontro nas ruas, facilita esse contato mais orgânico entre os seus moradores.

E o coletivo Tela Firme se beneficiou do espaço da praça para potencializar a sua ação social, promovendo posteriormente outros encontros – o lançamento do vídeo “Terra Firme”, a comemoração do aniversário de 1 ano e uma roda de conversa com os candidatos à prefeitura de Belém foram alguns dos eventos que o Tela Firme realizou na praça, após iniciar suas atividades.

As pessoas se encontram no bairro e partilham de ideias em comum. Então, a praça representa o espaço desses encontros. A partir dele se criam ações, elos sociais, projetos em comum. Assim, estabelecem-se redes, grupos e coletivos que se organizam e amplificam os vínculos sociais.

1.3 – “Se a gente for ficar pensando nas dificuldades, a gente nunca ia sair da onde a gente tava.”: Os primeiros vídeos

No mesmo dia em que se reuniram na praça, Maílson, Vanessa, Fran, Thalisson e Francisco criaram a logomarca do grupo, que é um *tablet* com uma pipa em formato de “T” e as crianças brincando entre as palavras “Firme”. Na Terra Firme, assim como em diversas periferias do Brasil, a pipa²⁸ é um brinquedo muito utilizado por conta da sua simplicidade, do seu custo e por ser um jogo criado para várias crianças brincarem ao mesmo tempo.

²⁷ Nas periferias de Belém, um hábito muito comum é colocar as cadeiras na porta de casa para conversar e “olhar o movimento”. O costume pode ser atribuído ao tamanho das unidades residenciais da cidade, com salas muito pequenas para se receber muitas visitas. Algumas famílias chegam até mesmo a colocar churrasqueira, caixa de som e isopor com bebidas na calçada. Em ruas com menor tráfego de veículos, as crianças aproveitam para ocupar as vias públicas jogando futebol, brincando de “pira” ou empinando pipa. O costume, porém, está deixando de ser vivenciado, sobretudo por conta da criminalidade urbana.

²⁸ O sarau Cooperifa (SP) e o projeto Periferia Criativa (PE) também utilizam pipas em suas logomarcas.

Figuras 9, 10 e 11 – Respectivamente, a logomarca do coletivo Tela Firme (PA), do sarau Cooperifa (SP) e do projeto social Periferia Criativa (PE)



Fontes: Respectivamente, Arquivo pessoal desta pesquisadora, site Brasil de fato (<<https://www.brasildefato.com.br/node/26312/>>) e site Feed comunicação (<<https://feedcomunicacao.com.br/2017/04/25/convocatoria-periferia-criativa/>>). Acesso em: 20 set. 2017.

Além disso, aventando um possível sentido simbólico e político da pipa, podemos dizer que ela é um brinquedo que voa na oposição entre a força do vento e da corda, o que expressaria as dificuldades a mais que um jovem de periferia tem para exercer a sua cidadania nos diversos espaços da sociedade²⁹. Eles rabiscaram a logo e depois pediram a um amigo do bairro que digitalizasse o desenho.

Além disso, Francisco encomendou a camisa com a logo do coletivo e o nome de cada um. “Ou seja, a gente não tinha nada, não tinha uma página, um microfone, não tinha câmera, mas a gente já tinha a camisa!”, lembra Mailson Souza.

A gente sabe que na Terra Firme tem muitos problemas, a gente nunca falou que não, isso a gente não vai esconder, não vai tentar maquiagem, só que a gente queria mostrar as pessoas, aqui tem muitos talentos, a Terra Firme tem música, tem dança, tem teatro, tem cinema. Então, a gente se preocupou mais em construir uma mídia que mostrasse essas pessoas, porque coisas boas infelizmente não passam na televisão. Coisas boas infelizmente a gente não vê na mídia. Então, não era para divulgar o trabalho, era para divulgar as pessoas – as pessoas mesmo. Enfim, ‘vamos falar do carnaval, vamos, tá beleza, vamos mostrar carnaval tradicional, escolas de samba e o carnaval dentro das igrejas, como que é o carnaval com Cristo’. E daí nós dividimos o programa nestes dois modelos, o carnaval com Cristo, na paróquia Santa Maria, e o carnaval Rosas de Ouro, aqui na passagem da Ligação. Só que a gente não tinha câmera, não tinha microfone, não tinha experiência, o Joaquim [amigo] emprestou a câmera dele, que é supercara, e a gente pegou o equipamento dele para gravar pelas ruas. Se a gente for ficar pensando nas dificuldades, a gente nunca ia sair da onde a gente tava. (SOUZA, 2017).

²⁹ Sodré (1988, p. 37) cria quatro gradações diferentes da noção de território, conceito que vamos discutir mais amplamente ao final do Capítulo 3.

Mesmo com o equipamento emprestado do amigo, o grupo resolveu fazer uma coleta para comprar a primeira câmera, uma DCRL, que ninguém sabia mexer. Na hora de gravar na escola de samba, o áudio ficou comprometido, pois o microfone utilizado era o da própria câmera, e posteriormente, para as outras gravações externas, o grupo conseguiu um microfone de karaokê. Como a ideia inicial era que o Tela Firme fosse uma TV comunitária, foi criado um estúdio na casa do Francisco, que se tornou o novo ponto de encontro para as criações do grupo. Eles grafitaram a parede, colocaram um aparelho de TV também na parede – e ele serviu de locação para os dois primeiros vídeos do coletivo.

Para o lançamento do vídeo de pouco menos de cinco minutos, outro amigo emprestou um espaço na casa dele, o grupo convidou algumas pessoas que trabalham com teatro, arte e dança no bairro, e foi realizado um coquetel de lançamento. Com o coletivo oficialmente lançado, eles se reuniram novamente, agora no estúdio da casa de Francisco, para planejar a segunda produção – o “Terra Firme”.

De acordo com Maílson Souza, que dividiu com Harrison Lopes a direção da câmera, o segundo vídeo do Tela Firme foi concebido a partir da necessidade de reverter a imagem de representação da Terra Firme na mídia, e o canal YouTube se mostrou a melhor plataforma para o trabalho de divulgação do coletivo, em função de seus vídeos de maior duração, da gratuidade da ferramenta e de suas possibilidade de mobilizar os inscritos.

Para se ter uma ideia de como a criminalidade está arraigada na representação da Terra Firme na mídia, em uma rápida pesquisa ao canal YouTube³⁰, que já foi utilizado pelo grupo como plataforma de publicações, estão entre os vídeos mais visualizados com as palavras-chave “Terra Firme Belém”: uma reportagem sobre uma pessoa assassinada na porta de casa no bairro, produzida pelo Portal Diário do Pará (DOL, com 80 mil acessos); uma outra sobre a prisão de uma dupla supostamente de assaltantes, produzida pelo programa Cidade Contra o Crime (RBATV, 59 mil acessos; um vídeo da campanha

³⁰ O rápido levantamento foi realizado em meados de 2017, e em uma nova busca, no início de 2018, entre os cinco primeiros vídeos mais vistos com essas mesmas palavras-chave, dois deles eram vídeos culturais do bairro, ficando o *ranking* desta maneira: “Vítima é morta em frente de casa na Terra Firme” (80 mil visualizações), “Dupla vai para a cadeia após assalto na Terra Firme” (59 mil visualizações), Cd ao vivo “Siqueirão Saudade Cantinho da Saudade Terra Firme”, DJ Siqueira (49 mil visualizações), Montagem = Rap da Terra Firme (23 mil visualizações) e “Os melhores da serragem da Terra Firme”, em Belém (13 mil visualizações), este último vídeo mostrando um treino de esporte amador em saltos ornamentais. O vídeo “Tela Firme – Tela Firme #02” é o oitavo mais visto dentro desta classificação do buscador. Esses resultados estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/results?sp=CAM%253D&search_query=terra+firme+bel%C3%A9m>. Acesso em: 15 jan. 2018.

do deputado federal e delegado da Polícia Civil Éder Mauro, em caminhada pelas ruas do bairro (devidamente uniformizado com colete à prova de balas e brasão da polícia no peito, com 5 mil acessos); e o Dia de Feira na Terra Firme, do SBT Pará, com mil visualizações, que é mais uma “chacota” de entretenimento com os moradores do bairro do que uma reportagem informativa em si.

Para se preencher essa lacuna por uma reportagem mais cultural, informativa e educativa sobre o bairro, pensou-se em produzir um material que pudesse servir de fonte para estudos, que pudesse ser exibido em escolas e que fosse ao estilo de documentário. Nessa segunda produção, foi necessário o tempo de uma semana para a captação das imagens e a mobilização dos entrevistados, sendo que as saídas para filmar ocorreram em dois dias inteiros, a partir da praça Olavo Bilac. Do início ao lançamento, passaram-se cerca de 20 dias, na estimativa dos membros do Tela Firme entrevistados.

No primeiro, fizemos o levantamento das igrejas, no outro, pegar entrevistas com os moradores, assim em diante, e fora a pós-produção, editar, colocar tudo aquilo, entrevistamos os moradores mais antigos da Terra Firme, como eles vieram para cá, as lendas, teve uma senhora que falou da lenda da cobra³¹, que quando eles vieram morar para cá tinha uma cobra que vivia em uma ponte e não podia olhar para ela, se não você ficava com dor de cabeça, um monte de coisa que a gente não sabia. Conversamos também com o pessoal do transporte São Luís, que são a primeira linha de ônibus aqui. Eles cederam algumas fotos de alguns ônibus deles, como que era o transporte na época, como era esse trajeto, então foi muito bacana, muito rico. A gente amadureceu muito quanto pessoas e quanto coletivo a partir desse trabalho. (SOUZA, 2017).

O coletivo, como é independente, não possui apoio político nem patrocínio, nem qualquer tipo de apoio comercial para realizar as filmagens. Na visão deles, os maiores apoiadores são a comunidade local, isto é, os moradores do bairro. Oferecer refrigerante, água, um convite para um almoço, ou a laje da casa para se fazer um enquadramento panorâmico, são considerados pelo grupo uma ajuda fundamental para viabilizar a

³¹ Entrevista com a “dona” Risoleide no vídeo: “Diziam aqui que tinha uma visagem que carregava uma corrente... e a gente ouvia barulho aqui nas ruas, assim parece que estavam carregando umas correntes, mas eu nunca vi. Tinha gente que se transformava em porco, mas eu também nunca vi. Mas a cobra, o meu marido chegou a ver, ele vinha para cá, ele fiscalizava as festas, quando ele vinha pra cá, ela vinha subindo para atravessar e não pôde passar. Só que não podia olhar para a cobra. Quem olhasse para ela ficava com uma dor de cabeça tremenda. E a Matinta Perera, ela quando assoviava pra correr atrás das pessoas, diz que ela vinha e trazia a pessoa até a porta de casa. O meu marido também viu, ele chegou tremendo aqui em casa e falou ‘A Matinta Perera estava atrás de mim’, e aí o que eu fiz... rezei um credo em cima dele!”. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=giSq294yphQ&t=3s>>. Acesso em: 16 jan. 2016.

captação de imagens no bairro. Então mesmo que o grupo não disponha de dinheiro para a realização das produções, a partir de trocas não monetárias, baseadas em relações de amizade, vizinhança e partilha do comum, a produção na rua foi garantida.

Foram entrevistados moradores antigos, como o “seu” Antônio Trindade, que faleceu em 2016 e a “dona” Risoleide, que morava na TF há 52 anos, as feirantes Leila Freitas e Maria Leuma, os frequentadores da feira, Maria da Conceição e Gustavo Moraes, a mediadora dos projetos sociais da paróquia de São Domingos, Rosineide Melo e as crianças Vander Moraes e Antônia Vitória, que falaram sobre o que deveria ser feito para que o bairro se torne mais agradável e voltado para o bem-estar. O grupo também conseguiu capturar várias imagens do cotidiano do território, a exemplo de fotografias antigas, cenas do trânsito, das vias públicas, do comércio, do lixo, das crianças tomando banho no rio Tucunduba, apesar da poluição da bacia.

Eu peguei da (avenida) Perimetral até a praça da Celso Malcher, ida e volta, na garupa de uma moto e ia gravando...as pessoas das casas me olhavam desconfiadas...fizemos um *time-lapse*³² do bairro, que foi na [passagem] Canaã, que fica aqui no bairro...uma casa de três andares, tem uma visão muito boa do bairro e a gente teve várias locações, contamos com a parceria de vizinhos e amigos, pra subir nas casas...e essa parte de acessar as pessoas não é difícil, porque o bairro tem muita diversidade...ele tem muita vida. Então tem a feira que tem muita coisa interessante pra ser mostrada, com câmera na mão, andando no bairro, subindo nas lajes... (LOPES, 2017).

As principais dificuldades da gravação foram os equipamentos precários, e a edição, durante o processo de pós-produção. A lente da filmadora, durante as caminhadas do grupo, sujeita ao sol fortíssimo de Belém e às chuvas quase diárias, embaçava com muita facilidade e novamente o microfone de karaokê deixou o áudio com um baixo padrão de qualidade, e para contornar o problema, Maílson precisou fazer uma sincronização de voz e imagens. Apenas convertendo as imagens para um formato de leitura adequado, Maílson levou cinco dias transformando 400 *gigabytes* em MP4. Outro contratempo foi a lentidão dos *notebooks*, que não eram os ideais para comportar a quantidade de informações audiovisuais descarregadas nos aparelhos.

Quando eu acabei este vídeo do Tela Firme, foi a sensação mais feliz na minha vida, parece que eu nunca ia acabar aquilo. Infelizmente a gente não pôde colocar tudo, a gente sempre teve aquela consciência, o público da internet é um público muito exigente, principalmente os jovens. A nossa geração é uma geração muito afobada, eu nem tenho paciência de ver o anúncio. Aí, imagine, tu vê um vídeo de meia hora. E o nosso, a gente queria no máximo em 10 minutos. Mas a gente capturou imagens pra fazer um longa! Ninguém ia querer

³² *Time-lapse* ou câmera-rápida é uma técnica que consiste em desacelerar o fotograma da câmera, reduzindo a sua velocidade de captação de imagens. Quando visto em tempo normal, as imagens correm mais depressa.

ver 30 minutos. Muita coisa está lá guardada, da época da avenida Perimetral, que estava em construção. Daí a gente vê imagens que vão ser um tesouro daqui há 10, 15 anos, ‘olha como a Perimetral era e olha como ela está hoje’. (SOUZA, 2017).

O vídeo “Terra Firme” foi lançado na plataforma YouTube em 24 de abril de 2014, com 11 minutos e 42 segundos, tempo considerado extenso para um formato de reportagem. O planejamento inicial do grupo era gravar um vídeo novo a cada 15 dias, mas logo percebeu que isso não seria possível. Ao se reunir em torno de uma ação social organizada com o intuito de mostrar os aspectos positivos do bairro da Terra Firme, os membros do coletivo passam a refletir e a explorar as potencialidades das relações comunitárias.

Figuras 12, 13, 14 e 15 – Reproduções do vídeo “Terra Firme”: Passagem de Francisco Batista na laje; O repórter Thalisson Assis entrevista o morador do bairro Gustavo, sonora com o seu Antônio Trindade, e meninos tomando banho no rio Tucunduba



Fonte: Reprodução do vídeo “Terra Firme – Terra Firme #02”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=giSq294yphQ&t=4s>>. Acesso em: 19 dez. 2015.

Não estamos afirmando, nesta dissertação, que esses fenômenos de reflexão e de exploração apenas passam a existir para o grupo após a criação do Tela Firme, mas a

partir da existência dele cria-se outra nuance, outra camada, outra dimensão dessas relações travadas pela comunidade local, baseada no aprofundamento/estreitamento das vinculações sociais e culturais.

De acordo com Raquel Paiva (1998), a comunidade, de uma maneira geral, tem aparecido como “investida de um poder de resgate da solidariedade humana ou da organicidade social perdida” (p. 11). Para Raquel Paiva, “falar de comunidade significa necessariamente aportar em uma postura política”:

Eleger a possibilidade comunitária quer dizer opor-se, ou pelo menos não aceitar incondicionalmente o ideal societário, no qual a globalização traz como lógica os princípios de hegemonia e exclusão [...] Nessa sociedade, recorrer à estrutura comunitária significa o reconhecimento da situação, a ativação do sentimento de agregação, e a busca conjunta de soluções. A estrutura comunitária atua com o propósito de pressão, como uma estratégia para a participação efetiva nos dispositivos sociais e como possibilidade de descentralização de poder. Por esse viés, pode-se vislumbrar a aplicabilidade do conceito de comunidade na sociedade contemporânea. (PAIVA, 2003, p. 129).

A princípio, o vídeo “Terra Firme” tem o intuito de promover o processo de *redescrição do sujeito*, procurando lançar um olhar diferenciado sobre o bairro, que, pelo fato de ser periférico, tem um forte estigma social de ser violento e sem expressões de comunidade e de convivência.³³

Nesse contexto citado pela autora, podemos concluir que os sentidos e as dimensões do comunitário estão ligados às possibilidades de vinculação social a partir de grupos baseados em afetos, territórios imaginados, performances, pedais, comunidades que emergem das redes digitais, coletivos de novas mídias e abordagens sociais, da dança, das culturas urbanas e rurais, entre outros, mas, sobretudo, diz respeito a todos os agrupamentos caracterizados pela *organicidade ou afetividade* no seu processo de formação de convívio.

Não podemos perder de vista, contudo, que esses encontros no interior da comunidade nem sempre são pacíficos ou harmoniosos. Não – eles são contraditórios, por vezes se configuram a partir da disputa pelo poder e estão passíveis de diminuição da

³³ De acordo com Richard Rorty, a *redescrição* consiste em dois movimentos: “A capacidade de recontar as histórias em que os indivíduos estão inseridos, de maneira que eles possam se perceber como participantes da construção da história coletiva e, conseqüentemente, possam se qualificar como membros da comunidade atual, resultante desse processo histórico. O segundo movimento refere-se à mudança do próprio vocabulário pelo qual são expressas as histórias individuais, coletivas, passada e presentes. Ou seja, mudar a forma como as pessoas normal e rotineiramente descritas, usando palavras com sentido diferenciado e até mesmo criando novas expressões” (RORTY apud PAIVA, 2007, p. 141).

potência dos corpos, logo, podem alguns acontecimentos produzir também a desarticulação dessas ações sociais. No bairro da Terra Firme, a realidade não poderia ser diferente.

1.4 – “Cara, esse *notebook* é meu!”: A criminalidade urbana

Durante as entrevistas realizadas, pouco se falou do dia do lançamento do vídeo “Terra Firme”, na praça Olavo Bilac. Durante todas as entrevistas realizadas, apenas Maílson e Harrison mencionaram um acontecimento grave, que abalou temporariamente as atividades do grupo: eles foram assaltados no local, após a exibição do vídeo.

Para o evento, o Tela Firme tinha conseguido emprestar de um amigo um *datashow*, de outro, uma câmera, e a paróquia cedeu a caixa de som e montou todo o equipamento próximo à igreja, bem no horário de saída da missa. Era um domingo à noite, e a praça também estava lotada de adultos e crianças em sua hora de lazer.

Tudo ocorria conforme o planejado, as pessoas assistiram, o grupo apresentou o Tela Firme para quem estava na praça, responderam às perguntas que foram feitas, receberam elogios e, quando estavam guardando os equipamentos, foram abordados por dois homens armados.

Lembro com o se fosse hoje: Eu fui desmontar uma caixa do tripé, e quando eu olho para o lado, eu olho para o Harrison, ele tava guardando a câmera, e daí chegaram duas pessoas e abordaram ele, com uma arma, aí a minha reação não foi outra, eu deixei a caixa lá mesmo, corri por trás das pessoas, avisei a Vanessa, ‘chama a polícia que a gente está sendo roubado’, eu saí correndo pelo meio da praça. Eles pegaram a câmera, o *notebook* e o HD, eles não fizeram muito alarde, e depois saíram tranquilamente. Quando eles saíram, que eu vi o primeiro no *notebook* e eu falei ‘cara, esse *notebook* é meu! Esse negócio é meu’ e puxei da mão dele, e veio o outro para me bater, e quando ele veio me bater, meus irmãos bateram nele e daí o outro que tava com o *notebook* fugiu e eu peguei o *notebook*. (SOUZA, 2017).

Enquanto ele tentava se desvencilhar de um dos ladrões, o irmão de Maílson percebeu que tinha alguma coisa errada e correu atrás do outro ladrão. Já este estava com a câmera. O editor do grupo, que tinha conseguido recuperar o *notebook*, também queria ir atrás da câmera. Ele então jogou o *notebook* no chão para Francisco pegar e correu novamente. Maílson, que é atleta e ex-velocista, passou o irmão e conseguiu alcançar o assaltante. Na entrevista, ele disse que iria derrubar o rapaz, dar uma “voadora”, mas nesse instante, ele foi interpelado pela viatura da polícia, sendo confundido com o ladrão. Mas ainda assim, ele conseguiu capturá-lo, pois estava em uma velocidade alta. Resultado

– o computador ao ser jogado no chão, trincou, e o HD não foi recuperado, pois os ladrões passaram para um terceiro na praça.

Na saída da delegacia, Maílson resolveu voltar para a praça, pois estava preocupado com Vanessa. Quando ele já estava na rua, um motoqueiro parou do seu lado e ameaçou – “Tu sabe com quem tu tá mexendo?”, lembra o rapaz, “ele era conhecido de um dos caras que tentou nos roubar”. Nisso, houve um cerco de várias pessoas conhecidas dos assaltantes e, de acordo com Maílson, uma delas disse “vocês que pegam ladrão é?”, e partiram para cima dele. Sem saída, ele foi obrigado a retornar para a delegacia, e ali se providenciou uma viatura para que ele e Vanessa retornassem para casa.

Eu fiquei marcado. Eu desviava o caminho para não passar por aqui. Eu conheço as pessoas que me ameaçaram, até hoje um deles não vai muito com a minha cara quando me encontra, mas já passou. A gente nem prestou queixa, nem nada. A gente só foi na polícia naquele momento para preservar nossa vida. Não é nossa intenção criar briga com ninguém e nem marcamos ninguém para fazer besteira depois, porque não somos disso. Eu saía na rua com medo. Existia um boato que estavam procurando a gente, que queriam fazer maldade. Mas não sei como ficou isso, hoje em dia eu até acho graça. Eu não guardo ressentimento de ninguém, se possível longe disso, foi muito perigoso o que a gente fez, coloquei em risco a vida do meu irmão e de amigos, foi muito tenso. (SOUZA, 2017).

Depois do acontecimento, o grupo parou de produzir material audiovisual com imagens captadas nas ruas, por um tempo, pois, nos dias que se seguiram, a desmotivação era grande³⁴. Quando voltaram a filmar em espaços públicos, foram tomadas algumas providências e cuidados – priorizaram os vídeos de bolso com celular, câmeras fotográficas menores, para não chamar atenção. Além disso, deixaram de fazer os lançamentos na praça, optando pelo auditório da igreja de São Domingos de Gusmão para a realização de algumas atividades, a exemplo da gravação e do lançamento do vídeo “Poderia ter sido você”.

A partir do fato narrado, compreendemos que as relações comunitárias possuem distorções relevantes, elas não são somente positivas e, portanto, podem ser entendidas ou lidas de forma equivocada e individualista. E por conta deste entendimento de que a vida comunitária serve apenas para a obtenção de vantagens pessoais ou de dificuldades financeiras, as pessoas são levadas a praticar o crime, contribuindo, assim, para a dissolução dessas práticas que estimulam o convívio. Nas imagens produzidas pelo

³⁴ Maílson falou, na entrevista realizada em 16/6/2017: “Ninguém se sentia muito à vontade, a gente ficou triste, a gente luta contra a cultura da violência e, de repente, nós fomos vítimas disso, tá ligado?”.

sistema capitalista, o comunitário deve ser apenas tolerado, por uma questão de benefício momentâneo, e não vivenciado como uma forma de bem-estar, de desenvolvimento humano quanto a suas potencialidades intelectuais e criativas, sobretudo quando estamos analisando o cotidiano das periferias brasileiras.

É comum que, quando se dialoga sobre o significado da coletividade em ambientes midiáticos ligados às grandes corporações, evoque-se a superlotação ou a precarização do transporte público e dos hospitais, a ocorrência do tráfico de entorpecentes, a criminalidade urbana e, agora, a ação das milícias – isto é, um fardo –, criando o clima necessário para o medo de estar excluído da sociedade de consumo e das suas comodidades, como o automóvel, os condomínios fechados e as redes de proteção inerentes a este sistema, somente quando se pode pagar.³⁵

Em contrapartida, fazendo oposição ao pensamento da comunidade como um “desastre” e com os novos arranjos sociais a partir das experiências de movimentos das resistências atuantes no pós-guerra, que se orientou no sentido de ressignificar a experiência comunitária, o conceito se reestruturou ao denotar formas de organização orgânicas e solidárias que se contrapõem à cultura capitalista. Autores como Michel Mafessoli, Félix Guattari, Michel Foucault, Manuel Castells e Muniz Sodré – para citar apenas alguns que dialogam direta ou indiretamente com este trabalho –, que sem abandonar o viés crítico característico de suas respectivas obras, contribuíram para entendermos as comunidades contemporâneas como algo plural, dotada de relações afetivas, simbólicas e de potencial transformador.

Na visão de Castells (2013), é necessário que o sentimento de proximidade e acolhimento seja gerado, para que o medo em vivenciar os processos comunitários possa ser contido:

A proximidade é um mecanismo psicológico fundamental para superar o medo. E superar o medo é o limiar fundamental que os indivíduos devem ultrapassar para se envolver em um movimento social, já que estão bem conscientes de que, em última instância, terão de confrontar a violência caso transgridam as fronteiras estabelecidas pela elite dominante para preservar a sua dominação. (CASTELLS, 2013, p. 19).

³⁵ Sobre o assunto, em pesquisa sobre a estrutura socioeconômica da cidade de Belém, Novaes analisa: “Tem-se um processo segregativo entre centro e periferia, no nível dos equipamentos coletivos distribuídos na cidade e processos de segregação referentes aos níveis de transportes, nos quais a disponibilidade crítica dos transportes coletivos distribuídos na cidade contrasta com os privilégios do uso do automóvel, cuja prioridade volta-se para a ampliação de ruas, criação de viadutos, a viabilização da compra de automóveis por meio de incentivos creditícios, em detrimento de uma política que possibilite a melhoria dos transportes coletivos [...] ou seja, realidades que demonstram não o descaso do poder público, mas, ao contrário, são reveladoras da posição de classe do poder constituído.” (NOVAES, 2011, p. 21).

No caso do coletivo Tela Firme, os seus membros saíram de suas casas (onde atualmente as pessoas se mantêm confinadas pelo receio de serem vítimas de violências) em um bairro marcado pela criminalidade e foram para a praça pública, onde os encontros acontecem (sejam eles bons ou maus), e propuseram uma atividade cultural gratuita e aberta para quem quisesse interagir.

Antes disso, também ousaram *redescobrir* o bairro no contexto midiático, mostrando as escolas de samba, mas também os jovens cristãos que fazem a sua própria festa, os moradores mais antigos, as pessoas que fazem os projetos sociais acontecerem, os feirantes, as expectativas das crianças de morar em um bairro com mais estrutura e equipamentos de lazer, e tudo mais que, na visão dos integrantes do grupo, é ocultado ou distorcido pelas mídias comerciais locais.

O grave acontecimento relatado não impediu o coletivo, que ganhou corpo a partir dos encontros em espaços públicos do bairro da Terra Firme, de continuar com as suas ações sociais e, especialmente, de protagonizar debates de cultura, de cidadania e de extermínio da juventude da periferia – isto é, o Tela Firme, apesar de todos os dilemas e dificuldades devidos à falta de bons equipamentos, de conhecimentos necessários para realizar uma produção audiovisual e eventos (encontros mais organizados, espaços de debate), construiu e envolveu pessoas em uma rede de solidariedade e ajuda de suporte não monetário³⁶, pensou e executou um vídeo apresentando uma nova narrativa midiática a respeito do bairro onde eles próprios cresceram, convidando os seus moradores a enxergar outras perspectivas e dimensões a respeito do território onde vivem e, o mais importante: produziram proximidade, produziram vínculo.

Quais são os tipos de vínculo que identificamos em nossa pesquisa? Como o Tela Firme passou a abordar os direitos humanos e a cultura da paz em suas produções? Essas e outras questões analisamos no Capítulo 2.

³⁶ Apesar considerarmos o suporte monetário relevante e, por vezes, imprescindível para garantir a sustentabilidade dos agentes de iniciativas socioculturais e também a sua evolução profissional, é importante destacar que a existência dessas iniciativas é possível e viável a partir do estabelecimento de redes de solidariedade e de trocas não financeiras.

CAPÍTULO 2

Poderia ter sido você: Os vínculos comunicativos no processo comunicacional a partir da produção audiovisual do Tela Firme

“Senhores, sério: Por favor, façam o que for preciso, mas não vão para o Guamá, não vão para Canudos e nem para a Terra Firme hoje à noite. É uma questão de segurança dos senhores. Mataram um policial nosso e vai ter uma ‘limpeza’ na área... Ninguém segura ninguém nem o coronel das Galáxias! Os ‘meninos’ estão soltos... e, por favor: Fiquem em casa, não fiquem em esquinas.”

Áudio de WhatsApp de origem desconhecida,
que viralizou em Belém em 4/11/2014

“O sol mostrou as ruas,
Vielas encharcadas de sangue,
E o silêncio é quebrado,
Pelo choro de mães incrédulas,
Agonizada, com corpos mortos entre as mãos.
Foram arrastados à morte, sem direito à resposta,
Apenas foram arrastados e jogados.
Num chão de barro,
Onde a tarde crianças fuzarcas brincavam,
Pairou a dor, pairou a dor”
Elias Costa, jovem integrante do coletivo Tela
Firme

A poesia criada pelo jovem Elias Costa nos remete a 4 de novembro de 2014. Naquela noite, Harrison Lopes, cinegrafista do Tela Firme, tomou uma van na Cidade Nova, bairro central do distrito de Ananindeua, cidade vizinha à Belém, e foi até São Brás, onde se localiza a rodoviária da capital.

Por volta das 22 horas, ele estava com o celular descarregado, pois passara o dia inteiro na rua envolvido em um trabalho e, por mais que tentassem, os familiares do rapaz não conseguiam localizá-lo.

Da rodoviária, Harrison pegou outra van que levaria os passageiros até o bairro da Terra Firme. Ainda na altura do mercado de São Brás, o rapaz avistou um grupo de motoqueiros encapuzados que vinham do sentido bairro-centro. As conversas dentro do veículo eram as mais alarmantes possíveis: mataram um policial e importante miliciano no bairro do Guamá e os seus aliados estavam vingando o seu assassinato nos bairros de periferia. O vanzeiro nem quis completar o caminho e deixou as pessoas no meio da rua. No relato do próprio cinegrafista, ele precisou passar pelos mortos para chegar em casa:

Eu sou testemunha dessa chacina, pois eu estava indo para casa na hora em que ela estava acontecendo e cheguei em casa literalmente passando por cima dos mortos. Era um clima de guerra... as pessoas iam olhar o corpo correndo para ver se não era familiar e depois corriam pra se esconder em casa. Na rua de casa, tinha outro corpo... isso não sai da minha cabeça nunca. Eu tive que tentar não pisar para não passar... a rua faz um T, e passava uma moto, na hora todo mundo saiu correndo com medo da moto, desespero total... e nesse dia meu celular descarregou cedo... e todo mundo desesperado em casa... a rua deserta, tudo fechado. Égua³⁷, foi um caos, ninguém dormiu! Era barulho de tiro rodando... de manhã, era a contagem de mortos. O meu filho caçula tinha meses na época, mas o mais velho estava com 8 anos e entendia muito bem. As crianças da Terra Firme não saíram pra brincar, pois além de ouvirem as correrias, aquele pânico e a mídia divulgando direto, isso impressiona os adultos, imagine crianças. (LOPES, 2017).

Depois disso, a Polícia Militar resolveu impor um toque de recolher não oficial para os moradores da Terra Firme. O governo negava, mas a viatura passava na porta das casas, e os policiais persuadiam as pessoas a irem para dentro de suas residências: era um cenário desolador, tendo em vista que as ruas são um importante espaço de convivência e lazer no bairro, de manhã até uma parte da noite. Nessa mesma noite, antes mesmo que o governo do estado e a população paraense tivessem a dimensão do ocorrido, os integrantes do Tela Firme, mesmo com medo, já articulavam via aplicativo WhatsApp alguma ação que se posicionasse em relação à chacina.

Neste capítulo, vamos apresentar detalhes de como foi a construção do minidocumentário “Poderia ter sido você”, que consideramos a obra mais potente do coletivo, cujo processo é uma resposta à violência contra a população do território. A partir dessa produção audiovisual, investigamos as relações de vínculos no bairro, buscando respostas não apenas no campo epistemológico que nos seria habitual, mas também citando, neste segundo capítulo, autores que analisam problemas estéticos, midiáticos e antropológicos. Apresentamos, ainda, o pensamento dos membros do coletivo Tela Firme sobre o potencial do grupo em mobilizar e criar vínculos em seu bairro. Nesta parte da dissertação, seguiremos investigando o que são os vínculos comunicativos, quais são as conceituações principais para dar base à pesquisa em questão e como eles podem ser amplificados. Como mencionamos brevemente no Capítulo 1, defendemos aqui que os vínculos são organizados e fomentados a partir dos encontros, que vão culminar na criação de redes, grupos e coletivos, assunto este do Capítulo 3.

³⁷ Expressão idiomática popular amplamente utilizada em Belém, cujo uso abrange todas as camadas socioculturais da cidade.

2.1 - “Foi um episódio que marcou: Belém, naquele dia, ficou uma coisa louca. Belém estava vazia, faculdade vazia, escolas, foi louco, foi algo de terror.”

A frase, dita por Francisco Batista, sintetiza o que foi um dia atípico nos bairros da periferia da cidade – há registro de execução de jovens na Terra Firme, no Marco, no Jurunas, no Tapanã e no Sideral. Como já foi amplamente apurado pelo governo e pelas mídias locais, a motivação para esses assassinatos em série foi a morte um cabo da polícia militar, Antônio Marcos da Silva Figueiredo, de 43 anos, conhecido como “Pety”, que também tinha envolvimento com o crime organizado³⁸ em Belém. Conforme nos cita Amorim et al. (2015, p. 11), logo após a notícia da morte, começaram a surgir, no Facebook e no Twitter, informações de que milícias³⁹ foram em busca dos criminosos na periferia da cidade e estavam matando pessoas pelas ruas como forma de vingança. Os comentários foram diversos, como o número de mortes, que passava de 30. Fotos de corpos foram compartilhadas através do aplicativo de conversa WhatsApp. A chacina foi o principal tema a ser discutido em redes sociais e *chats* de conversa ao longo do mês de novembro de 2014. O número oficial, de acordo com o relatório final da CPI das Milícias (ALEPA, 2014, p. 72), foi de que dez pessoas foram assassinadas por milicianos.

Em abril do ano seguinte, 2015, a Promotoria Militar do Estado indiciou 14 policiais e começou a investigar nove deles por haver a suspeita de estarem envolvidos na chacina, mas determinou que respondessem o processo em liberdade. Até o segundo semestre de 2017, quatro pessoas investigadas estavam presas, três respondem o processo em liberdade e duas continuam foragidas.⁴⁰ Um dos envolvidos, Otacílio José Queiroz Gonçalves, ex-policia militar afastado da corporação por apresentar distúrbios mentais, foi condenado a 29 anos de prisão pelo assassinato do adolescente Eduardo Galúcio Chaves, de 16 anos, e por formação de milícia privada.⁴¹

³⁸ RELATÓRIO aponta que PM morto em chacina estava envolvido com milícia. **G1 PA**, Pará, 30/1/2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/01/relatorio-aponta-que-pm-morto-em-chacina-estava-envolvido-com-milicia.html>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

³⁹ Na conceituação da CPI das Milícias, milícias são “grupos criminosos os quais contêm ou não a participação de agentes do sistema de segurança pública num determinado espaço: bairro, cidade, região. Simulando ‘poder de polícia’, através da venda de ‘proteção’ e tendo como condutas criminosas mais comuns a prática do extermínio, a extorsão mediante sequestro, e a associação para o tráfico de drogas. Independente do nível ou estágio de organização e sofisticação”. (ALEPA, 2014, p. 217).

⁴⁰ ACUSADO de participar de chacina em Belém vai à júri popular. **G1 PA**, Pará, 21/3/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2017/03/acusado-de-participar-de-chacina-em-belem-vai-juri-popular.html>>. Acesso em: 28 set. 2017.

⁴¹ JÚRI condena ex-pm a 29 anos de reclusão por participar de chacina. **G1 PA**, Pará, 21/3/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2017/03/juri-condena-ex-pm-29-anos-de-reclusao-por-participar-de-chacina.html>>. Acesso em: 28 set. 2017.

Uma medida importante para o maior esclarecimento do caso foi a instituição da Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI), instaurada na Assembleia Legislativa do Pará no final de 2014. Em seu relatório de conclusão, foi realizado um mapeamento do *modus operandi* das milícias em atuação na cidade, inclusive com o grampo de ligações telefônicas autorizadas pela Justiça e oitivas com lideranças comunitárias e oficiais da Polícia Militar, que, em depoimentos anônimos, relataram as práticas dessa modalidade criminosa. Como recomendação para a promoção de uma cultura de paz, o documento aconselha o subsídio público a iniciativas culturais, sociais e a coletivos de comunicação popular, a exemplo do Tela Firme, nos bairros mais vulneráveis a ocorrência dessas chacinas.⁴²

De acordo Adriano Mendes, articulador do coletivo, “foi um trauma grande, onde ninguém dormiu naquela noite, todo mundo se comunicando pra ver o que ia fazer depois disso” (2017). No dia seguinte, Adriano, Harrison e Francisco foram a uma reunião na Secretaria de Estado de Segurança Pública (Segup) para saber o que seria feito para aumentar a segurança da população nos bairros de periferia e, em conjunto com a secretária do programa Pró-Paz, Izabela Jatene, e com a então ouvidora da Segup Eliana Fonseca, fizeram uma visita às famílias das vítimas, para saber do que eles precisavam de mais imediato naquele momento.

Na ocasião, vários repórteres das mídias comerciais procuraram o Tela Firme para obter declarações e também para ter acesso às famílias das vítimas. De acordo com Harrison, o grupo preferiu não se manifestar e nem fazer algum tipo de ponte para que as principais mídias locais entrevistassem os familiares dos jovens mortos. “Se a milícia comete um crime no meu bairro, eu vou falar alguma coisa em público? Eu vou estar expondo a mim e a minha família se eu fizer isso. Inclusive, tiveram companheiros do bairro que sofreram ameaças de morte” (2017).

Poucos dias após a chacina, os moradores da Terra Firme que conheciam o trabalho do coletivo começaram a cobrá-los no sentido de que uma cobertura jornalística ou uma “resposta” precisava ser dada pelo Tela Firme. Eles, na mesma noite, já haviam pensado no que fazer, nos próximos passos, e já tinham decidido fazer alguma ação, mas sem muita nitidez do que seria realizado de fato. De acordo com Francisco, a ideia de

⁴² No relatório final da CPI, recomenda-se: “XXV – Recomendar a Secretaria de Estado de Cultura identificar, fomentar e fortalecer iniciativas de projetos de Comunicação Social como o projeto Tela Firme, e dos Jovens Comunicadores da Amazônia no Pará” (ALEPA, 2014, p. 219). A Jovens Comunicadores da Amazônia é uma agência de notícias mantida pela ONG Universidade Popular (Unipop).

fazer uma reportagem tradicional, com linguagem jornalística era algo a ser descartado: todos estavam com muito medo de criticar abertamente a chacina ocorrida e, ainda, não queriam fazer com que as famílias revivessem o trauma ao relatar a tragédia.

Eu imaginei assim: vamos nos colocar na situação. A gente teria condições de acessar as famílias tranquilamente, porque a ouvidora e eu fomos os primeiros a checar a situação delas, ir na casa delas [...] Aí foi interessante a sacada que a gente teve. A gente vai ser a vítima, vamos ser as vítimas, vamos sentir na pele o que foi que sofreu aquela vítima. Ainda emocionada. O Maílson, de forma muito brilhante e sensível, aplicou os recursos de imagem e de trilha sonora. Deu certo, infelizmente para retratar algo tão triste e tão lamentável. (BATISTA, 2017).

Sobre a expansão da criminalidade, Baitello Jr. (1999) nos alerta que a violência urbana também tem raízes comunicacionais ligadas à perda de proximidade entre as pessoas (p. 82). Essa perda é fomentada não somente por, mas também pelo excesso de mediação dos meios de comunicação, com as suas imagens distanciadas e juízos de valor pré-fabricados que impedem a manifestação do pensamento crítico (DEBORD, [1967] 1997; ANDERS, [1956] 2007; FLUSSER, 1985), da imaginação e do desenvolvimento da propriocepção – isto é, o sentido do próprio corpo e suas potencialidades de ação, conforme Baitello Jr. (1999):

Os sentidos da proximidade, em particular no sentido do tato, tem sido considerados toscos, e quando muito, auxiliares menores do conhecimento racional. As linguagens do tato e a comunicação tátil circunscreveram-se a áreas de refúgio, sendo desenvolvidas apenas quando da perda da visão ou então como terapias específicas, destinadas a excepcionalidades patológicas. Sobre estas lesões, das quais o fenômeno da moderna violência urbana (incluindo-se aí também a violência doméstica) faz parte, já se teceram muitas considerações, sobretudo a respeito das suas raízes socioeconômicas. O que pouco se considerou foi o fenômeno da violência sobre o ponto de vista de suas raízes, por assim dizer, comunicacionais, em outras palavras, como e por que desenvolve-se uma tipologia de códigos comunicativos da violência, e se estes códigos tem a ver com a crescente perda da proximidade [...] (BAITELLO JR., 1999, p.82).

De acordo com Sales (2014), a potência de um corpo é medida por suas ações e agenciamentos. O aumento da potência implica a capacidade de agir e criar. Conforme nos explica o autor brasileiro, a potência se define pela ação. Ser, existir e viver é agir (SALES, 2014, p. 183). Os corpos, ao se encontrarem, entram em uma combinação ou em uma tensão. Ao serem afetados uns pelos outros a partir das afecções (encontros), podem ter a sua potência diminuída ou aumentada, ampliando, assim, as suas possibilidades de criação de vínculos. Se há aumento da potência do agir, o afeto é de

alegria; se há a diminuição da potência de agir, o afeto é de tristeza (SALES, 2014, p. 193).

O coletivo encontrou, desse modo, uma forma de transformar a tristeza, a raiva e a desesperança oriundas dessa perda de proximidade em arte, e o resultado está longe do relativismo: ele é perturbador – delineando as ideias a partir das relações de vínculo e empatia⁴³, que já se evidenciam desde o nome escolhido para a produção audiovisual, “Poderia ter sido você”, convidando, assim, seus espectadores a uma reflexão séria, profunda e contundente sobre as violências urbanas.

2.2 – “Você viveu aquilo ali: E daí traz essas memórias”: Vínculos, alguns conceitos possíveis

O que são os vínculos, tão observados e comentados ao longo deste trabalho? Sobre o assunto, não há conclusões definitivas e muito menos rígidas, mas dispomos de percursos científicos etológicos, biológicos, sociológicos, filosóficos e comunicacionais que se destinam a conceituar, delimitar, identificar e refletir a respeito da natureza dos muitos vínculos que nos ligam. Um dos primeiros a apresentar essa temática de maneira mais direta foi o italiano Giordano Bruno (1548-1600)⁴⁴.

De acordo com o autor, os vínculos são “sutis, e aquilo que liga é quase imperceptível, profundo, passível apenas de se examinar ligeiramente, na superfície, por assim dizer, como aquilo que está sujeito a transformações a cada momento” (BRUNO, 2011, p. 34). Isto é, os vínculos são dinâmicos, difusos, multidimensionais e podem ser materiais ou imateriais.

Outra obra que merece destaque pelo seu pioneirismo sobre o estudo dos vínculos, especialmente no ambiente societal e sob a perspectiva das trocas materiais e simbólicas é o *Ensaio sobre a dádiva*, de Marcel Mauss ([1924] 2007), que observou os sistemas de trocas em diversas sociedades arcaicas. O sociólogo identificou que essas relações de “dádiva” não se baseavam somente na economia, nas obrigações sociais ou na manutenção de *status*, tampouco na profunda consciência sobre as implicações da vida

⁴³ De acordo com Contrera (2014), a empatia é “uma emoção básica que nos faz conscientes de que, em que pesem todas as diferenças, fazemos parte da mesma espécie humana, demasiadamente humana” (p. 143). Em contrapartida, a falta de empatia seria a desconsideração das pessoas, seus valores, desejos e sistemas de crença, além da falta de espaço para diferentes percepções.

⁴⁴ Giordano Bruno foi um frade italiano condenado à morte pela Inquisição romana, acusado de heresia. De acordo com Baitello Jr. (2009), a obra *Os Vínculos*, de 1591, é “obscura e profunda”. “O ensaio de Bruno pode ser considerado um pioneiro na compreensão de forças que atraem e aproximam as pessoas e constituem campos de afinidade” (BAITELLO JR., 2009).

em comunidade – todos esses elementos, na visão dele, jamais podem ser concebidos de forma isolada, pois se trata de fenômenos transversais e imbricados.

As formas de dádiva estão presentes de maneira híbrida, como ressalta Mauss, “trata-se no fundo de misturas. Misturam-se as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e assim as pessoas e as coisas misturadas saem cada qual de sua esfera e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca” (2007, p. 212). Ele nomeou essa análise sobre os sistemas de trocas de *fenômenos sociais totais*, e, a respeito dessas formas de vinculação, conclui: “Há, certamente, um vínculo nas coisas, além dos vínculos mágicos e religiosos, os das palavras, e dos gestos do formalismo jurídico” (2007, p. 269).

Todos os fenômenos são ao mesmo tempo jurídicos, econômicos, religiosos, e mesmo estéticos, morfológicos, etc. São jurídicos, de direito privado e público, de moralidade organizada e difusa, estritamente obrigatórios ou simplesmente aprovados e reprovados, políticos e domésticos simultaneamente, interessando tanto as classes sociais quanto os clãs e as famílias. São religiosos: De religião estrita, de magia, de animismo, de mentalidade religiosa difusa [...] Portanto, são mais que temas, mais que elementos de instituições, mais que instituições complexas, mais até que sistemas de instituições divididos, por exemplo, em religião, direito, economia, etc. São ‘todos’ sistemas sociais inteiros cujo funcionamento tentamos descrever. Vimos sociedades no estado dinâmico ou fisiológico. Não as estudamos como se estivessem imóveis, num estado estático ou cadavérico, e muito menos as decomposemos e dissecamos em regras de direito, em mitos, em valores e preços. (MAUSS, 2007, p. 269).

Um dos aspectos metodológicos interessantes que a obra de Mauss nos apresenta é que não é possível analisar essas relações de troca apenas por dentro das instituições e dos contratos sociais estabelecidos. Magaldi (2009, p. 40) reforça que não existe vinculação material entre os bens trocados, eles podem ser objetivos ou subjetivos, deduzindo assim que o fenômeno de troca no qual receber, dar e retribuir faz parte de um processo circular, o que possibilita a formação dos vínculos e equilíbrio da estrutura social.

Tudo o que circula na vida social possui caráter simbólico, sejam palavras, saudações, presentes, risos, lágrimas, mais, obviamente, os ritos e os mitos das mais variadas culturas e, como não poderia deixar de ser, o dinheiro. Verificamos ainda na visão relacional da sociedade de Mauss que os vínculos sociais se tornam muito mais importantes que os objetos ou indivíduos considerados à parte, pois garantem a manutenção do tecido social. (MAGALDI, 2009, p. 42).

Essas reflexões dialogam perfeitamente com o que estamos nos propondo pesquisar, que é a Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa e as suas

possibilidades de vínculos. Ela é um modo de comunicar que assume diversas formatações e se propõe a ser plural; se analisarmos a atuação dos grupos de comunicadores tomando como referencial básico apenas o jornalismo comercial, institucionalizado e pautado pelos medidores de audiência, tendemos a análises redutivas, generalistas e até mesmo preconceituosas para com esses grupos e coletivos de comunicadores, que muitas vezes são encarados como um “simulacro” de baixa qualidade técnica dos grandes meios ou, então, vistos como uma “vulgarização” das práticas jornalísticas concebidas pelos profissionais comunicólogos.

Dentro do campo da Comunicação, os estudos de Malena Contrera e Norval Baitello Jr. são pioneiros e fundamentais para compreendermos como o conceito é articulado dentro do campo comunicativo. O intuito é refletir sobre os vínculos comunicativos, sociais, simbólicos, culturais e hipnóticos, considerando que eles são uma interface de relevância no processo comunicacional.

No *Dicionário da Comunicação*, Contrera (2009) classifica os vínculos comunicativos como “uma das questões centrais dos estudos sobre a comunicação humana, ainda que não tenham sido devidamente considerados até o presente momento”.

Nesse sentido, é importante que façamos uma ressalva acerca do fato de que é a desconsideração do papel do vínculo para a Comunicação que colabora para a manutenção de uma visão empobrecida sobre o processo comunicativo, muitas vezes conferindo às trocas de informação o seu aspecto central [...] Ao considerarmos um processo de vinculação, lançamos um novo sentido as relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, e chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituído nessas relações. (CONTRERA, 2009).

As formas de vinculação podem ser, contudo, positivas ou negativas. Em sua crítica à mídia, Contrera (2002) avalia que os processos de vinculação articulados pelos veículos de comunicação de grande escala são muitas vezes realizados de maneira violenta, provocando na população o pânico e o medo.

As discussões sobre a violência na mídia se atêm, em sua grande maioria, à análise dos temas considerados violentos, mantendo a discussão sobre a violência longe da dimensão da representação e da linguagem. Cremos que esteja aí o grande engano. Onde realmente está a violência na mídia? Certamente, não apenas em seus temas, que mais nos parecem ser uma consequência secundária, mesmo que possam até mesmo passar posteriormente a retroalimentar a violência. Essencialmente, ela nos parece ser estrutural, estar presente na própria linguagem. (CONTRERA, 2002, p. 98).

Então, como observamos, o vínculo possui várias ramificações e está presente inclusive nas imagens de violência que nos chegam através das mídias: estabelecemos vínculos com as imagens de violência que usufruímos a partir da expectativa, sobretudo se ela for excessiva e não estiver aliada a outras formas de aquisição de informação, em especial as que tenham o corpo como o mediador central. Um exemplo disso é a prática de invisibilizar, excluir e desacreditar determinados atores sociais do processo comunicacional. A linguagem da violência se configura ao impedir que eles possam se expressar de maneira integral, pois há um esforço de colocar as suas narrativas, versões e reputações em descrédito, desconfiança ou como se elas não tivessem seriedade alguma e, portanto, não teriam relevância. Quando se fazem presentes, têm uma função apenas protocolar e legitimadora da fantasiosa imparcialidade jornalística e do entretenimento: são momentaneamente tolerados, para a finalidade do espetáculo, mas jamais aceitos como vozes humanas que devem ser ouvidas com equidade e respeito.

Por uma necessidade didática e investigativa, categorizar os tipos de vínculos que identificamos ao longo da pesquisa é importante, muito embora, em um contexto aplicado, não seja coerente imaginá-los de maneira fragmentada e separados por modalidades, pois eles se manifestam em conjunto e uns impactam os outros, uma vez que são multidimensionais e abertos a atravessamentos.

Consideramos do vínculo social essencialmente fenômenos que estão presentes na sociedade de forma organizada, ou não, por exemplo, a atuação de um coletivo e a existência das redes de solidariedade que se manifestam no espaço promovendo mudanças ou facilitando processos de convivência e de produção de sentido, por exemplo, o coletivo Tela Firme, quando seus membros se dispõem a visitar uma escola para fazer um debate ou quando o projeto AME, o Tucunduba, decide construir uma horta comunitária, ou o grupo de capoeira “Sou Angoleiro” forma uma turma com as crianças do bairro. Reforçamos, portanto, que usamos aqui com frequência o termo “social” não no sentido de contratos, obrigações do cotidiano, tampouco nos referimos a um processo massificado⁴⁵.

⁴⁵ Massificado no sentido de “cultura de massa” definido por T. W. Adorno e M. Horkheimer, em obras como *Dialética do Esclarecimento* (1944), que identifica a existência de uma massa acrítica, de indivíduos que não se diferenciam uns dos outros, cuja construção de subjetividades é voltada aos ideais fascistas e totalitários. Miklos (2014) delimita o conceito: “As massas estão em oposição às minorias: as minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados; a massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. Massa é o ‘homem médio’ – trata-se da qualidade do comum, do homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa um tipo genérico” (MIKLOS, 2014, p. 18).

Os vínculos simbólicos são aqueles que produzem sentidos e significados na comunidade, que por vezes estão baseados na esfera imaterial, mas que impactam diretamente ou são a base das relações sociais como, por exemplo, o sentimento do grupo de que há uma representação⁴⁶ negativa na mídia sobre o bairro, que é preciso agir contra isso, e, ainda, quando são compartilhadas as narrativas históricas do bairro e as suas lendas, assunto sobre o qual já mencionamos brevemente, esses exemplos estão entre os elementos que criam a ideia de pertencimento territorial e comunitário.

Já os vínculos culturais têm um caráter híbrido, pois eles se constituem das práticas realizadas em meio social como, por exemplo, o desfile de quadrilhas juninas, brincadeiras de boi-bumbá, mas também se referem a aspectos mais cotidianos, como ir à feira ou o costume cumprimentar o vizinho de porta, mas também são dotados de um sentido simbólico, uma vez que esses eventos que são realizados em conjunto ultrapassam as fronteiras de seus significados literais e retroalimentam o plano das ideias, culminando em novas práticas de sociabilidade que ganham vida em seu interior.

Na análise de Baitello Jr. e Silva (2013), os vínculos comunicacionais, por sua vez, podem ser divididos em dois segmentos – os vínculos culturais, que, como citamos no parágrafo acima, se estabelecem a partir do contexto histórico-antropológico, fundados na densidade vivencial, na dupla implicação daqueles que se comunicam e que comungam do mesmo plano simbólico. Os vínculos culturais são marcados pela sua pluralidade de práticas, hábitos e costumes e têm o corpo como principal mediador.

Já o segundo grupo é o dos vínculos hipnógenos ou hipnóticos. Eles se dão com base no contexto midiático e estão fundados na construção de imagens técnicas efêmeras que obedecem aos papéis cristalizados de emissor e de receptor, como observamos no processo de vinculação descritos por Contrera (2002). Novamente observamos aqui uma crítica aos mecanismos de construção da imagem técnica, que ao se oferecerem como linguagem pronta, acompanhados de juízos e valores determinados, podem colaborar para a perda de proximidade entre as pessoas e dissolução desses vínculos culturais ao se sobrepor a eles.

⁴⁶ De acordo com o relatório final da CPI das Milícias, “o discurso reiteradamente repetido, algumas autoridades públicas e repórteres vão propondo medidas individuais de segurança, além de estigmatizarem alguns locais como ‘áreas vermelhas’, coincidentes muitas vezes com bairros periféricos da Região Metropolitana de Belém, o que em última análise estigmatiza toda a população que reside em tais locais, e em especial adolescentes e jovens que ocupam estes espaços” (ALEPA, 2014, p. 123).

Na vinculação hipnótica, as mídias são as articuladoras das práticas culturais, sociais e simbólicas. Dois exemplos⁴⁷ disso são os padrões de beleza, cujo discurso amplificado pelas mídias comerciais é no sentido de exaltar a pele branca e o corpo magro como os ideais, e o nacionalismo, que também colabora no sentido de padronizar os processos e práticas cidadania, tendo em ambas as temáticas, da maneira como são expostas, o mesmo efeito colateral de exacerbar a agressividade contra a parcela da população que não se encaixa⁴⁸ ou se opõe a essas normatizações.

Para os autores, a diferença entre o vínculo cultural e hipnótico está na esfera da densidade simbólica, porém tal densidade não implica a não vinculação, mas o vínculo hipnótico seria definido melhor como “*conexão*”, uma espécie de ligação mais vulnerável e imediata (BAITELLO JR.; SILVA, 2013, p. 9).

Para Baitello Jr. (2009), vincular significa “ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço ou território comum, é a base primeira para a comunicação” (p. 87). Na visão do pesquisador, não é mais possível compreender a comunicação como “simples conexão ou troca de informação, mas necessariamente é preciso ver nela uma atividade vinculadora entre duas instâncias vivas” (p. 100). Baitello Jr. (2008) também reflete a respeito da formação desses vínculos e os seus aspectos dinâmicos:

Vínculos se constituem em formas que se diferenciam e se complexificam cumulativamente ao longo da vida de um corpo, na ontogênese: desde o aconchegante vínculo maternal, ao qual se soma o vínculo filial, e ambos se abrem ao sistema fraternal, que se amadurece com a constituição do vínculo paternal e com o desenvolvimento dos vínculos sexuais. Na filogênese, os vínculos se constituem em diálogo estreito com as condições ambientais e as disponibilidades sensoriais, transformando-se em formas distintas de sociabilidade. Como são vivos, pois emanam de corpos vivos, os vínculos carecem de alimentação constante, necessitam estar ativos, requerem cuidados, atenção e amor [...] Graças à reconsideração e à nova inserção da corporeidade como ponto de partida e chegada de toda a comunicação, podemos dizer que a matéria-prima dos processos comunicacionais não é a informação, e sim o amor. (BAITELLO JR., 2008, p. 102).

⁴⁷ Exemplos dados pelo Prof. Gunther Geabauer na palestra “Ainda existem massas? – Emoções das massas e a questão do eu vivencial”, realizada em 24/10/2017, em celebração aos 20 anos do Programa de Pós-Graduação da Universidade Paulista (PPGCOM-Unip), ao ser interrogado pela pesquisadora a respeito da perda de proximidade a partir da vinculação hipnótica. Interrogamos o pesquisador para saber se, em sua perspectiva, os vínculos hipnóticos podem resultar no distanciamento entre os membros de um grupo comunitário ou se eles, na verdade, criariam novas formas de sociabilidade que incrementassem o processo sociocultural e comunicativo. A resposta do professor foi no sentido de tecer uma crítica a essa modalidade de vínculo em questão, exemplificando tendência das mídias corporativas em divulgar padrões de beleza e de civismo que não contemplam uma parcela relevante da população (informação verbal).

⁴⁸ Um exemplo desse pensamento no Brasil é a frase “As minorias têm que se curvar às majorias”, que ganhou notoriedade em 2016 ao ser dita por um deputado federal conservador, que não vamos divulgar o nome, por entender que ele já possui destaque demasiado nos grandes meios de comunicação do país.

Esses processos de vinculação estão presentes de maneira muito particular e contundente na Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa. Analisar o potencial da ação comunicativa apenas sob a ótica da *necessidade ou da sobrevivência* seria não enxergar o todo, pois o sentido de comunidade não está ligado apenas a garantias futuras, mas também diz respeito a como os grupos sociais pretendem vivenciar no presente os processos comunitários. Buscar um viés somente espiritual e etéreo também não daria conta de explicar a multidimensionalidade e riqueza dos vínculos presentes em uma experiência de comunicação planejada e protagonizada pelos grupos sociais que lutam pela sua posição de fala e de representatividade sociopolítica. Diferente dos meios de comunicação comerciais, o repórter comunitário tem um envolvimento histórico, emotivo e sensorial com o local onde mora.

A seguir, construímos uma tabela com os tipos de vínculos que identificamos em nossa pesquisa. O propósito do esquema é refletir a respeito destes vínculos de uma maneira didática, para que possamos ampliar o nosso entendimento. Em um contexto da vida em sociedade, não é possível concebê-los de maneira separada ou se manifestando de maneira isolada.

Tabela 1 – Tipos de vínculos mapeados durante a pesquisa

Tipos de vínculo: Uma proposição teórica	O que são?
Vínculos	<p>Aquilo que liga é quase imperceptível, profundo, passível apenas de se examinar ligeiramente, na superfície, por assim dizer, como aquilo que está sujeito a transformações a cada momento (BRUNO, 2011, p. 34).</p> <p>Os vínculos são dinâmicos, difusos, multidimensionais e podem ser materiais ou imateriais.</p>
Vínculos Sociais	<p>Fenômenos que estão presentes na sociedade de forma organizada, ou não, de forma a promover ações, por exemplo, a atuação de um coletivo e a existência das redes de solidariedade que se manifestam no espaço promovendo mudanças ou facilitando processos de convivência e de produção de</p>

	sentido. Usamos aqui o termo “social” não no sentido de contratos, obrigações do cotidiano, tampouco nos referimos a um processo massificado, e sim a práticas e elos que se estabelecem no interior da sociedade e tem um impacto direto na mesma.		
Vínculos Simbólicos	Os vínculos simbólicos são aqueles que produzem sentidos e significados na comunidade, que por vezes estão baseados na esfera imaterial e existem como ideia, que retroagem sobre as práticas sociais e culturais. A partilha de narrativas em comum, representações midiáticas, os sentimentos de pertença e afeto que emergem em determinado processo comunitário.		
Vínculos Comunicativos Vínculos culturais: Têm um caráter híbrido das outras modalidades, pois eles se constituem das práticas realizadas em meio social, mas também são dotados de sentidos simbólicos. Eles são firmados a partir do contexto histórico-antropológico, fundado na densidade vivencial, na dupla implicação daqueles que se comunicam e que comungam do mesmo plano simbólico. O corpo é o mediador essencial deste vínculo e ele tende a ser orientado para a pluralidade. Vínculos hipnógenos ou hipnóticos: Eles se dão com base no contexto midiático e estão fundados na construção de imagens técnicas efêmeras que obedecem aos papéis cristalizados de emissor e de receptor. Em excesso, podem contribuir para a perda de proximidade entre as pessoas e dissolução destes vínculos culturais, ao se sobrepor aos mesmos. A mídia é o mediador essencial deste vínculo e ele tende a ser orientado para a uniformidade. Oposições entre ambos: Para Baitello Jr. e Silva (2013), a diferença entre o vínculo cultural e hipnótico está na esfera da densidade simbólica, porém tal densidade não implica a não vinculação, mas o vínculo hipnótico seria definido melhor	Vincular significa “ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço ou território comum, é a base primeira para a comunicação” (BAITELLO JR, p.87). Esses dois vínculos podem ser divididos em: <table border="1" data-bbox="810 1128 1353 1258"> <tr> <td>Vínculos Culturais</td><td>Vínculos Hipnógenos ou Hipnóticos</td></tr> </table>	Vínculos Culturais	Vínculos Hipnógenos ou Hipnóticos
Vínculos Culturais	Vínculos Hipnógenos ou Hipnóticos		

como “ <i>conexão</i> ”, uma espécie de ligação mais vulnerável e imediata.	
---	--

Os laços estabelecidos com o seu lugar vivido e a forma de narrar as tramas que se desenvolvem nele são de outra sensibilidade, cujo fator intelectual é um componente de relevância, mas não é o único, como demonstraremos a seguir.

2.3 – “O que *nós* vamos fazer?”

O Tela Firme, como observamos, ficou um tempo desmobilizado após a tentativa de assalto que seus integrantes sofreram na praça da Matriz durante o lançamento do vídeo “Terra Firme”. É notável, também, que o acontecimento não esmoreceu o grupo por muito tempo. De abril a novembro de 2014, o coletivo lançou a reportagem sobre o “apitação” contra o tráfico humano⁴⁹, um *teaser* da Paixão de Cristo produzido pelo grupo de teatro Jave⁵⁰, fizeram o quadro “Gente Firme”⁵¹, apresentando o trabalho do estudante e palhaço alegria, Bruno Passos, morador da rua da Paz e, junto com esse quadro, a reportagem da festividade da paróquia de São Domingos de Gusmão, quando coletaram imagens na 42ª coleta de Emaús, mas não chegaram a finalizar e lançar a produção, porém participaram de vários debates e mobilizações como, por exemplo, a das eleições de conselheiros tutelares e marchas pela vida, a exemplo do “Apitação” contra o Tráfico Humano e 20º Grito dos Excluídos.

O coletivo teve uma atuação proeminente durante as eleições 2014, realizando entrevistas com o atual governador do estado, Simão Jatene (PSDB), com o seu principal concorrente na eleição Hélder Barbalho (PMDB) e, ainda, com os candidatos Zé Carlos (PV), Marco Carrera (PSOL), Marco Antônio (PCB), Elton Braga (PRTB) e com uma das candidatas à presidência da República, Luciana Genro (PSOL), fazendo perguntas relacionadas ao bairro. Além disso, o coletivo convidou candidatos à Assembleia Legislativa para falar de seus projetos na praça da Matriz. Em função da data, os entrevistados não souberam precisar quais ou quantos candidatos a deputados estaduais

⁴⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oio_dIjnJDQ>. Acesso em: 16 out. 2017.

⁵⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TLyeyJbhZ9U>>. Acesso em: 16 out. 2017.

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h_dHH7wthIc>. Acesso em: 16 out. 2017.

foram convidados, mas o fato é que somente a candidata à vereadora Úrsula Vidal (PV) foi mencionada como participante de um dos debates. As atividades do grupo, portanto, seguiam normalmente, e os direitos humanos já era um ponto de interesse, em conjunto com as temáticas políticas e cultura.

A partir do lançamento do vídeo “Poderia ter sido você”, publicado na plataforma YouTube em 6 de janeiro de 2015, o grupo passa a ter uma atuação mais constante no âmbito dos direitos humanos, participando mais intensamente dos debates contra o extermínio da juventude negra e periférica⁵² e mediando discussões em escolas públicas, espaços culturais e na Universidade Federal do Pará.

De acordo com Vanessa Alves, na mesma noite em que a chacina ocorria, o grupo já planejava uma ação no WhatsApp.

Na época das chacinas, nós ficamos com medo. Não queríamos nos expor, daí pensamos, na mesma noite, ‘o que nós vamos fazer?’. Uma forma que a gente não se exponha e nem a familiares. A gente já trabalhava o teatro na igreja e pensamos em uma forma mais poética, uma forma de se colocar no lugar da vítima, para não ter que pegar a imagem do parente chorando que perdeu um filho. Eu tenho muito orgulho desse trabalho. Dentro de todos os vídeos que a gente fez, foi o que mais repercutiu, algumas pessoas começaram a conhecer a gente a partir disto. (ALVES, 2017).

A gravação do vídeo ocorreu em dois dias, em uma sala emprestada pela Igreja de São Domingos de Gusmão. Os integrantes do coletivo chamaram alguns amigos que tinham alguma experiência com teatro, alguns deles eram do Jave, outros do teatro Ribalta (que está situado no bairro) e do curso de teatro da ONG Unipop.

⁵²A Defensoria Pública do Pará divulgou em setembro de 2017 uma pesquisa estimando que 600 adolescentes foram mortos em 2015, vítimas de crimes violentos. Do total, 477 dos crimes envolviam armas de fogo. <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/pesquisa-divulga-dados-alarante-de-violencia-contra-o-adolescente-em-belem.ghtml>. Acesso em 16/10/2017>. Acesso em: 10 dez. 2017

Figuras 16, 17, 18 e 19 – Cenas do minidocumentário “Poderia ter sido você”



Fonte: Imagens de reprodução do vídeo “Poderia ter sido você”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nTymeivrDkF8>. Acesso em: 21 out. 2017.

Francisco relatou que chamou até mesmo jovens que estavam conversando na praça da Matriz, localizada em frente à igreja, para atuar no vídeo. Nessa ocasião das filmagens, os estudantes Izabela Chaves, Adriano Mendes e Ingrid Louzeiro entraram definitivamente para o grupo, com a função de colaborar nas produções audiovisuais, mas principalmente de realizar a articulação política e social, abrindo novos espaços de debate e de participação no coletivo.

O vídeo faz um resgate histórico das chacinas que ocorreram em Belém de 1994 a 2014, totalizando um apanhado de quatro assassinatos em massa, os que tiveram maior repercussão midiática ao longo de todos os esses anos. No início, aparecem o ano em que ocorreram e a sonoplastia apresenta fragmentos de *offs* de narrações jornalísticas dessas datas. Em seguida, começa o relato poético da chacina do bairro do Tapanã, em 1994, na qual três jovens foram assassinados em retaliação à morte do cabo Waldemir Nunes. E daí aparecem os atores, em imagens intercaladas e em fusão, se apresentando, e com o nome aparecendo na tela: “Meu nome é Max Clei, tenho 16 anos e sou morador do

Tapanã”, “Meu nome é Marciclei, tenho 17 anos e sou morador do Tapanã”, e assim sucessivamente, com os atores interpretando as vítimas em um fundo preto, em plano *close-up*. Depois que as vítimas se apresentam, começam a relatar como aconteceram os crimes. “Na noite de 13 de dezembro de 94, fui abordado por vários policiais. Fui algemado, torturado e em seguida fui executado: poderia ter sido você.”

Em seguida, há um *fade out* e mais fragmentos de *offs* jornalísticos. Começam os relatos da chacina do município de Santa Izabel, que faz parte da Região Metropolitana de Belém (RMB). Em 2011, seis pessoas da mesma família foram assassinadas dentro de casa. “Sou Ana Maria Moraes, sou moradora de Santa Izabel, tenho 28 anos e fui executada brutalmente.” “Cinco homens encapuzados invadiram a minha casa, arrombaram a porta dos fundos, mataram seis pessoas dentro da sala. E me deixaram para trás como testemunha do crime. Sou uma criança de 10 anos, que dentro do quarto ouvi todos os tiros e gritos daqueles que foram executados.” Durante a narração, os rostos dos atores se alternam, e olham para o horizonte. Após o relato, eles começam a falar: “Poderia ter sido você”. Depois, começam as narrativas da chacina de Icoaraci, no qual seis adolescentes foram executados com tiros na cabeça. “Me chamo Paulo Vítor, tenho 14 anos.” “Sou o Gabriel, tenho 15 anos.” “Eu me chamo Isaac, tenho 17 anos.” “Aqui na rua Padre Júlio Maria era o nosso *point*.” “Era um noite normal do dia 19 de novembro, estávamos com meus amigos e com o meu primo Samuel.” “Mas, de repente, dois homens em uma moto se apresentaram como policiais e mandaram a gente virar as costas para a rua.” “O pior aconteceu: Fomos todos executados covardemente – poderia ter sido você.”

Aparece mais um *fade-out* e o áudio do WhatsApp que viralizou em 4 de novembro de 2014, que está na epígrafe deste capítulo. O áudio é quebrado pelo sons de gritos de medo. Começam então os relatos da chacina de Belém, em 2014. “Sou Nadson da Costa, tenho 18 anos e fui brutalmente assassinado.” “Sou Marcos Murilo, tenho 20 anos e fui brutalmente assassinado.” Após esses relatos, começa a narração da poesia de Elias Costa, com a letra aparecendo no vídeo. Em seguida, são exibidos os créditos e os apoiadores, as ONGs SDDH, Cedeca/Emaús, Ouvidoria da Segup, a tendência política ligada ao PSOL, a Juntos e à Comissão de Justiça e Paz da CNBB. Izabela nos relatou, durante a entrevista ocorrida em 20 de junho de 2017, os detalhes do processo de gravação do minidocumentário:

A gente queria passar uma comunicação diferenciada para o nosso bairro. No vídeo da chacina que aconteceu, foi porque a própria comunidade começou a cobrar da gente, inclusive a gente ficou com muito medo de fazer, porque a gente estava pedindo justiça – quase – contra a Polícia Militar. Mas mesmo assim a gente fez em uma noite, eu levei um pano preto – que a minha casa é um teatro –, aí fizemos uma coisa rápida. A gente chamou as pessoas que estavam querendo participar disso e gravamos. E a gente sabe também que as pessoas que são mortas nesses contextos não são dadas como pessoas em si. Elas são vistas como estatística. E se você perceber, no nosso vídeo, contamos a história dessas pessoas assassinadas, tem as idades todinhas, os nomes, para humanizar a questão. Normalmente a faixa etária das vítimas de 16 até os 23 anos: o mais velho tinha 33 anos e é o único mais velho. (CHAVES, 2017).

Não obstante, a humanização das vítimas tende a ser negada quando os crimes ocorrem na periferia. De acordo com o relatório final da CPI das Milícias, em seu capítulo 12, em que discorre sobre “Considerações sobre o papel da mídia na legitimação da violência e a cultura dos heróis do povo”, o recorte midiático leva em consideração a origem socioeconômica dos acusados:

É plenamente perceptível que quando o crime (em geral, latrocínio) ocorre em bairros de classe média, com vítimas pertencentes à classe média, as imagens são mais amenas, ou seja, mostra-se um respeito maior pelo corpo, pela vítima e pela família. Em vez de uma simples fotografia 3x4, a vítima é humanizada, ou seja, são divulgadas informações sobre quem era, onde trabalhava, onde morava, onde estudava, quais eram os planos de vida, etc. São divulgados detalhes da investigação e é comum haver novas reportagens sobre o assunto. (ALEPA, 2014, p. 121).

Então, como observamos a necessidade de se promover a humanização também das vidas que foram ceifadas na periferia, o coletivo, para tratar da temática, precisou lançar mão de ferramentas artísticas, tomando de empréstimo técnicas teatrais e narrativa para manifestar o seu pensamento crítico. Nesse contexto, é importante observar que as relações de vínculo e de colaboração mais uma vez tornaram a elaboração do vídeo possível – a parceria com a igreja que disponibilizou a locação, a mobilização de jovens para interpretar os personagens que foram mortos e também para aquisição de objetos cênicos e equipamentos, emprestados de amigos.

Figuras 20 e 21 – Memes que circulam em redes digitais, problematizando o recorte socioeconômico dado pela mídia, que varia de acordo com o poder aquisitivo do acusado



Fontes: Memes disponíveis, respectivamente, em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/g1-ve-diferencas-entre-apanhados-com-drogas.html>> e <<https://objethos.wordpress.com/2016/02/01/comentario-da-semana-o-jornalismo-cinico-e-o-ponto-de-nao-retorno/>>. Acesso em: 21 out. 2017.

Um dos aspectos de *partilha do comum* (SODRÉ, 2014) entre esses jovens – além de morarem no mesmo bairro, dividirem os mesmos espaços possíveis de encontros, estarem mais ou menos na mesma faixa etária – é o fato de eles próprios terem sido vítimas das violências policiais ou seus familiares. Pelo menos seis integrantes do Tela Firme já tiveram parentes próximos ou amigos assassinados. Um deles, Maílson, relatou que, em um primeiro momento, hesitou em se engajar para a realização de um vídeo que mostrasse a visão da juventude do bairro sobre o acontecimento.

Foi um pouco depois que eu perdi o meu irmão, vítima de um policial que estava bêbado e atirou nele. Em nenhum momento eu busquei vingança, eu acredito em Deus, foi difícil e logo depois veio isso, sabe? De repente, a gente tinha que falar de outra tragédia. ‘Francisco, eu não vou falar com ninguém, eu não vou falar com a mãe de ninguém, eu prefiro não fazer parte disso’, não por não querer ajudar, mas porque eu não estava preparado psicologicamente. Eu estava em um processo de aceitação, com a minha fé, eu não estava sabendo lidar com o ódio e a raiva que eu acabei tendo. Daí o Francisco teve a ideia de ‘bora fazer uns poemas?’. Aí acabou que não rolou. Depois ele falou, ‘vamos fazer uma encenação’, ‘tá como que seria?’, vamos pegar jovens, ele contando a história das pessoas vítimas das chacinhas, Santa Izabel, Icoaraci, de Belém, que tinham sido as maiores, ‘como a gente vai fazer isso?’, vamos pegar um pano preto, vamos colocar uma luz, vamos colocar algo mais pessoal e a gente foi criando falando como que seria, viemos aqui para a sala da paróquia, pegamos uma câmera emprestada e fizemos o vídeo. Até hoje é um vídeo muito atual, queremos nós que esse vídeo fique para trás, pelo assunto que trata. (SOUZA, 2017).

O vídeo “Poderia ter sido você” foi lançado no auditório da Igreja de São Domingos em 6 de janeiro de 2015 e contou com a presença de familiares das vítimas das chacinas narradas pelo grupo. O evento teve a cobertura jornalística do jornal *O Liberal*, 2ª Edição (ORM)⁵³, e teve um enfoque positivo a respeito do trabalho do coletivo. Além disso, eles foram no “Brasil Urgente” (RBATV), programa jornalístico de gerais que tem uma pitada de sensacionalismo. Francisco nos relatou que a ida à atração foi amplamente discutida e avaliada pelo coletivo, decidindo-se que valia a pena contrabalancear o discurso contra os direitos humanos que o programa costuma adotar.

O Brasil Urgente, que é uma versão regional de um programa nacional sensacionalista, estava fazendo uma cobertura jornalística – há todo um contraditório – alguns quadros detonam os direitos humanos, e às vezes para contrabalancear, eles ouvem o outro lado. Eles queriam saber do vídeo ‘Poderia ter sido você’. É importante ocupar estes espaços para a gente demarcar o território, a gente foi para divulgar o documentário e também pra dar a nossa versão da história. (BATISTA, 2017).

Em 2015, a produção audiovisual foi exibida também na Assembleia Legislativa do Pará, durante a reunião da CPI das Milícias. Poucos meses depois, o grupo recebeu a comenda Paulo Frota, concedida por esta instituição a entidades, organizações e pessoas que militam em prol dos direitos humanos.

Dessa forma, a ação do grupo para protestar contra os crimes ocorridos na cidade, cuja culminância do processo foi o lançamento de um minidocumentário, gerou visibilidade, mas não apenas isso – conseguiu apresentar os moradores da Terra Firme como produtores de cultura e de pensamento crítico, e que foram premiados por sua iniciativa de refletir sobre a violência nas periferias de Belém, rememorando histórias que poderiam ficar no esquecimento, não fosse o resgate narrativo proposto nessa produção, que reorientou a disposição dos corpos no espaço atingidos pela perda de proximidade e linguagens de violência para o protesto contra a realidade, para a ação social, para a convivência e para o debate de soluções.

A partir dessas vivências de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa, o grupo se configura como agente vinculador do bairro, pois utiliza seu poder de mobilização social para colocar em pauta assuntos que atingem a comunidade como um todo, a exemplo das violências urbanas. Consideramos que esta possibilidade de se

⁵³ Filme narra chacinas que ocorreram na Região Metropolitana de Belém. FONTE: Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/01/filme-narra-chacinas-que-ocorreram-na-regiao-metropolitana-de-belem.html>>. Acesso em: 29 set. 2017.

estreitar os laços no contexto comunitário contribui para o avanço de direitos e consolidação de narrativas que fortaleçam os vínculos, já descritos, entre os moradores do bairro.

2.4 – “O seu bairro é a sua casa, então você já sabe com quem você vai falar”

Durante a pesquisa de campo, uma pergunta recorrente foi: “Quais as principais diferenças entre o repórter comunitário e o repórter tradicional?”. Com esse questionamento, a intenção era investigar o que cada um entende pelas respectivas modalidades, explicando quais são seus aspectos positivos e negativos, tentando descobrir se na percepção dos entrevistados a atuação do repórter comunitário pode ou não produzir vínculos.

A atividade de repórter comunitário, em nossa consideração, transcende a troca de informações, colaborando também para o fortalecimento do sentimento de pertença, expõe conhecimentos próprios do território, produz saberes que muitas vezes precisam ser recuperados, pois não se tem recursos para organizar a memória do bairro de um jeito mais sistemático, pontuando seus aspectos culturais e históricos, respeitando os limites de seus moradores optando por uma postura não invasiva com os entrevistados, como observamos sobre o vídeo “Terra Firme, no capítulo anterior.

Sonia Serra (2002), em seu artigo “Comunicando a violência contra crianças brasileiras: dos protestos locais às denúncias em redes transnacionais”, faz um percurso histórico sobre a execução de adolescentes, intensificado nas grandes cidades brasileiras a partir de meados de 1980, sem que isso causasse uma indignação da população e também sem ganhar uma repercussão significativa na mídia.

Eram os pobres que estavam morrendo...e a imprensa brasileira não queria gastar o seu espaço com pessoas consideradas insignificantes. Esta mesma visão era confirmada por jornalistas como Tim Lopes, do Jornal do Brasil, que enfatizava os preconceitos raciais e o caráter elitista da imprensa brasileira, e por Paulo Martins Moreira Leite, editor de assuntos nacionais da Veja, que admitiu que a revista demorou a se interessar pelo assunto porque o mesmo não interessava à classe média brasileira. O repórter Mário Simas, da mesma revista, também se queixou de que encontrava forte resistência editorial ao assunto e recorreu ao espaço opinativo da revista para colocar sua visão em questão. (SERRA, 2002, p. 43).

Por conta dessa aversão dos grandes veículos da mídia comercial em apresentar determinados temas importantes e urgentes para a sociedade como um todo, mas em

especial para a parcela da população que sofre de maneira mais direta com a criminalidade, a formação de coletivos de comunicação locais é fundamental para que os problemas sejam dialogados com a seriedade e a frequência que precisam para que as soluções sejam construídas. Trata-se de se fazer enxergar em um contexto social excludente, trazendo à tona discursos que geralmente não têm espaço nas mídias comerciais.

No jornalismo comercial, quem assume o protagonismo sempre é o repórter que representa a instituição jornalística, ao assumir a condução da narrativa, ao ser responsável de traduzir e revelar os fatos, detalhe a detalhe, ao selecionar e categorizar as suas fontes, tentar explicar a realidade, como muito bem observou Walter Benjamin em seu ensaio “O Narrador” ([1936] 1985), texto que permanece atual ao descrever práticas narrativas viciadas, que ainda estão presentes na imprensa contemporânea:

Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações. Nisso Leskov é magistral. (Pensemos em textos como *A fraude*, ou *A águia branca*). O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1985, p. 203).

Já a Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa⁵⁴ – apesar de não estar imune às reproduções discursivas da mídia comercial, com alguns veículos funcionando como cópias da técnica da imprensa tradicional em vez de se propor uma apropriação deles – se permite buscar outras lógicas e sensibilidade narrativas, como observamos, não necessariamente atreladas à rigidez da técnica jornalística – a função do repórter que

⁵⁴ Entendemos por uma das possibilidades de Comunicação Comunitária o conceito definido por Cecília Peruzzo (2010) na *Enciclopédia Intercom de Comunicação*. “A Comunicação Comunitária se caracteriza por processos comunicativos constituídos no nível de comunidades organizadas dos mais diferentes tipos, sejam as de base territorial ou virtual, as formadas a partir de laços identitários étnicos ou políticos, por compartilhamento em circunstância de vida em comum. É baseada em princípios de ordem pública, tais como difundir conteúdos com as finalidades educativas e culturais e a ampliação da cidadania, não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, pertencer a comunidade e a ela se dirigir, expressar seus interesses e necessidades comunicacionais, além de privilegiar a propriedade e a gestão coletivas. Caracteriza-se, pois, por uma comunicação de proximidade, seja de matriz cultural, histórica, linguística, física ou de ação política. A comunicação, nesse gênero, engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle de organizações comunitárias e movimentos sociais” (PERUZZO, 2010, p. 244).

“destrincha” os fatos, explicando-os na sua literalidade, nem sempre é escolhida como recurso de linguagem dentro desses processos comunicacionais em questão.

Em Belém, observamos uma grande oferta de programas policiais, se considerarmos as dimensões da cidade, 1,4 milhões de habitantes e dez emissoras de TV em funcionamento. São alguns eles: Cidade Alerta Pará, Balanço Geral (TV Record), Barra Pesada, Metendo Bronca, Cidade Contra o Crime, Rota Cidadã (todos na RBATV, filiada à Rede Bandeirantes). Já nos principais jornais impressos, *Diário do Pará* e *O Liberal*, há cadernos especiais de Polícia, integralmente voltados para este tipo de cobertura.

Há ainda a rivalidade entre o grupo Romulo Maiorana, detentor da marca Globo, e a família do senador Jader Barbalho, proprietária da concessão da TV Bandeirantes (a retransmissora em Belém é a RBATV), pela hegemonia da mídia e liderança da audiência local em número de vendas e anunciantes, especialmente dos jornais impressos, *O Liberal/Amazônia* e *Diário do Pará*, plataformas que funcionam como uma arena da batalha para essas famílias: ataques pessoais, difamações, ameaças e ofensas são publicadas todas as semanas a respeito de um grupo contra o outro em ambos os jornais diários.

Harrison Lopes criticou esse modelo e acredita que as duas famílias sejam diferentes por uma questão de disputa de poder local, “mas para todas as outras questões, elas são irmãs siamesas”, estando marcadas pelo conservadorismo de ideias e visão econômica neoliberal, como deixam transparecer em seus espaços de opinião.

Sendo que na questão policialesca, a RBA (*cuja concessão pertence aos Barbalho*) consegue ser pior, porque eles têm uma série de programas policialescos que são nojentos e absurdos. São violações constantes dos Direitos Humanos e nada é feito [...] Esses programas são grandes plataformas para políticos. O delegado Éder Mauro, hoje deputado federal da bancada da bala, começou a campanha dele três anos antes da eleição, no programa Rota Cidadã. Ele era o cara super-herói do programa. Isso foi totalmente construído. Ele é deputado federal e o apresentador desse mesmo programa, hoje é vereador (*Joaquim Campos*). O discurso deles era o mais fascista possível... Essa mídia aplaude e evidencia essas atitudes. Quando colocam a Terra Firme, colocam nesse viés. A mídia alimenta diariamente essas questões. É uma luta difícil, mas a gente tem que lutar. (LOPES, 2017).

Junto a esse contexto da mídia local, o Tela Firme percebe que o trabalho de repórter comunitário, desenvolvido por eles mesmos no bairro da Terra Firme, segue outra lógica, diferente da atuação do repórter das mídias comerciais, por conta de mostrar algo que é do pertencimento direto do cotidiano e também por conta do comprometimento

como morador do território, tal como o envolvimento com as pessoas que frequentam os mesmos espaços, a exemplo da praça, das igrejas, da feira, das escolas, das manifestações por melhorias no bairro, os eventos culturais e sociais.

Trabalhamos com algo do nosso pertencimento, do nosso cotidiano, entrevistamos pessoas que frequentamos na mesma igreja, na mesma vizinhança. Não quero generalizar, mas a maioria dos repórteres que chegam aqui no bairro chega com uma pose, e sugestionam bastante o entrevistado, conforme aquilo que eles querem registrar. No comunitário, o sugestionamento não é uma estratégia, pois não se busca um padrão, é algo mais real, não estamos querendo algo empacotado e sim escutar o que cada um quer falar. O comunitário não quer aparecer em um vídeo legal ou com um texto interessante, o nosso comprometimento é mostrar o nosso bairro, a valorização da cultura, da proximidade com os nossos entrevistados e com os nossos personagens que não são tão personagens, são reais...tanto é que convivemos com ele no dia a dia. (LOPES, 2017).

Assim, podemos inferir que o repórter do bairro lança mão de estratégias mais humanizadas para construir sua narrativa, evitando persuadir os entrevistados a se manifestarem de determinada forma, em benefício exclusivamente da produção de imagens atrativas, e sem necessariamente se colocar como um dos protagonistas da narrativa apresentada ou elo fundamental que liga as tramas jornalísticas – o foco está nos moradores do bairro, seus feitos e seus conflitos. Outro aspecto levantado pelos entrevistados do Tela Firme sobre o trabalho do repórter comunitário é não invadir o espaço ou a privacidade das pessoas em busca de uma informação exclusiva e, além disso, sugerir reportagens que não tenham somente a violência como gancho. Na visão do grupo, mostrar os movimentos culturais e sociais, assim como seus projetos, é primordial para cumprir a função de construir outra representação a respeito da população do território.

A gente entende isto: existe dentro do jornalismo pessoas que não invadem, mas em prol de um trabalho eles fazem isso. A gente tem muito respeito pelo outro, de ouvir, escutar, transmitir as ideias de forma horizontal. Tentar entender a realidade, quando a gente está uma emissora tradicional, a gente passa um ponto de vista. E da imprensa comunitária não é só uma pessoa que está ali falando, tem uma pluralidade maior. Não é só a violência que existe na TV ou na comunidade, existem projetos sociais, e nós os incluímos em nossas abordagens, esta é a diferença. (CHAVES, 2017).

O plano do coletivo, portanto, não é ser imparcial, e sim se posicionar a respeito dos problemas existentes dentro do bairro, escolhendo o lado de quem vive ali e convive com a sua pluralidade e com as suas mazelas diariamente, apelando também para o seu pertencimento de morador e conhecimento como tal para adquirir credibilidade junto a

outros moradores e ao público que assistirá aos vídeos para se informar. É diferente do repórter que, apesar de viver na mesma cidade, não tem relação de nenhuma espécie com o lugar e muitas vezes não pode interferir no tratamento da notícia durante a sua edição. Gianotti (2016)⁵⁵, Vidal Nunes e Magalhães (2015) são pesquisadores que se dispuseram a investigar como a grande imprensa tomou de empréstimo as estratégias do jornalismo comunitário para criar um simulacro⁵⁶ do cotidiano da população que vive nas periferias do País, processo comunicacional este que veio sendo construído com maior intensidade durante o fim do Regime Militar (anos 1980).

Apesar de concordamos com a visão desses estudos, consideramos a validade de reportagens voltadas para a cidadania e reivindicação de melhorias nos bairros, inclusive utilizando a influência do veículo para convidar as autoridades públicas a visitarem os locais precarizados. No entanto, a importância do trabalho do repórter de bairro e da sua proposta de atuação muitas vezes é invisibilizada por estas iniciativas jornalísticas que se apresentam como uma “solução”⁵⁷, por supostamente irem além em termos de audiência, de profissionais capacitados e de infraestrutura para levar a “informação mais precisa” aos seus espectadores. Consideramos que ambos os trabalhos, tanto o do repórter das mídias comerciais quanto o do comunitário, são importantes por possuírem vieses e abordagens distintas, embora haja o reconhecimento de que o fazer comunitário é desvalorizado diante do discurso das mídias que se colocam como as únicas dignas de credibilidade pela sociedade.

Para Vidal e Magalhães (2015), em um estudo sobre o quadro “Meu Bairro” na TV, integrante do telejornalístico CETV, da TV Verdes Mares (CE), cuja conclusão pode ser estendida para outras iniciativas de jornalismo cidadão das mídias comerciais,

⁵⁵ Marcos Morel, ex-editor dos jornais de bairro do jornal *O Globo*, em entrevista a Gianotti (2016), disse que essa espécie de cobertura jornalística funcionava como uma faca de dois gumes: “Se por um lado, eles substituíram os veículos próprios do movimento social, por outro lado abriram espaço na grande mídia para questões e demandas que não tinham espaço nenhum. Eu tive uma dupla inserção. Pesquisava a Comunicação Popular e as formas de jornalismo que se fazia na favela e, ao mesmo tempo, trabalhava dentro de um órgão que seria o oposto do comunitário, que é *O Globo*” (GIANOTTI, 2016, p. 181). Outro entrevistado da publicação, Osvaldo León, coordenador da Agência Latino-Americana de Informação – Alai, se opõe a esse tipo de trabalho jornalístico que tem as grandes empresas de mídia como protagonistas ou apoiadoras de iniciativas comunitárias: “É uma operação de marketing que utiliza os mesmos mecanismos de dominação que já existiam, que é a caridade no lugar de direitos. Então, uma das possibilidades de localizar o trabalho de comunicação popular justamente é a luta pela defesa de direitos. Então, diante disso, vamos rechaçar todas as iniciativas que funcionem em uma lógica de caridade” (GIANOTTI, 2016, p. 209).

⁵⁶ Imagem técnica. Se relaciona ao sentido de imitação, que em sua predominância, não leva em consideração a complexidade do real ao sintetizá-la em meios telemáticos de alcance massificado.

⁵⁷ Para Vidal Nunes e Magalhães (2015), o jornal “(ou em plano maior, a imprensa) sobrepõe a sua eficácia frente às outras instituições públicas, em um contexto em que o cidadão já se encontra descrente destas instituições” (2015, p. 3).

Consideramos ser possível afirmar que não existe no CETV um rigor conceitual sobre “comunicação comunitária” com o trabalho feito no Meu Bairro na TV. A utilização da categoria de comunicação comunitária para definir as práticas do telejornal, portanto, não é adequada à realidade, pois o informativo não é feito pelas comunidades para as comunidades, não existindo, portanto, o povo como protagonista, participação representativa, gestão compartilhada, propriedade coletiva, alternativa ao conteúdo da grande mídia, nem conteúdo crítico-emancipador. O que há, em lugar disso, é a presença de fins lucrativos e a preocupação com a audiência, características que não são adequadas à comunicação comunitária. (VIDAL NUNES; MAGALHÃES, 2015, p. 12).

Isto é, o trabalho do repórter comunitário pode ser uma oposição a esses simulacros empreendidos pelos grandes grupos de mídia. Acreditamos que seja necessário que os coletivos que atuam como agentes comunicacionais e culturais no território deveriam receber algum tipo de subsídio governamental ou apoio para realizar suas gravações, reportagens e documentários. Uma experiência interessante desse investimento na América Latina, descrita por Moraes (2009), é o trabalho desenvolvido pela Vive TV, criada na Venezuela em 2003:

A Vive concentra os noticiários não nos repórteres ou apresentadores, e sim nas comunidades retratadas nas matérias. Quem aparece falando, na maioria das reportagens, são pessoas entrevistadas em lugares públicos. Ao mesmo tempo, a emissora promove oficinas para ensinar as entidades comunitárias a produzirem o seu próprios programas, vários deles veiculados pelo canal. Trabalha-se como a premissa de que setores organizados da população podem se tornar protagonistas da elaboração informativa, desde a simples operação de uma câmera, até a escolha de temas que tenham a ver com o seu dia a dia [...] A Vive encarna assim um modelo híbrido de televisão educativa: a gestão, o planejamento e as diretrizes seguem a orientação governamental, mas a programação leva em conta sugestões discutidas com organizações comunitárias. (MORAES, 2009, p. 136-137).

No caso do Tela Firme, o grupo prefere manter o coletivo independente e não aceita ajuda de políticos nem da iniciativa privada. Mas o apoio governamental para uma produção mais recorrente seria bem-vindo, desde que não interferisse nas pautas e nos conteúdos criados. De acordo com Harrison Lopes, o Tela Firme não possui CNPJ, e um dos motivos disso é que não há nenhuma espécie de edital municipal ou estadual que o coletivo possa concorrer, que seja voltado para os agentes culturais da periferia ou para o fomento da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa. “Os nossos parceiros são um ajudando o outro, de construir junto, de facilitar as articulações sociais.”

Neste contexto de avaliar a atuação do repórter comunitário, em contraste com a do repórter tradicional, concluímos que o primeiro é capaz de fortalecer os vínculos comunicativos, culturais, sociais e simbólicos ao evocar os sentimentos de pertencimento, de partilha do comum, estimulando os moradores a debater os problemas e encontrar soluções para os mesmos, dividindo com os espectadores do Tela Firme as suas histórias de vida, mostrando que a vida no bairro tem o seu lado ruim (o que já é amplamente reforçado pelas mídias comerciais locais), mas sobretudo os seus aspectos positivos, que existem principalmente pela atuação, participação e intervenções de seus moradores no espaço. Essa interface da narrativa da “TF” é ainda muito incipiente, e o Tela Firme vem colaborando com a construção do outro lado da história: o dos vínculos sociais, culturais e simbólicos presentes no bairro.

2.5 – Outros elos: Coletivo Papo Reto (RJ)

Além de “Poderia ter sido você”, realizado pelo Tela Firme, outro exemplo muito bem executado de reportagem comunitária foi realizado pelo coletivo Papo Reto (RJ), ao noticiar em 2015 a morte do menino Eduardo Ferreira, de 10 anos, no Complexo do Alemão, assassinado por policiais militares. No vídeo⁵⁸, realizado pelo grupo, a mãe da criança, que foi baleada em casa, se desespera, falando com o outro filho pelo celular. A produção, de 2m44s, se resume a mostrar esse momento de dor, a fúria dos vizinhos, detalhes do corpo da vítima sendo recolhida pelo IML e, no final, a comoção da vizinhança pedindo por justiça. Nenhum repórter do grupo interrogou os familiares do menino para saber como estavam se sentindo ou querendo arrancar deles alguma declaração que pudesse ser utilizada a serviço do espetáculo, do sensacionalismo, dos vínculos hipnóticos, fazendo com que aquela família revivesse a tragédia.

A câmera funcionou como uma sutil observadora, que não comunica expressamente as suas impressões ou julgamentos sobre o caso – isto é, temos outra forma de reportar os fatos que transita entre o sensível, pois não apela essencialmente e soberanamente ao racional⁵⁹ para tecer os seus conceitos, preconceitos, juízos e o

⁵⁸ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OdBSLcjwtIE>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

⁵⁹ Entendemos também que nas engrenagens das mídias comerciais também se apelam às linguagens emotivas e afetivas, como demonstrou consistentemente Sodré (2006), porém esses processos são camuflados por um verniz de racionalidade, a exemplo do trabalho de construção de credibilidade que remetem a códigos ligados à faculdade da razão (vestuário, apresentação de dados, apuração de informações expostas como uma verdade unilateral, etc.).

fortalecimento da propriecepção, uma vez que, ao vivenciarem a realidade do bairro, ao se relacionarem com os vizinhos que sofreram a violência, ao colocarem seus corpos em protesto contra uma determinada representação midiática, tem outra forma mais humanizada de tratar o acontecimento e de reportá-lo aos seus espectadores no canal do YouTube.

Avaliamos que essas formas de comunicação e de vínculos que estão presentes e se manifestam no trabalho desses coletivos de comunicação contribuem para que a comunidade possa ter a oportunidade de ampliar os seus espaços de ambiências comunicativas, de visibilidade e haja um empenho para a construção de um diálogo que enfrente as formas de violências reais e simbólicas que enfrentam em seus cotidianos e recuperarem, em última análise, as possibilidades de vínculos comunicativos, culturais, simbólicos e sociais entre as pessoas que habitam no território.

Neste contexto de avaliar os impactos da perda da proximidade e do rebaixamento da tatilidade a um sentido menor, que está atrás da visão e da audição (ambos sentidos de distância e que incrementam a ideia teleparticipação), Miklos (2014) considera também que apenas pela mediação de redes telemáticas, o estabelecimento do vínculo não é possível. A essas relações podemos chamar de conexão, que se caracterizam pela chance de se ampliar contatos, sem que necessariamente se estabeleçam laços de solidariedade e intimidade.

O sentido do vínculo está exatamente em sua processualidade e complexidade, dificilmente garantidas pela mera possibilidade de conexão [...] Comunicamo-nos porque carecemos de afeto, de calor, de segurança. Quando isso não ocorre, germina um imenso vazio. É no imenso vazio que nasce o desejo de comunicação, de religação com o “outro”. (MIKLOS, 2014, p. 32).

Como observamos, a Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa transcende o seu caráter funcional de apenas informar, facilitar a circulação dos fatos, de construir versões e apresentar realidades. Ela também “faz” os vínculos, os transforma, move-os e os ressignifica, quebrando com papéis cristalizados impostos pelas grandes mídias, suas ferramentas de linguagem e propostas de vinculação. E de que são feitos os vínculos é um mistério que ainda não foi amplamente desvendado pelas ciências, já se sabe que eles são uma necessidade, mas também um meio possível de transformação do real e fundamental para que o processo comunicativo re-exista.

Como os vínculos vêm sendo construídos no bairro da Terra Firme? Esse será o assunto do próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

#Ocupatudo: Uma análise sobre a construção de redes de ação, vínculos e espaços resistência pelos coletivos presentes no bairro da Terra Firme

“Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.”
“Rua”, Paulo Leminski, poeta

“Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;
Se não houver flores, Valeu a sombra das folhas;
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.”
Henfil, cartunista

“Eu acho que a vida é uma invenção. Se você quer inventar para o ruim, você inventa para o ruim. Eu tenho horror a ficar sempre para baixo, sempre dizendo “que a verdade sobre a existência é que ela não tem sentido”: Mentira! Ninguém sabe qual é a verdade! Se você escolhe dizer que tudo é uma merda e que não tem sentido nada – pode até ganhar o prêmio Nobel – mas não ajuda ninguém. Eu prefiro o cara que coloca a vida para cima, se ninguém sabe qual é a verdade, eu vou colocar ela para baixo?”
Ferreira Gullar, poeta

Em 16 de novembro de 2016, por volta das 19 horas, uma assembleia estudantil deliberou a favor da ocupação da escola estadual Brigadeiro Fontenelle, a maior da Terra Firme, com quase 1.500⁶⁰ estudantes de ensino fundamental e médio. Mais de 300 pessoas participaram do evento⁶¹ entre estudantes, mães e pais de alunos e representantes da Secretaria de Estado de Educação (Seduc).

Os estudantes resolveram entrar em greve por causa da infraestrutura precária do prédio, que estava com cadeiras, ventiladores, lâmpadas e lousas danificadas, serviços de zeladoria e limpeza insuficientes, instalações elétricas e rede de esgoto comprometidos pela ação do tempo. Além disso, o movimento estudantil fazia oposição à aprovação da PEC 55, que prevê o congelamento dos recursos federais para a saúde e a educação nos próximos 20 anos⁶².

⁶⁰ Dado: Censo Escolar 2016/Inep. Disponível em: <http://www.qedu.org.br/escola/14053-eeiefm-especial-brigadeiro-fontenelle/censo-escolar?year=2016&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item>. Acesso em: 5 nov. 2017.

⁶¹ Informações extraídas do texto do grupo Tela Firme. Disponível em: <<https://www.facebook.com/telaфирme/posts/1824216414458313>>. Acesso em 03/11/2017>. Acesso em: 10 ago. 2017.

⁶² Mesmo impopular, o Congresso Nacional aprovou o projeto de emenda constitucional, que entrou em vigor em dezembro de 2016.

Quando ocuparam o prédio, os alunos logo descobriram alimentos como frutas e caixas de macarrão estragados ou vencidos⁶³.

Figuras 22, 23, 24 e 25 – Alimentos estragando na escola Brigadeiro Fontenelle (PA), livros novos empilhados na escola Paulo Freire (RJ) e livros novos e mochilas encaixotadas na escola Fernão Dias (SP)



Fontes: Ver nota de rodapé⁶⁴.

⁶³ CAMPELLO, Lilian. Alimentos vencidos estragam em depósito da Escola Brigadeiro Fontenelle em Belém. **Brasil de Fato**, São Paulo, 1 dez. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/01/alimentos-vencidos-estragam-em-deposito-da-escola-brigadeiro-fontenelle-em-belem/?referer=bdf_button_facebook>. Acesso em: 10 set. 2017.

⁶⁴ Fonte das imagens, respectivamente: BRITO, Jean. Alimentos vencidos estragam em depósito da Escola Brigadeiro Fontenelle em Belém. **Brasil de Fato**, São Paulo, 1 dez. 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/01/alimentos-vencidos-estragam-em-deposito-da-escola-brigadeiro-fontenelle-em-belem/?referer=bdf_button_facebook>. Acesso em: 10 set. 2017.

COMPUTADORES novos e material escolar escondidos em escola ocupada causa revolta. **Conexão Jornalismo**, Rio de Janeiro, 18 abr. 2016. Disponível em: <<http://www.conexaojornalismo.com.br/colunas/educacao/computadores-novos-e-material-escolar-escondidos-em-escola-ocupada-causa-revolta-54-43530>>. Acesso em: 10 set. 2017.

REIS, Vivian (reprodução). Alunos mostram condições em que vão devolver o prédio da Fernão Dias. **Portal G1**, 4 jan. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2016/01/alunos-mostram-condicoes-em-que-vao-devolver-predio-da-fernao-dias.html>>. Acesso em: 10 set. 2017

Encontrar alimentos estragados na dispensa e produtos novos como livros e computadores que jamais saíram da caixa para o uso em comum dos estudantes foi uma prática recorrente⁶⁵ nas mais de mil⁶⁶ escolas de ensino secundário que foram ocupadas em todo o País a partir do final de 2015 ao longo de 2016, acontecimento este que ficou conhecido na história brasileira dos movimentos sociais como a “Primavera Secundarista”.

A gestão temporária dos alunos⁶⁷ na Brigadeiro Fontenelle transformou intensamente a rotina da escola – em vez das aulas tradicionais, o espaço recebeu oficinas de turbantes, de tranças afro, dança de rua, capoeira, meio ambiente, comunicação, libras e debates políticos, a exemplo das palestras sobre os impactos da PEC 55 e da reforma do ensino médio, com a presença de representantes da Ordem dos Advogados do Brasil seção Pará (OAB-Pará).

Organizados em equipes de trabalho e turnos, os alunos se dividiram em equipes especializadas, como programação cultural, comunicação, alimentação, limpeza, segurança e saúde. O jardim da escola, de uso em comum, foi capinado e revitalizado e as paredes do pátio pintadas. Várias salas receberam faxina feita pelas mães dos estudantes e por eles próprios.

A ocupação contou com o apoio de entidades como o Levante Popular da Juventude, o Coletivo Casa Preta⁶⁸, o Boi Marronzinho, a ONG AME, o Tucunduba e o coletivo Tela Firme, que fez uma breve cobertura jornalística de texto, fotografia e audiovisual sobre a ocupação, divulgada na plataforma digital Facebook. O material audiovisual produzido pelo coletivo de comunicação é um dos poucos que se tem mostrando as transformações da rotina da escola e, além disso, é um registro histórico, tendo em vista que a Brigadeiro Fontenelle, de acordo com o Tela Firme, foi a única⁶⁹ escola situada em um bairro de periferia que foi ocupada em Belém.

No capítulo anterior, observamos e classificamos o que são e como se manifestam os vínculos sociais, simbólicos, comunicativos, culturais e hipnógenos, associando-os

⁶⁵ Nos colégios estaduais Tiradentes (PR), Fernão Dias (SP) e Paulo Freire (RJ) foram encontrados computadores, instrumentos musicais que seriam destinados a aulas no contraturno, aparelhos de ar-condicionado e livros didáticos ainda na caixa.

⁶⁶ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-10/mais-de-mil-escolas-do-pais-estao-ocupadas-em-protesto-entenda-o-movimento>>. Acesso em: 11 set. 2017

⁶⁷ A ocupação da Brigadeiro Fontenelle foi de novembro até o recesso escolar, em dezembro. Não encontramos informações ou registros da data exata de seu final.

⁶⁸ Coletivo cultural que atuou na Terra Firme entre os anos de 2015 até meados de 2017, ocasião em que seus realizadores se mudaram para o distrito de Cotijuba, em Belém, passando a realizar ali as suas ações culturais e políticas de promoção da cultura afro.

⁶⁹ Informações orais transmitida durante as entrevistas que subsidiaram a pesquisa.

com o processo comunicacional do coletivo Tela Firme, em especial a produção do vídeo “Poderia ter sido você”, cuja concepção e gravação foi um momento em que esses vínculos estabelecidos no território, mas também a partir de narrativas de vida e do sentimento de pertença daquilo que existe em comum no grupo, funcionaram para a mobilização e enfrentamento às violências cotidianas. Consideramos que o vídeo, ao mostrar a perspectiva das potenciais vítimas dessas violências, apresenta um ganho qualitativo no discurso que se constrói a respeito dessa temática e sensibiliza/convida os membros da comunidade (seja do bairro ou da cidade) a serem mais engajados nas culturas de promoção de paz e a se colocar no lugar do outro⁷⁰.

Nesta última parte da dissertação, vamos analisar como o coletivo Tela Firme contribui para a consolidação de vínculos sociais, culturais e simbólicos por meio de suas ações comunicativas e em interação com outros coletivos do bairro, formando redes e promovendo ações socioculturais e educativas no território, contribuindo, assim, com a nossa proposta de investigar a amplificação dos vínculos em contextos comunitários. Além disso, com base em nossas vivências presenciais com os membros do Tela Firme e no que foi registrado durante as entrevistas, mapeamos alguns desses grupos, coletivos que compõem as redes de ação na Terra Firme. Para tanto, como arcabouço teórico, citaremos as obras de Castells (2013), Guattari (1990; 1992; 2013), Sodré (1988; 2014) e Baitello Jr. (2008; 2014), Miklos e Cunha (2015).

3.1 – “Se não for a gente, quem vai fazer?”

Após a gravação e grande repercussão do vídeo “Poderia ter sido você”, em janeiro de 2015, o Tela Firme não se acomodou ao longo desse ano nem do próximo, 2016 – realizou um vídeo sobre as eleições de conselheiros tutelares de Belém, sensibilizando a respeito da importância desses profissionais para o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e, ainda, uma cobertura jornalística ampla, com vídeo, texto jornalístico e fotografias, sobre as marchas das mulheres contra o presidente Michel Temer, movimento que recebeu em âmbito nacional a *hashtag* #mulherescontratemer, cobriu a reunião do Fórum de Cotas, na escola Brigadeiro Fontenelle, e deu visibilidade a uma ação ambiental de revitalização do espaço público na avenida Perimetral, liderada pelo Ponto de Memória da Terra Firme. O grupo

⁷⁰ Em outras palavras, ter mais empatia, como conforme definido por Contrera (2014), no capítulo anterior.

participou e ajudou a divulgar eventos diversos, a exemplo da roda de conversa “A grande mídia e a crise política no Brasil”, realizada na Terra Firme, na qual fizeram uma fala como debatedores em conjunto com a agência de notícias Outros 400 e outros interlocutores.

Embora a produção audiovisual e jornalística do Tela Firme seja extensa e plural, selecionamos alguns vídeos no decorrer da pesquisa para comentar e analisar com maior detalhamento, a exemplo dos vídeos “Tela Firme – Terra Firme #2”, no Capítulo 1, “Poderia ter sido você, no Capítulo 2 e “Ocupação Escola Brigadeiro Fontenelle”, no Capítulo 3.

Figuras 26, 27, 28 e 29 – Reprodução extraída da reportagem “Ocupação Escola Brigadeiro Fontenelle”.

Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/telaфирme/videos/vl.231831637322667/1826627734217181/?type=1>>

(26/11/2016). Acesso em 30/11/2017.



Fonte: Vídeo “Ocupação Escola Brigadeiro Fontenelle”. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/telaфирme/videos/vl.231831637322667/1826627734217181/?type=1>>.

Acesso em: 1 dez. 2017

A reportagem sobre a ocupação da escola Brigadeiro Fontenelle é significativa a respeito de como o coletivo vem fomentando e fortalecendo os vínculos comunicativos e culturais no interior da comunidade em que atua – aqui novamente se busca um ganho qualitativo do discurso em comparação com as mídias comerciais da cidade, sobretudo, quando se trata de temáticas da juventude e problemas sociais que atingem mais diretamente os moradores de periferia.

Afirmamos novamente que se busca uma qualidade discursiva, primeiro porque o coletivo compreende e transmite por meio de seus vídeos o protagonismo assumido por aqueles alunos que participavam da ocupação. No vídeo do coletivo, vários deles são entrevistados e têm a oportunidade de mostrar o porquê de realizar a ocupação. Além disso, mostram as fotografias da escola sendo arrumada pelos alunos, alunas e pelas mães, apresentam as imagens da oficina de dança com a sala lotada, a câmera passeia pelo cronograma da divisão de tarefas e das rodas de conversa mediadas pelos estudantes – o foco da produção do grupo é mostrar que a ocupação da escola pode deixar um legado positivo para a comunidade escolar. E mesmo que a ideia de um legado fosse equivocada de se imaginar, torna-se uma experiência válida na medida em que provocou estudantes a cuidarem dos espaços da escola, a definirem e tornarem possíveis as formações educativas e culturais que gostariam de ver no colégio – mesmo que por poucos dias, de forma efêmera.

Já a cobertura realizada pelo jornal *O Liberal* – 1ª Edição⁷¹, apenas para citar um exemplo do que foi noticiado pelas mídias locais, apesar de enfatizar a necessidade de a escola ser reformada, com a troca e revitalização de vários equipamentos, foi destacado que os alunos pintaram a escola, cuidaram do jardim, porém não citou nem mostrou os processos de sociabilidade que ocorreram durante a ocupação, tampouco os debates políticos que aconteceram na escola, responsáveis por aglutinar pensamentos plurais a partir da ocupação, ambos os elementos considerados aqui de igual relevância em conjunto com a urgência de melhorias: entendemos que as condições precárias e as manifestações, que representariam no texto jornalístico “a solução” encontrada pela comunidade escolar, e uma mobilização que bem ou mal foi capaz de negociar execuções de revitalização com a Seduc, são dois lados que precisam ganhar visibilidade no discurso

⁷¹ ALUNOS da Terra Firme ocupam escola contra PEC 55. **Portal G1**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/11/alunos-da-terra-firme-ocupam-escola-contra-pec-55.html>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

mediático equilibradamente. É preciso divulgar também com relevância que o problema pode “ter um jeito” de resolver, ainda mais quando essas possíveis soluções passam pelo autogestão e a participação social efetiva dos grupos manifestantes.

Do contrário, o efeito provocado pelas mídias comerciais será apenas de desvalorizar os bens públicos, conforme nos alerta Vidal e Magalhães (2015):

Iniciativas como essa podem construir ou potencializar uma imagem negativa do poder público e das instituições sociais em um contexto em que o cidadão já se encontra descrente nessas instituições [...] ao se colocar como catalisador da solução de problemas, o jornal (ou, em plano maior, a imprensa) sobrepõe sua eficácia frente às outras instituições” (VIDAL; MAGALHÃES, 2015, p. 93).

De acordo com o cinegrafista Harrison Lopes, o trabalho do Tela Firme na ocupação da escola foi dar visibilidade para as pautas estudantis, tentando informar o público externo, outros movimentos sociais e especialmente os moradores do bairro sobre as razões do ato, tendo em vista que tomar a escola é uma medida controversa, já que implica a interrupção temporária das aulas previstas na grade curricular e interfere no cumprimento do calendário acadêmico,

Participamos da ocupação naquele suporte de divulgar o que estava sendo feito. Foi incrível a ocupação, porque os alunos mostraram tanto vigor e tanto comprometimento pela escola deles, aí você diz, ‘ah, eles estão sendo manipulados’, mas não, é impressionante o poder daquela juventude. A gente participou assim, apoiando os alunos, eles mandavam para a gente no grupo do WhatsApp, ‘olha acabou a comida’, e a gente ‘vamos arranjar, vamos divulgar na página do Facebook, chamar os amigos, vamos ver de que jeito dá pra conseguir’. Vamos fazer um vídeo da ocupação porque precisa ter registro, se não for a gente, quem vai fazer? A mídia não vai vir aqui e se vier, vai criminalizar... como criminalizou.⁷² (LOPES, 2017).

Como nem tudo são flores nessa primavera, muito pelo contrário, pois estão em jogo posicionamentos políticos divergentes dos grupos de interesse e do que cada um prioriza, uma parcela dos alunos da Brigadeiro Fontenelle foi contra a ocupação, pois eles preferiam que a manifestação não paralisasse as aulas previstas no calendário. Eles não eram contra a ação, diziam, mas defendiam a adoção de uma estratégia que não interrompesse o planejamento escolar, pois tinham pressa para se formar. Muitas alunas

⁷² Entendemos que a fala de Harrison é no sentido de criticar a construção do discurso midiático local, que tende a culpabilizar/condenar a ação dos alunos ocupantes, deixando a entender que estes atos são uma “bardena” ou estão associados ao vandalismo e depredação, ou até mesmo são um desvio de função do prédio público, gerando assim a insatisfação e protesto dos alunos “que querem estudar”, invisibilizando deste modo o caráter político e intelectual-estratégico das ocupações escolares.

e alunos que se opuseram à ocupação pertenciam ao programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), e pelo fato de serem mães e pais, trabalhadoras e trabalhadores, necessitam de imediato do diploma de conclusão de ensino médio para conseguirem melhores oportunidades de emprego e de vida.

Durante as negociações entre a população escolar e a Seduc para a desocupação do prédio, os alunos do movimento estudantil conseguiram o comprometimento da secretaria para atender algumas das reivindicações. Nem tudo o que foi prometido, contudo, chegou a de fato a ser realizado, porém reconhecemos que a ocupação não encerra a necessidade de diálogo e manifestações pela garantia de uma educação de qualidade – ainda há muito a se fazer.

Entretanto, consideramos que somente pela possibilidade do diálogo, e ainda pelo engajamento de diversos agentes sociais, a ocupação da escola teve um saldo positivo e é um exemplo de como os coletivos e redes adquirem relevância na busca por maior participação social e conseguem ter uma atuação efetiva sobre a realidade: Embora a importância dos processos da política oficial não sejam negadas – tanto é que nesse caso, negociou-se com uma secretaria estadual –, estratégias são pensadas a partir da base social e com efeitos imediatos, cuja durabilidade é construída com o passar do tempo e nem sempre os seus agentes atuam em âmbito institucional.

Pelo contrário, por vontade própria ou não, a maioria dos coletivos, grupos e redes que atravessaram a nossa pesquisa são independentes e funcionam por fora de procedimentos burocráticos. Avaliar o impacto de suas ações é uma tarefa árdua.

Como enfatizamos no primeiro capítulo, analisar iniciativas independentes, como a ocupação da escola do bairro ou um grupo de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa presente na periferia, é reconhecer que há um processo em curso mais cíclico do que linear, que os aspectos relacionais das redes nem sempre são organizados ou alinhados, mas em um dado tempo podem entrar em sintonia. Da mesma maneira que nem todos os movimentos originados a partir dos encontros pretendem adquirir CNPJ, sede própria e sequer podemos presumir que seus membros têm a intenção de se profissionalizar ou atuar dentro de uma perspectiva macropolítica. Este desejo de ampliar as suas ações por meio da profissionalização e captação de recursos é frequente e está em conformidade com a necessidade e demanda da população por essas atividades culturais, sociais e educativas. As redes construídas em suas fases iniciais, contudo, são impermanentes, passíveis de diluição, de não continuidade, e assim podem funcionar

durante anos, mas nem por isso são frágeis quanto aos seus propósitos, alcances e capacidade de articulação com outros grupos de afinidade.

O próprio Tela Firme é um coletivo que não possui um cronograma de ações, embora elas sejam constantes, e seus membros podem facilmente se desligar das atividades do grupo, tendo em vista que o trabalho não envolve nenhum tipo de obrigação contratual. Mas essa aparente fragilidade em sua organização não inviabiliza a atuação do grupo, não impede a longa permanência de seus comunicadores no projeto (mesmo que eles tenham demonstrado a vontade de se dedicar mais, pois como trabalham ou estudam, não têm disponibilidade para se reunirem com uma frequência maior) ou sua atuação em outras frentes sociais.

De acordo com Castells (2013), redes de ação e colaboração se estabelecem por meio da interação em ambiente natural e social, conectando as redes neurais dos indivíduos com as redes da natureza e com as redes sociais. E, nesse processo, a comunicação ocupa a centralidade, pois ela é responsável pela troca de informações e compartilhamento de significados, viabilizando assim a existência destas redes (p. 15). Para Miklos e Cunha (2015), é no espectro da comunicação que ocorre a troca de um presente individual por um presente coletivo, pois as vivências e a produção de sentidos em que ela é o principal componente mediador possibilitam a compreensão do passado, da história e da abertura para novas sensibilidades (p. 14).

Uma das funções desses ajuntamentos seria também disputar a construção de significados na mente das pessoas, tendo em vista que o monopólio dessa elaboração pertence aos meios de comunicação corporativos, e esses grupos de engajamentos sociais são capazes de gerar um processo comunicacional baseado na produção de proximidade. Na visão do autor, ainda, a proximidade “é um mecanismo psicológico fundamental para superar o medo” (p. 19). Para ele, o medo é uma espécie de afeto negativo que atinge os indivíduos e que também se estende à coletividade.

Nesse contexto, podemos inferir, então, que o coletivo Tela Firme não atua de maneira isolada e individual no território, produzindo material audiovisual ou participando de discussões nos espaços educativos e culturais quando são convidados. O seu trabalho não se reduz a essas agendas e compromissos – ele é influenciado por outros movimentos e se associa a eles, ora protagonizando atividades de comunicação, ora dando apoio pontual para outros grupos, para que assim as ações desses grupos a partir das redes de colaboração adquiram maior reverberação no território, como analisaremos a seguir.

3.2 – “Eu vi que era importante valorizar o feirante, a dona Maria que mora ali, conversar com o vizinho, ter o costume de sentar na frente de casa”: Os vínculos sociais

Durante a realização do trabalho de campo, tivemos a oportunidade de conhecer pessoalmente todos os membros do coletivo Tela Firme e algumas iniciativas culturais do bairro. Ao caminhar pela Terra Firme, os sons e os cheiros que sobressaem são muito pungentes. O som da televisão alta do ponto de táxi da praça da Matriz, ecoando a voz estridente do apresentador do programa policiaisco vespertino, rivaliza com o do carro de som anunciando a próxima festa de tecnobrega. Os aspectos sensoriais e ambientais na cidade de Belém, em especial nos bairros que ainda não foram verticalizados, são um forte elo de ligação e identificação entre as pessoas.

Por isso, para ilustrar as relações de bairro ainda presentes na cidade e a oportunidade de encontros inesperados, e a sua consequente construção de projetos de fortalecimento comunitário que nascem com base nessas interações despretenhosas, é impossível não pensar na canção “Tia Luzia, Tio José”, do carimboleiro Pinduca. A frase musical “Abença tia Luzia, abença tio José, minha mãe mandou buscar um pouquinho de café”⁷³ nos remete às relações específicas de sociabilidade nos bairros da cidade, que, embora em pleno desinvestimento em uma capital como Belém, ainda conserva marcas fortes – é comum um amigo ou vizinho bater na porta da sua casa sem ser convidado e também há o hábito de emprestar ou dividir as suas coisas. Mas para que isso aconteça, é preciso que haja confiança mútua e sentimento de pertença. Em diversos pontos de nossas entrevistas e vivências no bairro, ficou explícita a ocorrência de encontros inesperados, seja no transporte público, na praça, em casa, nas festividades religiosas, além de toda a variedade de empréstimos e doações de equipamentos, espaços físicos, alimentação, formação de mutirões para limpeza e revitalização do espaço, que viabilizam o acontecimento dessas ações sociais independentes.

Em 18 de junho de 2017, o grupo de capoeira angola Sou Angoleiro fez a sua confraternização de aniversário e de arrecadação de recursos para a continuidade de seu trabalho no terreiro do Boi Marronzinho, que foi cedido para a ocasião. O grupo de carimbó Vozes de Fulô se apresentou e ainda tinha a venda de comidas típicas e de festa junina, como vatapá paraense e mingau de tapioca, feitos pelas mulheres do bairro. Um

⁷³ Música disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6b0oh6LEN0I>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

aspecto que chamou atenção foi a interação de pessoas idosas, adultos e crianças no mesmo ambiente e contexto, de lazer e divertimento, isto é, de convivência.

Figuras 30 e 31 – Fotografias da Confraternização do grupo de capoeira “Eu Sou Angoleiro”, no barracão do Boi Marronzinho, na passagem Brasília, no bairro da Terra Firme



Fonte: Imagens realizadas durante a pesquisa de campo em Belém (18/6/2017).

Um exemplo de como essas relações intergeracionais, que Gaiger (2016) nomeia de vínculos interpessoais⁷⁴, manifestam-se: tomemos como exemplo a trajetória de vida e militância da integrante do Tela Firme, Izabela Chaves. O seu pai, Eli Chaves, é diretor da Cia. Teatro Ribalta, que funciona há 30 anos na Terra Firme, dando formação em artes cênicas para crianças e adolescentes do bairro, e que segue em cortejo pelas ruas da Terra Firme durante a Páscoa, em encenação da Paixão de Cristo.

São 30 anos de teatro na comunidade e seis anos de projeto social. A base familiar de lá de casa foi feita para que a gente tivesse um olhar crítico. Quando ele abriu a nossa casa para receber outros jovens e adolescentes do bairro, eu tinha 16 anos, não militava ainda, estava estudando. Eu já falei que eu queria sair da Terra Firme quando eu era mais nova. Mas ele sempre queria sair dentro do bairro, e hoje eu sei que é importante movimentar o comércio local, que é importante ter uma identidade afirmada enquanto moradora, que isso muda o local. E ele mesmo muda a realidade de vários adolescentes. Eu vi que era importante valorizar o feirante, a dona Maria que mora ali, conversar com o vizinho, ter o costume de sentar na frente de casa. Ele que me fez entender isso, que é importante fazer a mudança no nosso raio de alcance [...] A gente não

⁷⁴ Na definição de Gaiger (2016, p. 93), os vínculos sociais classificados como interpessoais são “constituídos modernamente sobretudo pela família nuclear, os vínculos tecem-se de pessoa a pessoa e se estabelecem segundo critérios de precedência e autoridade preexistente, em contextos simultaneamente de intimidade e de assimetria”.

sabia quem ia entrar na nossa casa. Isso foi bom para tirar alguns preconceitos nossos. De que a pessoa não é ladrão porque ela quer ser e nem uma família que é traficante quer ser isso. O nosso crescimento pessoal foi muito enorme. Todo mundo mudou, a minha mãe está mais falante, e ela trouxe um protagonismo pra ela, porque ela cuida dos meninos, ela faz anotações do teatro, ela tinha medo de opinar e ela teve essa mudança. A nossa família mudou. (CHAVES, 2017).

Essa dimensão dos encontros, de gerações distintas, colabora com a construção das narrativas e historicidades em comum. E isso é verdadeiro principalmente em um lugar como a Terra Firme, que antes de se consolidar como bairro, foi uma ocupação ilegal, cujos seus moradores precisaram lutar e ainda têm de se impor para que os seus direitos à habitação e a viver em um lugar saneado sejam reconhecidos. Consideramos que a continuidade desses processos de convivência dependem do reconhecimento da história de lutas sociais entre as gerações de moradores, com base em narrativas, registros e trocas de informações. Para Castells (2013), “quanto mais ideias são geradas dentro do movimento, com base na experiência dos participantes, mais representativo, mais entusiástico e esperançoso ele será” (p. 24).

Desse modo, este contexto do encontro entre pessoas de diferentes idades é um dado que marca os fluxos de comunicação do bairro. Esses contatos facilitam a transmissão oral da memória, uma vez que não se tem esse resgate presente na mídia e, ainda, as gerações mais novas alimentam as mais velhas com discussões contemporâneas, como destacou Ingrid:

A minha mãe é feirante e passa parte do dia em casa. Então a mídia é no que ela vai se basear. Eu já tive várias conversas com ela, de ver ela reproduzindo os discursos midiáticos, do que o repórter falou. E a gente está em um coletivo de mídia alternativa e participar desses debates é deixar uma pulga atrás da orelha nas pessoas, fazer uma provocação. Minha mãe mudou muito, hoje por exemplo, ela sabe reconhecer uma atitude machista na televisão. (LOUZEIRO, 2017).

Daí a importância de se conceber também a atuação dos movimentos sociais e da comunicação Comunitária, Popular e Alternativa também como um processo histórico em vez de imediato, e que se constrói ao longo do tempo, embora entre as suas estratégias estejam ações de efeito mais imediato – ela demanda tempo para a construção de laços de confiança, de afeto, e a sua atuação pode ocorrer de forma mais contundente com o passar dos anos ou em determinadas épocas mais específicas.

Como nos lembra Gohn (2014), sempre há um substrato, um legado do passado que se traduz em memórias e aprendizados, que em dadas ocasiões reaparecem, articulam-se com os fatos de presente, com o intuito de reinterpretar as mobilizações do passado sob um olhar contemporâneo (p. 27 e 28). Nesse sentido, observamos que essas redes de solidariedade, de cooperação e de ação emergem com base no convívio e nos encontros entre os moradores do bairro, tanto com as suas famílias e vizinhos quanto em ambientes de lazer e divertimento onde a participação seja plural e democrática quanto a idade, realidades de vida, de crenças e níveis de conhecimentos. E o bairro da Terra Firme tem espaços de interseções onde essas singularidades se misturam.

Como observamos, os espaços de intersecção, facilitadores de encontros e de convivência são fundamentais para a amplificação dos vínculos e renovação do processo comunicacional, que na atuação dos coletivos seguem um fluxo no sentido de discutir modelos de vida, existência e agir no mundo para o hoje e para o futuro. Por essa razão, vamos fazer aqui algumas reflexões acerca dos aspectos territoriais da Terra Firme e de como esse lugar é carregado de vínculos simbólicos a partir de um trabalho de revitalização dos espaços públicos e da memória.

3.3 – “O seu Valmir, por exemplo, já mandou até foto para a gente, que ele colheu um cariru⁷⁵ para fazer o feijão dele”: Os vínculos simbólicos

No final de 2016, a escola Brigadeiro Fontenelle ainda estava ocupada. Os estudantes do colégio convidaram a ONG AME, formada somente por mulheres universitárias e ex-universitárias da UFPA e uma parte delas moradora da Terra Firme, para fazer uma atividade ambiental na escola. Poucos dias antes, elas haviam encontrado um canteiro cheio de lixo e escombros, ao lado da ponte que atravessa o atual canal do Tucunduba, na avenida Celso Malcher, a principal da Terra Firme. Nas palavras de Micaela Valentim, oceanógrafa, fundadora e diretora de comunicação da ONG, o canteiro, que até então se mostrava trivial na paisagem do bairro, era “um lugar muito sensacional”. E o olhar especial dessas mulheres de fato transformou o pequeno pedaço de terra.

A ponte do Tucunduba surgiu em 2014, antes das eleições para governador e deputados: várias casas foram desapropriadas para a construção da ponte, que faz parte

⁷⁵ Também chamada de caruru, é uma verdura amazônica rica em selênio, manganês e zinco, utilizada no preparo de alimentos como arroz e feijão.

do conjunto de obras de macrodrenagem da região, que já dura mais de 20 anos, entre paralisações e continuidades, sem nunca ter sequer chegado perto de uma conclusão. O entorno do Tucunduba é também a área mais empobrecida da Terra Firme, onde estão situadas as palafitas, que são moradias precárias em cima das áreas de alagados. A obra tem a função de facilitar o escoamento da água da chuva, inclui a pavimentação das vias públicas e construção de um sistema de esgoto para a população de diversos bairros de Belém que ficam em áreas conhecidas como “baixadas”. Estar perto do rio significa a impossibilidade de esquecer a sua presença: ele exala o cheiro forte do esgoto sem tratamento.

O que uma parte da população de Belém conhece apenas como um canal é também um rio, atualmente caracterizado pelos seus altos níveis de poluição. Suas margens, sobretudo as que são próximas as casas e palafitas, são cheias de lixo. Mas nem sempre foi assim. O trabalho de revitalização da memória realizada pela AME indica que batizados de recém-nascidos eram realizados naquela bacia hidrográfica por volta do século XIX e ela também era utilizada para a pescaria. Logo, podemos inferir que as suas margens outrora eram espaços de convivência e lazer dos moradores dessa região.

Figuras 32, 33, 34 e 35 – Ação ambiental e comemoração de aniversário de 1 ano da AME, realizadas em 17 de junho





Fonte: Fernando Maués, 2016, fornecido para a divulgação da AME no Tucunduba. Disponível em: <https://www.facebook.com/ameotucunduba/posts/1376566912434972>. Acesso em: 30 nov. 2017.

O Tucunduba até hoje é um acesso muito importante para as ilhas que cercam a cidade de Belém. Os barcos entram na capital por essa bacia até a parte que ainda está navegável, até a feira do local, que leva o mesmo nome da bacia. Atualmente, as crianças continuam a tomar banho no rio, mas é por falta de equipamentos de lazer no bairro. Com isso, estão expostas a doenças de pele e todas aquelas que são transmitidas pela contaminação das águas. De acordo com Micaela, que é moradora da rua São Luís, na Terra Firme,

O que se perdeu é ‘vamos tomar banho no Tucunduba’, isso não acontece mais. O nível de contaminação que tem é de um estado bem crítico e eu tive uma amiga que se molhou e não teve tempo de se secar, ela teve impigem. Mas se perdeu muito isto, a questão do lazer. E perdeu a questão da pesca, perdeu o contato íntimo, se perdeu a relação afetiva. Ninguém quer se jogar em uma água que está contaminada. (VALENTIM, 2017).

O rio Tucunduba está, portanto, condenado e não há nada a se fazer, certo? Errado: de fato, talvez tornar a água do rio potável novamente e a conversão das margens em espaços de sociabilidade envolveria bilhões de reais, anos de execução de obras e a boa vontade dos agentes macropolíticos. Mas com inteligência, pesquisa e determinação, os coletivos conseguem mudar um pouco a paisagem do bairro – para a atividade de educação ambiental com os estudantes da Brigadeiro Fontenelle, a AME decidiu revitalizar aquele pedacinho de beira de rio. Foram dois dias de ação, um na escola, com uma roda de conversa sobre a importância do Tucunduba para a cidade, e no segundo dia,

em um sábado, foi organizado um mutirão para a retirada do lixo, capinar e plantar no local.

Como entre o lixo tinham blocos de concreto, muito pesados para os voluntários retirarem, as meninas pediram aos trabalhadores de uma obra próxima ao canteiro que as ajudassem a carregá-los para fora do espaço. O muro também foi pintado com um grafite e foram colocadas placas de sensibilização ambiental.

Mas na véspera da ação, elas foram na casa vizinha ao canteiro para pedir permissão para realizar o evento, saber se não iriam incomodar e se aquele terreno já pertencia a algum morador. E foi aí que começou a amizade com o “seu Valmir”, morador da casa. E, a partir desse encontro, foram dialogando para que a horta comunitária ganhasse mais visibilidade no espaço público e pudesse ser vista da rua.

O carro do seu Valmir ficava estacionado na frente da horta. A gente não queria pedir para ele tirar o carro, porque ele já ajudava tanto a gente! Resultado: ninguém enxergava o espaço. Mas aí a gente perguntou se ele não poderia, e desde então as pessoas conseguem ver a placa, as três placas da horta, para saber o que está acontecendo ali, dava para ver as plantas, mas não dava pra saber que era uma horta. A gente vai aperfeiçoando esses modelos, fazendo a manutenção, deixando mais chamativa e agradável de estar. O seu Valmir, por exemplo, já mandou até foto para a gente, que ele colheu um cariru para fazer o feijão dele. E a gente está vendo também se a gente consegue mobilizar as crianças para molhar as plantas, porque a gente sabe que os adultos não vão fazer, mas para as crianças é algo divertido. (VALENTIM, 2017).

Assim que finalizaram a ação ambiental no canteiro, novos desafios se impuseram para a AME – primeiro, o que fazer com o local recém-revitalizado e, depois, como mobilizar as pessoas para que elas participem das programações, quando ocorrem. Desde que surgiu o espaço, elas têm feito atividades mensais – ele completou 1 ano em junho de 2017 – ou a cada 2 meses. Na visão do grupo, as ações no local são um instrumento para chamar atenção das pessoas, para que elas se apropriem da horta comunitária, colhendo cariru, tomate, manjerição e as flores que foram plantadas. Micaela acredita que, pelo fato de o espaço ficar a caminho da feira da Celso Malcher, as pessoas não param com frequência para observar as vantagens dos espaços revitalizado. Na avaliação dela, a AME ainda não atingiu o objetivo envolver a comunidade que mora no entorno:

A gente tem duas formas de fazer ação, nas redes digitais ou de porta em porta, um dia antes da ação, a gente explica o que vai ter lá de manhã. Em duas ações fizemos isso. Nós procuramos principalmente as casas que têm árvore. Uma das flores que têm lá no canteiro foi uma moradora que doou para a gente. A gente enxerga o nosso público que participa muito mais como as crianças e as mulheres. O problema é que elas têm a responsabilidade da casa, porque de

manhã elas fazem o almoço, elas lavam a roupa e não podem ir pra esse momento. Então a gente não acessa muito o público masculino. As pessoas não têm um sentimento de pertencimento, eu moro no bairro, eu pinto um muro, planto uma horta e ninguém reclama? Se alguém fizesse isso na minha rua, eu ficaria curiosa para saber o que estavam fazendo. As pessoas não têm essa sensação de pertencimento de cidade. Por conta disso, elas não vão lá para querer saber quais são as intervenções que a gente está fazendo. A gente tem que insistir e não pode parar até chegar ao ponto da pessoa ir por vontade própria e participar. (VALENTIM, 2017).

A entrevista revela que ainda muito precisa ser feito para garantir a participação dos moradores da Terra Firme nos projetos sociais. É errôneo imaginar que, apenas pelo fato de a atividade ser ofertada, a mobilização ocorrerá de forma orgânica e “natural”. É preciso sensibilizar, ir de porta em porta, pensar em uma programação voltada para as crianças, pois muitas vezes elas são o principal elo de ligação – novamente, aí, se manifestam os vínculos interpessoais – entre a família e o projeto ambiental. Além disso, é preciso se preparar para receber as mães que moram nas proximidades, muito embora as mulheres cumpram a dupla jornada, que consiste em trabalhar fora e ainda cuidar com pouca ou nenhuma ajuda, dos afazeres domésticos e, por essa razão, têm dificuldades em estarem presentes nas programações culturais.

No dia em que participamos dos festejos de 1 ano da AME, havia apenas uma criança e os outros participantes eram jovens de bairros variados da cidade, engajados com as causas ambientais. As integrantes da AME nos contaram a história do rio Tucunduba e, em grupo, resgatamos as nossas experiências individuais e coletivas a respeito da bacia hidrográfica. Podemos considerar que essa transmissão de conhecimento presencial e interativa, com todos os participantes em roda se olhando nos olhos, colabora com o fortalecimento dos vínculos simbólicos, comunicativos e culturais no território que imaginamos e a oportunidade de refletir a respeito dele, assim recuperar uma memória negativa e transformá-la em positiva, *ressignificando o espaço* e o reterritorializando de sentidos e significados.

O sociólogo Félix Guattari (1992, p. 27) explica que os territórios ao redor do mundo vêm sendo construídos e ressingularizados desde sociedades arcaicas, nas quais “a partir de ritmos, de cantos, de danças, de máscaras, de marcas no corpo, no solo, nos Totens, por ocasião de rituais e através de referências míticas que são circunscritos outros tipo de territórios existenciais coletivos”. Essas práticas culturais comunitárias fundadas pelos processos vinculativos e comunicativos estimulam o exercício de subjetividades e de partilha social, propondo outras formas de convivência, que muitas vezes são invisibilizadas pelos diversos aspectos negativos presentes na vida comunitária

contemporânea, marcada por conflitos individuais, coletivos e políticos, descaso do poder público em construir uma rede de apoio para essas populações e, ainda, a necessidade de sobrevivência em um contexto de pobreza e violência, o que contribui para o adiamento e inviabilidade dos encontros, da escuta, do diálogo e das possibilidades de produção de proximidade.

Para Guattari (1992, p. 19-20), a subjetividade pode ser definida como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva”. E completa:

Com efeito, o termo coletivo, deve ser entendido aqui no sentido de uma multiplicidade que se desenvolve para além do indivíduo, junto ao *socius*, assim como aquém da pessoa, junto a intensidades pré-verbais, derivando de uma lógica dos afetos mais do que uma lógica de conjuntos bem circunscritos. (GUATTARI, 1992, p. 19 e 20).

Nesse sentido, o território é dado também a partir da consolidação de redes de práticas culturais, significados e subjetividades que desenvolvemos ao nos fazermos presentes nesses espaços. A partir dessa produção cultural que promove a reterritorialização, Baitello Jr. (2014) avalia que essas pinturas, cores, vestimentas festivas e adornos têm uma função que vai além da produção de sociabilidade: elas em si são ferramentas comunicativas. Essas ações de caráter cultural ou de contato com a natureza, que visam a transformar as relações no âmbito simbólico, também são capazes de dar amplitude às suas mensagens no tempo e a seu impacto de receptividade, além de acrescentar ao corpo uma determinada informação (BAITELLO JR., p. 98). Na visão do autor, como já analisamos no Capítulo 2, o corpo é um instrumento fundamental na vinculação comunicativa e na formação do espaço onde as subjetividades e a imaginação são exercidas.

A instância “corpo” é fundante para o processo comunicativo como um todo. É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão a horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria do seu próprio tempo de vida, compartilhando-os com outros sujeitos. Mas é aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida dos outros. (BAITELLO JR., 2014, p. 96).

Demonstramos aqui, então, que essas formas de comunicação que emanam do corpo e se dão na presença dos agentes sociais realizando interseções culturais e simbólicas são capazes de mudar as relações que os grupos sociais estabelecem com o espaço onde vivem e com a comunidade na qual estão inseridos. A partir de símbolos e significados que são construídos e compartilhados pela coletividade é possível conceber ações que garantam melhorias nas condições de vida da população. Para Muniz Sodré, o processo de simbolização estrutura o organismo social (SODRÉ, 2014, p. 270).

Desse modo, onde haja troca ou substituições, em qualquer nível do organismo social – econômico, político, linguístico e psíquico – está presente o processo simbólico, que é metabolizado pelo processo de socialização [...] Neste nível, o nível da comunicação interpessoal, predominam os atos expressivos e as trocas de mensagens, não necessariamente linguísticos, uma vez que os gestos, os sinais e os afetos concorrem simultaneamente para a conexão intersubjetiva. (SODRÉ, 2014, p. 273).

Sendo assim, observamos que as formas de agir sobre o espaço não atendem somente a motivações pragmáticas, de manter as pessoas unidas apenas por uma questão de enfrentamento a um determinado problema vivenciado coletivamente ou de sobrevivência, e sim pela necessidade que os grupos sociais têm também de se vincular uns aos outros, de serem afetados uns pelos outros, construir as suas narrativas de lugar, exercitarem sua criatividade e imaginação no interior deste convívio.

Não obstante, um dos planos do coletivo Tela Firme é realizar um quadro chamado de “Manas Firmes”, para mostrar o empoderamento das mulheres do bairro. A ideia é que a primeira produção seja um minidocumentário com as criadoras da AME. Até o encerramento da pesquisa, o projeto ainda estava em fase de elaboração e amadurecimento⁷⁶.

3.4 – “Era o nosso olhar em relação à nossa quebrada, à rua que a gente anda e a onde a imprensa não anda e, às vezes, nem a polícia entra”: Os vínculos comunicativos culturais e hipnógenos

A primeira produção audiovisual do coletivo Tela Firme, o bairro, seus espaços, suas narrativas e o seu cotidiano são o foco. Como já citamos, os jovens entrevistam os

⁷⁶ Izabela Chaves, integrante do grupo, lançou, em novembro de 2017, um canal no YouTube chamado “Êêê, mana!!”, junto com Tamara Mesquita, para discutir assuntos relacionados ao feminismo e dar visibilidade a artistas negras dos bairros periféricos de Belém. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gsK5-kJNwG8&feature=youtu.be>>. Acesso em 29 nov. 2017.

moradores mais velhos que falam um pouco da sua vida e das lendas que conhecem, a exemplo da “Cobra grande”.

A narrativa fantástica de uma cobra que viveria no subsolo da cidade e esmagaria as pessoas que encontrassem com ela durante a madrugada está diretamente ligada à fundação do bairro. A mesma reportagem mostra também alguns espaços de convivência da Terra Firme, como a feira livre, a paróquia, a rua. O vídeo pretende mostrar o vínculo simbólico-afetivo que os moradores entrevistados têm com o local, apresentando histórias de vida, reflexões acerca do lugar e críticas construtivas a respeito de como o espaço público pode se tornar uma experiência mais agradável para todos.

A temática desse vídeo é um clássico da Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa. Muitas reportagens desse segmento recuperam a memória do local, discorrem sobre a sua história de início e as narrativas de vida de seus moradores mais antigos. Apesar de essa pauta ser frequente, muitas vezes em uma produção audiovisual, não se tem referências imagéticas a serem seguidas. Um dado interessante das entrevistas é que tanto Maílson⁷⁷ quanto Harrison, respectivamente editor e cinegrafista do Tela Firme, e ambos diretores de imagem do coletivo, fizeram suas falas no mesmo sentido: afirmar que dentro do propósito que o grupo tem, de valorização do bairro e da sua população, inserido em um contexto de produção de mídias alternativas, essas inspirações e referências de imagens locais que representassem os bairros periféricos de Belém, realizados com equipamentos de filmagem mais básicos, são raras.

Eu não tinha algo em mente, porque a gente não tem muito referencial de periferia. Na mídia comercial, tem a Malhação, que trabalha com a juventude, mas não tem nada a ver com a nossa realidade. A gente queria pegar uma câmera e a inspiração era o nosso próprio olhar, de ver que o que os outros não veem, o que a mídia não mostra, então foi isso – era o nosso olhar em relação à nossa quebrada, nossa comunidade, o nosso bairro, o tempo que a gente vive aqui, as pessoas que a gente conhece, a rua que a gente anda, e a onde a imprensa não anda e, às vezes, nem a polícia entra. Se eu for parar pra pensar, eu não encontro nenhum referencial imagético de periferia. A TV Cultura em Belém fez muito material de periferia, mas algo bem geral. (HARRISON, 2017).

⁷⁷ De acordo com Maílson, “Com o Tela Firme, era difícil ter referência. Eu nunca tinha visto uma mídia alternativa aqui em Belém. Como eu falei, a gente acabava construindo, não tentamos buscar também, fazer uma pesquisa, a gente foi e fez. Foram coisas assim que de repente surgiram, a gente já tinha apresentado na praça. Nesse programa do bairro da Terra Firme tem várias locações, são coisas que a gente não tinha referência” (SOUZA, 2017).

Analisando em retrospecto, as iniciativas de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa empreendidas em Belém, que historiamos com maiores detalhes no Capítulo 1, são publicações impressas ou digitais. Até hoje pouco se produziu em vídeos, com edições mais cuidadosas e demoradas, isto é, materiais com um bom acabamento técnico. Nisso, ao realizar produções com uma determinada frequência em vez de ser algo pontual, o Tela Firme foi pioneiro.

Até então, a imagem de representação recente construída sobre o bairro da Terra Firme era monopolizada pelas mídias comerciais da cidade, e o trabalho do coletivo rompe com essa exclusividade discursiva que pertencia somente a esses grupos de comunicação massiva da cidade de Belém. Consideramos, então, que a mídia comercial pode contribuir para a amplitude das desigualdades socioeconômicas na medida em que ressalta as violências, a carência material de um lugar e a suposta falta de instrução de seus moradores, representando-os sempre dessa mesma forma, oferecendo espaços pontuais e secundários de divulgação de projetos culturais e educativos.

Não que noticiar uma ação social, cultural ou educativa da Terra Firme não seja algo válido, mas impressiona perceber, em nossa avaliação, o quanto essas narrativas são despolitizadas para caber dentro do discurso midiático. Nesses contextos de filtros midiáticos, as populações das periferias são exibidas como pessoas que produzem e pensam política apenas quando convêm aos interesses dessas corporações. E é inegável que coletivos como o Tela Firme, a AME, o Boi Marronzinho, o Ponto de Memória da Terra Firme, apenas para citarmos aqueles projetos que conhecemos mais de perto, produzem sentidos políticos ao agirem sobre o território. Não é um sentido político que se origine na política oficial ou partidária, embora muitos de seus integrantes de fato tenham uma militância por dentro de partidos da grande política – o que nós consideramos aqui algo absolutamente importante –, mas no sentido de transformar a sua realidade de maneira autônoma, buscando respostas e modelos de atuação no interior das práticas comunitárias, realizando uma elaboração intelectual e afetiva do lugar onde vivem. E essa interface do cotidiano é invisibilizada pelas mídias comerciais locais.

Podemos inferir que é dessa forma que os vínculos hipnógenos ou hipnóticos se manifestam na Terra Firme, através das mídias que protagonizam essa representação estética: a partir da visão de mundo que enaltece a produção de sentido oriunda do grande capital, do mercado financeirizado, das desigualdades socioeconômicas, mas que trata os conflitos sociais, as violências e a pobreza presentes nas periferias como algo trivial e natural, próprio de territórios e populações que são supostamente menos merecedoras na

medida em que não possuem recursos para investirem em si. Dessas, só resta ter pena, compaixão ou rir. Por isso, boa parte das notícias veiculadas nessas mídias tende a nos provocar esses sentimentos que citamos, daí a importância de se apropriar e de se ressignificar esses discursos e imagens.

De acordo com Guattari (1990), como observamos anteriormente, a mídia colabora para as desigualdades socioeconômicas, e é preciso que os movimentos populares e de base se apropriem das ferramentas midiáticas no intuito de ressignificar essas linguagens técnicas para que elas se tornem mais humanizadas e condizentes com o seu propósito de buscar soluções para todos os tipos de conflito que possam envolver as pessoas e os espaços em que estão inseridas.

A acelerada midiaticização dos conjuntos das sociedades tende assim a criar um hiato cada vez mais pronunciado entre essas diversas categorias de população. Do lado das elites, são colocados suficientemente à disposição bens materiais, meio de cultura, uma prática mínima da leitura e da escrita, e um sentimento de competência e de legitimidade decisoriais. Do lado das classes sujeitadas, encontramos, bastante frequentemente, um abandono à ordem das coisas, uma perda de esperança de dar um sentido à vida. Um ponto programático primordial da ecologia social seria o de fazer transitar essas sociedades capitalísticas da era da mídia em direção a uma era pós-mídia, assim entendida como uma reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeitos, capazes de geri-la em uma vida de ressingularização. (GUATTARI, 1990, p. 46).

Para o autor, a “pós-mídia” seria um avanço em relação ao monopólio que até hoje é praticado. A rede Mídia Ninja, quando surgiu em 2013, no ápice das Jornadas de Junho, denominava-se “pós-mídia” e fazia a “pós-tv”⁷⁸, que eram transmissões ao vivo para a internet, com um recorte pró-manifestação. Com vozes contrárias e a favor a respeito da atuação deste grupo de comunicação alternativa e engajada socialmente, cujos alguns aspectos ainda permanecem controversos⁷⁹, é notório que ele e outros a exemplo do Tela Firme e do coletivo Papo Reto são modelos de oposição ao chamado “coronelismo eletrônico”.

O Media Ownership Monitor (MOM), relatório da ONG Repórteres Sem Fronteiras, financiado pelo Ministério de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da

⁷⁸ Pós-TV também era o nome do primeiro projeto de midiativismo e jornalismo em rede do jornalista Bruno Torturra, um dos criadores da Mídia Ninja, que consistia em transmissões ao vivo de *streaming*, quando a ferramenta ainda era pouco difundida no País.

⁷⁹ A respeito da atuação de grupos como a Mídia Ninja e dos Jornalistas Livres, muito se discute as formas de remuneração dos profissionais de todo o País que enviam as reportagens. Ao passo que as plataformas se dizem de caráter colaborativo e independente, há críticas que questionam esse modelo, refletindo se ele não estaria precarizando o trabalho dos profissionais de jornalismo que enviam regularmente o seu material para esses coletivos.

Alemanha, divulgado em novembro de 2017, revela o nível de concentração da mídia brasileira. A investigação, realizada durante quatro meses, abrange os 50 veículos de comunicação com maior audiência no Brasil e os 26 grupos econômicos que os controlam. O Brasil ocupa a pior colocação dos 11 países já analisados pela RSF – Colômbia, Peru, Camboja, Filipinas, Gana, Ucrânia, Peru, Sérvia, Tunísia e Mongólia foram os outros países investigados.

O estudo constata que, embora a Constituição brasileira proíba que políticos controlem empresas de mídia, 32 deputados federais e oito senadores possuem meios de comunicação, ainda que não sejam seus proprietários formais. A pesquisa chama a concentração de poder na mídia brasileira de "coronelismo eletrônico". Os autores da pesquisa afirmam que em vários estados as afiliadas das grandes redes de televisão e rádio são controladas por empresas de políticos ou de famílias com tradição política. No segmento de televisão, mais de 70% da audiência nacional é concentrada em quatro grandes redes, das quais a Rede Globo catalisa mais da metade dessa audiência.

Essas grandes redes nacionais ampliam ainda mais seu poder sobre a informação, destaca o MOM, através da propriedade de produtos e concessões em múltiplos segmentos. Grandes redes nacionais de TV aberta pertencem a grupos que também controlam emissoras de rádio, portais de internet, revistas e jornais impressos, isto é, detêm propriedade cruzada sobre todos esses meios. É importante destacar que um ponto crucial dos projetos de regulamentação das mídias reivindicado pelos movimentos sociais é o fim da propriedade cruzada.

Por conta dessa superconcentração, que vem estimular pensamentos e valores unilaterais, avaliamos que criar, manter e amplificar os vínculos simbólicos, culturais e afetivos seja algo imprescindível para o enfrentamento dessas formas de domínio midiático e hipnógeno. Para Sodré (2014), a vinculação representa justamente essa potência de coesão comunitária. O vínculo é desprovido de uma substância física ou institucional, ele é, na verdade, uma abertura na linguagem (SODRÉ, 2014, p. 214).

A ordem do coração, a imanência despercebida, a tonalidade afetiva e o laço invisível, são expressões diferentes para a referência comum à coesão comunitária. Para inscrevê-las na sociabilidade moderna, a palavra vinculação afigura-se mais adequada do que relação porque conota semanticamente uma obrigatoriedade ou uma força compulsiva, que não se revela na consciência do sujeito como uma deliberação visível. É a força de onde não raro provêm as atitudes tomadas no interior das relações intersubjetivas sem o recurso prévio a uma reflexão mais demorada. (SODRÉ, 2014, p. 201).

Sendo assim, presumimos que os vínculos nos envolvem também no âmbito do sensível, que nos toca os sentidos, produz ambiências, representações, ampliando as possibilidades comunicacionais, que estão além de uma “eficaz” troca de informação. Por essa razão, processos comunicacionais voltados para a convivência e práticas comunitárias rompem com o modelo engessado e enviesado sob uma perspectiva neoliberal desses meios de comunicação controlados por essas famílias historicamente privilegiadas.

Dentro desse contexto, indagamos a alguns membros do Tela Firme se havia a preocupação do grupo em medir a audiência de suas plataformas digitais ou saber como ocorre a expectativa de sua produção audiovisual. Não há uma gestão de redes digitais, então mesmo que a comunicação do coletivo tenha um foco, que é atingir as juventudes e os moradores da Terra Firme, não se tem um dado quantitativo ou qualitativo mais técnico sobre como esse público interage nas redes digitais em que o coletivo está presente ou como ele assiste aos vídeos.

Uma mudança pontual que foi realizada ao longo dos anos foi concentrar as postagens audiovisuais na plataforma Facebook, deixando um pouco o YouTube sem função, uma vez que ele não foi mais atualizado. A alteração ocorreu porque os membros do coletivo perceberam que era mais fácil que o público assistisse aos vídeos se eles ficassem disponíveis na própria página do Facebook em vez de precisar clicar no link para o YouTube, por conta da velocidade lenta da internet que muitas vezes não permitia que o arquivo carregasse nesta plataforma. Essa foi uma ação que dificultou um pouco a nossa pesquisa, pois precisávamos buscar na página do Facebook os vídeos mais atuais. Sugerimos então ao grupo que postasse no Facebook, mas que continuassem a postar no canal do YouTube, pois ele tem uma função de arquivo importante para documentar toda a produção do Tela Firme. De acordo com Ingrid,

O acesso à internet é a nossa principal ferramenta para chegar nas pessoas. Ela está mais acessível, isso tem seus prós e seus contras. O nosso coletivo tem um público-alvo, que é o público dos jovens, dos adolescentes, de 10 a vinte e poucos anos. Esse é o público que a gente quer atingir. Por quê? Porque a gente acredita que temos um debate muito forte sobre o extermínio da juventude negra. As nossas atividades são sobre isso. Então eu posso dizer que o nosso público são os jovens negros. Tanto é que a gente tenta trazer os jovens, que estão com todo o gás, de pensar diferente e a gente dá o maior valor em agregar essas pessoas. Mas essa medição de audiência a gente não tem. (LOUZEIRO, 2017).

Todos a quem perguntamos responderam nesse mesmo sentido. Para Francisco, a divulgação principal do trabalho do Tela Firme não se dá pelas redes digitais, mas *in loco*

nas visitas às universidades e escolas em Belém e, principalmente, no diálogo com a comunidade escolar, estudantes e professores dos colégios Brigadeiro Fontenelle e Mário Barbosa, que estão localizadas na Terra Firme. “E daí vai difundindo o nosso trabalho nesses espaços, eles mesmos são os nossos canais de divulgação. Nós temos a parceria e estamos *in loco* com eles”, disse Francisco, ao destacar que não era uma preocupação ou prioridade do coletivo a gestão das redes digitais.

Sobre o assunto, Miklos e Cunha (2015) ponderam que o ciberespaço proporciona facilidades na troca e compartilhamento de dados e na rápida transmissão de informações. Na visão dos autores, contudo, para engajar e aproximar as pessoas é preciso convívio, afeto e corpo presente. Por isso, é importante ocorrer um equilíbrio entre o ativismo das ruas e das redes digitais.

A rede, por meio de suas ferramentas de relacionamento e constante troca de conteúdo, proporciona visibilidade e interesse pelo engajamento e participação no movimento. A rua, com todo seu potencial de comunicação primária, tende a fortalecer os vínculos sociais criados. Somente a presença, a proximidade, a troca de experiências, conseguirão engajar os ativistas de fato. (MIKLOS; CUNHA, 2015, p. 15).

No caso do Tela Firme, a partir das rede digitais YouTube e Facebook, os acontecimentos locais que registram, a exemplo do Fórum de Cotas, da marcha do movimento feminista contra o presidente considerado Michel Temer⁸⁰ ou da implementação de um projeto comunitário de paisagismo na avenida Perimetral⁸¹, fazendo com o que os atores sociais se destaquem e as suas práticas vinculativas sejam multiplicadas, estão mais focados em fomentar esse espaço vivido do produzir um canal de notícias em série para a geração de tráfego e, conseqüentemente, angariar um número maior de inscritos e expectativa virtual engajada ou criar uma rotina para a exibição de reportagens ou gerar tráfego nas mídias digitais. A comunicação aqui cumpre outra função, qual seja, a de produzir laços, sentidos, memória, e partilha do espaço comum.

Não é a informação, em seu sentido funcional o elemento constitutivo de um processo de comunicação. É o vínculo, com a sua complexidade, sua amplitude de potencialidades. Se a informação busca a certeza como parâmetro, o vínculo aposta na probabilidade. Assim, a comunicação que brota dos corpos nunca será determinística, pois outros corpos estarão sempre entremeados em uma

⁸⁰ Marcha “Mulheres contra Temer”, realizada na Praça Batista Campos, em Belém, em 3 de junho de 2016 contra a extinção da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres.

⁸¹ “Lixo vira jardim na Perimetral, na Terra Firme” (21 de junho de 2016). Disponível em: <<https://www.facebook.com/telaфирme/?fref=ts>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

ambiência gerada por corpos com histórias e sonhos, faltas e oferecimentos distintos. (BAITELLO JR., 2008, p. 101).

Como nos alerta Baitello Jr., precisamos levar em consideração o fator do imponderável na comunicação, no que se relaciona a estas possibilidades de assimilar os nossos territórios físicos e simbólicos, as alteridades e as diversidades que se movem e se relacionam nestes espaços, isto é, a dimensão sensível da comunicação é um fator indissociável do estar vinculado a um lugar e a uma comunidade. Nessa imprevisibilidade da qual a comunicação também é passível reside também a chance de transformar a realidade, seja por meio do contato direto com o outro, das ações autodeterminadas que produzem subjetividades ou da organização social que também se pretende política e influente sobre as esferas públicas e privadas.

Nesse contexto, avaliamos que a produção audiovisual do Tela Firme, assim como as suas ações comunicacionais de participação em debates e cooperação com outras iniciativas, redescrevem e redesenham as histórias e os vínculos que os moradores possuem com o lugar onde vivem e, sobretudo, contribuem para uma representação outra da Terra Firme e da sua população, ampliando assim as suas possibilidades de percepção sobre como transformar a realidade.

3.5 – Ponto de memória da Terra Firme: O que podem os vínculos?

De olhos fechados, pisamos e cheiramos as folhas, escutamos sons de cachoeiras e pisadas na mata, tocamos em pedaços de troncos de árvore. A ação ambiental do Ponto de Memória da Terra Firme realizada no auditório do Museu Paraense Emílio Goeldi, realizada em 9 de junho, tinha o propósito de sensibilizar crianças, jovens, adultos e idosos da Terra Firme sobre os cuidados com o meio ambiente. Nesse mesmo dia, houve uma oficina de compostagem, que foi recebida com curiosidade pelo público e uma palestra sobre rios urbanos, tomando como exemplo a bacia do Tucunduba e as suas potencialidades. O Ponto de Memória é uma iniciativa que é formatada e financiada pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e todas as suas ações sociais são voltadas para a aproximação da comunidade com a ciência, além de ações e projetos de salvaguarda dos processos históricos do bairro. Isto é, ela é um pouco diferente das outras que conhecemos na Terra Firme, pois ela recebe suporte do governo federal.

Pelo fato de as principais figuras do conselho gestor serem as próprias moradoras do bairro, tendo como destaque Francisca Rosa Silva Santos, a dona Chiquinha, que é a presidente, e a pesquisadora Helena Quadros Alves, que é a articuladora destas atividades, o Ponto de Memória tem uma atuação constante no bairro, tendo também revitalizado um canteiro na avenida Perimetral, que era antes um depósito de lixo e escombros, recebeu tratamento paisagístico com pneus de reciclagem e a plantação de mudas.

Figuras 36 e 37 – Ação ambiental do Ponto de Memória da Terra Firme



Fonte: Fotografias coletadas por nós durante a pesquisa de campo no *campus* de pesquisa do Museu Paraense Emílio Goeldi, na Terra Firme (9/6/2017).

Durante o trabalho de campo, manifestamos a nossa vontade de realizar uma entrevista e conhecer de maneira mais ampla as ações do Ponto de Memória, e dona Chiquinha nos convidou para ir até a casa dela e depois fazer uma caminhada pelo bairro. Devido a um contratempo pessoal que ela teve no dia em que marcamos, a visita não se realizou. Mas nesse pouco tempo em que nos conhecemos, pudemos perceber o quanto as ações do grupo colaboram para a transformação do local e têm a capacidade de fortalecer os vínculos simbólicos e culturais na medida em que ele abre uma porta de contato com o Museu e mobiliza para a revitalização dos espaços públicos. Na Terra Firme, há um Museu e duas universidades federais (UFRA e UFPA) e o acesso da população a essas instituições como estudante universitário ou mesmo profissional ainda é restrito.

Além disso, em nosso levantamento bibliográfico a respeito de trabalhos acadêmicos sobre o bairro da Terra Firme, há muitas pesquisas dos cursos de Ciências Naturais e poucas sobre a história social do bairro. Entre algumas que mapeamos estão: “Marchas e contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme (1979-1994)” (2010) e “Terra Firme – Da emergência pelo direito à terra aos projetos de cidade: Histórias de sonhos e lutas (1987-1994)”, (2006) de Edivânia Santos Alves, ambas as obras referências fundamentais para a nossa pesquisa, “A geografia do crime na Metrópole: Das redes ilegais à territorialização perversa na periferia de Belém” (2014), do professor e geógrafo Aiala Colares, uma investigação completa sobre a atuação do tráfico de entorpecentes no bairro, “A dinâmica de uso da Praça Olavo Bilac no contexto da cidade de Belém”, de Raquel Santos de Novaes (2011), que utilizamos como base para a descrição do território do bairro no Capítulo 1, “Medo na cidade: Um estudo de caso do bairro da Terra Firme” (2011), de Maria do Socorro Rocha Silva e “Lazer e modo de vida: Um estudo de sociabilidade de integrantes de uma associação de moradores” (1999), de Antônio Maurício Dias, ambos utilizados como fontes para as pesquisas iniciais e preliminares desta dissertação, mas que não integraram a lista de referências finais.

Por último, o trabalho “O Museu Paraense Emílio Goeldi e a comunidade do bairro da Terra Firme: A educação ambiental mostrando novos rumos” (1996), de Helena Alves Quadros, pesquisadora do Museu Goeldi, uma das lideranças do Ponto de Memória, e “Máscaras, mascarados e oprimidos; do boi de máscaras de São Caetano de Odivelas ao teatro de rua do bairro da Terra Firme” (2012), de Paulo de Tarso Nunes dos Santos, que apesar de termos tomado conhecimento da existência, não chegamos a ter acesso, pois em função da pesquisa de campo, não houve tempo hábil para a leitura desses dois últimos trabalhos.

Não localizamos nenhuma pesquisa na área da Comunicação Social sobre o bairro da Terra Firme, embora se saiba que a base de dados das bibliotecas públicas é imprecisa, pois ela depende da alimentação dos próprios alunos, que muitas vezes se formam sem disponibilizar uma cópia de seus trabalhos. Junto a isso, fizemos um levantamento apenas na maior biblioteca acadêmica da cidade, que é a central da UFPA, e não sabemos quais ou quantos trabalhos já foram feitos nas várias universidades e faculdades privadas de Belém. Mas ainda assim, consideramos que a quantidade de trabalhos focados no bairro da Terra Firme ainda é pequena, tamanhas são as narrativas de lutas e resistências presentes no bairro, o que consideramos excelentes temáticas para serem investigadas

pelos estudantes dos cursos de humanidades sob variadas perspectivas, mas sobretudo no âmbito dos direitos humanos.

Queremos dizer com isso que há investigações, há projetos em curso, há espaços de interseção, mas pouco se convida os moradores do bairro para dentro dessas instituições, e as ações do Ponto de Memória rompem com essa lógica e convidam a população a ocupar também esses espaços científicos. Ainda há muitas questões para serem aperfeiçoadas dentro de propostas como essas, onde interagem pessoas de pensamentos, ideias e valores distintos. Mas a continuidade desses projetos é fundamental, pois eles amadurecem aspectos destas formas de interação, encontro e participação da população nesses espaços, os convertendo em espaços de resistência, de afirmação cultural e inclusão para o conhecimento.

O coletivo Tela Firme já foi convidado em várias ocasiões pela Faculdade de Comunicação da UFPA (Fapcom) para participar de debates, simpósios, mesas redondas, rodas de conversa e palestras. Além disso, já participou de eventos nesses mesmos moldes na Faculdade do Pará (Estácio-Fap), na Faculdade Pan-Amazônica e Faculdade Paraense de Ensino (Fapan-Fapen)⁸² e na Faculdade de Estudos Avançados do Pará (Feapa), sempre a convite de professoras e professores que possuem maior sensibilidade com a pesquisa em Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa.

Para Izabela, de 23 anos, que pretende cursar Audiovisual na universidade, ocupar o espaço acadêmico é uma atitude importante dos coletivos, pois a partir dessas interlocuções que se dão nessas instituições legitimadoras, o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a sociedade é potencializado,

É uma ameaça pro Estado quando as pessoas começam a se organizar. Porque quando a gente tem acesso a coisas mínimas, a gente começa a ter um olhar crítico pra outras situações, da garantia de direitos. A comunicação é uma ferramenta muito poderosa, e o estado não quer que as pessoas tenham acesso a isso, então temos que lutar, a gente tem que buscar isto e trazer para a comunidade [...] Se não for assim, é como entrar numa universidade e ficar só no espaço acadêmico. Nunca isso pode acontecer, temos que pegar o pensamento acadêmico e levar para as periferias. A gente pode fazer oficina no Barreiro, mas nunca vamos fazer projetos nossos sendo da Terra Firme. É melhor incentivar que eles mesmos façam. (CHAVES, 2017).

⁸² Mesa Redonda realizada em 5/10/2016, a convite do professor da instituição, Enderson Oliveira, com a temática “Movimentos Sociais, Mídias Alternativas e Pesquisa em Comunicação”, com a participação de Francisco Batista e Vanessa Alves, do Tela Firme, Moisés Sarraf, jornalista e um dos criadores do portal Outros 400, com mediação desta pesquisadora. Disponível em: <<https://blogdaefe2.wordpress.com/2016/10/03/rec-dialogos-em-rede-outubro-2016/>>. Acesso em: 15 dez. 2017.

De acordo com Sodré (1988), com base na perspectiva do acesso que se pode ter dos territórios e de como a população ocidental estrutura e usa os espaços, podemos classificá-los em quatro tipos (p. 37) – o território público, que abrange ruas, praças, ônibus, todos aqueles que são de uso em comum e coletivo; o território da casa ou o privado, ou seja, qualquer lugar nomeado como “lar” ou então o espaço particular de trabalho; território interacional, definido uma área de acesso restrito a pessoas legitimadas, como por exemplo, os estudantes inscritos em uma universidade e por último o território do corpo, relacionado com o espaço pessoal, que seria uma espécie de delimitação invisível que acompanha o indivíduo.

Com isso, podemos considerar que ao participar dos eventos das universidades, o Tela Firme acessa estes *espaços interacionais*, levando o seu trabalho para um público mais específico, que também colabora com a visibilidade do coletivo em suas ações e na construção da sua credibilidade e divulgação. Não que para adquirir credibilidade seja necessário estar presente no meio acadêmico ou se deve ambicionar a ocupação desses espaços como algo mais legítimo do que estar presente em outros lugares, mas acreditamos que em uma sociedade altamente tecnificada, segmentada pelos tipos de organizações de trabalho e que valoriza as instituições de ensino e o conhecimento científico como instâncias autenticadoras do real, se fazer presente e falar em debates, palestras e seminários é de fato uma ação estratégica. Harrison destacou que no coletivo não há nenhum comunicólogo formado e os convites das universidades se dão por conta da experiência prática que os membros do Tela Firme adquiriram ao realizar uma comunicação com poucos recursos e que apresenta o bairro da Terra Firme a partir da visão do morador.

O Tela Firme se tornou objeto de TCC, mestrado e doutorados... não surgimos na academia, somos comunicação popular e fomos pautados como parceiros das universidades, como a Faculdade de Comunicação [Facom-UFPA], fizemos muitas atividades juntos... e isso é uma forma de mostrar que outra comunicação é possível. No Tela Firme não tem nenhum jornalista nem publicitário, e essa aliança com a academia nos dá suporte de conhecimento é nós levamos a nossa experiência prática. (LOPES, 2017).

Não obstante, refletimos variados aspectos de nossas vivências na Terra Firme e observamos que há um movimento de redes de ação, de projetos sociais, culturais e educativos em pleno curso no bairro, que têm o propósito de revitalizar os elos comunitários e os vínculos sociais, simbólicos e culturais no território: não se trata de uma revitalização que se restringe ao espaço físico. Essas ações afetam, implicam e

atravessam variadas dimensões do comum, como analisamos ao longo deste trabalho. O Tela Firme está em constante interlocução com esses agentes, estabelecendo parcerias para a gravação de vídeos, produção de reportagens, participação em eventos em comum e seus membros manifestam a vontade de um dia ver o projeto crescer e se expandir – ideias para novas pautas e projetos educativos não faltam. De acordo com Maílson,

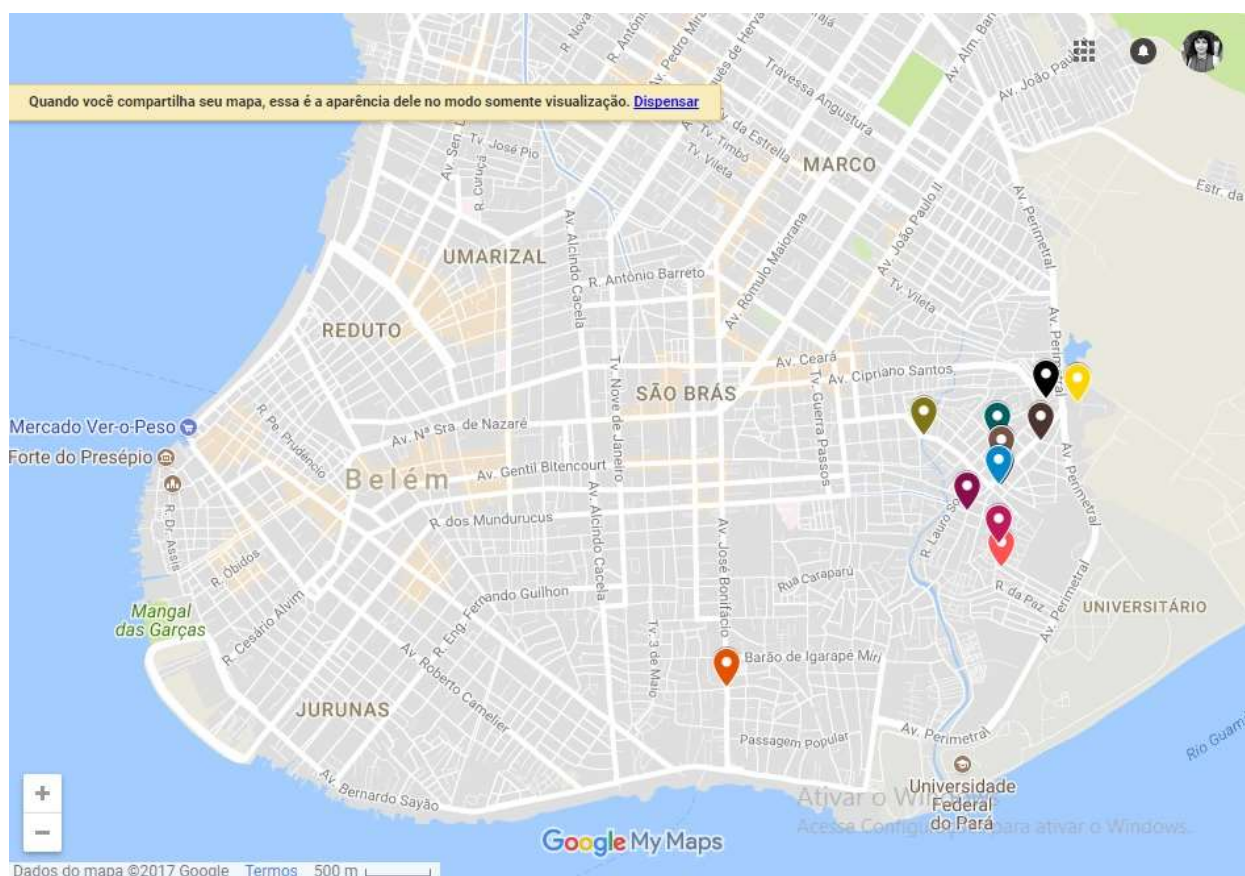
A proposta é ser independente. Nós nos inscrevemos em um projeto que ia ter um bolsista e daí o Francisco falou ‘pega a bolsa pra tu editar os vídeos’, eu falei, ‘não, não quero bolsa nenhuma, nem de ninguém’, eu estou aqui fazendo isso porque eu quero, a partir do momento que se transformar em uma obrigação, não vai ter o mesmo sentido, o que falta para o Tela Firme é a vida de cada um melhorar. A gente queria algum apoio institucional e financeiro, que conseguisse um espaço material para gente dar oficinas, entendeu? Para gente conseguir isso, precisa ter um atrativo para o jovem, mas vamos fazer uma turma com 20 pessoas e só tem uma câmera entendeu? Isso é muito difícil. Na Unipop, tinha muita gente que abandonava o curso porque não tinha aquela prática, sempre tem que ter um lanche, um *datashow*, uma apostila, uma caixa de som. Quem dera que a gente tivesse pelo menos cinco câmeras, isso seria bom, este era o meu sonho de consumo. Além de a gente voltar a gravar, transmitir isso pra outras pessoas. (SOUZA, 2017).

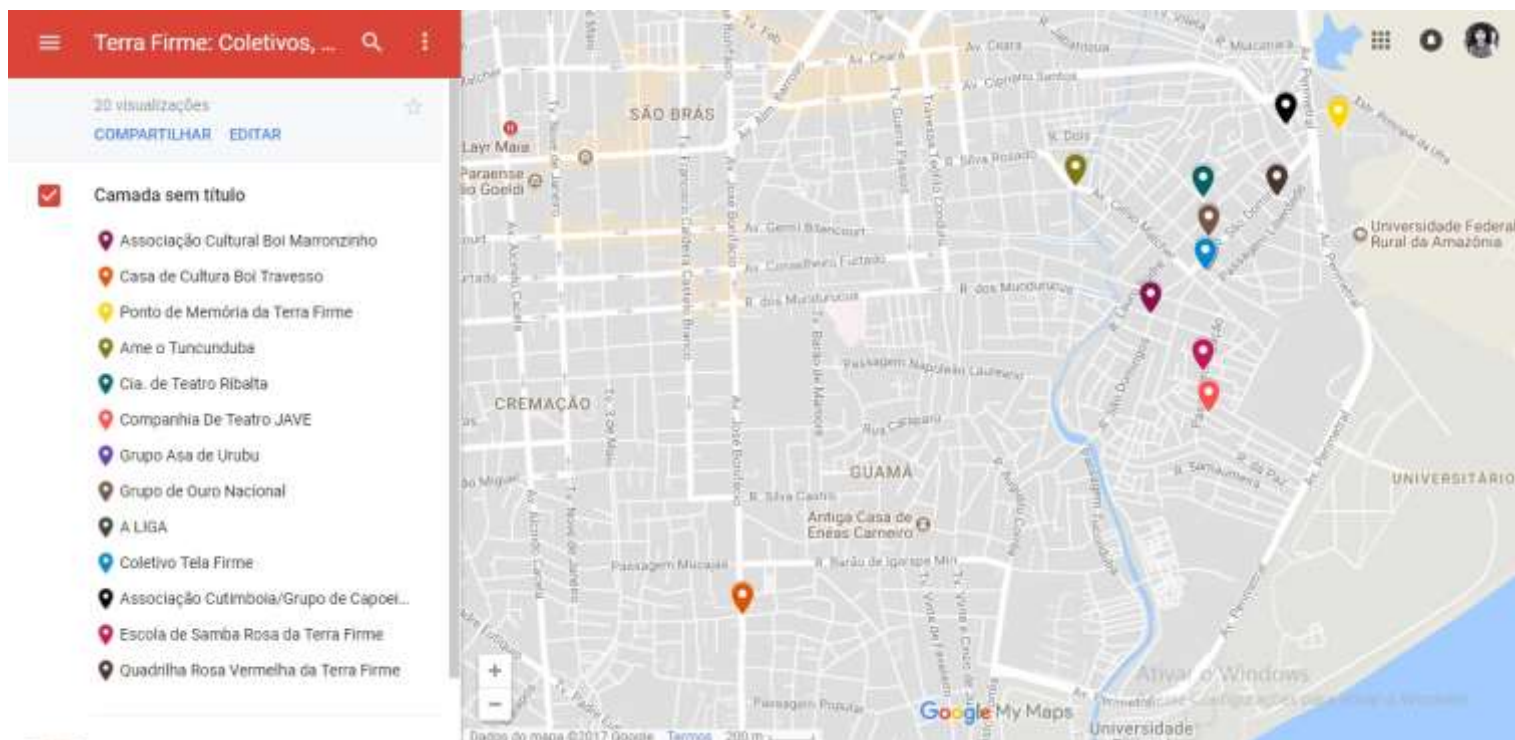
Ainda de acordo com Francisco, o coletivo, que em 2017 completa quatro anos, tem planos futuros de disputar editais para viabilizar futuras produções e estimular a economia criativa e solidária, se transformando em uma espécie de agência de notícias ou uma produtora de caráter coletivo. Mas sem perder a autonomia ou esquecer os objetivos iniciais que fizeram o grupo dar vida ao coletivo, ele fez questão de destacar, durante a nossa entrevista no Movimento República de Emaús, seu local de trabalho, dia em que nos encontramos ao absoluto acaso.

No título deste último subcapítulo nos apropriamos da pergunta que fez Spinoza, embora a nossa pesquisa não tenha um recorte filosófico, “O que pode um corpo? De que afetos ele é capaz?”. Essa relação de afecção (encontros) que se dão entre os corpos e produzem os afetos, aumentam ou diminuem a potência desses corpos, fazendo-os variar de um estado a outro, dotando o fenômeno da sociabilidade de movimento, fluxos e emoções impermanentes. Nessa mesma linha nos perguntamos: “O que podem os vínculos? O que eles pedem para se fortalecer?”. Esta pergunta que elaboramos agora foi apenas uma licença poética que, a nosso ver, está em sintonia com este trabalho acadêmico e não é muito diferente da pergunta que formulamos como o problema central da nossa pesquisa – “Como o coletivo de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa Tela Firme contribui para a consolidação de vínculos sociais, culturais e simbólicos a partir de suas ações comunicativas?”.

A nossa intenção ao longo de nossas reflexões foi identificar essa pluralidade de vínculos no bairro da Terra Firme, variedade esta que dá vitalidade ao território e emancipa seus moradores quanto a produção de sentidos e de processos comunicacionais. Um dos resultados de nossa pesquisa foi o mapeamento dos projetos sociais, culturais, educativos e de comunicação do bairro da Terra Firme. Cartografamos pela plataforma Google My Maps apenas uma parte dessas iniciativas, 13 no total, para demonstrar como o bairro é plural, possui uma vitalidade de coletivos, grupos e redes que promovem os vínculos comunitários neste território.

Figuras 38 e 39 – Mapeamento dos projetos culturais, educativos, sociais e de comunicação do bairro da Terra Firme





Fonte: Dados tabulados na plataforma Google My Maps. Disponível em: <www.google.com.br/mymaps>. Acesso em: 15 dez. 2017.

Nesse contexto, esses vínculos se estabelecem a partir dos encontros e são amplificados pela comunicação. Como observamos, nem todas as formas de vínculo se manifestam para o bem – as pessoas também se ligam a partir dos vínculos hipnógenos, por conta de um consumo excessivo de informações difundidas por redes telemáticas (como, por exemplo, o hábito de assistir muitos programas que heroificam o policial, que, em nossa análise, produzem apenas o sentimento individual e coletivo de medo), e por serem vítimas das formas de violências cotidianas, que vão desde as estruturas precárias oferecidas pelo estado na saúde, educação, mobilidade urbana, pouca oferta de acesso à cultura, e também endossadas pelo capitalismo, através de postos de trabalhos sub-remunerados e subalternizados e o discurso midiático que desumaniza aqueles que não têm posses e até de fato a criminalidade, que aqui acreditamos ser um efeito colateral dessas formas de violências institucionais ou extraoficiais mais sutis, que afetam intensamente os moradores das periferias de todo o país.

Em contrapartida, existe o trabalho desses coletivos, redes, grupos independentes que possuem autonomia para realizar o enfrentamento a estas violências, construindo uma representatividade outra, propondo formas de convivência, colaboração, solidariedades,

trocas não monetarizadas, e problematizando a sua participação política na sociedade. Desse modo, constroem-se formas de comunicação no bairro e na cidade descritas ao longo desta dissertação. Esses modos de comunicar são alternativas aos simulacros fabricados pelas mídias comerciais e que rompem também com o isolamento de um espaço vazio, de um espaço desprovido de encontros, vínculos, comunicação, portanto, espaços desvitalizados, os ressignificando para o desenvolvimento de relações comunitárias e mais humanizadas – com efeito, podemos produzir e fortalecer vários tipos vínculos, transformar ambientes, mudar territórios reais, imaginados ou representados, afetar pessoas dos nossos e dos outros cantos da cidade e, assim, sem cobranças quanto a obrigação de salvar o mundo ou metas impostas, agir sobre o lugar que vivemos. Esses processos não são tão simples quanto a nossa descrição pode ter dado a entender. Mas nos damos por satisfeitos em descrever a potência que eles têm e em refleti-los como modelos possíveis e ação e de fortalecimento dos vínculos.

Cada vez que esses grupos tomam corpo, reconhecendo suas potências e possibilidades, revitalizando aspectos comunitários da sua convivência, saberes e culturas locais, com autonomia para se organizar como bem entendem, fica cada vez mais distante o dia em que as minorias se curvarão às majorias, como certa vez aventou alguém, em completo delírio: é a tirania que se curvará à arte que vem das margens –, arte esta que também nasce nas praças, criando vínculos entre as pessoas – e tem nas redes de ação o seu espaço vital.

CONCLUSÃO – A morada das intensidades

“Todo dia acorda cedo pro trabalho, bota seu cordão de alho e segue firme pra batalha. Olho por olho e dente por dente...Espalha: Lei da Babilônia⁸³ é diferente!”
Duas cidades, Baiana System

O coletivo Tela Firme continua as suas atividades de forma dinâmica – dinâmico e veloz são adjetivos distintos – e um pesquisador desatento corre o risco de não conseguir acompanhar todas as suas ações, uma vez que muitas delas sequer são divulgadas nas redes digitais. No momento em que encerramos o trabalho de escrita no início do ano de 2018, o grupo lançava o videoclipe “A favela pede paz”, do jovem BW MC⁸⁴, rapper morador do bairro e ainda, poucas semanas antes, divulgou um pequeno vídeo⁸⁵, com imagens e um tecnobrega instrumental como background, mostrando o cotidiano da feira da Celso Malcher, a maior do bairro.

Com base em nossas hipóteses e objetivos, observamos que muitas indagações que fazíamos em nosso projeto foram confirmadas, como, por exemplo, referente a produção e amplificação dos vínculos no território. Sabemos agora que essa amplitude ocorre de maneira multidimensional, passando por fatores sociais, interpessoais, culturais, simbólicos, afetivos, de pertença, que são influenciáveis até mesmo pela hipnogenia, considerando o grande impacto das mídias comerciais sobre o cotidiano, crenças, hábitos e formação de percepção entre os habitantes do bairro e da cidade de Belém. Não obstante, ao longo dos capítulos, buscamos descrever esses processos e caracterizar alguns tipos de vínculos que observamos em nossa pesquisa de campo, muito embora seja preciso destacar que essa identificação cumpre uma função didática e organizadora do conhecimento, pois ao analisarmos um contexto real em que as relações de sociabilidade são dinâmicas e complexas, atravessadas por diversos recortes que vão do socioeconômico a tendências psicológicas, é inviável que esses vínculos sejam concebidos separadamente, isto é, inseridos em categorias rigorosamente estruturadas e definitivas.

⁸³ No linguajar popular, refere-se a cidades construídas sem planejamento ou a um lugar caótico, onde não há entendimento.

⁸⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/telaфирme/videos/1986748571538429/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

⁸⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/telaфирme/videos/1985911498288803/>>. Acesso em: 21 jan. 2018.

Cada contexto social demanda novos estudos e pesquisas. Para escrever a respeito do coletivo Tela Firme, um trabalho de pós-graduação inédito (o grupo havia sido objeto apenas de trabalhos de conclusão de curso de graduações), que demanda um pensamento crítico mais refinado, foi preciso buscar o embasamento teórico de autores já consagrados na área da Antropologia e da Comunicação Social, que reconhecessem o quanto essas dimensões do vínculo e do convívio são passíveis de pontos de fuga, de fatores imponderáveis, de algo essencial que às vezes parece nos escapar e que a nossa produção intelectual dá conta apenas de pequenos fragmentos do que seria o todo, do que seriam estas realidades.

Ao fazer a pesquisa, confirmamos a centralidade da cultura nos processos de formação dos vínculos, tanto a necessidade da existência de políticas culturais como ações pontuais que proporcionem outras perspectivas sobre as vivências comunitárias, o respeito e o surgimento de modos de vida outros, que enfrentem a excessiva impessoalidade e descartabilidade dos processos engrenados pelo sistema capitalista de produção e acúmulo de bens e riquezas, que atualmente está para além do modelo econômico, passando a ser também uma visão de mundo. Um aspecto que nos chama atenção é que, para os defensores dessa perspectiva, os processos de pacificação não englobam a promoção da justiça social, conceito este que possibilita o planejamento e implementação de políticas de enfrentamento às desigualdades e de promoção da dignidade humana, que garantem os direitos mais básicos para toda a sociedade, independente das suas faixas de renda.

Mais do que nunca, é preciso reterritorializar a nossa grande política, em franco e explícito ataque, porém sem perder de vista que ela é um produto das microrrelações, das pequenas corrupções, violências reais e simbólicas diárias. Ter um Congresso Nacional adoecido significa também ter uma sociedade adoecida, uma sociedade que tem nos programas de televisão e nos centros religiosos suas poucas formas de encontro e lazer, uma televisão que propaga o medo e a representação negativa das periferias do País, uma religião que nos ameaça com a possibilidade de um estado teocrático e que persegue todas as formas de feminino e masculino não hegemônicas e uma grande política que despreza aqueles que não conseguiram se impor pela força da “grana” e da tradição.

A nossa pesquisa tinha um foco um pouco diferente que o de mapear ou analisar criticamente quais direitos perdemos no último ano ou quais foram aqueles que jamais tivemos acesso, mas que lutamos para um dia ter – o nosso propósito maior foi realizar uma investigação sobre a reversão desses processos de totalitarismo e em um território

que, pela sua forma de ocupação, seus moradores estão mais vulneráveis a serem vitimizados pelas imposições do grande capital e pelos devaneios da macropolítica.

Mesmo que nós confiemos em soluções dialógicas e de negociação para a garantia de direitos, para a ocupação de espaços de privilégio, como universidades, atuação em instituições públicas e privadas, e para o avanço do processo de Justiça Social, reconhecemos que os lados em disputa são desiguais, não têm a mesma oportunidade de participação e autonomia sobre as decisões políticas e, de tempos em tempos, aquele lado historicamente legitimado muda as regras dessas negociações por direitos para se favorecer e prosseguir com as desigualdades características da sociedade brasileira.

Ao realizar as entrevistas com os integrantes do coletivo Tela Firme, não pudemos deixar de imaginar como seria bom se eles possuíssem mais subsídios para continuar e aprimorar as suas produções, que pelo menos uma parte do grupo pudesse trabalhar no projeto de forma fixa. Como observamos, o fato de ser um grupo independente e baseado em trocas não monetarizadas não inviabiliza as suas atividades, porém, se fossem amparados em algum nível pelas políticas públicas, poderiam ampliar as suas ações e realizar uma oferta educativa e de formação de comunicadores, pois embora os membros do coletivo não tenham os devidos diplomas comprobatórios exigidos justamente por aqueles que nunca tiveram um obstáculo sequer para completar a sua formação acadêmica, são muito qualificados para desenvolver um grande projeto de cultura, educação e democratização das mídias em nível local.

Não obstante, concluímos que as atividades do coletivo colaboram com o fortalecimento dos vínculos no bairro da Terra Firme, pois as suas ações atravessam uma série de aspectos que envolvem a mobilização da juventude, a promoção dos direitos humanos, a construção de outras imagens e narrativas sobre o bairro da Terra Firme, a exposição do bairro como detentor também de espaços culturais, de convivência e de vitalidade, convocando os seus moradores a reativar a sua participação comunitária com novas práticas e integrar estas redes de solidariedade.

Em um dado momento da pesquisa, foi determinante perceber que a dinâmica dos encontros, espontâneos ou não, era um ponto-chave para analisarmos os processos comunicacionais em curso em um bairro e em uma cidade. Nisso, o trabalho de Miklos (2014) nos direcionou a conceber que os vínculos oriundos das práticas comunitárias precisam se fundamentar nos encontros presenciais. Ainda nesse contexto, Romano (2004) critica a privatização dos espaços públicos e a sua consequente retirada de praças

e ruas, culminando assim na dissolução dos vínculos sociais e comunitários. Todos esses aspectos discutimos amplamente no Capítulo 1.

Não obstante, como também citamos no capítulo inicial, as pessoas se encontram nos territórios que circulam e partilham ideias, desejos, vivências, sentimentos, percepções, experiências, e na Terra Firme, a praça onde o coletivo começou a tornar as suas ideias tangíveis é um desses espaços de convivência. A partir dessas comunicações e manifestações, criam-se ações, elos sociais, projetos em comum. Assim se estabelecem redes, grupos e coletivos que se organizam e amplificam os vínculos sociais. Desse modo, novamente voltamos à necessidade da ocorrência dos encontros, para que, assim, as ideias possam ganhar corpo. Para que essas hipóteses se consolidem teoricamente, seria preciso pesquisar a respeito dos mitos e imagens de representação que fazem parte da cultura do bairro, o que não é o caso neste trabalho que está sendo finalizado, mas seria interessante outro estudo somente para se analisar mais detalhadamente os desdobramentos que emanam essencialmente da ordem simbólica.

Outra vontade que aqui manifestamos é de nos debruçar sobre a expectativa e audiência das produções de Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa. Nesta dissertação, introduzimos a temática brevemente ao verificar que o Tela Firme não possui esses dados – e seria de grande valor um estudo a respeito de como o trabalho desses coletivos é percebido pelos seus espectadores. Embora seja evidente que não concebemos a comunicação como um processo de emissão-recepção, reconhecemos que, caso fosse preciso se posicionar dentre as etapas de processamento da informação, teríamos refletido mais essencialmente sobre os aspectos de produção e de emissão do que os aspectos de recepção.

No mais, com base em toda a análise que apresentamos, afirmamos que o fortalecimento dos vínculos é impulsionado por ações que facilitam a convivência dos grupos sociais, sobretudo quando ocorrem em espaços públicos e de acesso democrático. Para tanto, não é necessário que a comunidade, cujos membros muito partilham e se identificam, seja homogênea, dividindo crenças, valores e práticas tão hermeticamente iguais, que matem as formas outras de expressão e singularidade, no pior estilo Deus-Família-Pátria, pois aí, sim, teríamos uma dissolução dos vínculos muito mais veloz: é que a ordem mais urgente da “Babilônia” não repousa sobre as cartilhas totalitárias da velha política. Ela está, sim, na ocupação de praças e ruas, na formação de redes de ação, cooperação e solidariedade, em grupos e coletivos que propõem novas práticas de vivenciar aquilo que é comum. E mais: ela se manifesta nos elos de empatia, por dentro

dos elos de vitalidade medidos pela sua potência em ser plural, afetando, se deixando afetar, criando uma ordem outra – sendo a morada das intensidades que pedem passagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edivânia Santos. **Marchas e contramarchas na luta pela moradia na Terra Firme (1979-1994)**. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2010.

_____. **Terra Firme, da emergência pelo direito a terra aos projetos de cidade: história de sonhos e lutas**. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2006.

AMARAL FILHO, Nemézio. **O passo a passo da monografia em jornalismo**. Rio de Janeiro: Editora Faperj, 2011.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas; SOUSA, Milene Costa de; MOTA, Gabriel da, et al. Mídias Alternativas na Amazônia: articulações de contrapoder na internet. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3706-1.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PARÁ - ALEPA. Relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito para a apuração da atuação de grupos de extermínio e milícias no estado do Pará. Belém, PA: Alepa, 2015. Disponível em: <<http://www.movimentodeemaus.org/data/material/RELATORIO-FINAL-CPI-das-Milicias-versao-de-entrega-na-grafica3.pdf>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

BAITELLO JR., Norval. Corpo e imagem: Comunicação, ambientes e vínculos. In: RODRIGUES, David (Org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008. p. 95-112.

_____. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume Editora, 1997.

_____. **A Era da Iconofagia** – Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **Imagem e violência** – A perda do presente. São Paulo: Scielo, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300011>. Acesso em: 11 dez. 2016.

_____. Vínculo. In: MARCONDES FILHO, C.J.R. de (Org.). **Enciclopédia de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

BAITELLO JR., Norval; RIBEIRO DA SILVA, Maurício. **Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humanas**. São Paulo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2013. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1994.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

BENJAMIN, Walter. O narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Obras Escolhidas** – Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRUNO, GIORDANO. **Os vínculos**. São Paulo: Editora Hedra, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

COLARES, Aiala. **A Geografia do crime na Metrópole – Das redes ilegais à territorialização na periferia de Belém**. Belém: Editora UEPA, 2014.

CONTRERA, Malena. Vínculo comunicativo. In: MARCONDES FILHO, C.J.R. de (org.). *Enciclopédia de Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. Simpatia e Empatia - Mediosfera e Noosfera. In: Norval Baitello Jr.; Christoph Wulf. (Org.). **Emoção e Imaginação** - Os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. v. 1, p. 141-150.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FLUSSER, Villém. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Editora Hucitec, 1985. Disponível em: <http://www.iphi.org.br/sites/filosofia_brasil/Vil%C3%A9m_Flusser_-_Filosofia_da_Caixa_Preta.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2015.

GAIGER, Luiz Inácio Germany. **A descoberta dos vínculos sociais**: os fundamentos da solidariedade. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2016.

GIANOTTI, Cláudia Santiago. **Experiências em comunicação popular no Rio de Janeiro ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Núcleo Piratininga de Comunicação/Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

GIORDANO, Bruno. **Os vínculos**. São Paulo: Editora Hedra, 2012.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais na contemporaneidade. In: **Movimentos Sociais na era global**. GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. (Orgs.). Petrópolis: Vozes, 2014. p. 19-36

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 1990.

_____. **Caosmose** – Um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: As cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

HARVEY, David. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Informações coletadas em Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA. Base de dados disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 16 nov. 2015.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva – Forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1974. p. 39-184.

MAGALDI FILHO, Waldemar. **Dinheiro, Saúde e Sagrado** – Interfaces culturais, econômicas e religiosas à luz da psicologia analítica. São Paulo: Elava Cultural, 2009.

MEDIA OWNERSHIP MONITOR BRASIL. Informações referentes a concentração de mídia no Brasil. Disponível em: <<http://brazil.mom-rsf.org/br/proprietarios/>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

MIKLOS, Jorge. **Cibercomunidades**: A relevância dos vínculos para a constituição de comunidades contra-hegemônicas na cibercultura. São Paulo: Universidade Paulista, 2014.

MIKLOS, Jorge; CUNHA, Maria Aparecida Ladeira da. **Nas ruas e nas redes**: Ativismo e ecologia da comunicação na marcha mundial das mulheres. São Paulo: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2015. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/acompos-2015-172c9e3c-cf92-42c4-b774-7cf7a5da4ba2_2757.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2017.

MORAES, Denis de. **A batalha da mídia**: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NATAL é a cidade mais violenta do Brasil, diz ranking mundial. **G1 RN – PORTAL G1**, Natal, 7/4/2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/natal-e-a-cidade-mais-violenta-do-brasil-diz-ranking-mundial.ghtml>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NOVAES, Raquel Santos de. **A dinâmica de uso da praça Olavo Bilac no contexto da cidade de Belém**. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2011.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum**: Comunidade, Mídia e Globalismo. Mauad: Rio de Janeiro, 2003.

_____. (org.). **O Retorno da Comunidade**. Mauad X: Rio de Janeiro, 2007.

_____, SANTOS, Cristiano Henrique Ribeiro (Orgs.). **Comunidade e Contra-Hegemonia**: Rotas de Comunicação Alternativa. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.

PEREGRINO, Miriane. **Terra Firme**: Cultura e resistência na periferia de Belém do Pará. Rio de Janeiro: Agência de Notícias das Favelas, 31/12/2014. Disponível em: <<http://www.anf.org.br/terra-firme-cultura-e-resistencia-em-belem-do-para/>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

PERUZZO, Cícilia M.K. **Enciclopédia Intercom de Comunicação**. p. 244-246. Disponível em: <<http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/Enciclopedia-Intercom-de-Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

_____. Comunicação popular, comunitária e Cidadania: eixos de investigação e fundamentos teóricos. In: XII Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación: ALAIC e Fac.de Ciencias Y Arte de la Comunicación, v. 1. p. a-17, 2014.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Editora Meridional, 2006.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 2004.

SALES, Márcio. **Caosmofagia** – A arte do encontros. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2014.

SANTOS, Kamila. **Programas Policiais**: Dois programas de rádio e tevê colocam Belém como a quarta cidade que mais viola leis, normas e direitos da pessoa humana na mídia brasileira. Portal Outros 400, Belém, 6/7/2016. Disponível em: <<http://www.outros400.hostbelem.com.br/especiais/4026>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

SANTOS, Maria do Socorro Rocha. **Medo na Cidade**: um estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém/PA. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 2011.

SCARELLI, Thiago. **O mundo como fantasma e matriz** – Uma tradução crítica de *O Antiquismo do Homem*, de Günther Anders. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), 2006.

SERRA, Sonia. Comunicando a violência contra crianças brasileiras: dos protestos locais às denúncias em redes transnacionais. In: COGO, Denise; KAPLÚN, Gabriel; PERUZZO, Cicilia K. (Orgs.). **Comunicação e Movimentos Populares: Quais Redes?/Comunicación y Movimientos Populares: ¿Quales Redes?**. São Leopoldo, RS: Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos; La Habana: Centro Memorial Dr. Martin Luther King Jr.; Montevideo: Ciências de la Comunicación. Universidad de La República, 2002.

SOARES, Alexandre. **A era digital e o deslocamento de poder**: Canal Tela Firme – A voz da periferia de Belém. Belém, PA: Faculdade Estácio do Pará, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum** – Notas para o método comunicacional. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

_____. **O terreiro e a cidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

VARJÃO, Suzana. **Violações de direitos na mídia brasileira**: Pesquisa detecta quantidade significativa de violações de direitos e infrações a leis no campo da comunicação de massa. Brasília: ANDI, 2016.

VIDAL NUNES, Márcia; MAGALHÃES, Caio César Mota. Meu bairro na TV: Um simulacro de comunicação comunitária na mídia convencional. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, Universidade do Vale dos Sinos**, São Leopoldo, RS, v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.171.09/4561>>. Acesso em: 30 nov. 2017.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

CARNAVAL. Direção: Maílson Souza/ Coletivo Tela Firme. Belém, 2014. (4m56s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cafaR2HU8Qs>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

MENINO de 10 anos é assassinado no alemão. Cinegrafista: Carlos Coutinho. Rio de Janeiro, 2015. (2m44s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OdBSLcjwIE>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

OCUPAÇÃO Escola Brigadeiro Fontenelle. Direção: Harrison Lopes. Belém, 2016 (04m00s). Disponível em:

<<https://www.facebook.com/telaфирme/videos/vl.231831637322667/1826627734217181/?type=1>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

QUEREMOS O nosso campinho de volta!. Direção: Coletivo Tela Firme. Belém, 2015. (2m21s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=daAh53zUj2w>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

PODERIA ter sido você. Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014 (9m43s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nTymevrDkF8>>. Acesso em: 18 mar. 2017.

TELA Firme #04 – Gente Firme. Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014. (11m55s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h_dHH7wthIc>. Acesso em: 1 dez. 2017.

TERRA firme. Direção: Maílson Souza/Coletivo Tela Firme. Belém, 2014. (11m42s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=giSq294yphQ>>. Acesso em: 1 dez. 2017.

REFERÊNCIAS DE ENTREVISTAS

ALVES, Vanessa. Entrevista [12 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (1h43min58s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

ASSIS, Thalisson. Entrevista [13 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (53min48s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

BATISTA, Francisco. Entrevista [19 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 2 arquivos .mp3 (37min06s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

CHAVES, Izabela. Entrevista [20 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (1h31min51s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

LOPES, Harrison. Entrevista [09 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 2 arquivos .mp3 (2h30min00s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

LOUZEIRO, Ingrid. Entrevista [07 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (55min37s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

MENDES, Adriano. Entrevista [22 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (54min09s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

SILVA, Fraan. Entrevista [21 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (18min01s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

SOUZA, Maílson. Entrevista [19 jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (1h33min20s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

VALENTIM, Micaela. Entrevista [19 de jun.2017]. Entrevistadora: Luciana Gouvêa. Belém, 2017. 1 arquivo .mp3 (1h34min25s). A entrevista editada encontra-se transcrita no Apêndice desta dissertação.

REFERÊNCIAS IMAGÉTICAS

As fontes de fotografias, ilustrações e mapas que acompanham esta dissertação estão referenciadas em legendas ou nas notas de rodapé.

ANEXOS

Adriano Carneiro, articulador social do Tela Firme

Como você entrou no Tela Firme? Você já tinha experiência com Comunicação antes de participar do coletivo?

Vale qualquer experiência?

Qualquer experiência.

Eu lembro do início do Tela Firme quando o Francisco, que foi um dos mentores junto com o Harrison e o Maílson. Ele estava organizando e eu estava entrando no mestrado neste ano, eu estava com outras prioridades. Não entrei neste primeiro momento, fiquei acompanhando, achei uma iniciativa muito legal e muito importante. Eu acho que o que me aproximou mais do Tela Firme foi a chacina de 2014. Foi no meu bairro, a Terra Firme, foi um trauma grande, onde ninguém dormiu naquela noite, todo mundo se comunicando pra ver o que ia fazer depois disso.

Eu sempre tive contato com o Francisco, por causa do contato com os movimentos sociais e ele estava articulando isto, e eu comecei a ir nesses espaços da sociedade civil acompanhando ele. Fase, OAB, atos públicos e comecei a ir com ele visitar a família das vítimas.

Depois disto, fizemos o vídeo “Poderia ter sido você” e eu sempre participei do movimento Juntos. Eu fui representando o Juntos, para ser um dos colaboradores do vídeo. O Francisco começou a me convidar para vários espaços e eu começava a chamar eles para nossas atividades, mesas que tinham esta discussão, a gente fez calourada aqui na UFPA, dando visibilidade pra isto. A gente fez também a apresentação do vídeo em várias escolas, eles me apresentavam como “amigo do Tela Firme” e depois de um tempo, entrei definitivamente para o grupo.

A gente começou a ter reuniões, eu não sabia como funcionava por dentro, via as dificuldades, as facilidades e comecei a fazer parte do grupo. No primeiro ano do Tela Firme, eu ajudei no aniversário, fui na comemoração, já acompanhava.

O Francisco já era conhecido como uma pessoa de movimento social e popular, eu comecei a conhecer o Francisco no Fórum Social Mundial, foi quando teve uma intervenção no bairro da Terra Firme, teve aqueles encontros na UFPA. A gente tinha vários amigos em comum na Terra Firme, o espaço fez com que a gente atuasse em conjunto, que eu não sei dizer certinho quando foi.

Eu lembro de um primeiro ato. A campanha do Edmilson em 2012. Teve algumas coisas depois, de movimentação. Esta campanha que eu participei ativamente foi fundamental para conhecer vários militantes do bairro, pessoas que participavam de outros movimentos sociais. A rede estabelecida naquele período ficou. Daí o pessoal me chamou para participar de uma manifestação, porque encontraram ratos no meio dos remédios do posto de saúde. Foi a nossa primeira atuação, depois uns anos ele me convidou para o Tela Firme.

No Centro Acadêmico que eu participava na UFRA, eu sempre gostei dessa parte da comunicação. Eu lembro que eu fiz um blog para o Centro Acadêmico, eu organizava o jornalzinho, passando a informação para as pessoas. O Facebook não era muito comum, era tudo pelo Orkut e pelo Twitter. Para a gente foi fundamental o jornalzinho do Centro Acadêmico, depois eu integrei a gestão do DCE e também fui diretor de comunicação, então eu fazia o jornalzinho também, escrevia e organizava as pautas, as pessoas mandavam as contribuições eu editava. Desenvolvi uma logo, o nome do jornal era Tucupi e ele era distribuído no Restaurante Universitário. A experiência de comunicação ou algo que envolvesse a comunicação foi isso.

E aí comecei a mexer no Core Draw, fazia cartaz – eu que fazia o cartaz da assembleia estudantil – eu era da atlética da UFRA, a gente divulgava os jogos que iam acontecer. Eu que fiz o símbolo da atlética, do DCE, do jornal, e mais os cartazes, panfletos, chamada para os atos, panfletos de eleição de Centro Acadêmico, era mais ou menos assim. O Corel Draw foi uma ferramenta importante para mim e a gente usava isto para divulgar as nossas ações.

Por que vocês fazem vídeo e não lançam?

Qualquer movimento precisa de um mínimo de estrutura, uma câmera, internet, computador e pessoas. Então a gente estuda, trabalha, tem o envolvimento social, então o Tela Firme unifica a gente em uma mesma ação. Por exemplo, os vídeos da Celso Malcher, que a gente filmou, tivemos a necessidade de um computador bom pra edição, que suporte um bom programa de edição.

O Maílson e o Harrison tem o trabalho deles, então é um pouco mais demorado, ninguém recebe pra isso, fazem mesmo por puro ativismo, como movimento de fato, de forma voluntária, então foi atrasando, a nossa vida pessoal acaba consumindo um pouco a gente, aí perdeu o tempo. Acho que era importante ver um dia se não conseguimos divulgar um pouco o registro.

Por que o Tela Firme é Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa?

Esta questão da posição que eu te falei tem um lado, o popular. Porque ele tenta mostrar o lado da população mais pobre. Tem um vídeo que gente não conseguiu divulgar, ele mostrava uma dificuldade do bairro na questão do saneamento básico, então quando chovia, as casas todas inundavam na Celso Malcher, porque o esgoto estava todo entupido, os bueiros entupidos, o canal do Tucunduba entupido e a ausência da política pública em si. Então existe um setor da sociedade que está sendo o mais prejudicado com essa falta de saneamento básico, saúde, transporte público e moradia. É o setor da periferia que consideramos popular, por isso nos consideramos uma mídia popular e alternativa, porque tentamos mostra uma parcela da sociedade, que está sendo vítima do extermínio da juventude, que tem um abandono do estado a mais.

E o uso das novas tecnologias de mídia, como a internet, ocupa uma função estratégica para a divulgação do trabalho do coletivo?

Eu acho que existia uma geração nos 80 que teve um papel importante na Comunicação Popular, com os instrumentos que cabiam na época. A nossa geração está se movendo como juventude de mídia popular, como a nossa geração se expressa: Através da internet, das mídias sociais, só que de forma ressignificada. Não deixa de ser mídia popular, só que no momento em que a gente vive, as redes sociais são muito mais evidentes e a gente é parte dessa geração mais envolvida com as tecnologias de agora.

A gente tem uma tecnologia hoje que responde a uma necessidade nossa. Talvez o Tela Firme não tenha chegado nas mãos de família, aos pais de família, mas com certeza, na parte mais jovem da sociedade, chegou através do celular, dos *smartphones*, do acesso ao *cyber*, a galera tem um acesso à internet, a gente considera esta forma como popular, caso contrário ele não teria sido tema de pesquisa, e nem reivindicado em vários espaços de movimentos sociais, não teria uma base social um pouco mais visível e consolidada. Significa que teve um alcance importante e principalmente, mostrando uma parcela da sociedade que é invisibilizada, por isso que eu vejo como mídia popular.

Eu questiono muito nas nossas reuniões que a gente tem que ter um pouco mais de informação teórica, sobre o que é mídia popular, alternativa. Eu estou falando um pouco com o meu conhecimento empírico.

Eu acho que isso foi um dos motivos para a criação do Tela Firme, mostrar o que é invisibilizado pela grande mídia. A narrativa de quem fala depende muito também do olhar de quem fala. A narrativa da Globo ocupa um espaço ideológico na sociedade.

Que é visto como não-ideológico!

Ninguém está ausente de alguma ideologia. Todo mundo reproduz alguma ideologia, que é a ideologia dominante e isto faz parte do domínio ideológico da população e a narrativa dela está presa a isto.

Vendo os primeiros vídeos do Tela Firme, foram realizadas entrevistas com pessoas mais velhas no bairro, que ocupam seus espaços, trabalham dignamente, mas que também tem os seus grupos e se mobilizam. Eles olham o bairro como seu espaço, esse negócio “que está no lugar errado na hora errada”, mas quem está no lugar errado e na hora errada? É o nosso espaço aqui e a gente quer ocupar isto aqui, entendeu? Então é meio para jogar a contradição sobre o que é transmitido pela mídia tradicional. Eu acho que jogar a contradição é um pouco o Tela Firme. Quando a gente mostra o que está invisibilizado, contradiz o conteúdo da mídia tradicional.

Como foi a atuação do Tela Firme na CPI das milícias?

A CPI das milícias foi fruto de uma mobilização da sociedade civil, não restrita apenas ao Tela Firme. Os familiares de vítimas foram para as ruas também, essa organização coletiva teve como resultado a CPI. A CPI nunca seria aprovada pelo bom senso da

maioria dos parlamentares. Tivemos muitos apoios, mas foi basicamente um trabalho de articulação da organização civil. A gente tem que reconhecer o excelente trabalho do deputado Carlos Bordalo, apesar das minhas discordâncias ao PT.

Foi um trabalho muito mais completo, porque não se limitava completamente ao extermínio, mas discorreu como este extermínio se legitima na sociedade. Estes programas dos policiais que entram nas que pegam os caras, antes de serem suspeitos já estão julgados por toda a população, isso legitima a ação destes grupos nos bairros de periferia. No momento que alguém é assassinado pelas armas da milícia, uma parcela da sociedade vê isto como uma atuação de justiceiros.

E isto se sustenta, por exemplo pelo Joaquim Campos, que é vereador, nos “Anaices” (*referência a Luís Eduardo Anaice, apresentador do programa “Metendo Bronca”, da RBATV*), da Vida, nos Barra Pesada...Então a mídia cumpre este papel de legitimar o que a galera está fazendo. É importante o Tela Firme ter saído como exemplo de mídia alternativa no relatório final da CPI, porque é preciso problematizar também que as mortes não se dão apenas pelo fato de chegar alguém e atirar, este é o fato final. Existe uma morte social que precede isto e ela é construída todos os dias pelas rádios, pelas TV, pelos discursos inflamados desses caras, por pessoas que utilizam estes espaços como políticos, para se promover, como é o caso Coronel Neil (deputado estadual mais votado nas eleições de 2014), e Eder Mauro (delegado, deputado federal), com este discurso.

É preciso que a gente problematize também a mídia. Ela tem responsabilidade sobre o que acontece. Está tão vulgar matar, está tão banalizado matar jovens, que eu acho que grande parte da população tem visto que tem mais morrido dos seus do que dos outros. São os pretos da nossa casa que estão morrendo, nossos familiares, pode ser a gente um dia. Muitos tem se manifestado até por fora das organizações mais tradicionais, que já se movimentam de forma coletiva. O Barreiro é exemplo disso. Todas as mortes que tem no Barreiro, eles se movimentam, trancam a Pedro Álvares Cabral, ninguém passa, eles queimaram ônibus da última vez.

Agora é uma batalha. É difícil, não são só flores, tem vezes que a gente se sente um pouco mal. Tem dias que eu estou em uma *bad*, parece que a gente se vê sem forças. A gente acompanha os familiares das vítimas e tem momentos que eles estão mais ativos, que estão menos ativos, porque acham que não vai dar em nada. Mas eu acho que conseguimos algo importante, fazer com que tenham surgido uma organização coletiva, elas não pensam mais apenas através de si, a gente sozinho é muito limitado e a ação conjunta tem muito mais força.

O vídeo “Poderia ter sido você” alcançou milhões de acesso no mundo inteiro, isto é muito bom. Isto não é uma coisa que vai nos promover individualmente, esta luta que alcançou este espaço, a gente apenas está operacionalizando isso.

Como o Tela Firme estimula a convivência entre as pessoas do bairro?

Eu acho que só este fato de nós sermos moradores do bairro e estarmos sendo desafiados a contar a história do bairro por nós mesmo, isso não empondera só a gente. No momento em que a gente vai na escola apresentar o Tela Firme, a gente quer que as pessoas possam ver isso com uma vitrine, eu não gosto de falar de “exemplo”, que soa meio moral, mas uma vitrine e que ela saia do nosso alcance, não é objetivo do Tela Firme controlar as nossas ações.

Eu acho que se mais grupos tomarem isso pra si, a gente já cumpre um papel muito importante, das pessoas contarem a sua própria história, contarem o que elas vivem, mostrar para todo mundo a sua própria vivência, isso empodera bastante porque chega um momento em que a gente começa a não aceitar mais aquela narrativa dominante e a questionar mais, “o que eu sei não é isso, o que eu vejo não é isso, o que eu vivo não é isso, o bairro que eu vivo não tem só bandido, não tem pessoas que não querem nada com a vida”, o bairro que eu vivo tem os seus problemas com a criminalidade e com a falta de políticas públicas, mas também são pessoas que lutam muito para estar ali, para ter um trabalho digno, para não cair nas tentações do tráfico de drogas, que lutam muito para não perder sua vida, a gente não pode pensar que todo mundo que experimentou esse caminho foi uma opção da pessoa.

Eu tenho um amigo que ele foi preso. Ano passado. Meu amigo mesmo. Ele se envolveu em um assalto, e tipo assim, a gente tinha dado pelo sumiço dele há um tempo, alguém me disse que ele estava preso e daí eu falei com todos outros amigos, a gente não sabia de fato o que tinha acontecido. Fomos na casa dele. Falamos com a mãe dele, que falou tudo o que tinha acontecido e eu enviei uma carta pra ele. Perguntando como ele tava, que a gente poderia ajudar no que precisasse. Ele começou escrevendo estou muito feliz por “você terem lembrado de mim” –antes da morte física, tem uma morte simbólica muito grande.

Ele falou “eu quero que tu me ajude, eu quero sair daqui, eu quero estudar, eu não quero isso para mim mais”. Então a gente não pode pensar que a gente está fadado a isto, que é o único caminho e a gente tem que dizer que não é, o que eu vivo não é isso, o que aconteceu no bairro não é o que Barra Pesada fala, o Metendo Bronca fala, que o jornal Liberal fala. O que eu vivo no bairro é isso, temos muitas dificuldades que precisam ser questionadas, criticadas e expostas. É muito fácil mostrar o menino que assaltou, humilhar ele e a mãe dele, aí o apresentador fala “só tem inocente na prisão”, aí vai e expõe o menino, a mãe que está chorando lá fora pelo que aconteceu, mas não expõe a falta de saneamento básico, a falta de escola, a falta de posto de saúde, a gente precisa expor que a gente é sim um bairro que sofre uma série de problemas, mas a gente não é isto o que a mídia tradicional mostra, eu acho que esse é o principal legado que gente deixa.

Fraan Silva, repórter do Tela Firme

Como você entrou no Tela Firme? Você já tinha experiência com comunicação antes?

Não tinha uma experiência anterior, eu fazia vídeo com o Thalisson, de palhaçada, a gente pegava o celular e gravava aqui em casa. Aí o Francisco via os nossos vídeos, e ele já tinha a ideia de fazer o Tela Firme. Ele decidiu chamar a gente, pelo fato de a gente ser jovem, da gente conhecer as pessoas aqui do bairro, ele reuniu, falou do projeto e a gente super apoiou, entramos de cabeça nisso.

Como foi o aprendizado de vocês?

Foi tudo muito novo. A gente nem se imaginava neste ramo, tanto é que depois a gente decidiu fazer a faculdade jornalismo, a gente vê a câmera, e o Maílson já trabalha neste ramo, ele é câmera, né? Ele falava tudo para a gente, a gente ficou super encantado com isso.

A gente fez a faculdade e a gente aprendeu muito mais na faculdade. Mas no Tela Firme, a gente aprendeu na prática e depois aprendeu na teoria. Foi tudo muito novo, fazer texto, entendeu? Eu ficava muito nervosa de falar na frente da câmera, eu falava para fazer graça, entendeu? E quando tinha que falar sério ou gravar no meio da rua com todo mundo te olhando, era diferente. “Isso aí que eles estão gravando é palhaçada”, as pessoas pensaram que era comédia, não sabiam quem a gente era. No começo. Depois as pessoas que se ofereciam para gravar com a gente, foi muito bom.

Você ficou até quando no Tela Firme?

Não sei te dizer em qual momento. Porque eu me afastei, mas ficava acompanhando, e tentava ajudar o pessoal pela internet, compartilhando, tentando me informar sobre as reuniões, mas nunca dava para eu ir. Eu perdi meu celular e meio que perdi o contato com o pessoal. Mas o Francisco ainda vinha aqui em casa me avisar das reuniões. Eu fui parando aos poucos, eu e o Thalisson.

Tipo assim, eu e o Thalisson sempre conversamos sobre isso, sobre o que a gente pensava, e no Tela Firme a gente tinha essa oportunidade, então a gente teve muitas outras oportunidades, de fazer curso técnico, a gente fez várias outras coisas, sabe, abriu muitas portas para a gente, convidavam para fazer estágio, conheci muita gente e muita coisa por causa do Tela Firme.

A gente não esperava a repercussão, a gente fez o primeiro vídeo, tudo mais, como eu posso te dizer? Mais cru, a gente estava com medo, tímidos, aí teve muitos compartilhamentos, as pessoas assistiam, paravam a gente na rua, a gente mandou fazer a camisa e sempre andava com a camisa do Tela Firme, e as pessoas pediam para gente gravar, a gente não tinha noção disso quando decidimos fazer o coletivo.

Como foi este curso de comunicação que você fez na Unipop?

Foi ótimo, porque todo mundo de lá já tinha assistido o Tela Firme. Todo mundo fazia parte de algum projeto social e perguntavam muito sobre o Tela Firme. Existe uma cobrança da gente a mais e a gente fazia mídia, “como vocês fazem e tudo?”. A gente era muito espontâneo, “a gente vai pegar a câmera e grava”, e na hora sai uma coisa muito melhor do que a gente imaginava. As pessoas ficavam muito curiosas pra saber do nosso processo criativo e técnico.

A gente fazia o roteiro e na hora saía outra coisa, e tipo tu vais pensar que vai sair uma coisa e na hora saí outra coisa, a gente voltava cansado, saía no sol e eu conheci tanta parte da Terra Firme que eu não conhecia, a Terra Firme é grande!

Eu acho que foram uns 3 dias de gravação, daquele nosso vídeo “Terra Firme”, a gente ainda teve que marcar com o pessoal das entrevistas e tudo, procuramos falar com as pessoas mais antigas da Terra Firme, para saber da história do bairro. A gente aprendeu muitas coisas com as entrevistas.

Quais as principais diferenças entre o trabalho do repórter comunitário e do repórter tradicional?

Eu acho que tipo assim, o repórter comunitário conhece as pessoas do bairro. Você se sente mais em casa, mais à vontade de falar. O seu bairro é a sua casa, então você já sabe com quem você vai falar. Então a gente já sabia quem entrevistar. O repórter normal não, ele vai em um bairro que ele não conhece ninguém, muita gente não quer falar, então eu acho muito melhor o trabalho do repórter comunitário.

Quando a gente ia gravar, nossos amigos pediam para ir só pra ficar acompanhando a gente, ah, “porque eu gosto de ver”, queriam conhecer o estúdio, muita gente queria ir lá pra ver, quando a gente montou o estúdio ficou muito mais fácil, a gente já tinha um lugar para gravar, na rua tem problemas de áudio a gente nem tinha um microfone adequado pra isso.

Como o Tela Firme pode contribuir para a convivência das pessoas do bairro?

Ele encoraja muita gente, entendeu? As pessoas do bairro vêem que a gente não precisa ter dinheiro ou ser famoso para fazer uma ação que vai mover alguma coisa, acho que muita gente tem vontade de mudar alguma coisa no mundo.

Mas não faz porque “acho que ninguém vai me enxergar”, então o Tela Firme pegou pessoas invisíveis, fez aparecer e mostrou que a gente podia sim ser uma mídia alternativa e esta mídia ser vista como uma coisa boa. A gente quer mostrar que na Terra Firme não tem só gente burra, quer mostrar que aqui a gente tem ideias revolucionárias – contribuiu para encorajar muita gente a fazer alguma coisa.

Falta mais esse tipo de projeto em Belém?

Com certeza, eu acho que em cada bairro tinha que ter um Tela Firme, para as pessoas interagirem mais com o seu bairro. Sempre achamos que o bairro do outro é melhor, que na periferia não tem muita coisa a oferecer. Mas tem muito projeto, eu acredito que em cada bairro tenha um projeto social, não é possível que ninguém possa fazer alguma coisa, mostrar aquilo, dar visibilidade para que aquilo seja ajudado de alguma forma.

Francisco Batista, idealizador, repórter, produtor, articulador

Como foi a ideia de criar o Tela Firme e como foi sua experiência com rádio em Moçambique?

Quando eu estava em Moçambique – eu passei 2010 e 2011 em Moçambique – uma das atividades da Comunicação lá, era um programa de rádio, que falava sobre a questão da lei da terra, imagine só. Falar de lei da terra em Moçambique, na África, em um país com a experiência de democracia bem recente e fragilizada, tem um partido único no poder. Então a gente falava sobre esta lei, informava as pessoas sobre legalizar a terra, foi uma experiência com a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese da Beira, em Moçambique. O que estava acontecendo é havia invasores, grandes empresas e grupos econômicos que estavam invadindo a terra dos trabalhadores e a gente estava orientando sobre como proceder nestes casos, quem procurar, e também outros temas de cidadania que a gente abordava, mas o foco do programa era este.

Como estava previsto para eu voltar em outubro de 2011, eu pensei “o que fazer quando eu chegar lá no meu bairro?”. Eu participo da comissão de justiça e paz, participei a fundação da caravana da paz, que é uma articulação de base de várias igrejas cristãs, na comissão de justiça e paz da Terra Firme nós organizamos a escola de agentes de cidadania e direitos humanos...a gente já fazia algumas obras e tal...e daí “o que fazer?”.

Com este negócio de internet, Youtube, a gente podia fazer uma espécie de TV Comunitária, era para falar um pouco sobre o bairro. Fiquei pensando nesta história, no nome, aí veio Tela firme, “Égua! Vai ficar bacana”. Eu voltei para o bairro em 2011, aí em 2012 participei de uma Paixão de Cristo do Jave, e eu comecei a me inserir com essa galera do Jave, e comecei a externalizar para o Mailson, que era do Jave, isso em 2013, “Olha Mailson, tô afim de fazer isso-isso, temos a ideia do nome...”, ele falou “bacana”. A gente estava conversando na praça, sentado no banco, ele topou a ideia. O Tela começou em 2014. Em 2013, a gente estava conversando na praça e daí eu falei logo, “bora tirar do papel”, a ideia de fazer o primeiro programa que foi o Carnaval. O que que tem de bom nesse bairro que vá contra esse estigma? Porque fala em Terra firme começa a “encarnar”, “me rouba logo”, aí começamos a reunir uma turma.

Eu tinha assistido um videozinho do Thalisson e da Fraan. Era meio comédia, mas tinha temas interessantes. Eles abordaram uma questão sobre o casamento de pessoas do mesmo sexo, eles divulgaram isto. Eu pensei “égua, esse pessoal é bacana” aí chamamos,

o Mateus, o Adriano, um rapaz que era do Jave, a Vanessa e formamos esta equipe do Tela Firme.

Eu fiz uma pesquisa sobre os movimentos sociais em atuação na Tela Firme no arquivo histórico de Belém, e encontrei uma reportagem muito antiga, que você deu uma entrevista, acho que era do ano 2000. Como é esta tua trajetória na militância?

Nós fizemos na Terra Firme, no final dos anos 90, uma coisa pioneira no Brasil: Foi o pré-Grito do Excluídos. Todo 7 de setembro, desde 95, em Aparecida, surgiu o Grito dos Excluídos. Nós fizemos o primeiro pré-Grito. A gente fez essa atividade com artistas, com a galera da cultura em 99. Isto foi há 18 anos. Desde então a gente faz estas “ondas”, a minha inserção no bairro em movimento social tem um tempinho. Não é algo tão organizado, é movimento mesmo, ações pontuais. Não é algo institucionalizado e burocratizado. Não é fogo de palha, mas é pontual. Nós fizemos também no ano 2000 um comitê contra a ALCA, em parceria com o centro acadêmico da Ufra.

O que tu achas que mudou na militância mais antiga da militância de hoje?

Acho que hoje, os recursos. Hoje se milita muito de forma virtual. É importante, tantos exemplos que nós temos da capacidade de redes sociais, mas isto não é tudo. O efeito que a rede social tem é conjuntural, depende do tema, tem uma série de fatores, alguns falam da Primavera Árabe, que começou por mensagens virtuais. Mas é muito conjuntural, dependendo da sacada do tema, a rede social dá conta. Em outros casos, principalmente se você não investir naquela base, naquela comunicação corpo-a-corpo, não funciona.

E a articulação política a partir das lideranças comunitárias, era mais comum antigamente?

Este foco foi muito na década de 80, início de 90. A gente já entra na era das campanhas, fizemos o Dia Nacional da Juventude, o Grito, a campanha contra a ALCA, sempre girava em torno de uma ação política de mobilização. Este perfil das lideranças comunitárias, isto já estava enfraquecido principalmente com o advento da esquerda no poder, com o PT. Esta é uma hipótese que eu levanto: Que quando o PT assume o poder em São Paulo, Brasília, no sul e o com o Lula na presidência, muda a configuração da militância, porque as lideranças são capitalizadas, e começam a ocupar os espaços de poder também. Então a luta já não é política, ela é institucionalizada, então a gente entra em uma nova era. Quando a gente fala de 2005, já é o PT no poder com novos *modus operandi* de inserção dos movimentos sociais.

Hoje os mais jovens buscam outras formas de organização diferentes destas...

É, eu acho que essa história do coletivo é atraente para juventude, acho isto legal. É uma forma diferente de organização, nos chamados microespaços de poder, do Milton Santos. E daí tem essa outra configuração, eu me encanto com essa nova perspectiva, o Tela Firme foi essa coisa que deu certo. E vale destacar que mesmo diante de todas estas situações de estar um pouco estagnado na produção, a gente teve outra ascensão.

Vai da ordem natural das coisas. Pelo perfil dos nossos membros. O Harrison trabalha com captação de imagem, filmagem, ele é cinegrafista, esse meio é o ganha pão dele. Nós não descartamos de disputar um edital para remunerar algumas pessoas para promover a chamada economia criativa e solidária. Não diria nem tanto se institucionalizar e nem perder a identidade, mas não se eximir de nenhuma oportunidade que vier a ocorrer. É importante disputar um edital, mas isso não vai nos amarrar nem nos burocratizar. Quem sabe virar uma produtora de caráter coletivo, de uma espécie de comunicadores populares. Mas sempre dentro deste caráter. A gente não vai filmar um aniversário, ou uma festa particular, ou algo assim, Mas sempre vai ser um coletivo. Até porque o audiovisual exige recurso, tem um custo para fazer, etc.

Seria legal se a galera tivesse um subsídio para produzir mais regularmente.

Poderíamos criar uma rede de produções e tal.

Como o Tela Firme está hoje?

Nós estamos muito em representação de espaços políticos. Em 2015, o Tela Firme foi citado no relatório da CPI, como uma das orientações para o Estado contra a criminalidade, incentivar e investir em experiências comunicacionais desta natureza.

O papel mais importante do Tela Firme na chacina foi a exibição do documentário “Poderia ter sido você”. Nós exibimos esse vídeo para os parlamentares e membros da CPI. Eles assistiram o vídeo. Foi uma repercussão muito grande. Estamos ocupando os espaços de representação política, mais diretamente. Produzimos um vídeos sobre o movimento das mulheres, estabelecemos parceria com a Anistia Internacional, fazendo imagens e fotos. A gente não parou exatamente. A gente não está mais com aquela característica de TV Comunitária, agora é um coletivo de comunicação. A gente deixou isto, para ter mais uma incidência política significativa, articulando com outras redes, em uma defesa da vida, direitos humanos e juventude e fazendo coberturas pontuais, não somente no audiovisual, textos e fotografias, a nossa *fanpage* é movimentada nesse sentido.

Mas porque a produção está reduzida neste momento?

Nós temos dificuldade de reunir, isto é fato. Mas a nossa atuação tem outro caráter, ela é criativa agora. Você parou de reunir para pensar em um roteiro e na produção, mas a gente ocupa os espaços. A última vez que teve a proposta da Izabela, o Manas Firms, para conversar com as meninas do Ame o Tucunduba. Já a ideia de fazer um café, seria do Papo Firme, o nome ainda está sendo discutindo...eu começo a dar as ideias e o pessoal começa a animar. Nós fizemos um café com o Bom Dia Pará (TV Liberal), e daí estamos inspirados por este formato.

Vocês foram no Brasil Urgente local (RBATV) também, né?

Eu faço uma distinção muito grande: Quem está nos meios de comunicação são os profissionais de comunicação, produtores, jornalistas e trabalhadores. Quem não entra em um veículo de comunicação que tem uma linha editorial? Até mesmo o trabalhador questiona, mas o mercado é escasso e daí ele não tem outro jeito.

O Brasil Urgente, que é uma versão regional de um programa nacional sensacionalista, estava fazendo uma cobertura jornalística – há todo um contraditório – alguns quadros detonam os direitos humanos, e às vezes para contrabalancear, eles ouvem o outro lado. Eles queriam saber do vídeo “Poderia ter sido você”. A gente avaliou – o primeiro programa de TV que nós fomos, foi TV Nazaré e depois o Sem Censura na TV Cultura, começamos com as TVs mais educativas. É importante ocupar estes espaços para a gente demarcar o território, a gente foi para divulgar o documentário e também pra dar a nossa versão da história. Nós avaliamos que este programa não tinha tanto este caráter. Eu já rejeitei – não foi com o Tela Firme – fazer uma participação no programa do Joaquim Campos, com a família das vítimas da chacina de 2014, por causa da posição dele. Não faria sentido. Ir seria legitimar a postura dele e sendo ao vivo, a gente não sabe o que aquele cara ia falar, então ninguém vai.

No Brasil Urgente, a gente foi divulgar o “Poderia ter sido você”, foi 3 meses depois da chacina. Ele foi uma atividade muito interessante: Este vídeo é de maior importância política nossa, e reafirma a defesa dos direitos humanos e contra a extermínio. Foi no terceiro mês da chacina

E vocês estavam sendo cobrados a fazer um cobertura sobre o caso...

Sim, o pessoal do bairro perguntava e o Tela Firme? Nós dissemos para a sociedade, “não, nós estamos atentos”. Achamos que foi importante ocupar este espaço e chegar até as massas e como foi ao vivo, tínhamos a oportunidade de falar sem cortes.

Nós chamamos de minidocudrama, se colocando na condição, nós pensamos. Eu imaginei assim: Vamos nos colocar na situação. A gente teria condições de acessar as famílias tranquilamente, porque a ouvidora e eu nós fomos os primeiros a checar a situação das famílias, ir na casa deles. Foi um episódio que marcou: Belém naquele dia ficou uma coisa louca. Belém estava vazia, faculdade vazia, escolas, foi louco, foi algo de terror. E daí eu falei assim, “não vamos fazer as pessoas passarem por mais isso”.

Aí foi interessante a sacada que a gente teve. A gente vai ser a vítima, vamos ser as vítimas, vamos sentir na pele o que foi que sofreu aquela vítima. Ainda emocionada. O Maílson, de forma muito brilhante e sensível, aplicou os recursos de imagem e de trilha sonora. Deu certo, infelizmente para retratar algo tão triste e tão lamentável.

Como é participação do Tela Firme no bairro da Terra Firme?

A repercussão se deu muito inicialmente principalmente por causa da nossa inserção nos meios de comunicação social de massa. Nós tivemos uma estratégia anterior de marketing, que foi criar toda uma expectativa. Antes do lançamento do primeiro vídeo, criamos a logomarca, pelo Facebook, que era a ferramenta mais utilizada até então. A gente começou a mandar pelo privado pedindo para as pessoas compartilharem.

Depois falamos, “calma, aguarde”. Toda esta expectativa para dizer – nós tínhamos 2 missões: Dizer o que era o Tela Firme e ao mesmo tempo lançar o primeiro vídeo, é isto. O que é o “Tela Firme?” Então tivemos toda uma trajetória, uma expectativa, começou o compartilhamento, chamamos a atenção das mídias locais que fizeram uma cobertura jornalística sobre o coletivo, aí foi que pegou. Só que o público estava acostumado com a produção do vídeo e daí a gente tem uma necessidade também de retomar essas questões dos vídeos e fazer um resgate, eu afirmo com toda a convicção que o Tela Firme continua atuando com outro caráter, mas reafirmamos que nós temos a necessidade de produzir mais audiovisual.

Como o Tela Firme colabora com a criação de vínculos com a comunidade?

Olha, eu acho que a grande questão é a própria relação de identidade, as pessoas se sentem muito bem quando se mostram coisas boas. Incomoda esse papo que a Terra Firme é algo de ruim, a autoestima do povo...

Quando você tem um espaço que fala coisas bacanas, esta relação é de vínculo, porque através dos vídeos e postagens, mostra algo que tem de bom o bairro – e nós temos denuncia também, falamos sobre a questão da creche que repercutiu muito, a história da creche que estava caindo o telhado, nós fizemos um furo de reportagem postamos sobre a rua Celso Malcher, fazemos outras coisas, de denunciar estas mazelas como também de exaltar as boas ações, isto vai criando uma relação de proximidade com as pessoas.

Nem é algo tão massivo, porque muitas pessoas não tem acesso a internet, mas a gente ser citado é uma prova...quantas dezenas de aluno não estão conhecendo este modelo? Nós tivemos agora a perda do seu Trindade que faleceu, e ele está no nosso vídeo, ou seja, está eternizado, né? A importância daquele senhor que foi um dos fundadores do bairro, que era fogueteiro das festividades paróquia São domingos de Gusmão e durante a procissão, nós paramos na frente da casa dele para fazer uma homenagem a ele.

Harrison Lopes, diretor de imagem e cinegrafista do Tela Firme

Você mora aqui na Terra Firme há quanto tempo?

Eu moro na Terra Firme desde os meus 2 de idade. Meus pais se mudaram pra cá em 88. A Terra Firme era toda entrecortada por pontes, não tinha nem asfalto nessa época. Era chão batido, era precário demais. Depois das pontes, instalaram os aterros, porém, as ruas

foram aterradas com lixo. Tenho até uma foto de quando eu tinha 4 anos, era um lixo a céu aberto, literalmente. Tinha cheiro de lixo me lembro do fedor da caçamba e das moscas, era horrível...

Hoje em dia minha rua não é pavimentada, é só chão batido. Melhorou um pouco e tenho a esperança que melhore mais. A Terra Firme é dividida em 2 partes, da São Domingo até a Celso Malcher, maioria das ruas são asfaltadas e a parte de lá (entorno da bacia do Tucunduba) é a parte mais precária em saneamento, em segurança, etc.

Como você entrou no Tela Firme? Você já tinha experiência com vídeo?

Meu primeiro contato com a comunicação popular foi em 2005. Comecei a fazer parte da Associação de Moradores Unidos da Luta, da passagem Universal com a Ligação, que era uma parte muito vulnerável do bairro. Tinha uma ONG chamada Cepepo – Centros de Estudos e Práticas de Comunicação Popular. Lá, nós começamos a fazer oficinas de Direitos Humanos, sempre pegávamos o jornal impresso, rádio, vídeo e teatro, foi um ano que preenchemos com essas 5 oficinas e daí passei a ter contato.

Foi algo que me pegou e eu me apropriei deste estilo de comunicação. Em 2006, começamos a ter um programa na rádio comunitária aqui no bairro que era a radio Cidadania FM, voltado pra juventude, que não tinha antes. O programa durou um ano também, porque tinha muita perseguição da Polícia Federal, um companheiro nosso foi preso, foi terrível... não foi pra frente.

Depois disso, eu fui como professor voluntário para a Cepepo e o que eu aprendia lá, eu ensinava. Aprendi muito sobre o uso da câmera e outros componentes da linguagem audiovisual. E fizemos um coletivo de jovens chamado “Vamo que vamo”. Começamos a fazer muito material audiovisual, teve vídeo na TV Brasil, encomendado por eles...e foi o primeiro coletivo jovem de comunicação de Belém. Duramos até 2011, não conseguimos nos manter, por problemas pessoais de estudo e trabalho.

Surgiu então a ideia de formar um coletivo do bairro da Terra Firme. A ideia foi do Francisco e do Maílson, mais ou menos em março de 2014. Tanto é que o nome é ligado a essa questão do tempo da tela, do celular, do *tablet* e pegamos o nome do bairro, fazendo referência a essas novas tecnologias com o bairro.

E sobre a produção, até mesmo na época do Cepepo, tinha que ter uma câmera, e custava no mínimo R\$ 3.000, mais microfones, tripé, era um gasto...não dava pra tu andar em uma mochila por aí...hoje em dia com o celular, que cabe na palma da mão, a gente filma, a gente edita e a gente publica...teve acesso maior aos meios de comunicação. Então, embora o Tela Firme tenha câmeras melhorzinhas, mas que não são nossas, porque o Tela Firme não tem dinheiro nenhum, com o celular a gente já faz muita coisa...

Então foi assim que surgiu o meu vínculo com a comunicação e com o Tela Firme.

Tem um vídeo do Tela Firme no Youtube que tem mais de 10.000 visualizações. Será que antes com todo este equipamento eu teria como alcançar todo esse pessoal e teria

essas visualizações? O menino que está na escola pública daqui consegue ver o vídeo com o celular dele. Nós viramos uma referência para a escola Brigadeiro Fontenelle, por exemplo.

Inclusive um dos meus vídeos favoritos do Tela Firme é o da ocupação da escola!

Participamos da ocupação naquele suporte de divulgar o que estava sendo feito. Foi incrível a ocupação, porque os alunos mostraram tanto vigor e tanto comprometimento pela escola deles, aí você diz, “ah, eles estão sendo manipulados”, mas não, é impressionante o poder daquela juventude.

A gente participou assim, apoiando os alunos, eles mandavam para a gente no grupo do Whatsapp, “olha acabou a comida”, e a gente “vamos arranjar, vamos divulgar na página do Facebook, chamar os amigos, vamos ver de que jeito dá pra conseguir”. Vamos fazer um vídeo da ocupação porque precisa ter registro, se não for a gente, quem vai fazer? A mídia não vai vir aqui e se vier, vai criminalizar...como criminalizou.

Os jornais locais mostraram alunos reclamando que não tinha aula, que eles iam fazer vestibular...mas a ocupação foi uma decisão da maioria dos alunos da escola e nas reivindicações que fizeram, eles foram atendidos. O que eles ainda não conseguiram junto a secretaria de educação, estão articulando para conseguir. A questão principal foi dar visibilidade para a situação precária da escola, com quadros, ventiladores e cadeiras quebrados, alagamentos, então a mobilização foi algo bacana. O Tela Firme se orgulha de ter colaborado com eles.

Uma coisa que me impressionou nos vídeos do Tela Firme é a quantidade de tomadas que vocês conseguiram fazer nos primeiros vídeos. Como era feita a captação de imagens e quanto tempo se demorava a concluir este trabalho?

Nos primeiros vídeos da Tela Firme, principalmente, era eu e o Maílson dividindo a direção de câmera. A gente tinha uma camerazinha que o Francisco comprou de terceira mão, com fita ainda, bem precária...mas a gente usava. As pessoas nos olhavam com uma cara de “Quem é esse pessoal com câmera gravando?”, a curiosidade era grande no início...” é alguma coisa política?” O vídeo que a gente faz mostrando a história do bairro, demorou muito para gravar, principalmente as filmagens pelas ruas do bairro.

Eu peguei da Perimetral até a praça da Celso Malcher, ida e volta, na garupa de uma moto e ia gravando...as pessoas das casas me olhavam desconfiadas...fizemos um *time-lapse* do bairro, que foi na (passagem) Canaã, que fica aqui no bairro...uma casa de três andares, tem uma visão muito boa do bairro e a gente teve várias locações, contamos com a parceria de vizinhos e amigos, pra subir nas casas...e essa parte de acessar as pessoas não é difícil, porque o bairro tem muita diversidade...ele tem muita vida. Então tem a feira que tem muita coisa interessante pra ser mostrada, com câmera na mão, andando no bairro, subindo nas lajes...

Essa laje do *time-lapse* serviu também de locação para a propaganda nacional do PSOL e da TV Cultura...a gente que descobriu a laje, fizemos uma imagens muito bacanas. No

aniversário de 1 ano do Tela Firme a gente fez aqui nessa quadra da igreja e mesmo com chuva, teve um público bacana...tivemos um foto varal de artistas negros, teve capoeira, a apresentação de teatro do grupo Ribalta, e os moradores doaram bolo e docinhos para a gente fazer a nossa festa...Queremos fazer de novo uma festa nos nossos 4 anos.

É uma qualidade, mas às vezes pode ser uma falha: O planejamento. A gente tem dificuldade de planejar algumas coisas. O Francisco é super criativo...ele tem esses estalos...foi assim de última hora, ele lembrou e ficou muito legal. No Tela Firme não somos profissionais quanto aos equipamentos, tanto é que a câmera que é usada hoje em dia, é a minha HDCLR, uma que uso pros meus *freelas* e a câmera do Mailson. A gente grava com isso, mas o planejamento em si, a gente não tem. Muita coisa, 80% do que a gente gravou, foi muito do estalo de estar passando...

Nós temos trabalho, faculdade, movimentos sociais, famílias...temos muita dificuldade de reunir, fazemos nossas reuniões pelo Whatssap com muita frequência, devia ser um complemento, mas acaba sendo o principal...temos uma projeção muito grande, nem esperamos, e nem forçamos isso. A nossa intenção era mostrar o nosso bairro, com o nosso olhar sobre o bairro, para que as pessoas daqui possam se ver. É um bairro que as pessoas ligam a TV no jornal policial para ver seus conhecidos. Então qual representatividade que tem nisso? A molecada, crianças, o que eles viam dos bairros deles eram nos programa policialescos. Nós postamos muita coisa do hip hop, gravamos com eles, dançando e ensaiando e daí eles passaram a se ver mais como agentes de cultura, agentes de cidadania, e se ver a partir disso. Era isso o que a gente sempre quis.

A gente não procura ninguém também. Não que a gente não precise, não quero ser mal interpretado dizendo isso. Mas é porque estamos meio parados com a nossa produção. Como temos a nossa projeção, até hoje não entendemos. A gente não aparece na frente da câmera, não tem fotos nossas nas redes sociais do Tela Firme. Queremos mostrar o bairro, nosso principal foco é esse. Mas ficamos muito gratos, porque é a partir disso que nosso bairro é visto. Fomos muito pautados pela grande mídia comercial. Ou seja, criamos o coletivo para mostrar coisas que essa mídia não mostrava e acabamos sendo pautados por elas, e de forma positiva. E também as universidades...o Tela Firme se tornou objeto de TCC, mestrado e doutorados...não surgimos na academia, somos comunicação popular e fomos pautados como parceiros das universidades, como a Faculdade de Comunicação (Facom-UFPA), fizemos muitas atividades juntos...e isso é uma forma de mostrar que outra comunicação é possível. No Tela Firme não tem nenhum jornalista, nem publicitário, e essa aliança com a academia nos dá suporte de conhecimento é nós levamos a nossa experiência prática.

É muito raro isso que vocês fazem com o vídeo. Porque a Comunicação Comunitária migrou muito para os *podcasts* e perfis em redes digitais, há poucos grupos produzindo vídeos.

Porque o audiovisual demanda bastante. Agora demos uma pausa porque estamos qualificando melhor o material também...demanda tempo, equipamento, é multiprofissional, depende de várias pessoas pra acontecer. Podemos fazer *self-vídeo*,

mas existe outras formas mais complexas. Decidimos não banalizar os vídeos e sim fazer trabalhos mais específicos e bem feitos. E estamos com outra abordagem, que é o fotojornalismo, que vem complementar, porque não temos tempo de filmar tudo, aí fazemos a reportagem fotográfica para fazer o registro. A última campanha que participamos foi com a Anistia Internacional, a Jovem Negro Vivo, estamos fazendo parte deste grupo.

Em sua opinião, quais são as principais referências de imagem do Tela Firme?

Eu confesso que não tive muita inspiração disto. A gente percebe muitas imagens ao longo da vida, assistindo filmes, televisão, mas neste caso foi bem Glauber Rocha mesmo, “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”, a gente é de sair mesmo na rua e fazer as coisas. Tivemos produções com um algo a mais...e tem vídeos no Tela Firme que inspiraram outros.

Eu não tinha algo em mente...porque a gente não tem muito referencial de periferia. Na mídia comercial, tem a *Malhação (novela da TV Globo)*, que trabalha com a juventude, mas não tem nada a ver com a nossa realidade. A gente queria pegar uma câmera e a inspiração era o nosso próprio olhar, de ver que o que os outros não veem, o que a mídia não mostra, então foi isso – era o nosso olhar em relação a nossa quebrada, nossa comunidade, o nosso bairro, o tempo que a gente vive aqui, as pessoas que a gente conhece, a rua que a gente anda, e a onde a imprensa não anda e, às vezes, nem a polícia entra.

Se eu for parar pra pensar, eu não encontro nenhum referencial imagético de periferia...a TV Cultura em Belém fez muito material de periferia, mas algo bem geral...

(passa um ônibus abafando o microfone do gravador)

Quando a gente grava e não tem equipamento, esses barulhos de carro atrapalham muito. Com o microfone da própria câmera vaza, temos muita dificuldade de gravar externa e a Terra Firme é um bairro muito vivo e barulhento! Tem carro som, tem bike som anunciando cultos e festas de aparelhagem, tem pessoa que anda na rua conversando, gritando, e é isso que a gente é e queremos mostrar isso! Muito vídeo nosso tem o nosso BG, isso é identidade. O nosso BG principal é o barulho da cidade.

Não mostramos nem 10% do bairro nos nossos vídeos. Estamos fazendo um documentário agora sobre a quadrilha junina Rosa Vermelha, que tem 30 anos de história, é um fator de cultura viva e latente no bairro. Tem todo um trabalho que dura o ano inteiro, e tem um trabalho no bairro muito forte, é uma das principais quadrilhas do Estado, e não tem nenhum registro histórico dessa quadrilha, então ela pode se perder a qualquer momento, porque não tem apoio nenhum e nem recursos públicos. Pode ser que um dia – espero que não chegue nunca – que a Rosa Vermelha também acabe, então é uma questão muito complicada. A primeira miss negra de quadrilhas de Belém foi da Rosa Vermelha. E queremos lançar no próximo ano, para ter um tempo para trabalhar ele e queremos que tenha um impacto. Queremos que as pessoas vejam o Rosa Vermelha.

O Tela Firme, quando vejo os lugares acessados pelas redes digitais, não está só em Belém e no Pará, é algo de Brasil, Rio, São Paulo e até mesmo fora do país. A Terra Firme sendo vista por pessoas que não sabiam que ela existia.

O trabalho do Tela Firme não é uma questão apenas de produção em si. Quando se fala em Direitos Humanos, o Tela Firme também está inserido em vários debates e atividades, até porque, nós somos um coletivo de Direitos Humanos e principalmente da comunicação, que é um direito humano. Um direito negado e cerceado e entra em questão a democratização dos meios de comunicação, que hoje estão em poder de poucas famílias ricas, com o mesmo pensamento e só tem acesso a informação que estas famílias ricas querem propagar. Às vezes perguntam “cadê os direitos humanos na Terra Firme?” O Tela Firme é de Direitos Humanos, de reivindicação, de protesto e de identidade.

É um tipo de informação muito padronizada, você liga em diferentes canais, mas a formatação na notícia é sempre a mesma.

É, tudo a mesma coisa. Aqui em Belém, por ser uma cidade menor, é ainda mais restrita a circulação desta informação. Temos 2 principais visões aqui, das famílias Maiorana e Barbalho. Elas são inimigas mortais e divergem na política partidária, mas para todas as outras questões, elas são irmãs siamesas.

Sendo que na questão policialesca, a RBA (cuja concessão pertence aos Barbalho) ganha, porque eles têm uma série de programas policialescos que são nojentos e absurdos. São violações constantes dos Direitos Humanos e nada é feito. E ficamos “puxa, o que fazer?”.

Em 2005, os grupos de Direitos Humanos (*em defesa dos direitos LGBTTTQ+*) conseguiram o direito de resposta no programa do João Kleber e a Justiça determinou um número de dias para que na hora do programa se exibisse conteúdo educativo e a emissora teria que ceder os equipamentos. Foram programas perfeitos, que abordaram temas plurais, de um jeito honesto e ético. Foi um caso único no Brasil. Aqui em Belém, com esses programas que tem aqui, as entidades de defesa dos Direitos Humanos já poderiam ter solicitado um direito de resposta, na verdade eu não sei se isso foi feito ou não, mas deveriam ter solicitado e ganho.

Inclusive, nesses programas policiais, que esbanjam preto e pobre e muitas vezes os repórteres agem como inquisidores dos suspeitos, temos o caso do Bar do 8. Eles colocaram o casal como traficantes, os expondo de uma forma absurda e banal. Eu lembro que eles já eram perseguidos há algum tempo e o flagrante de droga foi forjado.

Esses programas são grandes plataformas para políticos. O delegado Éder Mauro, hoje deputado federal da bancada da bala, começou a campanha dele 3 anos antes da eleição, no programa Rota Cidadã. Ele era o cara super-herói do programa. Isso foi totalmente construído. Ele é deputado federal e o apresentador deste mesmo programa, hoje é vereador (Joaquim Campos). O discurso deles era o mais fascista possível...

Essa mídia aplaude e evidencia estas atitudes. Quando colocam a Terra Firme, colocam neste viés. A mídia alimenta diariamente essas questões. É uma luta difícil, mas a gente tem que lutar.

Ainda mais agora, que estamos contabilizando 4 chacinas em Belém só este ano.

Em 2014 teve aquela grande chacina, principalmente na Terra Firme, onde foram vários mortos. Eu sou testemunha desta chacina, pois eu estava vindo para casa na hora em que ela estava acontecendo e cheguei em casa literalmente passando por cima dos mortos.

No caminho, a gente vinha na Kombi de São Brás e assim que passou no mercado, tinha um grupo de motoqueiros encapuzados. Ninguém sabia o que estava acontecendo...isso era umas 22 horas, eu vinha da Cidade Nova, do trabalho para cá...todo mundo com medo, apreensivo...as conversas eram as mais alarmantes possíveis. Era um clima de guerra...as pessoas iam olhar o corpo correndo para ver se não era familiar e depois corriam pra se esconder em casa.

Nem o vanzeiro quis completar o caminho e deixou a gente no meio do caminho. Na rua de casa, tinha outro corpo...isso não saí da minha cabeça nunca. Eu tive que tentar não pisar para não passar...a rua faz um T, e passava uma moto, na hora todo mundo saiu correndo com medo da moto, desespero total...e nesse dia meu celular descarregou cedo...e todo mundo desesperado em casa...a rua deserta, tudo fechado. Égua, foi um caos, ninguém dormiu! Era barulho de tiro rodando...de manhã, era a contagem de mortos.

O meu filho caçula tinha meses na época, mas o mais velho estava com 8 anos e entendia muito bem. As crianças da Terra Firme não saíram pra brincar, pois além de ouvirem as correrias, aquele pânico e a mídia divulgando direto, isso impressiona os adultos, imagine crianças. O depois foi muito difícil também, pois a polícia impôs um toque de recolher não-oficial. O governo negava...a viatura passava e persuadia as pessoas a irem para casa.

Ainda existe essa busca de Justiça, foi preso um dos chefes da milícia, mas não existe nenhuma proteção aos defensores de direitos humanos, imagine aqui na Terra Firme, que todo dia a gente tem que conviver com essa milícia, e o carro prata e o carro preto que circula todo dia por aí fazendo execuções, quando a gente assume falar de Direitos Humanos e Terra Firme, a gente assume esse risco, a gente sabe disso.

Mas também não podemos nos acovardar de forma nenhuma. Sabemos dos riscos, das precauções e a gente sabe o que pode ou o que não pode fazer.

É interessante saber a preocupação de vocês com fazer falas na TV, de forma que vocês se sintam protegidos. Nós podemos dizer que esta é uma preocupação do repórter comunitário em diferença ao trabalho de um repórter da imprensa comercial, este cuidado maior sobre com o que vai ser exposto nas produções, pois há uma convivência?

Sendo um repórter comunitário, trabalhamos com algo do nosso pertencimento, do nosso cotidiano, entrevistamos pessoas que frequentamos na mesma igreja, na mesma

vizinhança. Não quero generalizar, mas a maioria dos repórteres que chegam aqui no bairro chega com uma pose, e sugestionam bastante o entrevistado, conforme aquilo que eles querem registrar. No comunitário, o sugestionamento não é uma estratégia, pois não se busca um padrão, é algo mais real, não estamos querendo algo empacotado e sim escutar o que cada um quer falar.

O principal é o comprometimento. O comunitário não quer aparecer em um vídeo legal ou com um texto interessante, o nosso comprometimento é mostrar o nosso bairro, a valorização da cultura, da proximidade com os nossos entrevistados e com os nossos personagens que não são tão personagens, são reais...tanto é que convivemos com ele no dia-a-dia.

Os cuidados, porque somos dos Direitos Humanos, e nos mostramos não individualmente, mas através de trabalhos coletivos. Eu não apareço em nenhum vídeo do Tela Firme, mas as pessoas sabem que eu faço parte, sabem da minha militância, já me viram filmando na rua...mesmo não explícito, é uma exposição. E com isso, a gente corre riscos.

Mas a receptividade é muito grande também, nos cedem espaços para reunir, vamos fazer alguma atividade e nos cedem nem que seja o banco da sua casa para as pessoas poderem sentar, no nosso aniversário, como disse, nos ofereceram um bolo, não só fazer o bolo como também vir comer com a gente! Então, a ideia é juntar as pessoas e que elas se vejam pelo nosso olhar, que também é o deles. E se a gente não fosse reconhecido e querido no bairro pelo nosso trabalho, seria algo preocupante e problemático. Não é isso o que acontece. Não tem essa pesquisa, do que os moradores acham da gente, eu até tenho essa curiosidade de saber. Mas o que chega na gente são coisas boas.

Como é a parceria que vocês têm com as escolas do bairro?

Temos aquelas mais parceiras, como a Brigadeiro Fontenelle. Lá tem o grupo de estudantes que é o Asa de Urubu, que é extracurricular. Eles fazem trabalhos voluntários, como doação de sangue, mutirão na escola. Foi esse grupo que deu início a ocupação da escola. Lá tem também o Grupo de Ouro Nacional (GON), que trabalha dando assistência a pessoas com câncer. Um aluno da escola sofreu com esta doença durante muito tempo e conseguiram chamar a atenção da grande mídia para mostrar o caso dele, que ele precisou de ajuda para manter o tratamento. Hoje ele é um símbolo de inspiração, de força e de luta para a criação do GON. Inclusive, o Tela Firme fez um vídeo sobre o GON, entrevistamos as famílias, os depoimentos são muito emocionantes.

Tem outro grupo que é A Liga, que ajuda a pessoas em situação de rua. Todos os participantes são da Terra Firme. Quando falam de jovens na Terra Firme, a mídia comercial só mostra aqueles que não tiveram a oportunidade, que foram presos por alguma coisa e até mesmo que são inocentes e são expostos mesmo assim. A Liga, os Angoleiros (grupo de capoeira), a Rosa Vermelha, o Boi Atrevido, o Boi Marronzinho, o

GON...É um bairro que tem essa efervescência...estamos mostrando aquilo que a gente conhece, que a gente vê, que a gente participa.

Podemos afirmar que o vídeo “Poderia ter sido você” é o mais importante da produção audiovisual do Tela Firme?

Acho que a maior parte do vídeo veio da cabeça do Maílson. Estávamos naquele momento e debatemos muito, éramos cobrados a fazer alguma coisa! Colegas comunicadores nos falavam se não for vocês, quem vai fazer? A gente tava com medo, assustado. Então não tinha como fazer uma reportagem tradicional, expor a família das vítimas, ou fazer entrevista com as pessoas.

Tivemos várias ideias e fomos amadurecendo o roteiro. Eu não estava no dia da gravação, que foi em uma sala nesta igreja. Nós poderíamos apenas falar da Terra Firme...mas poxa, isso aconteceu em vários bairros e em vários momentos! Não começou hoje. Vamos fazer uma pesquisa pra saber quais foram os anos que ocorreram. Quem não tem muita empatia pela periferia nem lembra, mas quem apanha nunca esquece. Vamos relembrar estes casos, mas como vamos colocar essa informação? Em cima da ideia do Maílson, construímos o “como seria”. Chamamos as pessoas, criamos a encenação, pensamos em fazer como se fossem as vítimas falando...as vítimas pelas nossas bocas, já que elas não podem falar, nós falamos por elas.

Pode ser colocado que sim, é o mais importante. As periferias são de negros. Hoje também o índice de homicídio de negros é muito alta, têm parlamentares da banca da bala que negam isso, eles dizem que não existe um extermínio, da forma mais desonesta possível.

O Tela Firme não tem vínculo partidário, nem vínculo governamental, nem empresarial e sem fins lucrativos. Não temos nem e-mail próprio, nem CNPJ. Afinal, nem tem editais aqui no estado para concorrer! Os nossos parceiros são um ajudando o outro, de construir junto, de facilitar as articulações sociais.

Mas não ter recursos próprios não é prejudicial para o trabalho de vocês? Há modelos de ONG que são sustentáveis, a exemplo da Viração, da É Nós...

Não ganhamos nada de dinheiro. A gente não tem recursos. Todo mundo tem muita coisa pra fazer, filhos, família, militância, trabalho. Ninguém consegue ficar 100% em função do Tela Firme. A grande dificuldade do Tela Firme hoje é a edição de vídeos. A produção de vídeo requer muito tempo e muita paciência. Mas essa questão de ter responsabilidade com o dinheiro, recibo, nota fiscal, relatório, não é muito, eu falo por mim, o que gostaria de estar envolvido.

Por que o Tela Firme se afirma Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa?

Na verdade, essa teoria de que somos comunicação popular vem muito de mim, por causa do histórico de militância nesta área. Já fiz várias intervenções em muitos lugares, por

conta do meu ativismo. Ainda existe a questão de Comunicação Comunitária, Comunicação Alternativa, Mídia Livre, como a gente vai se encaixar neste sentido? A gente também é Comunicação Comunitária. Mas no debate, talvez a Comunicação Popular fosse mais abrangente, é mais regional, a gente sempre quis estar focado na nossa comunidade e a gente é popular por causa disso. Quando nos perguntam, somos mídia livre também. É muito pequena a diferença entre esses termos.

O que é o Tela Firme? Existe uma pressão muito forte na Mídia Livre porque querem que a gente seja onipresente. A gente precisa ter uma redação inteira para cobrir as pautas da comunidade! A gente é um grupo de pouquíssimas pessoas, infelizmente não temos toda esta disponibilidade, nas ocupações, nas manifestações “fora, Temer”, que são várias, quem dera que a gente estivesse em todos os lugares!

Estive em várias manifestações, postei na página do Tela Firme os registros do que rolou, se a gente não cobrir, quem vai cobrir? Em Belém a gente não tem ainda um coletivo de comunicação que seja bem estruturado...agora tem a Idade Mídia, que é um *podcast* na internet...mas é bem partidário, todos os membros são filiados. Acho muito válido, apesar desse viés político...eles têm uma rádio itinerante, que eles levam em uma bike para os espaços públicos da cidade.

Os Outros 400 não seria um exemplo de grupo com maiores recursos?

A gente incentiva e quer que tenha mais disso. Eles têm um requinte bacana, do texto e da escrita. Maravilhoso e fantástico o trabalho deles! O Tela Firme e os Outros 400 se complementam, mas tem que manter o fôlego, eu já tive outro coletivo que não conseguiu se manter, foi se desgastando com o tempo e não conseguiu durar. O Tela Firme é diferente nisso, porque o que mantém a gente, é porque a gente mora aqui, a nossa vivência e militância, e vamos agregando estas experiências com outras pessoas. Tem gente ali que não é muito ligado a rádio, a vídeo a foto, mas tem ideias para abrir novos espaços de diálogo social. Quem é do Tela Firme, nunca sai do Tela...está sempre ali, não conseguimos dizer “ele saiu do Tela Firme”, então, para gente, não tem “ex” (*risos*).

Qual imagem melhor representa o trabalho do Tela Firme no sentido de estimular que as pessoas do bairro tenham outras formas de convívio?

A gente tem muitas ideias e muitas vontades, que não conseguimos fazer ainda. O nosso objetivo não era só de colocar os nossos vídeos da internet, porque nem todo mundo acessa a internet, nem todos tem contato com a tecnologia, pela idade, por vários motivos, mas nós queremos levar o Tela Firme até às pessoas.

Aquela ideia que a gente teve de fazer a exibição na praça, apesar que o final não foi tão bom, foi muito bacana. A praça estava lotada, foi também o lançamento do coletivo, colocamos ali o vídeo para as pessoas ouvirem a história dos moradores antigos, quem formou esse bairro e levamos coletivo até as pessoas, a gente sabe que nem todo mundo tem este acesso e a gente não quer que seja só virtual, a gente quer que seja ombro a ombro também.

Ingrid Louzeiro, articuladora do Tela Firme

Ingrid, como você entrou no Tela Firme? Você já tinha experiência com comunicação antes?

Eu entrei no Tela Firme porque eu já conhecia as pessoas que participavam. Mas de início, eu não fazia nada, só trabalhava e estudava aqui (na UFPA, onde a entrevista foi realizada). No dia 5 de novembro, após a chacina, eu comecei a participar de várias reuniões. Deu para conhecer todo mundo do coletivo, que eu não conhecia antes. E conheci também representantes de várias entidades e movimentos sociais. Em dezembro, o Tela Firme organizou o vídeo “Poderia ter sido você”. Quando foi dia 30 de dezembro, gravamos o vídeo. Como eu conhecia eles, eles me chamaram, daí eu achei super legal. Eu cheguei lá e nós fizemos o vídeo que contam a história das pessoas que foram assassinadas.

Lançamos esse vídeo no dia 5 de fevereiro na Terra Firme. Assim começou a minha colaboração com o Tela Firme, ninguém sabia a repercussão que ia dar, tomou uma proporção muito grande. Em março, de 2015, no aniversário de 1 ano, eu entrei definitivamente no Tela Firme, eu e o Adriano entramos, como articuladores.

Desde aí, estamos fazendo a articulação política do Tela Firme com outras entidades. Temos o cuidado de articular, por exemplo, com prefeituras. A gente não tem o domínio dos vídeos e do debate sobre comunicação, mas sobre mídia alternativa a gente tem, pelas nossas vivências. Essas articulações são para ir fazer atividades nas escolas, são atividades que as pessoas convidam e daí a gente vai palestrar. Com a Anistia Internacional, por exemplo. Aqui teve os 400 anos de Belém, e tivemos uma articulação com várias entidades e com a Faculdade de Comunicação da UFPA.

Eles articularam a captura de vídeo, as oficinas de fotografia, oficinas de vídeos de bolso para a galera da Terra Firme e de outros bairros, para entrarem na periferia, nós mediamos. No final de tudo, a gente fez um movimento sobre chamado Belém 400 anos, sob o olhar do gueto: A periferia atenta. Essa foi uma articulação bem pontual. A gente se doou, acho que, por 7 meses neste projeto. O que foi isso? Foi tipo para dizer que são 400 anos, mas Belém “tá desse jeito”, O Guamá “tá desse jeito”, a Terra Firme “tá desse jeito”. A gente tentou envolver 13 bairros periféricos. Em alguns a gente conseguiu, outros não, pela articulação dentro do movimento.

A ideia do Tela Firme era desmistificar o bairro da Terra Firme, porque todo mundo diz que lá só tem gente que não presta, mas o trabalho se expandiu. E a gente precisou sentar e definir “O que que a gente é?”. Eu não tenho nenhuma habilidade com vídeo, nem fotografia, mas eu fazia o papel de organizar os nossos tempos, de fazer a articulação política.

Como a sua vida na militância política (Ingrid é filiada ao Psol) retroalimenta o trabalho no coletivo?

É bem ligado. Eu faço parte da executiva do curso a nível nacional e paraense e faço parte do movimento estudantil do Juntos (tendência jovem do Psol), fui diretora de

comunicação do DCE e do Centro acadêmico. Eu já era interessada, mas quando entrei, isso se abriu mais, isso meio que casou. Quando não á atividade pelo Juntos, é pelo Tela Firme. E daí a gente tem que saber bem diferenciar os locais de fala.

O que o Tela Firme está fazendo atualmente?

No Tela firme, estamos enfrentando o problema de infraestrutura e de equipamentos. Tem material nosso que está parado por falta de tempo de trabalhar neles. Aí está parado, mas tem coisa para lançar. A gente debate muito sobre os temas que devemos levantar naquela hora. A Celso Malcher, a principal rua da Terra Firme, demorou anos para pavimentar. Fizemos uma matéria sobre isso, mas não conseguimos lançar por falta de tempo de edição. O Mailson está priorizando mais os compromissos profissionais dele, o que é muito válido, e a maioria não sabe editar. A gente está meio parado neste sentido.

A gente fez um planejamento, que infelizmente não está sendo tocado. Planejamos fazer um novo quadro, que é o Café da Tarde do Tela Firme, fazer uma entrevista com as pessoas do bairro. Seria bem rápido, com várias perguntas, e a finalização desses vídeos é que é muita pendência. Foi estas coisas que fizeram a gente a dar uma parada. Mas a participação nos eventos continua, todo mundo trabalha, estuda, aí só se organizando mesmo. Eu passo o dia na universidade, para me encontrar, tem que ser aqui. Estou fazendo TCC.

Vocês fazem vídeos para a internet e também sempre estão em muitos eventos. Esses encontros presenciais para se debater o direito de comunicação são estratégicos?

A maioria das nossas atividades, “acabou a mesa, vamos para casa” – Não é isso que acontece. Então a gente tem muito espaço. O Tela Firme é uma coisa muito boa, que a galera gosta e acha muito legal, muita gente também quer fazer parte, então a gente prioriza estas atividades. Temos três atividades apenas nesta semana, cada pessoa vai ali, vai ali e depois faz o repasse para todos. A gente não tem o controle de quantas pessoas já foram impactadas pelo nosso trabalho.

Eu acho que muito isso é o nosso papel mesmo, de conversar pessoalmente e trocar ideias. A única mídia que tá aí, é o que a gente vê, mas a gente não concorda. Nós somos outras pessoas quando temos mais acesso a informação e é fundamental para as periferias terem mais acesso também. A minha mãe é feirante e passa parte do dia em casa. Então a mídia é no que ela vai se basear. Eu já tive várias conversas com ela, de ver ela reproduzindo os discursos midiáticos, do que o repórter falou. E a gente está em um coletivo de mídia alternativa e participar desses debates é deixar uma pulga atrás da orelha nas pessoas, fazer uma provocação. Minha mãe mudou muito, hoje por exemplo, ela sabe reconhecer uma atitude machista na televisão.

Vocês fazem algum tipo de medição de audiência na internet?

O acesso a internet é fundamental. O acesso a internet é a nossa principal ferramenta para chegar nas pessoas. Ela está mais acessível, isso tem seus prós e seus contras. O nosso coletivo tem um público-alvo, que é o público dos jovens, dos adolescentes, de 10 a vinte e poucos anos. Esse é o público que a gente quer atingir. Por que? Porque a gente acredita que temos um debate muito forte sobre o extermínio da juventude negra. As nossas atividades são sobre isso. Então eu posso dizer que o nosso público é os jovens negros. Tanto é que a gente tenta trazer os jovens, que estão com todo o gás, de pensar diferente

e a gente dá o maior valor em agregar essas pessoas. Mas esta medição de audiência a gente não tem.

Estes avanços do discurso reacionário enfraquecem as articulações políticas na periferia de alguma forma ou tem um efeito contrário, de fortalecer os movimentos de resistência?

Eu acredito que tenha um efeito contrário. Porque tem sido posto na mídia que as chacinas acontecem porque a maioria das vítimas eram bandidos e tudo mais, só que a periferia sabe que não é isso. E nós passamos por isso, sabemos quem são as pessoas que morrem. Existem casos de milícias, houve uma CPI para provar que isso existe, que é real. Existem essas pessoas que quem atingir outras pessoas, elas querem dar uma resposta de que elas “tem o poder”, o “domínio”, e isso “não vai afetar em nada a gente”.

Acompanhamos a família destas vítimas e hoje está havendo uma mudança, até mesmo da periferia – que acredita sim que as pessoas morrem porque elas estavam devendo alguma coisa –, mas a maioria não acredita nisso mais. Então a gente acha que quando isto acontece, o debate vem à tona, nós não queremos os nossos filhos mortos, a gente não quer a juventude nos presídios e isto sempre ressurge.

Por que o Tela Firme se afirma como Comunicação Comunitária, Popular e Alternativa?

Eu acho que é porque vem de dentro do bairro e não é uma coisa que a gente tenha um objetivo que alguém já traçou. É uma coisa nossa, para a gente, de todas as periferias, então a gente tem que fazer para as pessoas que são como a gente. No início, a Terra Firme era um invasão. E para a gente, é uma ocupação e é uma forma de resistência. Nem todo mundo tem a sua própria casa, nem todo mundo tem a sua moradia. A Terra Firme transpira resistência, inclusive o bairro é uma ocupação do terreno desta Universidade.

Como o Tela Firme estimula a convivência entre os moradores do bairro? Tem alguma memória que ilustre isto?

Quando a gente começou, depois de alguns meses, veio um outro coletivo, que é parecidíssimo com o nosso, que é do bairro do Curió. Para mim, ele é um exemplo muito materializado da referência que nós somos. Eles resolveram criar um coletivo de mídia alternativa no Curió. A gente já viu muitas pessoas falando do coletivo e muitos professores da Terra Firme pedindo pra gente ir nas escolas, para falar sobre os vídeos e os professores fazerem debates na aula. Isto é uma alternativa didática.

O nosso maior diálogo é com a escola Brigadeiro Fontenelle. Foi a única escola na Terra Firme que foi ocupada. E é uma escola na periferia e isso a gente não vê. Essa discussão contra a PEC é das universidades, não nas escolas de ensino fundamental e médio. E isso foi muito importante pra gente. Eu ia lá 2 vezes por semana e surgiu a ideia de fazer o vídeo para divulgar o que os alunos estavam fazendo. Teve várias atividades durante este período, capoeira e oficinas contra a PEC, explicando os efeitos dela.

Izabela Chaves, articuladora e produtora do Tela Firme

Como você entrou para o Tela Firme?

Parece a arte que o meu pai faz: Ele leva a arte para que as pessoas se choquem. Então o Tela Firme é mais ou menos isso dentro da comunidade. E aí quando o Francisco teve a ideia, eu visualizei pelo Facebook, que foi onde ele começou a divulgar bastante. Ele começou a divulgar em vários meio que ele tinha de amigos e colegas. Eu incentivei bastante e daí eu comecei a curtir e entrei no Tela Firme.

Eu não sabia quase nada de comunicação. Eu só sabia que as linguagens deles eram muito interessantes. Nós fizemos um vídeo sobre os conselheiros tutelares e foi assim que comecei a atuar no Tela Firme. No aniversário de 1 ano que iam fazer aqui na quadra da igreja, comecei a ajudar e daí eles me convidaram. Foi amor à primeira vista, eu sempre falo isto.

O Francisco é militante atuante antigo do bairro, ele é amigo do meu pai, me conhece desde pequena, ele pegou os jovens do bairro, alguns já tinham aspiração pra isto e outros não, daí reuniu pra fazer o Tela Firme.

A gente queria passar uma comunicação diferenciada para o nosso bairro. No vídeo da chacina que aconteceu, foi porque a própria comunidade começou a cobrar da gente, inclusive a gente ficou com muito medo de fazer, porque a gente estava pedindo justiça – quase – contra a Polícia Militar. Mas mesmo assim a gente fez em uma noite, eu levei um pano preto – que a minha casa é um teatro – aí fizemos uma coisa rápida. A gente chamou as pessoas que estavam querendo participar disto e gravamos. E a gente sabe também que as pessoas que são mortas nestes contextos não são dadas como pessoas em si. Elas são vistas como estatística. E se você perceber, no nosso vídeo, contamos a história destas pessoas assassinadas, tem as idades todinhas, os nomes, para humanizar a questão. Normalmente a faixa etária das vítimas de 16 até os 23 anos, o mais velho tinha 33 anos e é o único mais velho.

O meu pai que trouxe a visão social e política para mim. Porque ele não queria que a minha educação fosse militar como a dos pais dele. Hoje eu faço curso técnico de comunicação e quero fazer o curso de cinema. É para ajudar também no Tela Firme. A gente tem o tempo muito ocupado e às vezes ele fica um pouco de lado. É muito difícil ter um tempo livre ou uma manhã para se reunir. Para realizar uma comunicação acessível e horizontal, eu acredito que é preciso se especializar e fazer estes esforços.

O curso que eu estou fazendo tem a parte de TV e eu sou autodidata. Mas é bom ter um professor, que ensina melhor. O Maílson tem uma linguagem muito específica dele, que ele conseguiu trazer um lance muito frenético da TV. É uma linguagem televisiva, ele conseguiu fazer isto de uma forma social e isto é muito bonito dele. Mas a minha linguagem é totalmente documental, só que cada um tem uma linguagem específica.

E o que você tem a dizer sobre a questão do extermínio da juventude negra?

Um dia destes eu estava com os meus amigos comemorando um aniversário na rua Cipriano Santos e passou 2 adolescentes correndo e pensamos que era um arrastão. Quando nós percebemos, estava vindo um carro prata atrás deles, quando eles dobraram a rua, o carro também acelerou. E mesmo que a gente identifique e denuncie quem está perseguindo, eles não vão atrás, porque eles já sabem quem é e mesmo assim, não fazem nada. É o principal fator que está matando os jovens. E na periferia, há pouco acesso a políticas e processos sociais que minimizem essa situação. Todo mês tem relato de homicídio e quando a gente vai ver, é sempre o mesmo perfil.

O que me chocou bastante, é que no dia que teve o assassinato na Condor, que até morreu uma criança, foi pouco noticiado. Então já está desgastado para a mídia, eles não vão passar isto. Nesse dia teve mortes na Terra Firme, mas nem foi noticiado.

Ninguém tem esta informação precisa de quantas pessoas morrem de verdade durante estes ataques.

A mídia não divulga todos os bairros e nem todos os pontos onde as mortes aconteceram. A gente sabe do monopólio que existe aqui e é muito desconhecido mesmo. Eles não vão noticiar porque todo mês morre gente aqui. Não é aprofundada a cobertura, nunca é com base no que o morador relata. É muito difícil ter um relato do morador, porque o medo é muito grande. A mídia invade a privacidade da galera da periferia quando vai cobrir estes casos, de uma forma que é possível identificar quem foi, caso algum morador dê uma entrevista.

Foi assim que começou o Tela Firme. Ele fortifica muito a nossa identidade quanto morador. A gente pergunta para o morador se ele conhece algum movimento artístico ou um projeto social e ele não conhece nada sobre os seus próprios direitos. Quando o Tela Firme inicia, ele vem para fortificar muito esta identidade do morador, mostra que existe coisas boas, que pode se apropriar disto, então começa a fortificar. Então quando se fortalece a identidade, há um olhar crítico sobre o bairro.

O bairro da Terra Firme tem um engajamento muito forte. Então quando tu falares de Terra Firme, vai haver “n” projetos. A gente tem um projeto de comunicação na internet, todo o morador jovem conhece, que é o público que queremos alcançar. Se todo o bairro tivesse acesso a teatro, comunicação, arborização, poderíamos alcançar coisas muito melhores do que já temos.

É uma ameaça pro Estado quando as pessoas começam a se organizar. Porque quando a gente tem acesso a coisas mínimas, a gente começa a ter um olhar crítico pra outras situações, da garantia de direitos. A comunicação é uma ferramenta muito poderosa, e o estado não quer que as pessoas tenham acesso a isto, então temos que lutar, a gente tem que buscar isto e trazer pra comunidade.

Muitas pessoas criticam o fato de o boi Pavulagem se apresentar no Centro. É como entrar numa universidade e ficar só no espaço acadêmico. Nunca isso pode acontecer, temos que pegar o pensamento acadêmico e levar para as periferias. E cada pessoa tem que procurar

a linguagem do seu bairro e trabalhar nisto. A gente pode fazer oficina no Barreiro, mas nunca vamos fazer projetos nossos sendo da Terra Firme. É melhor incentivar que eles mesmos façam.

Porque a Terra Firme é um bairro diferente dos outros?

Ele tem uma resistência porque ele foi construído em cima disto. Ele não é o melhor que os outros, mas ele se diferencia no combate à negação dos direitos, então se tu ver a história da Terra Firme, teve uma luta de acesso a moradia, é porque a luta foi esta. Mas não é uma forma de falar que ele é melhor. É muito fácil achar projetos deste tipo aqui no bairro.

Qual é a principal diferença do repórter comunitário para o repórter das mídias comerciais?

Porque eu acho que o repórter comunitário tem o respeito de não invadir o direito de pessoas quanto imprensa. A gente entende isto, existe dentro do jornalismo pessoas que não invadem, mas em prol de um trabalho eles fazem isto. A gente tem muito respeito pelo outro, de ouvir, escutar, transmitir as ideias de forma horizontal. Tentar entender a realidade, quando a gente está uma emissora tradicional, a gente passa um ponto de vista. E da imprensa comunitária não é só uma pessoa que está ali falando, tem uma pluralidade maior.

Não é só a violência que existe na TV ou na comunidade, existem projetos sociais e nós os incluímos em nossas abordagens, esta que é a diferença.

Como é trabalhar com Direitos Humanos na periferia, mas especificamente na Terra Firme?

O Tela Firme em si já é um trabalho em prol disto, que mostra outro lado que poucas conhecem ainda sobre os seus direitos. Eu já trabalhei com adolescentes de periferia, em Mosqueiro (distrito de Belém), a gente pergunta alguns direitos de educação sexual, por exemplo, eles não sabem minimamente sobre os direitos de ir e vir e de se expressar, e às vezes até tem medo de reivindicar isto. Eles não sabem de que maneira eles são violados. A partir do momento que se tem o olhar crítico você começa a exigir por eles, mesmo sem entender a totalidade. Este é o objetivo do Tela Firme.

A gente faz isto em vídeo, enquanto pessoa mesmo, conversa com jovem, conversa com adolescente e não faz aquela coisa de escola tradicional, para que eles entendam e exerçam isto na sociedade.

O que o Tela Firme faz hoje em dia?

Estamos um tanto quanto parados porque nossas vidas pessoais estão agitadas. Nós vamos marcar uma reunião na semana que vem e eu tenho ideia de um projeto chamado *Manas Firmes* e a gente vai trazer o protagonismo das mulheres na periferia, vamos ver se a

gente consegue elaborar um roteiro. Temos o projeto da Ame o Tucunduba e nós queremos fazer com elas um *minidoc*, sobre o empoderamento feminino no bairro.

A gente está mais participativo fisicamente do que na internet. Pela internet parece que a gente está meio parado, mas participamos do evento da Anistia Internacional, participamos do festival Varilux de cinema, fizemos 2 visitas em escolas neste ano, mas precisamos ser mais ativos na internet.

O (programa) Paranoia é muito assistido pela periferia, “Mas o que o Tela Firme estava fazendo lá? Fomos falar sobre a chacina e outras opiniões que a gente deu, “mas o que vocês estavam fazendo lá se era um programa de humor?” É que para tudo chamam a gente, é TCC, é escola, a demanda é muito grande e a gente só tem 3 anos, é muita coisa!

Como você vê a questão da centralidade da internet no trabalho do coletivo Tela Firme?

É uma plataforma de comunicação. Mas analisar só pelo ponto de vista do que estamos produzindo para a internet, se perde muito. A gente está mais ativo nos espaços que estamos ocupando com a nossa presença. Os moradores da Terra Firme pensam que a gente está parado. Estamos ocupando espaços de debate em escolas, mas a gente não divulga isto porque é como se a gente tivesse se promovendo. Uma vez ou outra a gente até compartilha...mas nem sempre. E nem postamos muitas fotos, porque parece que a gente está se promovendo.

Ano passado eu fiz oficinas com mais de 126 adolescentes, do Unicef, que eu entrei no programa “Viva melhor sabendo jovem”, eles dão liberdade pra gente mencionar os coletivos que a gente participa, aí demos oficinas de Educomunicação com o Tela Firme. Então se perde muita coisa, se não tiver este contato com a gente, porque a gente está ativo na nossa vida pessoal, em eventos que a gente compartilha com o grupo, em eventos que o Tela Firme é convidado.

Semana passada, estávamos na escola Mário Barbosa. Junto com a galera do SDDH. Eles estavam falando de um projeto de extensão do meio. Fomos falar sobre o trabalho dos Direitos Humanos, as pesquisas da Anistia Internacional, a chacina, os perfis que costumam morrer, sobre o ECA e o Estatuto da Juventude.

Como funciona as redes de solidariedade da Terra Firme?

Tem A Liga, que são os jovens atuantes que se organizam entre si e levam brinquedos para galera que está com câncer, acho que são mais de 50 jovens. Eles também arrecadam alimentos para moradores em situação de rua. Tem o projeto do papai que é de teatro e gratuito, tem o Boi Marronzinho, tem a Ame o Tucunduba, os quais eu mais entro em contato é com A Liga, com a Ame e o teatro Ribalta, do meu pai. Mas os outros integrantes conhecem outras pessoas de outros coletivos.

Eu também estou sempre no sempre no Ponto de Memória, porque a professora Helena me chamou. Ela mapeia todos os projetos sociais na Terra Firme. Como ela está no

museu, o Tela Firme fez a cobertura do mutirão para construção deu um jardim na avenida Perimetral. São muitos projetos, os que eu tenho mais contatos são estes que eu te falei.

Tudo o que tiver exaltando em prol do que seja seus direitos, a gente vai estar falando. Quando fizeram a duplicação da Perimetral, inclusive, tiraram o campinho onde as crianças jogavam bola e eles ficaram sem área de lazer.

Eles continuam brincando em frente do Emílio Goeldi, mas bem aqui perto da UFPA tem um espaço vago. Pelo que eu sei, o Emílio Goeldi vai fazer uma pequena área de lazer. Eles continuam jogando na rotatória e é um risco. Não planejaram isto no projeto de duplicação, eles nunca levam em consideração a existência dos moradores, da população ribeirinha, das culturas locais, nunca levam uma pessoa para mediar, para observar como as pessoas do local utilizam os espaços públicos. Os jovens jogam bola na rua porque não tem espaços públicos apropriados para isto.

Neste trabalho com Comunicação, você teve muito a influência do teu pai?

São 30 anos de teatro na comunidade e seis anos de projeto social. A base familiar de lá de casa foi feita para que a gente tivesse um olhar crítico. Quando ele abriu a nossa casa para receber outros jovens e adolescentes do bairro, eu tinha 16 anos, não militava ainda, estava estudando. Mas quando ele abriu a casa para mostrar a realidade de outros adolescentes e eu conversar com ele sobre isto, existe muita coisa que falta para eles.

Eu já falei que eu queria sair da Terra Firme quando eu era mais nova. Ele sempre queria sair no bairro, e hoje eu sei que é importante movimentar o comércio local, que é importante ter uma identidade afirmada enquanto moradora, que isto muda o local. E ele mesmo muda a realidade de vários adolescente.

Então ele foi muito significativo. Eu vi que era importante valorizar o feirante, a dona Maria que mora ali, conversar com o vizinho, ter o costume de sentar na frente de casa. Ele que me fez entender isto, que é importante fazer a mudança no nosso raio de alcance. Aí todo mundo de lá de casa entrou nessa ideia dele e a gente perdeu totalmente a nossa privacidade. A gente nem sentava mais na sala pra assistir TV. E aí ele abriu a casa.

A gente não sabia quem ia entrar na nossa casa. Isso foi bom para tirar alguns preconceitos nossos. De que a pessoa não é ladrão porque ela quer ser e nem uma família que é traficante quer ser isso. O nosso crescimento pessoal foi muito enorme. Todo mundo mudou, a minha mãe está mais falante, e ela trouxe um protagonismo pra ela, porque ela cuida dos meninos, ela faz anotações do teatro, ela tinha medo de opinar e ela teve essa mudança. A nossa família mudou.

Como é que o Tela Firme pode contribuir para que as pessoas tenham outras formas de convivência e de encontro?

Nesta reflexão que a gente faz da própria comunidade. De que formas a gente está lidando com as situações dentro da comunidade. Se a gente está questionando ou exigindo os

nossos direitos. Não queremos mudar a nossa realidade de forma utópica. Se a gente fizer as pessoas refletirem sobre isso, já traz esta forma de convivência.

De que forma eu vou conviver com outro ser humano e fazer com que a nossa comunidade seja arborizada? É o que acredito. A partir da reflexão, se traz outro modo de convivência com o outro. A gente não quer impor nada, quer pegar o que já tem, compartilhar a informação e os direitos e a partir disso, as pessoas constroem o modo de convivência delas, no tempo delas. Pode ser que a gente não tenha este resultado agora, falando com adolescente ou com adulto, mas futuramente esta convivência vai se construir.

Maílson Souza, diretor de imagem e editor do Tela Firme

Como você entrou no Tela Firme? E como você utilizou a sua experiência em audiovisual nos vídeos do coletivo?

O Francisco, quando veio de Moçambique, veio com essa ideia de fazer uma mídia popular aqui do bairro. Ele era da paróquia de São Domingos e eu da de Santa Maria. E aí em algumas festividades e de trabalhos do teatro, a gente acabou se conhecendo e tal, e uma vez eu acabei sendo responsável por dirigir a Paixão de Cristo no grupo Jave e eu convidei o Francisco para participar comigo. Durante este período, nos tornamos amigos. Na época, eu estava acabando de me formar em rádio e televisão e assim que acabou o Paixão de Cristo, ele me convidou pra criar uma mídia popular.

Surgiu tanta coisa depois que me formei, tantas ideias e tantos projetos, nada ia para a frente, sabe? E quando o Francisco me falava por telefone, por mensagem, “vamos fazer, vamos reunir, vamos criar um cenário, vamos comprar uma TV...vamos ficar loucos!”. Mas no fundo pensei que aquilo não ia para a frente, pensei que fosse mais algo que a gente ia criar uma certa expectativa e não ia para a frente. Mas o Francisco sempre foi empenhado no Tela Firme. E aí ele ligava e perguntava e bolava e pensava, até que um dia ele me chamou pra reunir. A gente reuniu bem aqui nessa calçada – exatamente aqui.

Vimos eu, a Vanessa, ela veio me acompanhar como minha namorada, e veio o Thalisson e a Fran. Ele conheceu os dois em uns vídeos que eles produziam sobre a Terra Firme. Aí o Francisco viu e chamou eles para serem repórteres. E a gente sentou, pensou, tentamos criar um formato, um nome, e apesar de ter um nome que era Tela Firme, discutimos sobre isso – Eu achei fantástico o nome, tudo a ver! Não teria outro nome talvez que fosse transformar o coletivo no que ele é hoje. Eu acho que o nome é muito responsável por toda essa dimensão que o Tela Firme acabou criando. Pensamos em criar logo algo. Pensamos em fazer algo para estar preparando as pessoas e daí a gente decidiu fazer uma *fan page*, criar a logo e daí eu não sabia muito mexer com essa parte de desenho, fizemos as crianças a pipa e depois um amigo transformou a logo oficial.

No mesmo dia que definimos a logo, ele mandou fazer camisa para todo mundo. Ou seja, a gente não tinha nada, não tinha uma página, um microfone, não tinha câmera, mas a gente já tinha a camisa! Eu falei “Não cara, vamos fazer algo. O que estava rolando? Era

carnaval, vamos falar do carnaval aqui do bairro. Então qual é a maneira diferente que vamos falar do carnaval? Todo mundo já falou de carnaval, todo mundo fala...qual vai ser o nosso diferencial?”. O primeiro, óbvio, falar sobre o carnaval aqui dentro do nosso bairro, até mesmo porque a proposta era falar do nosso bairro. Até mesmo porque a proposta do Tela Firme quando surgiu foi mostrar o nosso bairro, levar o nosso bairro, divulgar as coisas boas que aqui existem, de uma maneira geral.

A gente sabe que na Terra Firme tem muitos problemas, a gente nunca falou que não, isso a gente não vai esconder, não vai tentar maquiagem, só que a gente queria mostrar as pessoas, aqui tem muitos talentos, a Terra Firme tem música, tem dança, tem teatro, tem cinema. Então a gente se preocupou mais em construir uma mídia que mostrasse essas pessoas porque coisas boas infelizmente não passam na televisão. Coisas boas infelizmente a gente não vê na mídia. Então não era para divulgar o trabalho, era para divulgar as pessoas – as pessoas mesmo. Enfim, “vamos falar do carnaval, vamos, tá beleza, vamos mostrar carnaval tradicional, escolas de samba e o carnaval dentro das igrejas como que é o carnaval com Cristo”. E daí nós dividimos o programa nestes 2 modelos, o carnaval com Cristo, na paróquia Santa Maria e o carnaval Rosas de Ouro, aqui na passagem da Ligação. Só que a gente não tinha câmera, não tinha microfone, não tinha experiência, o Joaquim (amigo) emprestou a câmera dele, que é super cara, e a gente pegou o equipamento dele para gravar pelas ruas.

Se a gente for ficar pensando nas dificuldades, a gente nunca ia sair da onde a gente estava. A câmera era um DCRL, eu não tinha o costume de mexer, e daí eu fiz imagens super estouradas, desfocadas, na hora de gravar foi muito difícil na escola de samba, então as coisas que eles falavam não dava para escutar, porque a bateria estava muito alta. É muito divertido este primeiro vídeo, que a gente fez com aquele prazer de fazer algo, a gente não se preocupou se era um material bom ou não. Mas acabou que a gente fez um super lançamento desse material, criamos expectativa no bairro, para onde a gente ia, a gente ia com camisa, e “o que é isso, Tela Firme?”. Aí nós fizemos um lançamento, pegamos um espaço na casa de um amigo nosso, convidamos algumas pessoas que trabalham com teatro, arte, dança, aqui no bairro, e fizemos um coquetel de lançamento para o primeiro programa, um programa que tem 4 ou 5 minutos, era tudo muito rápido e mesmo assim, fomos lá.

Tivemos uma boa avaliação, continuamos trabalhando. E fizemos uma coleta, uma vaquinha, para comprar a nossa primeira câmera. Aí a gente foi comprar a câmera, foi uma negociação longa, porque o cara queria um valor e a gente tinha tanto para dar, abaixo, e ele foi falando, e a gente falou “mas não, isso é um projeto social, a gente vai ser eternamente grato a isso, o teu nome vai estar no vídeo, o teu nome vai estar sempre lá com a gente”, já era 10 horas da noite e o cara falou, “ta, vou vender”. E a gente comprou a câmera.

E daí, partimos para o segundo vídeo, sobre a Terra Firme, a gente muito pensou no que fazer, no que falar, e entramos em consenso que deveríamos falar do nosso bairro. Se você pesquisar no youtube ou no Google “Terra Firme”, só ia aparecer morte, tragédias,

coisas ruins, as pessoas não conhecem a Terra Firme, não conhecem nosso bairro, só conhecem o que elas veem através da televisão.

Inclusive quando eu estava vindo para cá, o motorista do Uber quis saber se aqui era perigoso.

Porque as pessoas não conhecem. Qualquer lugar que a gente falava da Terra Firme sempre tinha alguém, um palhaço para me falar “me rouba logo!”. Aí, pois é, decidimos falar do nosso bairro, a Terra Firme, o que tem aqui, fizemos um apanhado geral, o Francisco é geógrafo, então esse conhecimento dele foi essencial para fazermos o vídeo. E nós fizemos um apanhado geral do bairro.

Falamos de comércio, igrejas, feiras, vendas e foi muito bacana, porque pra gente acabou entrando que a gente nem conhecia, nem imaginava que seria a Terra Firme, entendeu? Então a gente viu lugares assim que comparado à maioria do bairro, tem um certo cuidado, uma pavimentação e conhecemos outros, muitos lugares precários, sabe? Que a gente entrava empolgado para tentar mostrar, mas eu ficava com medo, com receio de mostrar, as pessoas não se sentiam à vontade neste contexto, né? Então nós conhecemos e vivemos todas as realidades do nosso bairro, por onde a gente passava as pessoas acolhiam a gente. Vinham almoçar com a gente. A gente passou uma vez em uma rua que estava tendo um batizado, um pessoal viu a gente e chamou para comer churrasco. A gente percebeu o carinho de diversas pessoas que a gente nem conhecia e acabou despertando a curiosidade de outras pessoas.

Quanto tempo durou a produção e edição deste segundo vídeo, o “Terra Firme”?

Nós passamos 20 dias fazendo todo este processo, 7 dias de gravações. No primeiro, fizemos o levantamento das igrejas, no outro, pegar entrevistas com os moradores, assim em diante, e fora a pós-produção, editar, colocar tudo aquilo, entrevistamos os moradores mais antigos da Terra Firme, como eles vieram para cá, as lendas, teve uma senhora que falou da lenda da cobra, que quando eles vieram morar para cá tinha uma cobra que vivia em uma ponte e não podia olhar para ela, se não você ficava com dor de cabeça, um monte de coisa que a gente não sabia.

Conversamos também com o pessoal do transporte São Luís, que é a primeira linha de ônibus daqui. Eles cederam algumas fotos de alguns ônibus deles, como que era o transporte na época, como era esse trajeto, então foi muito bacana, muito rico. A gente amadureceu muito quanto pessoa e quanto coletivo a partir desse trabalho.

A gente não tem o apoio de nada, não tem apoio de político, não tem apoio de comerciante, a gente tem o apoio da comunidade, que ajuda a gente, dando refrigerante dando uma água, convidando a gente pra almoçar. Mas a gente sabe que, para uma mídia de audiovisual, a gente precisa de um computador, de um microfone, de uma boa câmera, enfim, de diversos equipamentos para que a gente possa fazer um vídeo bom, um vídeo legal. Lente é uma coisa que você tem que ter muito cuidado, e quando a gente gravou na Terra Firme, a gente ia para o sol, ficava na chuva e ela ficou toda embaçada e isso

prejudicou muito, o microfone também, era de karaokê, um microfone frágil, sabe? Para fazer outro vídeo, nós demoramos muito depois deste, por causa desta questão de materiais e eu também não tinha muito tempo para editar, para ir filmar...

Nesse vídeo, quanto tempo você demorou editando?

Eu acho que foram uns 5 dias. Só transformando as imagens. Até nisso a gente não deu sorte. A câmera que a gente comprou filmava em um formato que não abria no computador. E eu tive que transformar quase 400 gigas de imagem em mp4. Em algumas partes, o áudio não ficava sincronizado, tinha que sincronizar. Na época, meu *notebook* estava cheio de coisas, o Francisco tinha um, que acabou cedendo para o coletivo, mas não era um computador preparado para o audiovisual, para trabalhar com imagem tem que ser uma máquina, né?

Quando eu acabei este vídeo do Tela Firme, foi a sensação mais feliz na minha vida, parece que eu nunca ia acabar aquilo. Infelizmente a gente não pôde colocar tudo, a gente sempre teve aquela consciência, o público da internet é um público muito exigente, principalmente os jovens. A nossa geração é uma geração muito afobada, eu nem tenho a paciência de ver o anúncio. Aí imagine tu vê um vídeo de meia hora. E o nosso, a gente queria no máximo em 10 minutos. Mas a gente capturou imagens pra fazer um longa! Ninguém ia querer ver 30 minutos. Muita coisa está lá guardada, da época da avenida Perimetral, que estava em construção. Daí a gente vê imagens que vão ser um tesouro daqui há 10, 15 anos, “olha como a Perimetral era e olha como ela está hoje”.

E como foi o lançamento deste vídeo na praça?

Enfim, lançamos também o vídeo da Terra Firme, nós somos muito “frescos” para lançar um vídeo. Teve um episódio que foi uma tragédia que aconteceu com a gente. Nós fomos fazer o lançamento aqui na praça, aí emprestamos o Datashow, a câmera de um amigo, daí pegamos a caixa de som da paróquia, domingo de missa, praça lotada, o pessoal saindo da missa.

O pessoal assistiu bacana, a gente apresentou a Tela Firme para a comunidade, oficial de fato, algumas pessoas fizeram perguntas, nós fomos assim bastante elogiados pelas lideranças e no final de tudo aquilo acabou que aconteceu o acidente, lembro com o se fosse hoje: Eu fui desmontar uma caixa do tripé, e quando eu olho para o lado, eu olho para o Harrison, ele estava guardando a câmera, e daí chegaram duas pessoas e abordaram ele, com uma arma, aí a minha reação não foi outra, eu deixei a caixa lá mesmo, corri por trás das pessoas, avisei a Vanessa, “chama a polícia que a gente está sendo roubado”, eu saí correndo pelo meio da praça.

A gente estava aqui em frente a esta quadra e eu estava lá do outro lado, onde está aquele rapaz de camisa verde, eu imaginava que eles iam sair por aqui, esperar os caras saírem e tive o impulso de sair correndo, nisso quando eu saí correndo, o meu irmão viu e nisso eles foram correr atrás de mim. Eles pegaram a câmera, o notebook, e o HD, eles não fizeram muito alarde, e depois saíram tranquilamente. Quando eles saíram, que eu vi o

primeiro no *notebook* e eu falei “cara, esse *notebook* é meu! Esse negócio é meu” e puxei da mão dele, e veio o outro para me bater, e quando ele veio me bater, meus irmãos bateram nele e daí o outro que estava com o *notebook* fugiu e eu peguei o *notebook*.

O outro estava com a câmera, ele fugiu, entrou na rua, correu e ninguém sabia o que estava acontecendo. A praça estava cheia, ficou aquele tumulto, eu querendo pegar a câmera e joguei o computador no chão para o Francisco pegar e corri. Eu sou atleta, eu era velocista, eu passei o meu irmão e o meu amigo na corrida e cheguei no cara. Quando eu cheguei nele, eu ia chegar com uma violência nele, e ele tentou entrar em uma lanchonete e eu ia chegar dando aquela voadora! Mas alguém avisou a polícia.

Nisso, a polícia estava correndo atrás de mim e me confundiu com o bandido. E aí um cara (policial) veio em uma moto apontado a arma para mim dizendo que ia atirar, aí eu parei a 100 km por hora e fui freando e daí atingi o cara (ladrão) e falei assim, “esse aqui que me roubou”, pegou a câmera de volta, o computador trincou, mas o HD eles levaram e disseram na delegacia que passaram de mão em mão pra alguém que não sabemos.

Só que na volta, eu estava preocupado com a Vanessa, que ela tinha ficado sozinha aqui na praça. Quando eu saí da delegacia, veio um cara na moto e me ameaçou, “tu sabe com quem tu tá mexendo?”, aí eu saí correndo, foi a pior sensação da minha vida! Ele era conhecido de um dos caras que tentou nos roubar.

E eu tentei me esconder, bobagem...não tinha nada, mas eu vim no impulso. Se aglomerou um monte de gente, conhecido de quem a gente tinha agredido e falou “você que pegam ladrão é?” E vieram bater na gente...quando eu fugi, veio um cara e me chamou, aí eu olhei para trás, e ele meteu a mão na cintura. Daí eu “pinei” esperando receber um tiro, em menos de 3 segundos eu estava na UIPP. Na hora que cheguei na UIPP, “os caras estão querendo me matar”, a gente veio para casa na viatura, e ainda veio gente querendo saber quem a gente era.

Eu fiquei quase um ano sem vim aqui na praça, eu fiquei marcado. Eu desviava o caminho para não passar por aqui. Eu conheço as pessoas que me ameaçaram, até hoje um deles não vai muito com a minha cara quando me encontra, mas já passou. Depois que alguns amigos meus falaram que a gente é doido. A gente nem prestou queixa, nem nada. A gente só foi na polícia para preservar nossa vida. Não é nossa intenção criar briga com ninguém e nem marcamos ninguém para fazer besteira depois, porque não somos disso. Eu saía na rua com medo. Rolou-se um boato que estavam procurando a gente, que queriam fazer maldade. Mas não sei como ficou isso, hoje em dia eu até acho graça. Eu não guardo ressentimento de ninguém, se possível longe disso, foi muito perigoso o que a gente fez, coloquei em risco a vida do meu irmão e de amigos, foi muito tenso.

Depois disso a gente parou um pouco. Ninguém se sentia muito à vontade, a gente ficou triste, a gente luta contra a cultura da violência, e de repente, nós fomos vítimas disso, tá ligado? Mas nós voltamos. Só que assim, sempre com muito cuidado, depois, vamos fazer vídeos de bolso, com celular, câmeras fotográficas, é mais prático, não chama a atenção e teve muitos projetos que não concluímos, a gente queria falar sobre o saneamento na

Terra Firme, falamos de esporte, educação, saúde, segurança e iríamos ramificar tudo isso em vídeos separados. Fomos para o Tucunduba, o Francisco foi para Serra Pelada, tem o da coleta do Emaús. A gente tem muito arquivo guardado. Espero ter um tempo na minha vida, produzir isso, catalogar, a gente tem muita coisa que gravou e não botou no ar.

O Tela Firme continua a produzir audiovisual?

O Tela Firme deixou de ser somente uma mídia comunitária e se transformou numa espécie de coletivo. Somos convidados para participar de debates políticos, sempre fomos muitos bem vistos pelos movimentos sociais, quando não íamos fazer cobertura, nós íamos pra participar da manifestação mesmo. Tudo chamavam o Tela Firme.

Depois, veio outro episódio muito triste com a gente: A questão da chacina de 2014, na Terra Firme, eu estava na casa da Vanessa e invadiram uma casa do lado da dela, tinham familiares nossos que ainda não tinham voltado do trabalho, foi um horror. A gente ficou muito visado. A gente tinha certo receio de estar sendo espionados, porque a gente não era muito bem visto pelo sistema, aconteceu tudo isso aqui na Terra Firme, “a gente vai fazer o que?”

Foi um pouco depois que eu perdi o meu irmão, vítima de um policial que estava bêbado e baleou o meu irmão, em nenhum momento eu busquei vingança, eu acredito em Deus, foi difícil e logo depois veio isso, sabe? De repente a gente tinha que falar de outra tragédia. “Francisco, eu não vou falar com ninguém, eu não vou falar com a mãe de ninguém, eu prefiro não fazer parte disso”, não por não querer ajudar, mas porque eu não estava preparado psicologicamente. Eu estava em um processo de aceitação, com a minha fé, eu não estava sabendo lidar com o ódio e a raiva que eu acabei tendo.

Daí o Francisco teve a ideia de “bora fazer uns poemas?”. Aí acabou que não rolou. Depois ele falou, “vamos fazer uma encenação”, “tá, como que seria?”, vamos pegar jovens, ele contando a história das pessoas vítimas das chacinas, Santa Izabel, Icoaraci, de Belém, que tinham sido as maiores, “como a gente vai fazer isso?”, vamos pegar um pano preto, vamos colocar uma luz, vamos colocar algo mais pessoal e a gente foi criando falando como que seria, viemos aqui para a sala da paróquia, pegamos uma câmera emprestada e fizemos o vídeo. Até hoje é um vídeo muito atual, queremos nós que esse vídeo fique para trás, pelo assunto que trata.

A gente ganhou uma comenda na Assembleia Legislativa, ganhamos a medalha Paulo Frota, de pessoas que lutam pelos Direitos Humanos. Por tudo aquilo que eu vivi, que eu estava passando, não poderia ter acontecido outra coisa melhor, não tem dinheiro que pague. A gente não trabalha no circo para querer aplausos. A gente trabalha para que as pessoas se vejam, se sintam representadas. Mas a medalha foi muito importante. A gente traduziu o vídeo para o inglês, porque passaria em uma conferência da ONU, acabou nem rolando, mas o importante é que alguém lá de dentro assistiu, tomou conhecimento.

Eu vejo coletivos que estão aí há 10, 20 anos e não tem a visibilidade que a gente teve, saímos em revista, fomos em programas de TV, a única emissora que não nos chamou foi

a Record. Então foi bacana, foi muito divertido isso e acabou que muita gente imaginava que a gente queria aparecer, mas a gente quer mostrar as pessoas do bairro.

Agora no mês junino tem quadrilhas malucas, arrastões culturais, bois, a gente não está cobrindo isso, não tem tempo de fazer isso, mas são acontecimentos muito importantes para o nosso bairro, as pessoas se esforçam para fazer aquilo, as pessoas convidam muito, mandam mensagem, é difícil, eu fico triste por não conseguir atender a tudo isso que as pessoas pedem.

Do grupo você é o único que sabe editar?

Sou eu que edito. 90% do que eu edito, eu sempre faço, ou produzo, ou dirijo. Essa semana eu fui agora lá na Mario Barbosa, convidado por estudantes do Serviço Social da UFPA para falar sobre Direitos Humanos, mas junto com estes diálogos, o que eu queria mesmo era produzir o conteúdo. Quando eu entrei para o Tela Firme, eu já estava trabalhando na RBATV, como eu trabalhava muito lá, o meu tempo era muito limitado.

Quais são as suas principais referências imagéticas para criar o conceito do Tela Firme?

Com o Tela Firme, era difícil ter referência. Eu nunca tinha visto uma mídia alternativa aqui em Belém. Como eu falei, a gente acabava construindo, não tentamos buscar também, fazer uma pesquisa, a gente foi e fez.

Foram coisas assim que de repente surgiram, a gente já tinha apresentado na praça. Nesse programa do bairro da Terra Firme tem várias locações, são coisas que a gente não tinha referência.

Como tu achas que o Tela Firme pode contribuir para outras formas de convivência no bairro da Terra Firme?

Eu acho que a gente tem três anos só. Uma das coisas muito bacanas que o Tela Firme fez com os vídeos, foi acabar mostrando para outras pessoas e outros grupos, lá na ponta da Terra Firme tem um grupo de teatro, o Jave, e para ali tem outro grupo de teatro, o Ribalta, e mostramos o teatro do bairro de Canudos. A gente acabava incentivando que as pessoas divulgassem o seu trabalho.

Se a gente continuasse a fazer isso, mais movimentos estariam em evidência, mais movimentos estariam surgindo. Na Unipop, queriam que tivesse correspondentes nos bairros, no Bengüi, no Guamá, que funcionasse tipo como uma agência de notícias sobre os bairros de Belém. Para a gente conseguir que o bairro cresça mais e tenha novas ideias, a gente tem que produzir mais.

E como seria o jeito de estimular essa produção do Tela Firme?

A proposta é ser independente. Nós nos inscrevemos em um projeto que ia ter um bolsista e daí o Francisco falou “pega a bolsa pra tu editar os vídeos”, eu falei, “não, não quero bolsa nenhuma, nem de ninguém”, eu estou aqui fazendo isso porque eu quero, a partir

do momento que se transformar em uma obrigação, não vai ter o mesmo sentido, o que falta para o Tela Firme é a vida de cada um melhorar.

A gente queria algum apoio institucional e financeiro, que conseguisse um espaço material para gente dar oficinas, entendeu? Para gente conseguir isso, precisa ter um atrativo para o jovem, mas vamos fazer uma turma com 20 pessoas e só tem uma câmera entendeu? Isso é muito difícil. Tinha muita gente que abandonava o curso porque não tinha aquela prática, sempre tem que ter um lanche, um *datashow*, uma apostila, uma caixa de som. Quem dera que a gente tivesse pelo menos 5 câmeras, isso seria bom, este era o meu sonho de consumo. Além de a gente voltar a gravar, transmitir isso pra outras pessoas.

Thalisson Assis, repórter do Tela Firme

Como você entrou no Tela Firme? Tu tinhas experiência com a Comunicação antes?

A minha entrada no Tela firme foi uma entrada conjunta, entrou eu a Fraan. A gente fazia uns vídeos caseiros bem maluquinhos, entendeu? A gente fazia umas coisas assim e postava no Facebook, na internet, e o Francisco viu aquilo e chamou a atenção dele. Ele chamou a gente para conversar, aí foi isso. A gente já tinha contato com a câmera, mas não falando coisas mais sérias, nossos vídeos eram de humor. A gente mora em uma periferia e mesmo que você brinque na internet, você fala de coisas sérias ali, do saneamento, da saúde, do âmbito geral de tudo o que acontece. A gente tinha uma canal no Youtube, alguns acessos, mil e poucos, eram poucos acessos.

Eram centenas, você acha pouco?

Sim, são poucos! Tipo, muita gente gostava, principalmente os amigos da escola, eles mandavam a gente postar, davam sugestões de vídeos para a gente fazer, mostrou uma proposta do que queria fazer e aí a gente começou a idealizar como seria o Tela firme, e fizemos a primeira gravação. Começou eu, o Francisco, a Fran, a Vanessa, depois o Maílson, era praticamente só nós cinco. Aí depois veio o Harrison, o Adriano, aí já bem depois entrou outra galera.

O Francisco não gosta que fale que alguém “saiu” do Tela Firme, mas alguns estão ausentes, nós fomos a primeira geração, pode-se dizer, os idealizadores, que fomos atrás de muita coisa. A gente passou o dia inteiro na rua na primeira gravação, a gente andou no sol, a gente andou na chuva, a gente gravou, a gente conheceu muitas coisas com o Tela Firme naquele dia. Quando terminou o dia de gravação, a gente estava no alto da igreja que tem, dá pra ver todo o panorama do Tela Firme. Égua! A gente está fazendo uma coisa bacana, uma coisa legal e que vai chamar atenção de um jeito positivo.

Como vocês aprenderam sobre Jornalismo?

A gente foi aprendendo com o Maílson, que ele já trabalhava como editor em um programa de TV, a gente conversava, a gente anotava e gravava com as pessoas. O nosso primeiro vídeo foi sobre os blocos de carnaval da Terra Firme. Foi lançado no começo de março. A gente foi em uma noite lá no ensaio de uma escola de samba que estava rolando, a Rosas da Terra Firme. Aí depois a gente idealizou o segundo vídeo, bem mais trabalhado. Eu falava assim, que eu gostava de fazer aquela coisa entrevistando, mas aquela externa só a câmera, me deixava um pouco nervoso, eu errei muito na hora de gravar no meio da rua, uma coisa é estar em um lugar e a outra é fazer em quatro paredes, a reação das pessoas é totalmente diferente. E acontecia isto. Me tiraram de um cubículo e daquele contexto de vídeo gravado em casa e me levaram para outro contexto que eu tive uma visão mais aberta sobre o lugar onde eu moro, e eu pensei “Égua, eu moro em um lugar bacana, eu posso sair e voltar na hora que eu quiser”. Eu gosto do lugar onde eu moro, às vezes eu me estresso, é o cotidiano, é a vida.

O Tela Firme teve uma repercussão muito bacana porque os outros meios de Comunicação Social queriam saber como era gravar na periferia. Onde a gente ia, que a gente falava que era do Tela Firme, sempre tinha muita curiosidade a gente teve muitas gratificações. Na verdade, a gente não esperava esse *boom*, a gente só queria informar o nosso bairro e abraçar as causas de onde a gente mora. De gente ir atrás de melhoria pro nosso bairro, na saúde, saneamento e educação principalmente.

Queríamos fazer que a gente fosse mais olhado, só prestam a atenção quando a mídia vai, fora isto, não é olhado. Está faltando merenda na escola, ninguém se importa, só olham quando o local já está totalmente depredado. Eu acho que essa foi a nossa questão, de querer informar as pessoas antes que os problemas piorem. Até pessoas fora do país conhecem a gente.

Qual diferença do repórter comunitário para o repórter tradicional?

O repórter comercial vai com aquela informação manipulada. A gente se incomodava com isto. O repórter comunitário não, nosso intuito era mostrar tanto as coisas boas quanto as coisas negativas, é aquela questão, “se tu tiver críticas, tem que ter soluções”, mostrar tanto as coisas boas quanto as coisas ruins, para encontrar soluções. Os meios não trabalham tanto com isto, eles vão mais pelo interesse da notícia imediata, só quando o caso já está bombástico.

A gente não construía pauta de outros bairros e sim a partir da nossa realidade, aquela que a gente via no nosso convívio, quando observava alguma coisa na rua, um filho com a mãe, dos meninos que se metem em más influências, do que a gente via no nosso bairro, mas os outros também tinham os mesmos problemas que a gente.

Os repórteres tradicionais só vão quando sabem que vão ter audiência, fora isso eles não vão.

O que o Tela Firme trouxe de bom para a sua vida?

O Tela Firme me influencia em muita coisa. Por meio do coletivo, participei do curso dos Jovens Comunicadores da Amazônia, que tem uma abordagem de um âmbito mais social, participei de uma oficina para a produção de projetos sociais e eu comecei a ver que o local onde eu moro tem realidades completamente diferentes. Tem pessoas mais elitizadas e têm outras mais humildes. A partir da minha vivência no Tela Firme, eu tentava ver dessa forma, porque querendo ou não a periferia é muito estereotipada, “tu mora na Terra Firme? Ah, me rouba!”, é mais ou menos isso, entendeu? É como se você tivesse uma placa, nem todo mundo quer se aproximar de ti. As pessoas pensam que tu não tem sentimentos, é como se tu fosses um qualquer, é como se não tivesse os seus valores e princípios.

O Tela Firme abriu os meus olhos em relação a ver as pessoas de um panorama mais horizontal, em que todos somos iguais, que abraçar a causa dos direitos humanos é importante, e fez com que eu conhecesse o local onde eu moro, a vivência das pessoas, conheci locais onde nunca tinha ido, e na questão de se importar com o próximo.

O Tela Firme pode ajudar as pessoas a ter outras formas de convivência?

Eu acho que a gente teve muitas experiências legais, muitas rodas de conversa, teve o lançamento do nosso vídeo na praça, e daí eu sempre fui super solícito, as pessoas vinham atrás da gente, do que “que a gente pode fazer?”. A gente tentou influenciar e envolver as pessoas para que elas também cooperassem com o Tela Firme, mesmo que nós fôssemos muitos, a gente não sabia de tudo 24 horas e as pessoas tinham outras vivências, presenciavam outros acontecimentos.

Nós tivemos muitas trocas de experiências. Desde pessoas que vieram pra cá desde a fundação da Terra Firme, que são pessoas mais velhas, como pessoas mais novinhas que queriam melhorias no bairro. Um menino que a gente entrevistou falou que só queria um local pra brincar, que na frente da casa dele tinha muito lixo e ele queria que a coleta seletiva passasse na rua dele para ele poder brincar.

Então de certa forma, influenciar as crianças com estas outras informações sobre o bairro foi muito gratificante para nós. E para pessoas que só tinham o conhecimento de marginalização, de morte, aquilo que as mídias mostram – eles só mostram isto – quantos morreram no teu bairro, e não pra mostrar as rodas de conversa, projetos sociais e de dança, vamos lá, vamos saber, eles só vão lá para mostrar, “ali o bueiro está entupido”, etc. A gente quer mostrar as coisas boas, por assim dizer. Que ninguém divulga. Os meios de comunicação deviam fazer este papel, mas eles não fazem.

Foi bom retratar esta comunicação com o próximo, com os vizinhos, com as pessoas da minha rua, para elas saberem o que está acontecendo, para ter melhorias no bairro. Quando eu me lembro, eu sinto falta do convívio com o grupo do Tela Firme.

Quando vocês fizeram o primeiro vídeo, viram que era muito trabalho?

Muito trabalho, muita coisa para fazer, muita dedicação, muitos dias, muitas coisas que a gente teve que escrever, ir para a rua, entrevistar pessoas e tive que adentrar naquilo ali,

me infiltrando naquilo, para aprender, entendeu? Aquilo ali foi muito legal, de pesquisar para saber das coisas do bairro, para saber o que precisava melhorar.

Tinha o Maílson e só ele sabia editar, então a gente dependia muito dele e isto nos limitava um pouco, apesar de reconhecer que ele tem o trabalho dele, então é complicado mesmo. A gente tem muita coisa gravada.

Vanessa Alves, repórter e produtora do Tela Firme

Como você entrou no Tela Firme?

Foi assim: Eu fazia parte de um grupo de teatro. E o Maílson era diretor da Paixão de Cristo do Jave. A partir daí, eu conheci o Francisco, em 2013. Já conhecia ele de vista, mas pessoalmente, ainda não. O Maílson já trabalhava com comunicação, fez cursos, etc, como o Francisco conhecia, convidou o Maílson pra fazer parte do Tela Firme. Como eu era namorada do Maílson, no dia em que eles marcaram essa reunião na praça – o primeiro encontro do Tela Firme foi na praça – eu fui junto. Eu não sabia nem qual era o assunto. Nós sentamos na praça, estava eu, o Francisco, O Maílson, o Thalisson e a Fran, e fui ouvindo o que eles falavam.

Aí eles marcaram para gravar, lá na passagem da Ligação, o vídeo sobre o carnaval no bairro, eu fui com ele também. O Francisco é todo cheio das ideias, ele já saiu distribuindo camisa para todo mundo – eu olhei todo mundo bonito e tal – e a Fraan falou “cadê a camisa da Vanessa?”. Eu falei “Não, eu só carrego mochila aqui”, eu não era do Tela Firme. Ele tinha pensado no Thalisson e na Fraan porque eles faziam vídeos para a internet e o Maílson já trabalhava com comunicação, sabia editar, tinha este sonho dele de fazer algo mostrando o bairro, e eu só era namorada do Maílson! Mas eu ajudava muito no que eu podia, aí foi engraçado que um ou dois dias depois, eu encontrei o Francisco no ônibus, e ele me deu uma camisa e eu falei “Meus deus, eu sou do Tela Firme agora!”.

E você tinha experiência com comunicação?

Em relação a comunicação, eu entrar no Tela Firme foi ótimo. O primeiro curso que eu ia fazer era Publicidade e Propaganda. Devido todas as questões que aconteceram, eu tive filhos, perdi a minha bolsa, aí eu parei. Aí eu comecei a trabalhar. Fui trabalhando e adiando, “ano que vem eu ia fazer”. E nisso 6 anos se passaram. E eu estava ali na Loteria, trabalhei durante 6 anos. Quando veio o Tela Firme, pensei “era isso que eu queria, eu gosto disso”. Mas nem pensei em fazer parte, eu só queria ajudar.

Tanto é que, a partir do Tela Firme, voltei a querer estudar, fazer faculdade, eu já estou com 30 anos e agora estou fazendo a faculdade. Nessa perspectiva do Tela Firme, eu me interessei de novo em procurar fazer alguma coisa. Aí toda vez que alguém ia entrevistar

a gente, eu não tinha nenhuma formação, e daí eu falava que estava estudando. Eu tinha saído do trabalho, não estava fazendo nada. Depois eu fiz o curso de Comunicação Popular na Papa Francisco, aquilo foi só aumentando, sabe?

A partir do Tela Firme, eu comecei a olhar para o lado, não enxergar só mais o mundinho que eu vivia, eu comecei a ver que as coisas aconteciam, quanto o nosso bairro era discriminado, dei importância pra isso, comecei a não reproduzir mais certos brincadeiras, de que é um bairro de “me rouba”.

A gente sempre fazia esta pergunta: Quando você ouve falar da Terra Firme, qual a primeira pergunta que vem na tua cabeça? A gente queria mudar esse pensamento de bairro estereotipado, de bairro perigoso e então eu mesma fazia isso e não me tocava. Comecei a tirar a venda dos olhos e olhar mais para o lado e ver que tem tanta coisa acontecendo dentro do bairro e eu só estava ali no meu mundinho de casa, igreja e trabalho. Hoje em dia eu me envolvo mais.

No último domingo, eu fui para a Caminhada da Paz, na praça da República, que eu queria muito poder ir, comecei a ir para essas coisas. Na época das manifestações de 2013, eu ainda era muito alheia a essas coisas. Eu vi que eu tinha que ocupar esses espaços, eu tinha que ir! Agradeço ao Tela Firme por entrar na minha vida, eu não sei nem definir o que eu era antes disso.

E você estava um pouco sem foco nesta época, né?

Com certeza. Eu não entendia muito nada de nada, só sabia que eu ia fazer o Ensino Médio e depois alguma faculdade. Tanto que hoje em dia eu nem quero mais fazer Publicidade e Propaganda. Jornalismo sim. Tem muita coisa para aprender ainda. Quando a gente sai por aí, eu vejo o Francisco falando. Ele fala de tudo, ele anda em todos os lugares. O Tela Firme é essa estrada que eu tenho que seguir, porque a partir dele, eu vou conseguir aprender e olhar para a frente.

Vocês esperavam a repercussão do Tela Firme?

Quando a gente surgiu, o Francisco tinha a consciência de que a ideia era boa e que ia dar algum caldo. Já eu, queria fazer porque achava legal, mas não tinha uma ideia da proporção que ia tomar. Quando teve o primeiro vídeo, não teve tanta procura. Mas a partir do segundo, muitos veículos procuraram a gente para falar sobre o que a gente era. A gente começou a ser o foco daquilo que a gente estava combatendo – uma mídia tradicional que estereotipa o morador do bairro. Então foi bacana a experiência.

O Tela Firme está se moldando muito com o tempo. Tudo na nossa sociedade vai evoluindo. Surgimos com uma proposta e tudo o que acontecia demandou muitas coisas da gente. Quando a gente definiu que “vai mostrar as coisas boas dentro do bairro, a gente não vai focar a criminalidade”, tipo para isto já tem a mídia tradicional. Nosso foco era esse.

Mas quando aconteceu a chacina, nós fomos muito cobrados. A gente sabia que tinha que fazer, a gente tinha a convicção que aquele episódio não podia passar despercebido. Então saiu o vídeo. A partir disto, a gente começou a se envolver mais com os movimentos sociais, e começou a ir para este rumo. A gente fez o vídeo do Emaús que nem foi para a página ainda, do “apitação” na CNBB, a gente estava com alguma coisa de fazer dentro do bairro, mas as coisas de fora também demandaram.

Infelizmente agora não estamos produzindo material audiovisual por causa da nossa questão de tempo. Hoje o que a gente pode fazer é uma ou outra matéria na página e mesmo sem produzir, a galera tem a gente como um referencial.

A nossa ideia era lançar um vídeo a cada 15 dias, depois percebemos que não íamos ter pernas pra isto. Até para reunir é complicado e produzir material audiovisual não é “bora ali gravar”. Ficamos dois dias na rua gravando, foi muito cansativo. E eu fui aprendendo assim as coisas na prática, porque depois eu fiz o técnico em Rádio e Televisão e apenas lá que eu fui ver a teoria.

Esse curso técnico é da Papa Francisco, é um congregação religiosa, o Maílson também estudou lá. Aqui na região Norte é a única que existe. Eu fiz a prova lá, passei e fui fazer o curso. Quando eu entrei no Tela firme foi aí que me deu vontade fazer o curso.

Você era produtora e roteirista do Tela Firme?

Foi assim: Se tu vê o nosso vídeo, a gente tem uma vinhetinha. Na abertura, aparece lá, Francisco, apresentador, a Fran e o Thalisson repórter, aquilo foi uma viagem nossa! Eu não sabia nem o que era um roteiro! “Como é que faz o roteiro?” Eu estava lá na frente do computador só para filmar. Eu não estava fazendo nada!

Na época a gente estipulou o que cada um seria e eu fiquei com a produção e o Maílson, cinegrafista e edição. Com o tempo, a gente também viu que isso não ia dar certo. No vídeo do “apitação”, eu que estou fazendo a reportagem. Todo mundo vai ter que fazer um pouquinho de cada. Teve uma vez que eu fui filmar e eu não sabia nem ligar uma câmera. Eu sempre vi o Maílson trabalhar, mas nunca me interessei de querer aprender.

Teve uma vez engraçada: Eu não sabia filmar. Fomos fazer um vídeo na época das eleições. Aí fomos entrevistar um dos candidatos, no estacionamento da Fundação Nazaré. A gente estava usando o *boom* e eu tinha que botar o fone pra ouvir o áudio. Eu troquei as entradas, não gravou nada do áudio, o homem ficou um tempão falando, não saiu nada! Não capturou o áudio. Tem essas pérolas que acontecem. E era a nossa primeira câmera, uma câmera velha, mas que quebrou um galho. Eu e o Maílson temos uma ti-5i e nela eu sei mexer, peço para ele me ensinar.

Como eram elaboradas as pautas do Tela Firme?

Em um primeiro momento, quando a gente reuniu, pensamos, “o que a gente vai falar?”. Era carnaval, mas o bairro tem escola de samba, também tem bloco de carnaval de rua, tem o carnaval com Cristo da igreja, então vamos falar sobre isso, depois a gente reuniu,

“vamos apresentar o bairro da Terra Firme”. Se tu for digitar sobre a Terra Firme, o que vai aparecer, tu só vai ver crime, tu só vai ver violência, vamos produzir até mesmo um material de estudos, um minidocumentário e as ideias foram surgindo. Inclusive tem algumas informações que não coincidem no vídeo, mas foi a falta de experiência.

As nossas reuniões, pretendíamos fazer toda semana, mas de fato, não dava. Os moradores em si, quando começaram a acompanhar, acharam bacana. Na época das chacinas, nós ficamos com medo. Não queríamos no expor, daí pensamos, na mesma noite, “o que nós vamos fazer?”. Uma forma que a gente não se exponha e nem familiares. A gente já trabalhava o teatro na igreja e pensamos em uma forma mais poética, uma forma de se colocar no lugar da vítima, para não ter que pegar a imagem do parente chorando que perdeu um filho. Eu tenho muito orgulho desse trabalho. Dentro de todos os vídeos que a gente fez, foi o que mais repercutiu, algumas pessoas começaram a conhecer a gente a partir disto.

Nesse vídeo da Terra Firme, quem entendia de comunicação entre a gente? Só o Maílson e o Francisco, só que eu e a Fraan e o Thalisson, não sabíamos nada de nada. A gente tinha capturado todas as imagens e teria que fazer o *off*. “Fazendo o que?” o *off*, olhar as imagens, vê o que tem, vai narrando as entrevistas, o que é um *off*, o que eu vou fazer? Meu primeiro *off* foi uma piada. Depois o Maílson e o Francisco me ajudaram com o texto e eu gravei.

Qual é a diferença do repórter comunitário para o repórter tradicional?

O repórter tradicional tem a questão de que onde o cara trabalha, tem uma linha editorial. Querendo ou não, ele vai ter que fazer a matéria dele a partir da linha que ele trabalha. Ele não vai poder explorar aquilo, porque vai entregar uma matéria de acordo com aquilo que eles querem que as pessoas vejam. O repórter comunitário é livre, ele vai poder expor o ponto de vista dele.

O que tu vê dentro do Tela Firme é o que a gente pensa. Pode acontecer uma divergência de pensamento, nós temos fundamentos, princípios, o que a gente quer, mas nesse sentido a gente é mais livre, não é preso a nada, posso falar que o governador está sendo omissos. As emissoras têm que ponderar as palavras ou atacar por atacar, sem preocupação nenhuma, só o interesse por trás.

O primeiro vídeo, quando a gente criou, era para ser no estúdio. Na época a irmã do Francisco estava se mudando e fizemos um grafite na parede do quarto que era dela. Usamos no primeiro programa e no segundo, depois não usamos mais. A ideia era ser um programinha. Depois fizemos os minidocs, o “Poderia ter sido você” a gente usou uma sala da igreja. E daí a gente viu que não dava para se prender a nada. Não tem esse papo de interna e externa e o que aparecer a gente faz. O que temos hoje é a possibilidade de escrever matérias e fazer fotografias dos eventos.

Vocês tem a preocupação de medir audiência na página do Face ou do Youtube?

Na verdade, não. A gente nunca fez este controle porque a gente sempre quis falar para qualquer tipo de público. Tanto é, que a nossa linguagem é normal. Tentamos nos aproximar de todo mundo. Mas com o tempo, o que a gente percebe, é a galera da militância, que vai pra rua, que mais acompanha a página, a galera que conhecia a gente, fora o pessoal da comunicação que quer pesquisar sobre a gente.

Por que acabou o canal do Youtube?

Quando postamos no Youtube, a gente tinha que ficar convidando a galera para assistir, então ia todo mundo para o seu Facebook, e pensamos “curte lá”, e na internet tem aquela questão do imediato. A galera não quer abrir o link para ir no Youtube. Passou ali na *timeline* do Facebook, as pessoas já estão assistindo o vídeo. É mais difícil para as pessoas acessarem o link do Youtube. Então a gente viu que era mais viável utilizar o Facebook para as postagens.

Você sente falta de ir para a rua gravar?

Eu sinto muita falta disto. Os vídeos que eu mais tenho orgulho são o “Terra Firme” e o “Poderia ter sido você”. Quando está acabando o vídeo, quando aparece as criancinhas pulando dentro do canal do Tucunduba e parece o *time-lapse* anoitecendo, eu lembro todo o trabalho que a gente teve, eu me emociono.

Neste anoitecer, eu lembro que passamos umas duas semanas gravando, em dias espaçados, passamos o dia na rua, fiquei igual um pimentão andando no sol, desde 8 da manhã, marcamos na praça, a gente foi pra casa já 7 horas da noite. A Terra Firme não é pequena, a gente foi lá para o NPI, a gente foi para Cipriano Santos, a gente almoçou na rua, fizemos uma coleta doida na rua. Aí a gente subiu lá naquela caixa d’água da igreja, que era o lugar mais alto que tinha no bairro, ficou eu, o Francisco, o Maílson e o Thalisson, e a gente batendo papo, quando aquilo ficou pronto, tu lembra de todo o trabalho! E do “Poderia ter sido você”, porque foi um trabalho muito bonito, de saber que você viveu tudo aquilo, aquele horror – apesar que não foi com a minha família, mas com pessoas que eu conheço – você viveu aquilo ali, e daí traz essas memórias.

E essa chacina que aconteceu na semana passada, na Terra Firme e na Condor?

Foi próximo da gente. Nesta terça-feira mataram primeiro 2 na Terra Firme e depois na Condor, 5. O grupo de teatro que eu faço parte, tem um rapaz lá que faz parte e foi o primo dele morto nesta chacina.

Na Condor, pegou crianças, elas foram baleadas. Tem aquela coisa, da questão da milícia. Todo mundo sabe, isso não é um mito, nunca foi, a questão do carro preto, carro prata, carro vermelho, caras encapuzados...E é um pânico que causa em todo mundo. Porque na hora que assassinaram, rolam mil boatos no Whatsapp, toque de recolher, e tipo assim, a gente já anda alarmado, se eu tiver andando lá na rua e tal, mas a gente teme pelos meninos. A gente trabalha com um monte de jovens no grupo de teatro, e se preocupa com eles.

Como Tela Firme proporciona outras formas de convivência no bairro?

Um momento que a gente fez dentro do bairro na época das eleições, que a gente fez uma roda de conversa na praça. A gente levou a Úrsula Vidal (candidata da Rede à prefeitura de Belém, em 2014) e a gente pegou uns bancos da igreja, uma caixa de som na praça e foi bem legal. A ideia era fazer uma por semana, trazer um candidato, para fazer o candidato ouvir as pessoas. Eu achei um momento muito interessante este, porque o candidato tinha um interesse de chegar e lançar a proposta dele, mas ele ia na verdade ouvir reclamação das pessoas de dentro do bairro. Conseguimos juntar uma galera das ruas do bairro. São pessoas que em outro momento, a gente não ia reunir ali, e a gente gostaria que cada bairro e que cada lugar tomasse o Tela firme como referência, ou que fizesse algo para divulgar a sua comunidade.